

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA**

FRANCILENE DE SOUZA TAVARES

**IMPrensa NEGRA E ENSINO DE HISTÓRIA:
O DEBATE SOBRE A QUESTÃO RACIAL EM SÃO PAULO NA PRIMEIRA
REPÚBLICA**

**GUARULHOS
2021**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA**

FRANCILENE DE SOUZA TAVARES

**IMPrensa negra e ensino de história:
O debate sobre a questão racial em São Paulo na primeira
República**

Dissertação apresentada ao ProfHistória da Universidade Federal de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Orientação: Prof. Dr. Denilson Botelho.

GUARULHOS
2021

Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no repositório institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada à fonte.

Tavares, Francilene de Souza.

Imprensa Negra e Ensino de História: o debate sobre a questão racial em São Paulo na Primeira República/ Francilene de Souza Tavares - 2021 - 277 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória). Guarulhos: Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Orientador: Denilson Botelho.

Black Press and History Teaching: a discussion on the racial question in São Paulo of the First Republic./ Francilene de Souza Tavares - 2021 - 277 f.

1. Ensino de História 2. ProfHistória 3. Imprensa Negra 4. Racismo I. Denílson Botelho. II. Imprensa Negra em São Paulo na Primeira República e Ensino de História.

FRANCILENE DE SOUZA TAVARES

**IMPrensa Negra e Ensino de História:
O Debate sobre a Questão Racial em São Paulo na Primeira
República**

Dissertação apresentada ao ProfHistória da Universidade Federal de São Paulo como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Área de concentração: Ensino de História.

Linha de pesquisa: Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Aprovação: ___/___/___

Prof. Dr. Denilson Botelho

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Prof. Dr. João do Prado Ferraz de Carvalho

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Prof.ª Lucia Helena Oliveira Silva

Universidade Estadual de São Paulo - UNESP

A Cleonice Gonçalves, empregada doméstica, uma das primeiras vítimas da COVID-19 no Rio de Janeiro. Foi contaminada pela patroa que havia viajado para a Itália.
Aos meus alunos, por eles e para eles, o meu melhor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que apesar do pouco acesso a educação formal, me mostraram desde sempre que este era o único caminho.

Aos meus irmãos Camila de Souza Tavares e Marcelo de Souza Tavares que sempre estiveram torcendo por mim.

Aos meus professores do ProfHistória da Universidade Federal de São Paulo: Alexandre Pianelli Godoy, Antônio Simplício de Almeida Neto, Fábio Franzini, João do Prado Ferraz de Carvalho, Lucília S. Siqueira e Patrícia Teixeira dos Santos que me fizeram refletir sobre o ofício de historiador.

A professora visitante do ProfHistória da Universidade Federal de São Paulo, Circe Maria Fernandes Bittencourt. Foi um privilégio poder ouvi-la falar sobre Ensino de História. Tenha certeza que minha admiração por você só aumentou a partir daqueles dias.

Aos colegas do ProfHistória da Universidade Federal de São Paulo: Adriana, Cláudio, Cristal, Cristiano, Douglas, Elisabeth, Erico, Evandro, Fábio, Igor, Janaina, Juliana, Leonardo, Milton, Ronie, Thiago Kairu, Wagner, meus interlocutores desde 2018, quando essa pesquisa só existia no campo das ideias. Gratidão por tudo o que fizeram. O amor pela História nos uniu. Certamente essa amizade não se encerra com o Mestrado.

As funcionárias da biblioteca pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, Prof^{as}. Alaíde Bueno Rodrigues, que mesmo em tempos de pandemia, não se furtaram em me atender realizando o empréstimo de livros que eu não teria acesso em outro lugar.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão de bolsa de estudos durante dois anos de pesquisa.

Aos colegas da E.E. Tiago Alberione, em especial aos professores de História, meus parceiros de trabalho, com os quais mantenho laços de amizade e afeto que vão para além dos muros da escola. A vice-diretora Daiane Morais de Andrade por suas palavras de incentivo em diferentes momentos da escrita da pesquisa e a diretora Neusa Pires de Sousa Lopes Cardial por estar sempre disposta a me ajudar no que fosse preciso.

Aos colegas da EMEF Carlos Augusto de Queiroz Rocha, em especial a Equipe Gestora da qual faço parte, obrigada por compartilharem dos mesmos ideais. Nunca foi só um trabalho aquilo que fazemos na “nossa” escola.

Ao prof^o. Dr. Denílson Botelho, meu orientador, seu respaldo foi fundamental para o desenvolvimento da minha pesquisa. O resultado alcançado decorre de sua valiosa colaboração. Francis Bacon afirmava que “os discípulos devem aos mestres apenas uma fé e

uma suspensão temporárias de seu próprio juízo, até que estejam completamente instruídos, e não uma resignação absoluta ou um cativeiro perpétuo... "que os grandes autores recebam, portanto, o que lhes é devido, e que também o tempo, que é o autor dos autores, não seja privado do que é seu, isto é, descobrir mais e mais a verdade". Obrigada pela suspensão temporária do meu juízo nesses três anos. Não me julgo completamente instruída. Tenho ainda muito que aprender. Mas esteja certo que aprendi muito com você.

RESUMO

Partindo da perspectiva de que a imprensa é um agente histórico e político, buscamos evidenciar como os periódicos produzidos pelos e para os negros, abordando uma temática negra, denunciavam o racismo, o preconceito e a discriminação racial a qual homens e mulheres estavam sujeitos no início do século XX em São Paulo. Através da análise das crônicas publicadas no jornal *A Liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso* foi possível refletir sobre as vivências e experiências dessa população em São Paulo, uma vez que esses periódicos constituíram-se como uma voz coletiva da população negra em prol da garantia da cidadania e na busca da efetivação dos seus direitos. Por fim, considerando a especificidade do ProfHistória, buscamos apontar as possibilidades pedagógicas do uso da imprensa negra em sala de aula, destacando que esses veículos de informação tornaram-se os principais instrumentos da população negra para refletir acerca da discussão racial posta na cidade de São Paulo naquele momento.

Palavras chaves: ProfHistória, Imprensa Negra, Intelectuais Negros, Pós-abolição.

ABSTRACT

Knowing that the press is an historical and political agent, we tried to highlight how the journal produced by and for the black people, approaching black themes, reported the racism, prejudice and the racial discrimination which men and women were subjects in the beginning of the XX century in São Paulo. Through the analysis of chronicles published in the *A Liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso* journal we could reflect about the experiences of this population in São Paulo, once these journals were like a way of collective spoke of the black population that act in defense of their citizenship and in the permanence of their rights. At least, considering the specificity of the ProfHistória program, we show the pedagogical possibilities of usage of the black press inside the classroom, highlighting that these information vehicles became the main instruments of the black population to think about the racial discussion in São Paulo at that moment.

Key-words: ProfHistória; Black Press; Black Intellectuals; Post-abolition.

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

- Figura 1: Primeira página da edição de nº 1 de A Liberdade. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844870&pesq=>. Acesso em 1/06/2020. p. 47
- Figura 2: Missa campal em virtude da comemoração da abolição da escravidão. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?page_id=736. Acesso em: 1/03/2020 p. 97
- Figura 3: Detalhe da missa campal em virtude da comemoração da abolição da escravidão com destaque a Princesa Isabel e o Conde D'Eu ao centro. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?page_id=736. Acesso em: 1/03/2020 p. 97
- Figura 4: Primeira página da edição nº 1 do Clarim publicado em 6 de janeiro de 1924. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844918&pesq=>. Acesso em: 1/06/2020. p. 105
- Figura 5: A redenção de Can (Modesto Brocos) <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em 19/09/2020 175
- Figura 6: A Proclamação da República (1893) óleo sobre tela de Benedito Calixto. https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%ABlica_do_Brasil. Acesso em 01/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 7: A redenção de Cam - Modesto Brocos. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em 19/09/2020 p. 209
- Figura 8: Acessando a área exclusiva para assinante. <https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 9: Elaborando o jornal - etapa 1. <https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 10: Elaborando o jornal - etapa 2. <https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 11: Elaborando o jornal - etapa 3. <https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 12: Elaborando o jornal - etapa 4. https://www.jornaljoca.com.br/jc_journal/391859/?edit Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 13: Elaborando o jornal - etapa 5. <https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**
- Figura 14: Jornal finalizado: salvar e imprimir - etapa 6. <https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020 p. **Error! Bookmark not defined.**

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS.....	9
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I: O SURGIMENTO DA IMPRENSA NEGRA NO BRASIL.....	25
1.1. “A grande fábrica de novidades”: o surgimento da imprensa no Brasil.....	25
1.2. O surgimento da imprensa negra.....	30
Capítulo II: <i>A LIBERDADE – ÓRGÃO DEDICADO À CLASSE DE COR, CRÍTICO, LITERÁRIO E NOTICIOSO</i>	43
2.1. A Liberdade.....	44
2.2. Associativismo e imprensa negra.....	58
2.3. Notas sobre padrões de comportamento.....	63
2.4. Criminalidade e prostituição nas páginas de <i>A Liberdade</i>	67
2.5. Religiosidade.....	71
2.6. As crônicas de Matuto.....	74
2.7. Para compreender <i>A Liberdade</i>	99
Capítulo III: O CLARIM DA ALVORADA – ÓRGÃO LITERÁRIO, CIENTÍFICO E HUMORÍSTICO.....	103
3.1. <i>O Clarim da Alvorada</i>	103
3.2. Associativismo e imprensa negra.....	118
3.3. Notas sobre padrões de comportamento.....	119
3.4. Religiosidade e educação.....	126
3.5. Crônicas e contos.....	133
3.6. Brancos e negros em São Paulo.....	155
3.7. Carnaval nas páginas d' <i>O Clarim da Alvorada</i>	160
3.8. Presença feminina.....	165
3.9. As teorias raciais em São Paulo.....	169
3.10. Sobre a organização da população negra.....	176
3.11. Para compreender <i>O Clarim da Alvorada</i>	186
Capítulo IV: Imprensa Negra e o Ensino de História: possibilidades pedagógicas.....	189
Atividade 1: O que é República?.....	204
Atividade 2: A Proclamação da República.....	205
Atividade 3: A República que não foi.....	206
Atividade 4: Os Negros no pós abolição.....	207
Atividade 5: Refletindo sobre alguns conceitos.....	210
Atividade 6: Vamos repensar nosso vocabulário?.....	213
Atividade 7: A imprensa como documento histórico.....	213
Atividade 8: Pode o subalterno falar, a imprensa negra.....	215
Atividade 9: Crônicas nas páginas de <i>A Liberdade</i> e <i>O Clarim da Alvorada</i>	217
Atividade 10: Escrevendo meu próprio jornal.....	260
Considerações finais:.....	265
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	268
I. Fontes primárias:.....	268
II. Fontes secundárias:.....	268

Nossa História¹

*A nossa não chegou em capítulos
nem de menor para maior
como costuma acontecer
não chegou desde o começo, desde o berço
desde os primeiros dias da escola,
não nos apareceu nos livros
ou nas surpresas dos cereais ou essas coisas.
Comportou-se cruel e egoísta conosco,
manteve-se oculta como uma ladra,
como quem se resiste a dar luz... e compartilhar.
Ela nos chegou em línguas desconhecidas,
fragmentada,
chegou-nos interpretada pelos inimigos,
com seus rostos e sua verdade,
foi-nos entregue suja ... vazia,
despedaçada, chegou-nos em farrapos,
descalça, metralhada,
e nós a acolhemos humilhada.
Foi necessário que saíssemos
como valentes guerreiras a recuperá-la,
a limpar suas lágrimas,
suas mãos, a vesti-la de novo,
enchê-la de orgulho, lavar seus joelhos;
e quando ficou pronta a levamos pro sol,
e nossa história agora brilha bonita,
resplandece, forte,
e caminha desde então
com o peito erguido e a cabeça alta.*

(Shirley Campell Barr)

¹ Publicado originalmente em: BARR, Shirley Campell. *Rotundamente negra y outras poemas*. Madri: Ediciones Torremozas, 2013, p.66-67. Tradução Bethânia Guerra de Lemos.

INTRODUÇÃO

Em 9 de janeiro de 2003 a lei nº 10639 passou a vigorar. Ela alterava a lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial das redes de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. Embora o marco regulatório se referisse exclusivamente aos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, as universidades, sobretudo os cursos de licenciatura, tiveram que se adaptar diante da nova demanda. Naquele momento, como graduanda de História nas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), tive a oportunidade de refletir sobre a História da África e dos africanos, a luta dos negros escravizados, a cultura negra, o papel que eles desempenharam na construção da identidade nacional brasileira, assim como as suas inúmeras contribuições políticas, econômicas e social a partir da diáspora africana para o Brasil. Foi nesse contexto que o referencial teórico acerca da questão racial brasileira passou a fazer parte das minhas leituras de uma forma frequente. Encontrava respostas para a realidade que eu presenciava na periferia da zona sul de São Paulo.

Em 2004 ingressei no serviço público na rede municipal de ensino da Prefeitura de São Paulo como Professora de Desenvolvimento Infantil e, em 2010, acessei o cargo de Coordenadora Pedagógica, função que desempenho desde então. Também ingressei na rede estadual de ensino em 2005 onde sou professora de História no Ensino Fundamental e Médio desde então. Sobretudo no município, as discussões sobre as relações étnico-raciais estavam (e ainda estão) postas nos momentos de formação, o que me possibilitou ampliar meu conhecimento sobre o assunto.

Em 2017 participei do XXIX Simpósio Nacional de História, promovido pela ANPUH - Associação Nacional de História, em Brasília. Na perspectiva de avultar meus conhecimentos acerca da história dos negros me inscrevi no minicurso: *Imprensa negra no Brasil: raça, classe e gênero em escritos da maioria*. Ministrado pelas professoras Ana Flávia Magalhães Pinto e Maria Cláudia Cardoso Ferreira, ele tinha como principais objetivos apresentar um panorama e caracterizar a imprensa negra brasileira, reconhecer os jornais da imprensa negra como uma fonte que nos oportunizasse compreender as experiências dos negros na modernidade brasileira, identificar os temas e questões ventilados por meio da

imprensa negra e reconhecê-la como veículo privilegiado de projeção de ideias dos ativistas negros no decorrer dos séculos XIX e XX.¹

Naquele momento, pareceu-me relevante analisar documentos escritos por e para os negros num período em que se convencionou pensar que os escravizados ou recém-libertos estivessem apartados da leitura e da escrita. A leitura de fragmentos dos periódicos evidenciou homens e mulheres negros que protagonizaram a luta por seus direitos desde o Império até a República. Aquela experiência me fez refletir sobre minha prática docente e como esta poderia ser qualificada diante das possibilidades do uso daquela documentação em sala de aula, que me evidenciava indivíduos negros para além do estereótipo do escravizado.

Atuando como professora e coordenadora pedagógica constatei, ao longo dos anos, inúmeros casos de discriminação, racismo e preconceito² no contexto escolar. Deboches e xingamentos (motivados pela cor da pele, cabelos e nariz), apelidos e ridicularizações (assemelhando as crianças a animais), agressões físicas, rotulações e desprezo são constantes nas relações estabelecidas entre os educandos (e infelizmente em alguns casos entre educando e educadores).

A seguir relato, a título de exemplo, uma situação ocorrida no ano de 2018 com uma turma de 8º ano: ao entrar na sala percebi que os alunos estavam agitados conversando uns com os outros. Solicitei que eles se sentassem e respondessem à chamada. Como ainda discutiam, perguntei-lhes qual era o problema e uma aluna questiona se haveria algum problema se ela comesse doce “de macumba”. Estávamos naquela ocasião às voltas com as comemorações do dia de Cosme e Damião. Antes de responder, perguntei o que era “macumba”. Explicações evasivas e preconceituosas por parte dela e de outros colegas da sala (nenhuma referente ao instrumento musical que a palavra designa). Comecei a dialogar com os alunos sobre religiões e dentre estas destaquei a Umbanda e o Candomblé, buscando demonstrar que o surgimento destas estava atrelado a um movimento de resistência e de reelaboração de identidade de homens e mulheres negras escravizadas no Brasil. Além disso, apontei que a sociedade brasileira tinha uma visão estereotipada dessas religiões pelo fato delas não estarem ligadas a um modelo de religiosidade dominante. Ao fim, disse que eles

¹ Mini-curso: *Imprensa Negra no Brasil: raça, classe e gênero em escritos de maioria*, que integrou a programação do XXIX Simpósio Nacional de História - Contra os Preconceitos: História e Democracia, promovido pela Associação Nacional de História (ANPUH-Brasil), ocorrido entre os dias 24 e 28 de julho de 2017, na Universidade de Brasília, Brasília/DF, com duração de 6 horas.

² Acerca dos conceitos preconceito, discriminação e racismo estamos utilizando utilizamos as definições estabelecidas por Nilma Lino Gomes em: BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 39 a 62.

poderiam consumir os doces que haviam ganhado e que teriam problemas apenas se não escovassem os dentes e/ou fossem portadores de doenças que os impedissem de consumir açúcar. Neste momento, uma aluna bastante exaltada dirigindo-se a mim e ao restante da sala disse que haveria problemas sim, pois essas religiões provocavam o mal. Disse ainda que não queria participar daquela discussão, pois contrariava aquilo que ela havia aprendido na Igreja (evangélica) e os ensinamentos da Bíblia e que aqueles não eram assuntos para serem abordados na escola. Outros alunos manifestaram-se, dizendo que eu deveria continuar falando do assunto, pois eles queriam “saber mais”. Sem o apoio de parte dos colegas, solicitou que eu a autorizasse a ir tomar água e assim se retirou da sala, voltando somente ao fim da aula. Nesse momento, apontei à classe que

(...) os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício animal e de cultos aos espíritos (portanto, distanciados do modelo oficial de religiosidade dominante em nossa sociedade), têm sido associados a certos estereótipos como “magia negra” (por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc.³

De modo geral, o diálogo com os alunos foi bastante profícuo. Meu objetivo era possibilitar que eles percebessem que a visão preconceituosa e estereotipada que temos acerca da Umbanda e do Candomblé deve ser compreendida como uma manifestação do racismo e que, portanto, não deve ser tolerada. Essa aula não foi a única sobre esse assunto, mas certamente foi uma das mais significativas, pois os questionamentos partiram dos próprios alunos.

Situações como essas possibilitam que os historiadores analisem a escravidão na perspectiva de um tema sensível na chave da compreensão do um passado que não passa. A escravidão deixou marcas profundas no Brasil. Todo negro nascido hoje no país carrega consigo a insígnia do cativo. As mazelas produzidas naquele contexto afetam diretamente os descendentes de africanos que vivem hoje no país. Isso porque a forma como o processo de abolição foi conduzido não previu nenhum auxílio e direitos especificamente voltados aos ex-escravos; a priori, eles eram cidadãos, no entanto essa condição não lhes foi assegurada. Sem qualquer apoio, passaram a ser discriminados por uma suposta inferioridade. Além disso, as políticas de branqueamento da população, relacionada à chegada dos imigrantes europeus no país, interferiram significativamente na oferta de trabalho que até então existia; homens e mulheres negras passaram a ser preteridos em relação aos brancos no mercado de trabalho.

³ SILVA, Vagner Gonçalves. *Candomblé e Umbanda caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005, p. 13.

Por fim, é preciso considerar que o Estado, ao negligenciar o preconceito, a discriminação e o racismo, numa pretensa postura de neutralidade, passou a fomentar práticas sociais e formular políticas públicas que não atendiam essa parcela da população.⁴

Essa situação fez com que os homens e mulheres negras tivessem muitas dificuldades para superar a condição de pobreza a qual estavam atrelados no pós-abolição. Ao longo do século XX mudanças pouco significativas ocorreram, de modo que, hoje,

(...) as pesquisas científicas e as recentes estatísticas oficiais do Estado brasileiro que comparam as condições de vida, emprego, saúde, escolaridade, entre outros índices de desenvolvimento humano, vividos por negros e brancos, comprovam a existência de uma grande desigualdade racial em nosso país.⁵

Ao pensarmos sobre as condições de homens e mulheres negras na sociedade atual é possível observar como as permanências são processadas. Ainda que de forma velada, percebermos o quanto as relações sociais pautam-se na prerrogativa da superioridade branca em detrimento da inferioridade negra. Até hoje a cor da pele dos negros e outros traços de identidade ou aspectos físicos (como a textura do cabelo, o formato do nariz, lábios e corpos) são destacadas em detrimento de histórias, trajetórias e caráter. A questão racial foi e continua sendo utilizada para explicar o Brasil.

No cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país.⁶

Nesse sentido, considerando que o silêncio é um discurso⁷, sempre que situações que envolvem discriminação, racismo e preconceito são trazidos à baila em minhas aulas, faço com que meus alunos reflitam sobre a gravidade das suas falas e ações, uma vez que considero necessário promovermos uma educação na perspectiva antirracista pautada nos princípios elencados por Eliane Cavalleiro em *Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor*:

Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira;
Busca, permanentemente, uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar;
Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuidar para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negras e brancas, sejam respeitadas;

⁴ GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 46.

⁵ *Ibidem*, p. 47.

⁶ *Ibidem*, p. 46.

⁷ SILVA, Hédio Júnior. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002, p. 49 a 52.

Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos os alunos;
 Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira;
 Busca materiais que contribuam para a eliminação do eurocentrismo dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de assuntos negros;
 Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial;
 Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados.⁸

Tendo como premissa esses princípios, quando ingressei no Mestrado em 2018 busquei alinhar minha trajetória docente com meu objeto de pesquisa. Passei a pesquisar os jornais da imprensa negra e, diante da quantidade de títulos encontrados, foi necessário realizar o primeiro recorte. Selecionei aqueles que haviam sido publicados em São Paulo, pelo fato de trabalhar na cidade e também porque gostaria de compreender em que bases se assentavam o racismo à paulista⁹ vivenciado pelos meus alunos na periferia. Em seguida, foi necessário definir um período. Consideramos que o pós-abolição imediato fosse o momento que melhor respondesse nossos questionamentos, uma vez que

(...) num contexto de emancipações políticas sucessivas em nome da liberdade dos novos cidadãos, a questão dos direitos de cidadania dos libertos, o pensamento racial emergente nas novas nações em construção, bem como suas relações com os cânones do ideário liberal e com as variadas conjunturas históricas em que as diferentes sociedades escravistas viveram o processo de emancipação escrava ao longo de todo o século XIX, são variáveis que passaram a ser cada vez mais consideradas.¹⁰

Além disso, as pesquisas produzidas sobre esse período evocam o protagonismo da população negra na luta pela consolidação de sua liberdade, bem como a trajetória dos escravos e seus descendentes no pós-abolição. Ao propor novas leituras sobre as vivências e experiências da população negra em São Paulo, os historiadores evidenciam um contexto

⁸ CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane. *Racismo e anti-racismo na Educação: repensando nossas escolas*. São Paulo: Selo Negro, 2011. Apud. SILVA, Hédio Júnior, *Op.cit.*, p. 53 a 54.

⁹ O termo racismo à paulista é utilizado pelo historiador Petrônio Domingues em *Uma História não contada negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. Para o autor, o racismo à paulista não foi premeditado nem fabricado intencionalmente pelos brancos (nacionais e imigrantes). Tratou-se do resultado da ação de inúmeros homens, ou seja, dos protagonistas (negros e brancos) do conflito racial inerente ao movimento dialético da história de São Paulo. Domingues destaca que como Karl Marx escreveu, "os homens fazem sua própria história, mas não a fazem com querer, não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado". Nesse sentido, apontam que o discernimento e a conceituação dos acontecimentos são realizados pelo historiador, a posteriores, quando examina metodicamente o desenvolvimento das relações raciais do homem e mulheres feitos de "carne e osso", que, involuntariamente, produziram o padrão racial segregacionista e costumeiro. In: DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004, p. 187.

¹⁰ RIOS, Ana Maria, MATTOS, Hebe Maria. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. *Topoi*. V. 5, nº 8, jan- jun. 2004, p.173.

marcado pelo preconceito, pela discriminação e pelo racismo; um palco de disputas, em que esses sujeitos “foram agentes de sua História, fizeram escolhas, atuaram nos limites do possível, enfrentaram, por sua conta e risco, as incertezas do destino e infundiram significados específicos as retóricas da cidadania”.¹¹

Felizmente nas últimas décadas o pós-abolição tem se constituído como um problema histórico com variáveis e preocupações múltiplas, que evidenciam uma história de lutas e protagonismo dos negros; acreditamos que nossa pesquisa possa fazer parte desse conjunto.

Nesse sentido buscamos evidenciar como homens e mulheres negros, recém-libertos, mobilizaram-se para superar as desigualdades, a discriminação e a exclusão a qual estavam sujeitos, bem como lutar por seus direitos. Nossa hipótese inicial era a de que a imprensa negra constituiu-se como um dos meios para trazer a questão racial ao debate público.

Ao abordar a imprensa negra em São Paulo na Primeira República buscamos destacar homens e mulheres que vivenciaram a passagem da escravidão à emancipação e experimentaram alegrias, medos e incertezas a partir da mudança de sua condição jurídica. Interessou-nos uma produção realizada por negros e para os negros envolvendo assuntos de interesses da população negra, como nos aponta Ana Flávia Magalhães Pinto.¹² A princípio, definimos um problema: como homens e mulheres negros, recém-libertos lutaram por uma sociedade em que a cidadania fosse a eles assegurada? Partimos do pressuposto de que, através da imprensa, esses sujeitos buscaram denunciar a discriminação, o racismo e o preconceito a qual estavam sujeitos, apontando inclusive possibilidades para superá-lo.

Como fontes primárias analisamos 12 exemplares do jornal *A Liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*, publicados entre 14 de julho de 1919 e 31 de outubro de 1920 e 8 exemplares de *O Clarim da Alvorada - Orgam Literário, Científico e Político*, publicados entre 6 de janeiro de 1924 e 7 de dezembro de 1924.

Sobre o uso das fontes selecionadas é preciso considerar que a utilização de jornais como fonte e como objeto de pesquisa é recorrente entre os historiadores, sobretudo a partir da *Escola dos Annales*,¹³ que trouxe métodos e aportes teóricos inovadores à pesquisa histórica, ampliando o universo das fontes, para além dos documentos considerados oficiais.

¹¹ DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004, p.133.

¹² PINTO, Ana Flávia Magalhães Pinto. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010, p. 19 a 20.

¹³ A respeito da Escola dos Annales, consultar: BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989) A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1990.

A partir daquele momento, jornais, obras literárias, objetos da cultura material, iconografias, testamentos, canções, diários, fotografias, dados estatísticos passaram a ser utilizados como portadores de vestígios do passado, portanto, objeto de análise histórica. A perspectiva interdisciplinar, a possibilidade de problematizar a História a partir de outros referências e as novas proposições nas formas de conceber o tempo viabilizaram mudanças significativas no fazer histórico.

Interessa-nos destacar que, se o passado é um dado que não se modifica, existem possibilidades de interpretá-los sob diferentes perspectivas, sendo estas determinadas pela forma como as fontes históricas são questionadas:

Em nossa inevitável subordinação em relação ao passado, ficamos [portanto] pelo menos livres no sentido de que, condenados sempre a conhecê-lo exclusivamente por meio de [seus] vestígios, conseguimos, todavia, saber sobre ele muito mais do que ele julgara sensato nos dar a conhecer. [É, pensando bem, uma grande revanche da inteligência sobre o dado.] Mas, a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar [pura e] simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar [mesmo a contragosto], mais do que nunca, impõe-se um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida.¹⁴

Atentando para não tomar a imprensa como “registro do que aconteceu e não como ingrediente do acontecimento”, como nos orienta Robert Darton,¹⁵ já era possível observar, desde o momento que essas primeiras publicações foram realizadas, como a imprensa intervêm nos mais diversos aspectos da vida econômica, social e política da cidade atuando em prol da formação do que hoje chamamos “opinião pública”:

No fomento à adesão ou ao dissenso, mobilizando para a ação;
Na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos, etc.;

Na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social;
Pela repetição e naturalização do inusitado no cotidiano, produzindo o esquecimento;

No alinhamento da experiência vivida globalmente num mesmo tempo histórico na sua atividade de produção de informação de atualidade;

Na formação da nossa visão imediata de realidade e de mundo;
Na formação do consumidor, funcionando como vitrine do mundo das mercadorias e produção de marcas.¹⁶

Segundo Heloísa Faria da Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto,¹⁷ ao refletirmos sobre a historicidade da imprensa é necessário considerá-la como “suporte de uma prática social, portanto, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na

¹⁴ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

¹⁵ DARTON, Robert. *Revolução Impressa A imprensa na França 1775-1800*. São Paulo: Edusp, 1996.

¹⁶ CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa. In: *Projeto História e Imprensa*. São Paulo, nº 35, p.255-272, dez, 2007, p. 261.

¹⁷ *Ibidem*, p. 260.

intencionalidade histórica que o constitui". Isso implica considerar a "(...) noção da estrutura jornalística, a relação entre redatores, editores e repórteres, a hierarquização de poder por editoriais, a questão da manipulação das reportagens, a relação entre o repórter e suas fontes, assim como as divergências presentes em uma sala de redação", quando da utilização dessa fonte.¹⁸ Além disso, questões externas como a censura, guerras, crises econômicas, partidarismo político, e alinhamentos ideológicos podem fazer com que os tratamentos dados à informação sejam absolutamente distintos de um veículo informativo para outro. É preciso estar atento ao fato de os jornais estarem sempre ligados a um jogo de interesses (nem sempre explícito).

Outro aspecto importante a ser considerado é o papel da propaganda. Essa junção muitas vezes será determinante para a existência dos periódicos. A análise das fontes nos permite perceber que esse dado já está posto desde a publicação do primeiro jornal no Brasil. A depender daquilo que está sendo anunciado é possível também traçar um perfil do público que se deseja atingir.

A existência de um mercado que penetra o periódico (...) evidencia os anunciantes como poder de pressão em cima do periódico, tanto em sua cobertura quanto em seu alcance ao público, confirmando assim que o anúncio deve ter um impacto positivo nas vendas do anunciante. Já o jornal, dependendo cada vez mais desse tipo de verba, vai ter no *merchandising* um importante pilar de sustentação econômica.¹⁹

Numa perspectiva materialista de análise, cabe salientar que a imprensa como um meio de comunicação está

(...) diretamente subordinada ao desenvolvimento histórico. Isso porque, primeiramente, os meios de comunicação têm uma produção histórica específica, que é sempre mais ou menos diretamente relacionada às fases históricas gerais da capacidade de produção e técnica. E também é assim, em segundo lugar, porque os meios de comunicação, historicamente em transformação, possuem relações históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas com as relações sociais gerais, que são por eles produzidas e que as forças produtivas gerais tanto produzem quanto reproduzem.²⁰

Assim, os periódicos aqui analisados foram sempre associados ao campo das lutas sociais nos quais se originaram. Portanto, a

(...) questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a História da imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção,

¹⁸ DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. *Apud*: LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. Alcar 2015. *10º Encontro Nacional de História da Mídia*. UFRGS. Porto Alegre, Rio grande do Sul. 3 a 5 de junho de 2015, p. 5.

¹⁹ LAPUENTE, Rafael Saraiva. *Op. Cit*, p. 7.

²⁰ WILLIAMS, Raymond. Meios de comunicação como meios de produção. *In: Cultura e Materialismo*. São Paulo; Edusp, 2011, p. 69 a 70.

consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do Capitalismo. Pensar a imprensa nessa perspectiva implica, em primeiro lugar, tomá-la como uma força ativa da História do Capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas.²¹

Para que realizemos a análise dos jornais, à luz dos métodos da pesquisa histórica, Heloísa Faria da Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto propõem-nos um roteiro com os seguintes itens:

- I. Identificação do periódico: título, subtítulo, datas-limites da publicação, periodicidade e classificação na instituição;
- II. Projeto gráfico editorial:
 - A. projeto gráfico: propõe indagar sobre a organização e distribuição de conteúdos nas mais diversas partes e seções no interior do periódico; as formas de hierarquização relacionamento e ênfase dos temas e conteúdos. a localização e extensão das seções e partes, as funções editoriais a elas atribuídas e por elas desempenhadas assim como seus modos de articulação e expressão: capas e primeiras páginas; partes e cadernos; cadernos especiais e suplementos; edições comemorativas; seções; colunas fixas e assinadas, iconografias (ilustrações, charges, desenhos, gráficos); manchetes, legendas, colunagem e frisos; anúncios e publicidade;
 - B. Produção e distribuição: propõe indagar algumas outras dimensões da publicação relativas às suas formas de produção e distribuição, pensadas como processo social e não meramente técnico e que nos remetem aos grupos produtores, aos públicos leitores e às redes de comunicação que aí se constituem. Os grupos produtores remetem às forças sociais que conduzem a publicação e suas condições de produção. A análise das referências sobre a circulação e distribuição propõe a reflexão sobre públicos leitores e redes de comunicação.
 - B1. Grupos produtores: proprietários, diretores, redatores e colaboradores.
 - B2. Circulação e distribuição: tiragem, preço, formas de venda e distribuição; espaços de circulação e distribuição.
- III. Projeto Editorial (movimentação e posicionamento político na conjuntura); propõe o aprofundamento da análise do projeto editorial do periódico na conjuntura por meio da leitura mais detida e cuidadosa de seus conteúdos, problematizando o movimento do jornal enquanto força ativa - atenta as questões, sujeitos sociais, espaços e temas que prioriza na agenda pública - naquele campo de hegemonia e as articulações entre presente, passado e futuro que embasam a perspectiva histórica.²²

Ainda sobre a imprensa é necessário destacar que, como um meio de comunicação, está

(...) diretamente subordinada ao desenvolvimento histórico. Isso porque, primeiramente, os meios de comunicação têm uma produção histórica específica, que é sempre mais ou menos diretamente relacionada às fases históricas gerais da capacidade de produção e técnica. E também é assim, em segundo lugar, porque os meios de comunicação, historicamente em transformação, possuem relações

²¹ CRUZ, Heloísa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa. In: *Projeto História e Imprensa*. São Paulo, nº 35, p.255-272, dez, 2007, p. 259.

²² *Ibidem*. p. 267 a 268. Sobre a tiragem (informação fornecida pelo próprio jornal), assinaturas e vendas avulsas é possível pensarmos no público que o periódico alcança. Essas considerações, no entanto devem ser relativizadas uma vez que como nos alerta Lapuente: "Nem sempre (n) o periódico (há) informações (...) confiáveis, afinal o interesse em atingir um *status* para atrair anunciantes é uma tática praticada por muitos jornais, não sendo raros os números fornecidos pelos mesmos serem inverídicos" In: LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. Alcar 2015. 10º Encontro Nacional de História da Mídia. UFRGS. Porto Alegre, Rio grande do Sul. 3 a 5 de junho de 2015, p. 7.

históricas variáveis com o complexo geral das forças produtivas com as relações sociais gerais, que são por eles produzidas e que as forças produtivas gerais tanto produzem quanto reproduzem.²³

Ao ocupar um espaço que não encontrariam em outros veículos de informação, a imprensa negra constituiu-se como uma possibilidade de evidenciar “rostos e vozes afro-brasileiras [que] ocupam a esfera pública para expor pela escrita ou imagética, suas ideias, narrativas, demandas, subjetividades, estéticas corporais, seus problemas, dilemas, heróis, mitos e utopias redentoras”.²⁴

Nesse sentido, convém destacar que os sujeitos envolvidos na feitura desses periódicos apontavam a negritude como marco de identidade social. Embora se reconhecessem como um grupo, suas ações, para se “fazerem grande no futuro”, eram geralmente atreladas a iniciativas individuais, ou seja, dependiam da vontade, do querer, como se a realidade material no qual estes indivíduos estavam sujeitos não interferisse diretamente na forma de apreendê-lo. É preciso considerar, numa perspectiva thompsoniana, a existência de diferentes percepções acerca da experiência histórica vivida e percebida. Naquele momento, talvez não fosse possível que esses sujeitos visualizassem que a República se alicerçava na premissa da desigualdade racial, ou seja, que compreendessem o caráter estrutural do racismo. Foi a partir da relação com a realidade objetiva na qual se encontravam que a mudança se processou.²⁵

Desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em História e concebida em consonância com a linha de pesquisa “Narrativas Históricas: Produção e Difusão”, voltada aos estudos sobre a questão da linguagem e da narrativa histórica, e considerando diferentes tipos de suportes (tais como livros, filmes, programas televisivos, sítios da *internet*, mapas, fotografias etc.), a presente pesquisa é composta de duas etapas distintas, a saber: uma parte crítica-analítica, em que a apropriação dos estudos e debates recentes sobre as temáticas trabalhadas e a criticidade em termos do conhecimento e práticas acumuladas na área foram destacadas e uma parte propositiva, na qual as possibilidades de produção e atuação na área do Ensino de História que contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula foram destacadas.

No primeiro capítulo, buscamos evidenciar o contexto do surgimento da imprensa no Brasil a partir dos anos 1808 com a chegada de D. João VI no Brasil e as motivações que

²³ WILLIAMS, Raymond. Meios de comunicação como meios de produção. In: *Cultura e Materialismo*. São Paulo; Edusp, 2011, p. 69 a 70.

²⁴ PETRÔNIO, Domingues. Imprensa Negra. In: SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 259.

²⁵ THOMPSON, Ep. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981, p. 180 a 201.

levaram os negros a criarem seus próprios jornais a partir de 1833, com a publicação de *O Mulato ou O Homem de Cor*, *O Brasileiro Pardo*, *O Cabrito* e o *Lafuente*, no Rio de Janeiro.

O segundo capítulo é dedicado à análise do jornal *A Liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*, publicados entre 14 de julho de 1919 e 31 de outubro de 1920.

O terceiro capítulo é dedicado à análise do jornal *O Clarim da Alvorada - Orgam Literário, Científico e Político*, publicados entre 6 de janeiro de 1924 e 7 de dezembro de 1924.

Numa perspectiva comparada, tecemos considerações acerca de uma gama bastante diversificada de assuntos: associativismo e a imprensa negra, padrões de comportamento, criminalidade e prostituição, religiosidade, crônicas, contos, educação, teorias raciais, carnaval, a presença feminina entre os colaboradores dos periódicos entre outros.

Por fim, o quarto capítulo é resultante da especificidade do ProfHistória. Nossa proposta foi produzir materiais destinados ao uso educativo, considerando também as possibilidades de difusão científica da História. Nesse sentido foi criado o site “www.imprensanegranaescola.com.br”. A escolha pelo recurso tecnológico decorre da possibilidade de maior difusão das informações ora apresentadas. Considerando que as escolas da rede municipal e estadual de São Paulo dispõem, respectivamente de Laboratório de Informática e da sala *Acessa São Paulo*, acreditamos que a página possa se constituir como um recurso didático para professores que lecionam História no Ensino Fundamental e Médio.

Esse material insere-se na perspectiva de que é necessário reeducar para as relações étnico-raciais e, nesse processo, é preciso fazer emergir dores e medos gerados naqueles que descendem dos escravizados e daqueles que escravizavam. A pedagogia deve ser a do conflito, uma vez que o racismo impõe marcas indelévels aos dois grupos.

Os (as) professores (as) não devem silenciar diante dos preconceitos e discriminações raciais. Antes, devem cumprir o seu papel de educadores (as), construindo práticas pedagógicas e estratégias de promoção da igualdade racial no cotidiano da sala de aula. Para tal é importante saber mais sobre a história e a cultura africana e afro-brasileira, superar opiniões preconceituosas sobre os negros, denunciar o racismo e a discriminação racial e implementar ações afirmativas voltadas para o povo negro.²⁶

Diante desse contexto, parece-nos importante destacar que o combate ao racismo é condição *sine qua non* para constituirmos uma sociedade mais justa, igual e equânime e que o

²⁶ GOMES, Nilma Lino. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*. BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005, p. 60.

ensino de História desempenha um papel preponderante nesse contexto, uma vez que possibilita

(...) a eliminação das discriminações e (a) emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto das nações como espaços democráticos e igualitários.²⁷

²⁷ Plano Nacional de implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013, p. 88.

CAPÍTULO I: O SURGIMENTO DA IMPRENSA NEGRA NO BRASIL

Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem tratar sua presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar suas mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo (...), sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar, não é possível.

(Paulo Freire)

1.1. “A grande fábrica de novidades”: o surgimento da imprensa no Brasil.

Em virtude da expressa proibição metropolitana, a imprensa no Brasil praticamente não existiu no Período Colonial. Embora houvesse algumas iniciativas individuais para a criação de tipografias e publicação de periódicos, foi somente em 1808, com a chegada da família real portuguesa, que houve mudanças nesse cenário.¹ A criação da Imprensa Régia (atual Imprensa Nacional) possibilitou o surgimento do primeiro jornal oficial do país: *A Gazeta do Rio de Janeiro*. Seguindo a estrutura e o estilo da *Gazeta de Lisboa*, de 1715, era organizada em duas partes, com particularidades e lógicas distintas: a seção noticiosa e a sessão de avisos:

Na seção noticiosa a folha circunscrevia a fala do redator, incluía artigos escolhidos de diversos jornais europeus, apresentava cartas de militares e políticos de relevância no período, inseria informações burocráticas – como o balancete financeiro da Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro – e também noticiava o cotidiano da realeza: das graças do monarca para seus súditos civis e militares, como, por exemplo, a distribuição de títulos de nobreza às diversas festividades do calendário real, aos aniversários do príncipe regente e às peças de teatro.

Já a seção de avisos era o local onde se concentravam os mais diversos tipos de anúncios, cujo enfoque, na maioria das vezes, era a prestação de serviços. Neles incluíam-se as publicações que se relacionavam ao universo cultural e comercial da cidade: as notícias marítimas, as saídas de correio, as vendas de livros e periódicos, mapas, **vendas de escravos** e imóveis, leilões etc. eram constantes e delineavam a relação existente entre a imprensa e a sociedade joanina no Rio de Janeiro, no início do século XIX.²

A princípio, *A Gazeta do Rio de Janeiro* era publicada as quartas e sábados. Após 1821, passou a ser publicada também às terças. Havia ainda edições extraordinárias que poderiam sair em qualquer dia da semana, o que tornava a publicação quase que diária.

¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 62 a 63.

² MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821)*. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Pós Com - Metodista, a. 29, n. 49, p. 27- 41 2º sem. 2007, p. 30 a 31 (grifos meus).

A primeira junta diretora de *A Gazeta do Rio de Janeiro* foi formada por homens de confiança do Príncipe Regente: José Bernardo de Castro, Mariano José Pereira da Fonseca e José da Silva Lisboa, o que justifica sua intrínseca relação com os interesses políticos da realeza portuguesa. Aos editores, que já naquele momento primavam pela constituição da notícia na pretensa e enganosa perspectiva da isenção, da neutralidade e da imparcialidade, era importante persuadir os leitores quanto ao caráter não oficial do periódico, a fim de que não houvesse associações das notícias aos valores da monarquia. Nesse contexto, os redatores, que não eram identificados, desempenhavam um papel importante na produção da notícia. Estes “homens letrados”, que também eram “súditos do rei”, buscaram reafirmar o poder metropolitano em xeque a partir das Invasões Napoleônicas.³

Outro aspecto importante acerca de *A Gazeta do Rio de Janeiro* diz respeito à sua circulação: ela aconteceu nos dois lados do Atlântico. Assim como jornais e outros documentos chegavam ao Brasil através de navios, o periódico também chegou a Portugal, sendo inclusive utilizado como fonte de informação por outros jornais que buscavam evidenciar aos seus leitores como se estruturava política e administrativamente a monarquia em além-mar.

Em São Paulo, o primeiro jornal foi publicado em agosto de 1823 por iniciativa de Antônio Mariano de Azevedo Marques, o Maestrinho⁴. No plano *de um estabelecimento patriótico para suprir a falta de tipografia*, documento encaminhado à Junta Governativa da Província de São Paulo, Maestrinho aponta como se daria a produção de *O Paulista*: haveria um número X de amanuenses responsáveis pela reprodução de determinadas páginas do periódico; eles seriam pagos por uma sociedade patriótica, o redator deveria trabalhar gratuitamente e seria responsável por organizar as atividades dos amanuenses. Dada a escassez de recursos, cada folha do jornal seria utilizada por 5 subscritores (responsáveis efetivos pelo registro da notícia), que deveriam ser retiradas na casa do redator ou em outro local por este determinado, e ele deveria organizar uma lista nominal para controlar a entrega desse material. Cada amanuense deveria fazer oito cópias de cada folha do jornal e receberia 140 reis por cada uma delas; por semana deveria produzir 16 folhas e receberia a soma de 10\$000. Para a organização das finanças do periódico haveria a necessidade da nomeação de um tesoureiro. Essa função poderia ser desempenhada pelo redator, se este o desejasse.

³ MEIRELLES, Juliana Gesuelli. *A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821)*. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, Pós Com - Metodista, a. 29, n. 49, p. 27 a 41. 2º sem. 2007, p. 34 -37.

⁴ FREITAS. Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde os princípios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1915, p. 22.

Havendo um aumento de pessoas interessadas em assinar o jornal, poderiam ser contratados mais assinantes e um maior número de páginas deveria ser reproduzida pelos amanuenses, aumentando assim o seu ordenado. Por fim, o prospecto do jornal seria apresentado ao governador, que deveria autorizar o surgimento do estabelecimento, e que segundo seu proponente seria de grande valia para a província.⁵

Embora tenha sido bem recebido pela sociedade paulista da época, *O Paulista* teve vida efêmera, vindo a ser fechado em outubro do mesmo ano devido a dificuldades técnicas e financeiras.

Em 1827, Maestrinho retoma suas atividades jornalísticas, dessa vez como redator de *O Farol Paulistano*,⁶ primeiro jornal impresso de São Paulo. Era dirigido por José da Costa Carvalho, Barão, Visconde e Márquez de Monte Alegre e membro da Regência Trina (1831-1835)⁷, e foi publicado até 1833, sendo adquirido pelo governo provincial em 1835.

A princípio era semanal depois, porém, continuou a sair duas vezes por semana, custando cada número 80 réis. Continha quatro páginas de texto impresso a duas colunas e trazia a divisa: *La liberte est une enclume que usera tous marteaux*. Durou seis anos, e em sua oficina tipográfica foram impressos o *Justiciero*, o *Novo Pharol Paulistano* e o *Observador Constitucional*. A feição do periódico, — diz um crítico — é política; seus artigos são em geral, consagrados á defesa dos princípios constitucionais e escritos em linguagem moderada.⁸

Segundo Affonso A. de Freitas, embora não tenha conseguido analisar nenhuma edição do jornal, ele acreditava que o periódico estivesse ligado à reação liberal, contrária às pretensões absolutistas de D. Pedro I. Essa constatação seria possível a partir da análise de outro periódico, *O Tibiriçá*, publicado em 1842. Em suas páginas constam discursos políticos, realizados na Assembleia Legislativa, na qual os deputados Andrada Machado e Joaquim Antônio Pinto Júnior evidenciam que eram contrários ao posicionamento de José da Costa Carvalho, que era, naquele momento, Barão de Porto Alegre.⁹

⁵ PETROLI, Valdenizio. *O paulista - o primeiro jornal da província*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 2 de junho de 2007.

⁶ Já em 1898 quando da publicação da III Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Toledo Lafayette aponta que a Biblioteca Nacional dispõe de uma coleção de 6 volumes (in-fólios) desse jornal compreendendo o período de 1827 a 1833. TOLEDO, Lafayette. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Vol. 3. São Paulo: Tipografia de "El Diário Espanhol", 1898. p. 433.

⁷ PETROLI, Valdenizio. *Op. Cit.*, p. 5.

⁸ A liberdade é uma bigorna que todos os martelos usarão. TOLEDO, Lafayette. *Ibidem*, p. 433. Para melhor compreensão do texto, a grafia de algumas palavras forma adaptadas a gramática utilizada neste momento. Disponível em: <https://ia800901.us.archive.org/6/items/revistadoinstitu03instuoft/revistadoinstitu03instuoft.pdf>. Acesso em: 10/06/2019. p. 303.

⁹ Affonso A. de Freitas publicou em 1915 um estudo pautado na imprensa paulista utilizando como referência a publicação de Toledo Lafayette de 1898. Enquanto este organizou sua obra por anos; aquele organizou por cidade apresentadas em ordem alfabética. FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde os princípios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1915, p. 25.

Entre os anos 1833 e 1839 outros 8 novos jornais foram publicados. No ano de 1840, devido ao surgimento de novos estabelecimentos tipográficos e, sobretudo por não estarem ligados a nenhuma deles diretamente, houve um aumento gradativo das publicações em São Paulo. Só naquele ano mais 6 surgiram, totalizando 22. Em 1850, já havia 47 periódicos na cidade. Entre 1851 e 1860, passaram a circular mais 55. Em 1860 apareceram mais 12. De 1861 a 1870, 60 jornais novos irromperam na cidade. De 1871 a 1880, 81; e de 1881 a 1890, 273.¹⁰ Embora sendo publicados em condições ainda bastante rudimentares, os jornais constituíam-se, naquele momento, como única fonte de informação da sociedade paulista, o que justifica a existência de tantas publicações.¹¹

Bastante semelhantes entre si, eram formados por duas folhas grandes (de difícil manuseio), nas quais os anúncios e artigos eram distribuídos em colunas, que se iniciavam após o cabeçalho, e terminavam no fim da página. Não havia ilustrações. Os poucos desenhos referiam-se, sobretudo a medicamentos e ou lojas e os produtos nelas comercializados. Na primeira página, de modo geral, sempre bem organizada, havia um editorial, no qual registravam-se as atas e discursos dos “Letrados do Império”, além de folhetins românticos escritos por diversos autores internacionais. Essa sistematização, no entanto, deixa de existir a partir da segunda página, passando o conteúdo a ser disposto em quatro colunas, de forma aleatória, não havendo, portanto, uma diagramação lógica e racional. Não havia nenhuma separação quanto aos assuntos, tampouco a importância daquilo que era publicado, sendo os assuntos inseridos, aparentemente, de forma aleatória. As notícias eram publicadas ao lado de propagandas que variavam muito de formato, bem como em relação aos produtos ofertados. Elas diziam respeito às novas medidas tomadas pelo gabinete imperial ou as aflições de uma esposa preocupada com a infidelidade do marido ligado à Maçonaria.¹²

Naquele momento tudo parecia ser pequeno e, portanto, familiar. Assim, “pequenos desastres” ou “detalhes de ordem pessoal”, poderiam ser publicados sem que houvesse estranhamento por parte dos leitores. Casos amorosos, brigas e litígios, incidentes particulares, desavenças entre cidadãos livres ou escravizados (nesse caso, as reclamações eram variadas, referindo-se a questões legais, anúncios falsos ou agradecimentos por curas milagrosas) tudo virava notícia. Publicavam-se, ainda, ocorrências policiais, listas de óbitos, lista de frequência dos alunos da Faculdade de Direito do Largo São Francisco e notícias

¹⁰ FREITAS, Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde os princípios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1915, p. 22.

¹¹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 65.

¹² *Ibidem*, p. 65 a 68.

nacionais (destaques aos fatos ocorridos em outras províncias) e internacionais (informações sobre outros países, sobretudo da Europa, com alguma recorrência aos Estados Unidos).¹³

Havia ainda as seções humorísticas, que visavam atender até aos leitores mais sérios. Se atingia o objetivo proposto é difícil precisar, tendo em vista que esses textos hoje nos parecem pouco engraçados. Schwarcz nos apresenta um destes como exemplo:

Entre credor e devedor. O senhor F. é todo dia incomodado por um complacente exactor de seus rendimentos.
 Não lhe faça diferença vir amanhã - diz-lhe um dia o devedor.
 A que horas?
 As 10 horas mais ou menos.
 Não é cedo demais?
 Qual! Venha que eu desejo me habitar a acordar a essa hora.
 (*A Província de São Paulo*, 28 de fevereiro de 1877).¹⁴

Como empresas comerciais, a principal fonte de renda dos periódicos era a publicidade. Isso explica o volume de anúncios publicados, já que estavam presentes, inclusive na primeira página, restando pouco espaço para a publicação das notícias. Quanto mais anúncios publicados havia em suas páginas, maior era a quantia de dinheiro de que dispunham, constituindo-se como verdadeiros “índices de prosperidade”. Outro aspecto a ser considerado era a relação que se estabelecia entre assinantes e propagandas. Aqueles que assinavam o jornal poderiam publicar anúncios gratuitamente em suas páginas, o que nos leva a considerar as possíveis relações entre leitores e consumidores dos produtos anunciados.¹⁵

Se visualmente os jornais eram semelhantes entre si, havia aspectos que variavam bastante, como o preço, a tiragem, a linguagem (ora mais coloquial, outras vezes mais séria, em determinadas publicações satíricas e, sobretudo as tendências políticas (havia periódicos conservadores, republicanos e abolicionistas). Em alguns casos, os jornais colocavam-se como defensores de um determinado partido e passavam a depender deles para sobreviver. Essa tendência foi, no entanto, aos poucos se diluindo e tornando-se mais fluída, na medida em que as formas de produção deixavam de ser rudimentares e artesanais e passavam a ser cada vez mais comerciais.¹⁶

¹³ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 69 a 71.

¹⁴ *Ibidem*, p. 71.

¹⁵ *Ibidem*, p. 73.

¹⁶ *Ibidem*, p. 73 a 74.

Assim, “enquanto veículo de informação mais eficiente da época, a imprensa foi aos poucos ganhando uma capacidade maior de penetração no interior da população alfabetizada da cidade, refletindo e produzindo valores e representações”.¹⁷

De modo geral, essas produções tiveram existências fugazes. Muitos foram publicados apenas uma vez, com exceção do *Correio Paulistano* (1854) e *A Província de São Paulo* (1875), que se tornaram conglomerados comunicacionais. *O Correio Paulistano* foi publicado até o ano de 1963, enquanto que *A Província de São Paulo*, após a Proclamação da República, passou a se chamar *O Estado de São Paulo* e é publicado até hoje.

1.2. O surgimento da imprensa negra

Em relação à imprensa negra, aqui compreendida como periódicos produzidos por e para negros, abordando problemáticas dessa população, seu surgimento ocorreu com a publicação dos jornais *O Mulato ou O Homem de Cor*, *O Brasileiro Pardo*, *O Cabrito e o Lafuente*, no Rio de Janeiro, em 1833. Ainda nessa fase inicial temos *O Homem: realidade constitucional ou Dissolução Social*, publicado em Recife em 1876, *A Pátria – Órgão dos Homens de Cor* e *O Progresso – Órgão dos Homens de Cor*, publicados em São Paulo em 1899 e, por fim, *O Exemplo*, publicado em Porto Alegre em 1892. Fundados por homens livres negros, como Paula Brito,¹⁸ que nesse momento já representavam uma parcela significativa da população, esses jornais apontavam a necessidade da comunicação e de visibilidades dos projetos formulados por esses sujeitos que conseguiram ascender

¹⁷ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 74.

¹⁸ Francisco de Paula Brito nasceu no Rio de Janeiro em 1809, era filho da liberta Maria Joaquina Conceição Brito e do marceneiro/carpinteiro Jacinto Antunes Duarte. Abandonou os estudos ainda jovem para se dedicar a tipografia. Após um período de experiência na Tipografia Nacional, conseguiu comprar sua própria gráfica em 1831. Tornou-se a partir desse momento, editor e livreiro renomado o que fez ter contato com escritores experientes e jovens promissores do período, entre eles Machado de Assis. Foi ele que possibilitou que o jovem escritor publicasse o seu primeiro poema, *Ela*, na *Marmota Fluminense* em 12 de janeiro de 1855. Além disso, lhe ensinou o ofício de tipógrafo e lhe indicou a uma vaga na Tipografia Nacional onde passou a trabalhar em 1865 sob a direção de Manuel Antônio de Almeida, autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Suas publicações impulsionaram a comercialização dos livros no Rio de Janeiro. Foi responsável pela publicação do periódico *O Mulato ou O Homem de Cor* em 1833, jornal que atuava no combate a discriminação racial a qual os negros livres, como ele, estavam sujeitos. A publicação ocorreu num momento de crise política no país, ocasionada pela abdicação de D. Pedro I e de lutas acirradas em torno da definição de uma identidade nacional e da cidadania dos brasileiros. Faleceu em 1861. In: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/374-paula-brito>> Acesso em: 7/10/2020.

socialmente e que desejavam garantir seus direitos sociais e políticos, ainda que a ordem escravista os associasse apenas à escravidão.¹⁹

Embora não houvesse precisão quanto à identidade racial desses sujeitos (definidos como homens de cor, mulatos, pardos, crioulos e cabras), devido às condições sociais e políticas que foram geradas pelo contexto no qual estavam inseridos, o fato de terem a mesma origem no processo escravocrata aproximava-os.²⁰

A primeira pesquisa sobre a Imprensa Negra foi realizada pelo sociólogo francês Roger Bastide, em 1951. Em “A imprensa negra do Estado de São Paulo”, artigo que compõe o livro *Estudos Afro-brasileiros*, o autor organiza os periódicos em três momentos, a saber: o primeiro, após 1915, quando ocorreu a publicação de *O Menelick*; o segundo, entre 1930 e 1937, e o terceiro, depois de 1945. No primeiro período, posterior à Primeira Guerra Mundial, os jornais apresentavam reivindicações relacionadas ao acesso à educação, condição *sine qua non* para a ascensão social da população negra. Além disso, os ideais de liberdade e igualdade estavam postos como grandes aspirações. São publicações desse período: *A Princesa do Oeste* (1915), *O Xauter* (1916), *O Bandeirante* (1918), *O Alfaiate* (1918), *A Liberdade* (1918), *O Kosmos* (1922), *O Clarim da Alvorada* (1924), *A Tribuna Negra* (1928), *Quilombo* (1924), etc. Destaca-se que essas publicações ocorreram no momento em que os “indícios dos primeiros efeitos da política de Educação no Brasil, o resultado do magnífico esforço da República no desenvolver do ensino primário”²¹ eram percebidos.

O segundo período, que vai de 1930 a 1937, teve a publicação dos jornais *O Progresso* (1931), *Promissão* (1932), *Cultura, social e esportiva* (1934), *O Clarim* (1935) e, sobretudo *A Voz da Raça* (1936).²² Ele correspondia ao momento de ascensão da Frente Negra Brasileira, fundada em 1931. Essa associação, que futuramente tornou-se partido político, tinha como principal objetivo denunciar o racismo e lutar pelos direitos da população negra. Para a divulgação das suas ideias foi criado o jornal *A voz da Raça* em 1931. De acordo com Bastide, foi através dessa publicação que ocorre uma mudança no conteúdo das reivindicações. Se a princípio havia uma preocupação com a disciplinarização dos corpos negros, a fim de que a população de cor fosse enquadrada dentro de um perfil considerado ideal e assim fosse reconhecida como parte da sociedade brasileira, posteriormente os questionamentos passaram

¹⁹ SANTOS, José Antonio dos. *Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. Historiae*. 2011. v.2. n° 3, p. 143-160. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 10/02/2020, p. 151.

²⁰ *Ibidem*, p. 151.

²¹ BASTIDE Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia n° 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 52.

²² *Ibidem*, p. 53.

a ter um caráter mais politizado. A terceira fase foi marcada pela instauração do Estado Novo em 1937, período definido pela censura aos meios de comunicação, com a criação do DIP – Departamento de Informação e Propaganda – e pela supressão dos partidos políticos, transformados em associações da sociedade civil pelo decreto nº 2229 de 30 de dezembro de 1937, fato que teria levado a Frente Nacional Brasileira ao encerramento de suas atividades, bem como ao fim do jornal por ela produzido.²³

Para Bastide, o período entre 1937 e 1945 representaria o vazio. As publicações da imprensa negra só voltariam a ocorrer com a retomada do regime democrático e são caracterizadas pela apologia à liberdade e pela defesa da República. É desse período a publicação dos periódicos *Alvorada* (1945) e *Senzala* (1946). Visando agrupar-se em uma associação que possibilitasse conquistar melhores condições de vida, assim como já havia sido proposto na criação da Frente Negra Brasileira, foram organizados congressos em São Paulo e Campinas além da criação da Associação dos Negros Brasileiros. Devido à prevalência nessas publicações e eventos de uma perspectiva de esquerda, verificava-se que os obstáculos que existiam eram os da classe operária, o que significava que brancos e negros deveriam lutar juntos e, quando aqueles fossem particularmente direcionados aos negros, haveria a necessidade da criação de grupos especiais.²⁴

Ao analisar os periódicos da imprensa negra, Bastide aponta que os mesmos são representações coletivas que lhe possibilitaram definir a psicologia do afro-brasileiro. Nesse sentido, o autor salienta que os jornais podem ser lidos na perspectiva de um autorretrato, na medida em que eram publicações produzidas pelos e para os negros. Destaca ainda que seu objetivo não seria traçar um histórico dessa imprensa negra no Brasil, mas apreender a mentalidade de uma raça através dela.²⁵

A fim de responder as críticas daqueles que consideravam que a imprensa negra não poderia ser tomada como objeto de pesquisa, Bastide discorre sobre a tiragem dos jornais e sobre os sujeitos envolvidos na feitura desses periódicos. Segundo o autor, a produção dos jornais negros era sempre realizada em pequena escala devido à dificuldade financeira dos produtores e leitores dessas publicações, uma vez que estes faziam parte do estrato mais empobrecido da cidade. Salienta também que, embora a produção estivesse voltada a uma pequena classe média formada por professores, advogados, jornalistas e revisores

²³ BASTIDE Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 54.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, p. 55.

tipográficos, ela ainda estava vinculada à classe mais baixa, pois esse era o seu local de origem. Desse modo, o autor acredita que não haveria um distanciamento entre aqueles que escreviam e aqueles que liam esses jornais.²⁶

Ao refletir sobre a origem da imprensa negra, Bastide destaca que, embora a República no Brasil, diferentemente dos Estados Unidos, houvesse proclamado a igualdade dos sujeitos diante da lei, ela não existia na prática. Nesse sentido, os jornais eram instrumentos através dos quais os negros protestavam contra o preconceito racial a qual estavam sujeitos e buscavam se fazer ouvidos.²⁷ A mácula da escravidão se fazia presente sempre que o negro sentia “numa palavra ou num gesto um tom de superioridade ou de desprezo em relação a ele”²⁸ o que justificava sua constante denúncia. Além disso, os jornais tinham um caráter educativo, na medida em que buscavam agrupar a população negra, imputando-lhes um senso de solidariedade, bem como desconstruir o complexo de inferioridade que possuíam, superestimando seus valores e destacando atletas, músicos e estrelas do cinema negro.

Outra característica destacada é a importância dada aos eventos sociais como festas, bailes, recepções, nascimentos e casamentos. A divulgação desse tipo de informação estava voltada à demonstração de status e honorabilidade. Embora o autor apontasse que esse tipo de publicação não era de exclusividade da imprensa negra, ele salienta que nesses jornais isso teria um significado ainda maior (ocupando de 30% a 60% das colunas) em virtude da possibilidade de evidenciar que os negros conheciam as regras de polidez e sabiam comportar-se de forma cortês e civilizada. De modo geral, essas sessões destacavam eventos que os negros de condições mais elevadas participavam, evidenciando a ascensão social desses sujeitos. Diante dessas considerações, Bastide indica que a imprensa negra tinha um caráter complementar e não estava voltada à divulgação de informações. Para acessar esse tipo de publicação os negros precisavam ler os jornais dos brancos.²⁹

Bastide aponta que nos periódicos analisados era recorrente a associação do preconceito e da dificuldade de ascensão social da população negra e, nesse sentido, considera que “como representação coletiva do negro, o preconceito inegavelmente existe e é isso que

²⁶ SANTOS, José Antonio dos. *Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. Historiae*. 2011. v.2. nº 3, p. 143-160. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 10/02/2020, p. 144.

²⁷ Essa não era uma característica exclusiva do Brasil, poderia ser observada também na imprensa negra da América do Sul e da América do Norte segundo Bastide. In: BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 51.

²⁸ *Ibidem*, p. 55.

²⁹ *Ibidem*, p. 51 a 52.

nos importa".³⁰ Além disso, ele destacava que os jornais sinalizavam o caráter inconcluso da abolição, uma vez que, liberto do cativeiro, os escravizados foram abandonados a sua própria sorte. Daí a necessidade de uma nova libertação: os negros só não teriam desaparecido dada a sua capacidade de adaptação, reprodução e sobrevivência, mesmo em condições adversas³¹. Nesse ponto o autor dialoga com os positivistas, afirmando que os mesmos apontaram de forma assertiva que a emancipação não foi acompanhada de um trabalho voltado à moral e a alfabetização. Não houve uma tentativa de transformar o escravizado em trabalhador. Aqueles que estavam envolvidos no processo que culminaria na abolição desejavam livrar-se da escravidão, porém estavam pouco preocupados com os escravizados. O que os levava a defender o fim do cativeiro era apenas remorso e não o bem da população negra.

O preconceito, que segundo o autor era herança da escravidão, fazia com que os brancos desconsiderassem a possibilidade de ver os negros como iguais. Essa situação teria se agravado com a chegada dos imigrantes que, persuadidos pela perspectiva da superioridade ariana, passaram a ocupar os espaços que outrora os negros haviam conquistado. O preconceito ainda se manifestava quando os negros eram culpabilizados pela situação na qual se encontravam, em que se dizia que eram bêbados, preguiçosos, sem moralidade e que eram incapazes de elevarem-se e de integrarem a sociedade devido a aspectos próprios da raça. Atribuíam-lhes ainda uma sexualidade exacerbada, sobretudo as mulheres. Por fim, o autor destaca que mesmo quando a situação sinalizava a bondade do brasileiro era possível observar o preconceito. Embora pudesse estabelecer relações afetuosas com os negros, os brancos desejavam sempre que eles continuassem ocupando posições subalternas, fazendo com que essa aproximação fosse uma forma de inviabilizar resistências e revoltas.³²

Manifestado através da forma do abandono, do desprezo ou da piedade, o preconceito inculca nos negros um sentimento de inferioridade que foi observado por Bastide nos anúncios e ou reclames dos jornais da imprensa negra, onde eram publicizados, por exemplo, produtos para alisar os cabelos crespos. Para o autor, atitudes como essa denotavam a necessidade dos negros de assemelharem-se aos brancos. Havia, segundo sua leitura, uma tentativa de renegar as origens quando os negros repudiavam suas tradições e buscavam imitar o comportamento, as atitudes e o modo de vida dos brancos. A fim de exemplificar essa prerrogativa, ele aponta que, por ocasião das festas de Natal e Ano Novo, quando as crianças ganham bonecas negras

³⁰ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 58.

³¹ *Ibidem*, p. 59.

³² *Ibidem*.

de cabelos crespos, havia certo desconforto por parte daqueles que julgavam ser mais apropriado oferecer às crianças bonecas brancas, de olhos azuis, loiras e de faces rosadas.³³

Outra forma apontada por Bastide em relação ao complexo de inferioridade dos negros diz respeito à oposição existente entre eles e os mulatos. Para o autor, o fato de os mulatos terem uma tez mais clara levava-os a não serem solidários com os negros. Eles não se reconheciam como negros e desejavam não ser vinculados a eles, além de não demonstrarem, por exemplo, interesse em fazer parte das associações negras. Essa situação levava as lideranças negras a refletirem sobre a miscigenação, havendo uma ambivalência diante dessa questão, tendo em vista que, embora a imprensa negra se posicionasse de forma crítica quanto à política de branqueamento, uma vez que ela era pautada na prerrogativa da superioridade dos brancos em relação aos negros, esses mesmos veículos de informação recomendavam aos homens negros que não se relacionassem com mulheres brancas e, além disso, destacavam as diversas associações beneficentes, dançantes, culturais, existentes na cidade que, por serem frequentadas exclusivamente por homens e mulheres de cor, acabavam por segregá-los do restante da sociedade.³⁴

A xenofobia presente em alguns jornais da imprensa negra também é apontada por Bastide como representativa do complexo de inferioridade dos negros. O autor destaca a violência dos termos utilizados (ladrões do nosso trabalho, comem no prato que comeram) e o fato dos negros considerarem que a imigração os colocava em concorrência com os brancos, sobretudo na disputa por mercados de trabalhos. As ocupações que outrora eram realizadas pelos negros no comércio, nas alfaiatarias, nas sapatarias, nas ourivesarias e nas oficinas de trabalho estavam a cargo dos imigrantes naquele momento, restando aos homens de cor às atividades onde era necessário o emprego da força física ou aqueles poucos valorizados.³⁵

O autor sinaliza duas explicações para justificar essa mudança na configuração no mercado de trabalho paulista no início do século XX: o fato dos negros estarem congenitamente ou culturalmente menos articulados para a luta; e o fato dos imigrantes manterem uma rede de ajuda mútua entre si. Ele considera que o complexo de inferioridade manifesta-se quando os negros não reconhecem suas limitações e indica que o problema estaria no outro e não em si mesmo. Embora entre a liderança negra houvesse aqueles que incitavam seus pares a lutarem contra os imigrantes, eles não deixavam de reconhecer o

³³ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 62 a 64.

³⁴ *Ibidem*, p. 64 a 65.

³⁵ *Ibidem*, p. 66 a 67.

sentimento de inferioridade dos negros, o que os imobilizava e os tornavam “eterno vencido na concorrência vital”.³⁶

Diante dessas considerações, Bastide indica que o papel da imprensa negra era resgatar a confiança do negro, elevar o seu moral, enfim e possibilitar que o sentimento de inferioridade, que lhe era tão prejudicial, deixasse de existir. Nesse contexto, as publicações relacionadas a personalidades negras e artigos evidenciando fatos históricos eram utilizadas para demonstrar a contribuição dos negros na história do país. Entre as personalidades destacadas figuravam: Luiz Gama, José do Patrocínio, Henrique Dias, e Cruz e Souza. A disposição dos artigos relacionados a essas personalidades eram realizadas geralmente no mesmo período, rememorando as datas de nascimento e/ou a morte. O mesmo processo ocorria com os eventos, considerados importantes para a população negra, como a criação/destruição do Quilombo de Palmares ou a Abolição da Escravidão. Reconhecendo-se como parte do grupo a serem destacados os editores dos jornais apontavam as comemorações de seus aniversários, casamentos ou batismo, bem como de seus familiares.³⁷

Por acreditar que essa produção tinha um caráter afetivo, sentimental, que evidenciava sofrimentos, mas buscavam trazer esperança, em que a cólera deveria ser substituída pela admiração, Bastide afirma que não havia uma verdade objetiva nessas publicações uma vez que aquela poderia não ser tão gloriosa. Um “eterno romance de gestos da raça” era construído nos jornais através da mitificação de alguns indivíduos, no qual a busca pela virtude era extremamente importante. Nesse sentido, o símbolo da bondade e de sacrifício foi atrelado a Domingos Vieira, de heroísmo e de glória a Henrique Dias, de inteligência a Juliano Moreira e de capacidade artística a Cruz e Souza. O mesmo ocorria com as publicações relacionadas ao Quilombo de Palmares, associadas à ideia de liberdade e a Abolição da Escravidão a liberdade.³⁸

A publicação da seção literária, com destaque às crônicas, era utilizada para demonstrar a inteligência dos negros. As “crônicas sobre as atividades de diversas associações de gente de cor (...) [são] capazes de fazer nascer no espírito do leitor um clima de otimismo para as possibilidades futuras da raça”.³⁹ Na visão de Bastide, esse vir a ser estava posto para os intelectuais negros uma vez que a ciência daquele período já não mais acreditava em raças superiores e inferiores, mas no avanço e no atraso delas. Como os negros estavam atrasados, o

³⁶ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 67.

³⁷ *Ibidem*, p. 69.

³⁸ *Ibidem*, p. 70.

³⁹ *Ibidem*, p. 68.

caminho que se colocava era evoluir, e isso ocorreria caso eles tivessem exemplos positivos sobre em quem se espelhar (ainda que para esses serem criados a ciência tenha se transformado em moral e a história e a literatura em mitologia)".⁴⁰

Bastide destaca que, embora os jornais da imprensa negra apontassem que os negros deveriam ser valorizados, era preciso pensar quem eram esses indivíduos. Geralmente aqueles com comportamentos aburguesados e que tivessem assimilados os valores da branquitude.⁴¹ Ao abordar o preconceito, Bastide afirma não ter dúvidas de que ele é oriundo de uma perspectiva de superioridade dos brancos. No entanto, acredita que, em alguma medida, os negros corroboravam com essas ideias ao oferecer uma imagem “de um povo satisfeito por vegetar no porão da civilização”,⁴² uma vez que não lutavam efetivamente para conquistarem uma posição de destaque na sociedade e isso ocorria devido à preguiça que tinham. Para o autor, a valorização dos negros só ocorreria se de fato houvesse mudanças práticas na sua forma de se relacionar com o mundo e, nesse processo, a imprensa negra teria lugar de destaque na constituição do que ele define como puritanismo negro, ou seja, um meio pelo qual houve a ascensão de uma classe média negra nos Estados Unidos e que também poderia ocorrer no Brasil. Nesse processo, o acesso à instrução desenvolveria um papel preponderante. O que justifica o destaque dado à imprensa negra nesse assunto.⁴³

O autor frisa que a sociedade tinha uma visão estereotipada dos negros, definindo-os como ladrões, preguiçosos e debochados e que era preciso desconstruir essa imagem. Nesse sentido, a imprensa negra condenava o alcoolismo, apelava para que houvesse maior dignidade nas relações entre homens e mulheres, assim como na forma de ser vestir, cobravam seus leitores para que não houvesse excessos nos bailes que ocorriam nas associações dançantes, orientava os pais a educarem seus filhos não os oferecendo excesso de liberdade, e que era preciso, na visão dos editores dos periódicos, acabar com “os ajuntamentos de dons juans sem escrúpulos, de rodinhas de incomportados”.⁴⁴ Todos esses elementos, aliados à vadiagem, à preguiça e à mendicância, deveriam deixar de existir entre os negros para que, assim, os brancos reconhecessem suas virtudes. Era, portanto, necessária uma reforma nos costumes e nos gestos.

⁴⁰ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 70.

⁴¹ *Ibidem*, p. 71.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ *Ibidem*, p. 72.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 73 a 74.

Por fim, Bastide destaca que os negros, mesmo quando eram escravizados, associavam-se e que essa prerrogativa de se organizarem em pequenos grupos foi mantida no pós-abolição. O autor não vê isso de forma positiva, uma vez que acredita não ter havido uma mudança na mentalidade tribal dos negros. Se a princípio havia uma rivalidade entre os negros pautada no pertencimento ao grupo étnico, naquele momento ela continuava a existir devido à concorrência entre as associações culturais, dançantes ou beneficentes.⁴⁵

Se a princípio é necessário apontar o caráter pioneiro de Bastide na abordagem da imprensa negra como uma fonte documental importante que evidenciava a percepção da população negra sobre si mesma, é preciso também destacar os aspectos problemáticos existentes em sua análise. As relações sociais numa perspectiva racializada não tinham sido objeto de estudos acadêmicos até meados da década de 50. Coube aos sociólogos da Universidade de São Paulo, em especial a Bastide, considerado o principal representante da Escola Paulista de Sociologia, fazer essas discussões.⁴⁶ Além disso, houve a intersecção da classe social com a raça, um aspecto metodológico renovador e o início de um processo que culminaria na desconstrução do mito da democracia racial.⁴⁷

Embora tenha conseguido trazer à baila uma série de casos de preconceito e discriminação, o autor não conseguiu romper com os estereótipos atribuídos a população

⁴⁵ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia n° 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 78.

⁴⁶ SANTOS, José Antonio dos. *Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. Historiae*. 2011. v.2. n° 3, p. 143-160. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 10/02/2020, p. 145.

⁴⁷ O mito da democracia racial pode ser compreendido, como um conceito atravessado por um viés ideológico que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existe entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. Se seguirmos a lógica desse mito, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio-racial e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, mas, simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais.

O sociólogo Gilberto Freyre, por meio do seu livro *Casa-Grande e Senzala* (1933), publicado na década de 30, tem sido apontado por vários autores e autoras como um dos principais teóricos que interpretou, sistematizou e divulgou o mito da democracia racial ao afirmar que, no Brasil, as três “raças” formadoras da nossa sociedade conviviam, desde a escravidão, de maneira mais amistosa, quando comparadas outras sociedades multirraciais e/ou de colonização escravista existentes no mundo. Freyre acreditava no caráter mais ameno do colonizador português para com as populações indígenas e negras por ele escravizadas, nas relações sociais, na cultura e nas relações afetivo-sexuais.

O seu livro foi lido amplamente e traduzido da língua portuguesa para várias línguas estrangeiras, assim como as suas idéias e interpretações. Assim, esse autor ajudou a propagar a idéia de que no Brasil existia uma harmonia entre as raças, a qual já havia sido anunciada anteriormente por outros intérpretes do Brasil, mas que se expandiu e se tornou conhecida nacional e internacionalmente com os estudos de Gilberto Freyre. In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Editora Contexto, 2019. p. 57 a 58.

negra naquele momento, de modo que a dificuldade para a manutenção dos periódicos era resultado da apatia e da passividade que lhes eram inerentes. Para o autor, assim como outros pensadores do período, quando os negros lutavam a favor de seus direitos eles criavam uma situação que não existia; quando se organizavam em associações eles encastelavam-se para não enfrentar os problemas; e quando ascendiam socialmente e passavam a adotar determinados hábitos haviam sucumbido ao branqueamento. Estariam, portanto, cerceados por amarras invisíveis das quais não conseguiam se desvencilhar.⁴⁸

Bastide desconsiderou que esses fatos estavam relacionados à desigualdade social e econômica que a população negra estava sujeita e que a sociedade brasileira era hierarquizada e racista. Nesse sentido, mais do que um “equivoco metodológico (...) ele teve um deslize hermenêutico ao deixar de reconhecer os negros como agentes de sua própria história”.⁴⁹ Essa perspectiva deve-se, sobretudo à origem europeia do autor e ao referencial do movimento negro norte-americano, no seu entender, muito mais combativo. Talvez Bastide tivesse dificuldade em entender como aqueles jornaizinhos negros – em uma alusão ao termo utilizado pelo autor –, portadores de vivências e experiências bastante significativas, pudessem ser produzidos por pessoas que considerava com uma mentalidade atrasada e um comportamento bastante ambivalente na assunção da classe e não apenas da raça como faziam.⁵⁰

Após um intervalo de aproximadamente 30 anos, outro estudo sobre a Imprensa Negra foi publicado. Tratava-se da dissertação *A Imprensa Negra Paulista (1915- 1963)*, de Miriam Nicolau Ferrara, defendida em 1981 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Na ocasião a pesquisadora reuniu um número significativo de periódicos⁵¹ e coletou informações sobre a sua produção com os próprios fundadores e

⁴⁸ SANTOS, José Antonio dos. *Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. Historiae*. 2011. v.2. n° 3, p. 143-160. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 10/02/2020. p. 146 a 147.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 147 a 148.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 147.

⁵¹ Os exemplares utilizados pela pesquisadora estão sob a salvaguarda do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo. Além disso, uma cópia microfilmada desses jornais foi doada a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível In: <http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/>. Acesso em: 6/12/2019. A relação dos jornais, bem como o local de publicação, a periodicidade, a data de publicação do primeiro exemplar, a data de publicação do primeiro e do último exemplar encontrado, assim como a quantidade de exemplares utilizados na pesquisa de Ferrara encontram-se disponíveis em: FERRARA, Miriam Nicolau. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. Revista Brasileira de História. 1985, v.05. n.10, p. 197-207. Disponível em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 10. nov. 2019.

colaboradores dos jornais publicados entre 1915 a 1963.⁵² Eles fizeram importantes considerações acerca do papel que a imprensa negra desempenhou, sobretudo, em São Paulo.

Para Pedro Paulo Barbosa, membro do Conselho da Frente Negra Brasileira e colaborador do jornal *A Voz da Raça*, “os jornais negros surgiram porque os negros não tinham sua imprensa, que comunicasse o que queriam fazer; suas reivindicações, coisas que os outros jornais não aceitavam”.⁵³ Já Francisco Lucrécio, secretário-geral da Frente Negra Brasileira e colaborador do jornal *A Voz da Raça*, apontou que as sociedades negras da época se reuniam para danças, reuniões, sessões de poesia, etc. ... Daí a necessidade como meio de comunicação”.⁵⁴ Por fim, José Correia Leite, fundador de *O Clarim da Alvorada*, menciona que a capital paulista era “(...) cidade cosmopolita, de minorias raciais e nacionais, (...) que tinham seus jornais e sociedades fortes. O negro então fundou seus jornais e sociedades para fazer, também, suas reivindicações”.⁵⁵

Além disso, a pesquisa de Ferrara evidenciou exemplares produzidos no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul. A autora destacou as origens sociais e políticas dos sujeitos envolvidos na feitura desses jornais, salientando que eles eram intelectuais que refletiam sobre a necessidade de organização da população negra e que sinalizavam as reivindicações políticas de uma parcela desse grupo. Ela destacou o papel de liderança que esses sujeitos desempenharam na tentativa de superar os limites impostos pela sociedade brasileira da época, ainda bastante semelhantes com aqueles vividos no período da escravidão.⁵⁶

A partir da bibliografia analisada e dos depoimentos colhidos, Ferrara propôs a seguinte periodização: de 1915 a 1923, de 1924 a 1937, e de 1945 a 1963. Na primeira fase os periódicos publicam “versos, notas de aniversários, casamentos, falecimentos, festas religiosas, avisos, anúncios e principalmente mexericos, através do qual é exercido o controle sobre o grupo”. Os conteúdos reivindicatórios ainda eram bastante reduzidos, embora já se

⁵² José Correia Leite e Jayme de Aguiar, fundadores e colaboradores do jornal "*O Clarim da Alvorada*"; Raul Joviniano Amaral, um dos fundadores da Frente Negra Brasileira e diretor do jornal "*A Voz da Raça*"; Pedro Paulo Barbosa membro do Conselho da Frente Negra Brasileira e colaborador do jornal "*A Voz da Raça*"; Francisco Lucrécio secretário-geral da Frente Negra Brasileira e colaborar do jornal "*A Voz da Raça*"; Aristides Barbosa, colaborador do jornal "*O Novo Horizonte*" e Ironildes Rodrigues, fundador e colaborador da revista "*Quilombo*". In: FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). Revista Brasileira de História. 1985, v.05. n.10, p. 197-207. Disponível em: Acesso em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 10. nov. 2019. p. 198.

⁵³ *Ibidem*, p. 199.

⁵⁴ *Ibidem*.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ SANTOS, José Antonio dos. *Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil. Historiae*. 2011. v.2. n° 3, p. 143-160. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 10/02/2020. p. 150.

fizessem presentes. A autora destaca que embora o primeiro período tenha se caracterizado pela estabilidade econômica brasileira em virtude da produção de café, bem como pela agitação provocada na Semana de Arte de 22 e pelo término da Primeira Guerra Mundial em 1918, esses assuntos não estavam presentes nos periódicos negros. São publicações desse período: *O Menelick* (1915), *A Rua* (1916), *O Xauter* (1916), *O Alfinete* (1918), *O Bandeirante* (1919), *A Liberdade* (1919), *A Sentinela* (1920), *O Kosmos* (1922) e *Getulino* (1923).⁵⁷

No segundo período, de 1924 a 1937, surgem: *O Clarim da Alvorada* (1924), *Elite* (1924), *Auriverde* (1928), *O Patrocínio* (1928), *O Progresso* (1928), *Chibata* (1932), *Evolução* (revista – 1933), *A Voz da Raça* (1933), *O Clarim* (1933), *Tribuna Negra* (1935) e *A Alvorada* (1936). Nessa fase as reivindicações tornam-se mais significativas e estão relacionadas a aspectos profissionais, políticos e também de lazer. O “problema do negro” passa a ser o principal assunto a ser abordado, sendo apontado de forma mais direta e objetiva. Nesse sentido, as publicações versam sobre o preconceito, o racismo e a discriminação. Destaca-se ainda a necessidade de união dos negros na luta por seus direitos. A imprensa negra prosperou até os anos 1930, quando houve a instauração do Estado Novo no Brasil. A partir desse momento os partidos políticos, entre eles a Frente Negra Brasileira, foram extintos. *A Voz da Raça*, seu principal porta-voz, que circulou inclusive em Angola e nos Estados Unidos, deixou de ser publicado. Entre os anos 1937 a 1945 não há indícios de que houvesse a circulação dos periódicos da imprensa negra. É somente a partir de 1945, com a deposição de Getúlio Vargas e com o processo de redemocratização do país que os negros voltam a se articular e os jornais voltam a circular.⁵⁸

No terceiro período de 1945 a 1963 surgem: *Alvorada* (1945), *Senzala* (revista – 1946), *União* (1948), *Mundo Novo* (1950), *Quilombo* (revista - 1950), *A Voz da Negritude* (1953), *O Novo Horizonte* (1954), *Notícias de Ébano* (1957), *O Mutirão* (1958), *Hífen* (1960), *Níger* (revista – 1960), *Nosso Jornal* (1961) e *Correio d'Ébano* (1963). As publicações desse período evidenciam as mudanças que se processavam no Brasil e no mundo naquele período e destacam a importância dada à participação dos negros no jogo da política, o que pode ser observado nas propagandas realizadas por alguns periódicos, assim como a inserção dessa

⁵⁷ FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). *Revista Brasileira de História*. 1985, v.05. n.10, p. 197-207. Disponível em: Acesso em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 10. nov. 2019. p. 198. p. 200.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 201 a 203.

parcela da população nos partidos políticos existentes na época.⁵⁹ Por fim, Ferrara apontou que em 1963 os jornais da imprensa negra deixam de ser publicados novamente e ressurgem somente a partir de 1970, porém com outras abordagens. Embora faça essa menção, a pesquisadora destaca que esse período não fazia parte do recorte de sua pesquisa.⁶⁰

Ainda que afirme que a imprensa negra era “um órgão de protesto, oriundo do tratamento desigual entre um grupo minoritário (negros) e outro dominante (brancos), que reivindica os direitos dos negros que se manifestam sobre esse tratamento”,⁶¹ parece-nos que ela acredita que sua função primeira estava relacionada a possibilitar do negro superar sua passividade e o seu conformismo”,⁶² uma vez que, para a autora, os jornais tinham “a função de socializar, integrar e controlar o grupo negro”.⁶³

É preciso destacar que, embora destaque a importância da imprensa negra como meio para reivindicar direitos e combater as diferentes formas de exclusão a qual a população negra estava sujeita e consolide seu uso como fonte documental importante para compreender as vivência e experiências da população negra de São Paulo, a autora apresenta uma visão semelhante à de Bastide na medida em que afirma que é a falta de coesão dos negros, assim como seu desinteresse por sua condição social e a heterogeneidade dos negros brasileiros, associada à instabilidade econômica, que fizeram “com que movimentos, organizações e a imprensa negra tivessem existido em curtos espaços de tempo”⁶⁴ ou seja, embora fizessem reivindicações que eram legítimas, os negros não conseguiam se articular para que elas fossem de fato efetivadas. Eram eles os únicos responsáveis pela condição na qual estavam inseridos, como se as vivências e as experiências dos indivíduos não estivessem relacionadas intrinsecamente ao contexto a que eles fazem parte.

A partir dos estudos de Ferrara a imprensa negra tornou-se uma fonte documental de extrema importância para os pesquisadores que trabalhavam com os fatos ocorridos no pós-abolição, trazendo à baila uma série de discussões que tinham como eixo a discriminação, o preconceito e o racismo a qual a população negra no Brasil estava sujeita.

⁵⁹ FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). Revista Brasileira de História. 1985, v.05. n.10, p. 197-207. Disponível em: Acesso em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 10. nov. 2019. p. 198. p. 2203 a 204.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 205.

⁶¹ *Ibidem*, p. 197.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 205.

Capítulo II: A LIBERDADE – ÓRGÃO DEDICADO À CLASSE DE COR, CRÍTICO, LITERÁRIO E NOTICIOSO

*Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou
 Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou
 Nossos ancestrais lutaram pela liberdade
 Contra tudo e contra todos
 O negro nunca foi covarde
 Fugiu das senzalas
 Refugiou-se nos quilombos
 Conquistou a liberdade
 Mas em busca da igualdade
 Ainda sofre alguns tombos
 Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou
 Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou
 No pós liberdade
 O negro foi marginalizado
 Teve a alma aprisionada
 Com as algemas da desigualdade
 Hoje refugiado em favelas
 Onde a vida tem suas mazelas
 Combate a miséria, o preconceito e a
 adversidade
 A igualdade e o respeito
 Mais do que anseios
 Também são necessidades
 Povo guerreiro
 Bate tambor
 Comemora a liberdade
 Mas a igualdade não chegou oh oh oh oh
 oh oh oh oh, oh oh oh oh*

(Povo Guerreiro – Criolo)

2.1. *A Liberdade*

A primeira edição de *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso* foi publicada em 14 de julho de 1919 em São Paulo e apontava que a publicação ocorreria de forma quinzenal. Os valores referentes às assinaturas (anual: 5\$000, semestral: 3\$000 – números do dia: 100 réis; números atrasados: 200 réis), principal fonte de renda dos periódicos desse período, deveriam ser pagos adiantados. Além disso, alguns eventos eram realizados para a arrecadação de fundos. Na edição número 6, *A liberdade* convidava seus leitores a participarem de um baile em seu benefício a ser realizado no dia 18 de outubro no Salão Internacional, localizado no Largo do Riachuelo nº 56.¹ Os prêmios leiloados aos homens e mulheres nas contradanças seriam arrecadados através de doações:

O jornal que já tem recebido diversas prendas de senhoritas para o leilão a redação pede as pessoas que queiram fazer oferta de uma prenda para o leilão queira mandar todas as terças e quartas-feiras das 9 às 12 da noite no Largo do Riachuelo nº 56.²

Esse evento é retomado na edição de número sete, quando Gastão Rodrigues da Silva, redator do periódico, afirmou que a realização do evento se devia à dificuldade em manter “o nosso pequeno jornal, ainda mesmo com os sacrifícios com que temos lutado até a presente data”.³ Ele agradeceu aos assinantes e ao pagamento em dia de suas quotas e critica o recebimento de artigos elaborados por não assinantes, que julga serem desinteressantes, e por fim faz uma descrição de como teria ocorrido o concurso de dança previamente anunciado, quais foram os prêmios concedidos e quais pessoas estiveram envolvidas.⁴

Na primeira edição de *A Liberdade* temos a informação que a publicação era uma iniciativa de Gastão Rodrigues da Silva⁵ e que se tratava de mais um jornal que atuava na

¹ Sendo o Salão Internacional um dos produtos anunciados no jornal (pelos menos em 7 das 12 edições que tivemos acesso: 14 de julho de 1919, 12 de outubro de 1919, 23 de novembro de 1919, 14 de dezembro de 1919, 1 de fevereiro de 1920, 7 de março de 1920 e 28 de dezembro de 1920) e provável que houvesse uma relação de proximidade (pautada em laços de amizade ou apenas comercial) entre os editores do jornal e do dono do espaço, o que indica um possível acordo entre as partes.

² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 2.

³ *Ibidem*. Edição de 9 de novembro de 1919, p. 1.

⁴ *Ibidem*.

⁵ Gastão Rodrigues da Silva foi um dos fundadores do Club Recreativo São Paulo e do Club Recreativo Paraíso. Atuou como diretor do Centro Recreativo Dramático e Recreativo Kosmos e como presidente do Centro Recreativo Smart, sendo reeleito para essa função. Foi o fundador e diretor do jornal *Quilombo* e colaborador de diversos outros periódicos. Disponível em: http://www2.assis.unesp.br/cedap/cat_imprensa_negra/biografias/gastao_rodrigues_silva.html. Acesso em: 1. jun. 2020.

“defesa dos homens de cor, quando no direito dessa defesa”.⁶ O jornal evidenciava as qualidades de seu redator, salientando que era um

(...) homem alegre, onde a tristeza não tem morada, apreciador da ordem, *apregoando a moral social* possuindo fulgurante radiação de espírito, elevando assim a conquista pelo seu ideal, aparentando sempre uma soberania, é de esperar-se que sua pena não vacilará para dizer a **verdade**, seja cilada reta e penetrante, contando que sua desenvoltura dão-lhe forças para combater, e elogiar aos que tornaram dignos de sua atenção e desprezo.⁷

Destacamos nessa apresentação a preocupação de Frederico Baptista de Souza,⁸ secretário do periódico e responsável por essa coluna, em evidenciar características de cunho moral do redator do jornal, talvez na tentativa de endossar que se tratava de uma publicação séria, através da qual determinados valores seriam reafirmados. Há também uma referência à ideia da verdade, como um valor absoluto, tão caro ao jornalismo e, nesse caso específico, como uma qualidade do redator que pautaria sua ação neste princípio, enfrentando tudo e todos para poder publicá-la. Em outra passagem da mesma coluna é reafirmada a importância da verdade:

(...) também saberá nos dar ocasião de admirar os seus escritos, o que para nós será uma ventura, tendo muito que aprender nos seus artigos, combatendo os erros, tornando-se invejável, uma vez que venha com o cuidado da verdade.⁹

Para o redator, essa característica transformaria o periódico numa “escola” para a classe a qual ele e os leitores pertenciam. O texto segue apontando considerações a respeito de Gastão Rodrigues da Silva e informava que “nas sociedades onde convive, tem abrilhantado, concorrendo para a elevação social, os nomes das que ele pertence e outras que por simpatia, hipotecou também uma parcela de amor próprio”.¹⁰ Além disso, destacava seus conhecimentos jurídicos, sobretudo aqueles relacionados ao associativismo (negro):

⁶ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 1.

⁷ *Ibidem*, p.1 (grifos meus). Salientamos que embora a publicação não seja numerada optamos por indicar o número das páginas para que as informações sejam mais facilmente localizadas.

⁸ Frederico Baptista de Souza nasceu em 26 de outubro de 1875 em Taubaté (São Paulo), era filho da cativa Silvéria pertencente a Mariano Vieira da Cruz. Seus padrinhos foram Manuel Vaz de Toledo e Umbelina Maria Marques. Antes de completar 20 anos casou-se com Luiza de Moura constituindo uma família numerosa. Aos 25 anos iniciou a sua longa carreira como funcionário da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, cargo que lhe conferiu prestígio e certa estabilidade financeira ao longo da vida. Participou ativamente das sociedades literárias e recreativas negras, atuando, por exemplo, como presidente do Grêmio Recreativo e Dramáticos Kosmos. Colaborou com vários jornais da imprensa negra, entre eles *O Elite*, *A Liberdade* e *o Clarim da Alvorada*. Faleceu em 20 de julho de 1960. Sua missa de 7º dia foi realizada na Igreja da Penha. In: TIEDE, Livia Maria. *Os homens de cor invisíveis da imprensa negra paulistana: como a biografia de um intelectual negro nascido no século dezenove auxilia a repensar a historiografia do pós-abolição paulistano*. Intellêctus. Ano XVII, n. 1, 2018, p. 58 a 64.

⁹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 1.

¹⁰ *Ibidem*.

Parece-nos um consultor jurídico, quando se lhe pede um conselho associativo, e porque? Porque ele dedica-se, estuda as questões sociais, para reverter em benefício das que lhe pedem o conforto de suas luzes.¹¹

Ainda sobre a apresentação de Gastão Rodrigues da Silva, Frederico Baptista de Souza nos informava que

o seu pensamento e ação, indica a sua entusiástica apreciação das coisas que passam, não escapando-lhe a menor coisa, como um grande observador, dotado de princípios liberais, amigo do trabalho, admirador da classe dos homens de cor, sente-se as vezes elevado na sua fê de regeneração dos homens sociais a que pertence, sem contar com as desilusões.¹²

Tendo em vista que o pós-abolição foi marcado pelas

autoridades (que) pareciam mais preocupadas em aumentar a força policial e em exercer o controle sobre as camadas subalternadas da população (...) multiplicavam-se as leis estaduais e os regulamentos municipais. Renovaram-se as antigas restrições às festividades características da população negra, como batuques cateretês, congos e outras. Multiplicaram-se as instituições destinadas a confinar loucos, criminosos, menores abandonados, mendigos. Posturas municipais reiteraram medidas visando cercear os vadios e desocupados, proibindo que vagassem pelas ruas da cidade sem que tivessem uma ocupação e impedindo-os de procurar guarida na casa de parentes e amigos (...). Outras medidas procuravam cercear o comércio ambulante impondo severas penas a quem desrespeitasse as restrições.¹³

Considerando que o “argumento racial foi política e historicamente construído nesse momento, assim como o conceito raça, que além da definição biológica acabou recebendo uma interpretação (...) social”¹⁴, é possível compreender as dificuldades que homens e mulheres libertos tiveram que enfrentar na assunção de sua negritude. Segundo Chalhoub,

Havia uma barreira enorme, pois ao longo de todo o século XX os sinais que aproximavam os negros libertos da africanidade, da cultura negra, eram os sinais que aproximavam também da escravidão. A ideologia racial brasileira não é uma invenção de meia dúzia de intelectuais maquiavélicos que se trancou numa sala e maquinou a ideologia de branqueamento. Ela é uma ideologia que tem também a ver com o modo como os negros lidaram com a opressão racista no final do século XIX. O custo de se postular como negro e ostentar a cultura negra era muito alto, pois para ser livre era preciso parecer livre, o que significava não ostentar as suas características culturais com negro.¹⁵

¹¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 1.

¹² *Ibidem*.

¹³ COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. p. 138.

¹⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 17.

¹⁵ CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina Maria Rodrigues. *História, literatura e legados historiográficos: entrevista com Sidney Chalhoub*. Saeculum - Revista de História (20); João Pessoa, jan./jun. 2009, p. 200 a 201.

<p>Redactor : Gastão Silva</p> <p>Secretario : Frederico B. de Souza</p> <p>Gerente : Joaquim Domingues</p>	<h1 style="margin: 0;">A LIBERDADE</h1>	<p style="text-align: center;">ASSIGNATURAS</p> <p>Anno 5\$000 Semestre 3\$000 N.º do dia 100 Atrazado 200</p> <p style="text-align: center;">Pagamento adiantado</p>
Organ. dedicado á classe de cr, critico, literario e noticioso		
ANNO I	SÃO PAULO, 14 DE JULHO DE 1919	NUMERO I

Toda a correspondencia deve, ser enviada, para o Largo do Riachuelo 56 sob teleph. 4133 Central; os originaes, mesmo não publicados, não serão devolvidos. Publica-se quinzenalmente

"A Liberdade"

Devido á iniciativa do sr. Gastão Rodrigues da Silva, apparece hoje mais um jornal para tratar da defeza dos homens de cr, quando no direito dessa defeza.

Gastão da Silva, homem alegre, onde a tristeza não tem morada, apreciador da ordem, apregoando a moral social, possuindo fulgurante radiao de espirito, elevando assim a conquista pelo seu ideal, apparentando sempre uma soberania, é de esperar-se que sua penna não vacilar para dizer a verdade, seja ella recta e penetrante, contando que sua desenvoltura dão-lhe forças para combater, e elogiar aos que se tornarem dignos de sua ateno ou desprezo.

Nas sociedades em que convive, tem abrilhantado, concorrendo para a elevao social, os nomes das que elle pertence e outras que por sympathia, hypotecou tambem uma parcellla de seu amor proprio.

Parece-nos, um consultor juridico, quando se lhe pede um conselho associativo, e porque? porque elle dedica-se, estuda as questões sociaes, para reverter em beneficio das que lhe pedem o conforto de suas luzes.

O seu pensamento e aco, indica a sua entusiastica apreciao das cousas que se passam, não escapando-lhe a menor cousa, como um grande observador; dotado de principios liberaes, amigo do trabalho, admirador da classe dos homens de cr, sente-se as vezes elevado na sua fé de regenerao dos homens sociaes a que pertence, sem contar com as desilluses.

Com o apparecimento do jornal «A Liberdade», era justo que rendessemos uma homenagm a Gastão, porque, possuindo dotes tão elevados, tambem saber nos dar occasião de admirar seus escriptos, o que para

nós será uma ventura, tendo muito que aprender nos seus artigos, combatendo os erros, tornando-se invejavel, uma vez que venha com o cultivo da verdade; então as columnas da «A Liberdade» serão uma escola para a classe a que pertencemos.

Gastão que tem sido uma fulgurante personalidade nas sociedades de homens de cr, não deixar de ser agora quando vê o seu ideal realisado, porque agora é que sua esphera de aco mais campo lhe proporciona para observar melhor os usos e costumes dos nossos caros irmãos.

Cabe-lhe a primasia da fundao deste jornal, espirito preparado, argumentador inflexivel, de uma logica transparente, «A Liberdade» nada tem a perder; todos conhecem Gastão, com a sua palavra elevada, elle traduz a nobreza de seu corao, as atenes que lhe prestamos, indica a amizade que soube colher em todos os auditorios onde se faz ouvir, e onde tem colhido as maiores e profundas manifestaes de apreço.

Que «A Liberdade» consagre o seu surto de energia, a favor do levantamento moral da classe, no meio deste desalento em que vivemos, não desalentando dos ardorosos deveres de combate em prol da Patria - são os votos que apresentamos ao seu incanavel fundador.

S. Paulo-Junho de 1919.
F. B. de Souza

Procurando sempre defender a classe de cr, vem demonstrando um dos abolicionistas que muito trabalhou pela mesma classe, o incansavel Luiz Gama.

Este era natural da Bahia, foi vendido com outros escravos para o Rio de Janeiro, ah foi elle comprado pelo mercador de escravos da cidade de Lorena, Antonio P. Cardoso. Pmettido a cidade de Campinas, onde não encontrou quem o compra se por ser bahiano, e tendo aprendido a ler, escrever e contar, dotado de rara intelligencia, em breve tempo pde adquirir sua liberdade.

Declaro dar no proximo numero a continuao.

J. Domingues.

Alma morta

I

Estava a Morte ali, em p, deante, Sim, deante de mim, como serpente Que dormisse na estrada, e de repente Se erguesse sob os pés do caminhante

II

Era de ver a funebre bacchante!
Que torvo olhar! que gesto de dementel!
E eu disse-lhe: Que buscas, impudente
Loba faminta, pelo mundo errante?

III

— Não temas, respondeu (e uma ironia Sinistramente extranha, atroz e calma,
Lhe torceu cruelmente a bocca fria).

IV

Eu não busco teu corpo... Era um [trophu
Glorioso de mais. Busco a tua alma.
Respondi-lhe: A minha alma já morreu

14-7-919
Eponina R. da Silva

Pelos Salões

*Grêmio Dramatico e Recreativo
Kosmos*

Realizou-se a festa da fundao do quadro de «Damas» daquela sociedade, em 21 de Junho do corrente anno. Foi levado o drama «Amor louco» em 3 actos e a comedia «Quincas Teixeira». Os personagens que fizeram parte no drama e na comedia.

Personagens:

- Snr. Benedicto Braga
- » Mario Franco
- » José Martinho
- » Joaquim Domingues
- D.na Maria Honorina
- Snr. Luiz Henriques

A Comedia

Personagens:

- Snr. Joaquim Domingues
- » Mario Franco
- » Luiz Henriques
- D.na Anathalia dos Santos
- » Euphrosina Nascimento

Pelo sr. Luiz Mascarenhas foi cantada as canoneto «Zelinda» e «Cano do Carreiro», que cooperou ainda mais para realçar o festejo daquelle sociedade.

Figura 1: Primeira página da edio de n1 de *A Liberdade*. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=844870&pesq=>. Acesso em 1/06/2020.

Nesse sentido, era extremamente importante afirmar que Gastão Rodrigues da Silva era “amigo do trabalho”, pois isso o tornava um homem distinto e afastava-o do estigma de que negros não gostavam de trabalhar. Aliás, esse seria o caminho para que os outros negros pudessem se “regenerar” e assim se integrar à sociedade. Essa foi uma estratégia habilidosa de assimilação e/ou instrumentalização da ideologia de trabalho utilizada pela população negra do período. Dizer-se “amigo do trabalho” era uma forma de livrar-se das forças repressoras da Lei da Vadiagem, criminalizada pelo Código Penal de 1890.¹⁶

Outros parágrafos elogiosos são redigidos evidenciando porque Gastão fundara um jornal:

Gastão tem sido uma fulgurante personalidade nas sociedades dos homens de cor, não deixará de o ser agora quando vê seu ideal realizado, porque agora é que sua esfera de ação mais campo lhe proporciona para observar melhor os usos e costumes dos nossos caros irmãos.

Cabe-lhe a primazia da fundação desse jornal, espírito preparado, argumentador inflexível, de uma lógica transparente, “A liberdade” nada tem a perder, todos conhecem. Gastão, com a sua palavra elevada, ele traduz a nobreza de seu coração, as atenções que lhe prestamos, indica a amizade que soube colher em todos os auditórios onde se faz ouvir e onde tem colhido as maiores e profundas manifestações de apreço.¹⁷

Por fim, Frederico Baptista de Souza desejava que o periódico *A Liberdade* “consagre o seu (do redator) surto de energia, a favor do levantamento moral da classe, no meio deste desalento em que vivemos, não desalentando dos ardorosos deveres de combate em prol da pátria”.¹⁸

A função que *A Liberdade* deveria desempenhar foi abordada novamente na edição de número sete, numa carta escrita por Arthur de Oliveira a Gastão Rodrigues da Silva. O autor aponta que o periódico se constituía como “mais um órgão de defesa da nossa classe”¹⁹ e que via o quanto o amigo tinha fê em suas ações e como estas cooperavam para o progresso da população negra:

Hoje, que acabo de ler o quinto número do teu jornalzinho, melhor posso ajuizar da tua alegria, do teu contentamento; e congratulo-me contigo, porque estou certo da tua brilhante vitória, pois todos os ideais nascidos do teu magnetismo e grande coração e do teu cérebro, já começaram a realizar-se e a continuação cheia de anelos, virá coroar todos os seus esforços que te absorvem o pensamento de um modo enérgico, mas calmo. Empecilhos encontrarás no teu caminho, nuvens negras terás a querer empanar o brilho do teu sol. mas tu bem sabes como elas são:

¹⁶ BRASIL, Estados Unidos do. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/d847.htm>. Acesso em 19/12/2020.

¹⁷ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de julho de 1919, p.1.

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*. Edição de 9 de novembro de 1919, p. 1.

efêmeras e passageiras, como rajadas de vendavais, que ululam por um momento, atroando nos ares, mas desaparecem de pronto.²⁰

Em relação ao projeto gráfico editorial, *A Liberdade* tinha um formato pequeno se comparados aos periódicos atuais, geralmente de quatro a seis páginas de 33 X 24 cm. Os conteúdos eram distribuídos em três colunas, inclusive na primeira página. Entre as colunas fixas destacamos “Críticas”, “Notícias” e os “Anúncios” publicados desde a primeira edição. As crônicas da sessão “Vagando” são recorrentes a partir da edição de 14 de dezembro de 1919. As poucas ilustrações distribuídas nas páginas do periódico estavam relacionadas aos produtos anunciados, com exceção de uma imagem de Gastão Rodrigues da Silva publicada na edição de 7 de março de 1920, quando o redator-chefe foi homenageado em virtude da comemoração de seu aniversário. Pequenas marcações gráficas eram utilizadas para evidenciar o encerramento de um assunto e o início de outro.

Na sessão “Críticas” e “Ouvimos dizer”. há várias referências ao comportamento dos homens e mulheres que frequentavam as muitas associações existentes nesse período voltadas à população negra: “A paixão do Sr. Dorival Guimarães por certa menina, na festa do ‘Kosmos’... Tome cuidado, Sr. Guimarães, com os diretores de lá, que eles não são brinquedos. Conselho de amigo”; com os passeios noturnos da senhorita Olga com o seu namorado pela rua Pires da Motta (mamãe não viu...); ao uso da roupa que eles faziam, muitas vezes para ostentar aquilo que não tinham: “Com as calças de flanela clarinete do Barão Aleixo de Barros”, “Com certas meninas bonitas de salão que moram nos porões inabitáveis. E no salão é só garganta”; com o alcoolismo, que se colocava como um meio de desvio de conduta: “Que o Maercio Monteiro não teve compostura no baile do brinco (alcoolizado)”.²¹

O fato de as pessoas serem identificadas por seus apelidos ou apenas pelo primeiro nome indica que a circulação do periódico ocorria entre um grupo de pessoas que mantinham uma relação de proximidade entre si, além disso, apontam que havia espaços de sociabilidade negra em São Paulo como veremos a seguir. Outros exemplos, com as mesmas características podem ser observados na edição de 7 de março de 1920, embora nessa edição passem a ocupar mais espaço:

Com o Benedito Brasileiro, andar muito ranzinza nos ensaios do Paulistano, principalmente nas quadrilhas.

Anizette

Com o Joaquim Domingues levar no ensaio do Smart, uma Diva do Jardim da Aclimação.

²⁰ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 9 de novembro de 1919, p. 1.

²¹ *Ibidem*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 2 a 3.

Desaparecida

Com a Benedita Pó de Arroz andar muito tristonha desta malfadada vida, as sociedades de mais destaque já não aceitam ela.

Falta de juízo

Com o Thomas, encencado no ensaio de domingo no Paulistano logo na quadrilha.

De uma senhora gorda

Com o Arthur de Oliveira, depois que foi o presidente, tem andado mais sério.

Asas quebradas



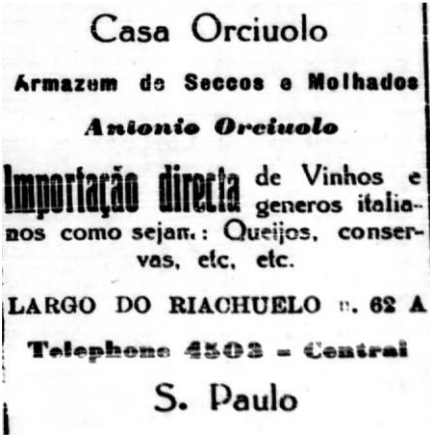
Com o Roberto ter se vendido por meia dúzia de cerveja no salão sujo da rua do Glicério, para dizer asneiras contra "*A Liberdade*".²²

Na sessão "Notícias" eram publicadas informações sobre falecimentos: "Faleceu no Rio de Janeiro o Sr. Benedito Jorge de Andrade, 2º tenente coronel da Guarda Nacional, irmão de nosso prezado amigo Affonso de Andrade"; aniversários: "Completa mais uma flor no jardim de sua existência a galante menina Julieta no dia 25 do corrente mês, filha do Sr. Alfredo Eugênio da Silva. diretor do C. R Smart"; casamentos: "Contratou casamento o Sr. José Vicente Bueno com a gentil senhorita Maria Rosa, moradora do bairro"; desaparecimentos: "Desapareceu do meio social por ter cometido falta de abusos de confiança, o Sr. Carlos José do Nascimento. Ao darmos esta notícia muito lamentamos a falta de juízo e de não saber viver honradamente como os outros vivem, sem lesar a ninguém"; eventos que iriam acontecer: "Realiza-se nos dias 3, 4, 5, e 6 do mês de agosto a tradicional festa de Pirapora. Já se vêm os preparativos do povo romeiro que daqui devem partir por essa ocasião"; eventos que já teriam acontecido: "Realizou-se nos dias 23 e 24 do mês passado, na capela de Santa Cruz do Glicério, pela primeira vez a festa de São João Batista. Para o brilhantismo da festa houve um belo leilão de prendas, oferecidas pelos habitantes da Liberdade"; enfermos: "Acha-se no leito, bastante enfermo nosso amigo Francisco Gonçalves, digníssimo funcionário do Tesouro do Estado. Desejamos breve restabelecimento"; viajantes: "Acha-se ausente desta capital, em Cunha, o nosso colega de imprensa, redator-chefe do *O Alfinete*, ao qual foi tratar de sua saúde, ao qual fazemos votos pelo seu restabelecimento".²³

Os "Anúncios" referiam-se à casa de importação de "fazendas, armarinhos, roupas feitas, roupas brancas, perfumarias, modas, enxovais para noivas e batizado e miudezas em geral", restaurantes, armazéns de secos e molhados, alugueis de salões para eventos como: ensaios, bailes, reuniões, batismos e casamentos, lojas de decoração, escritórios comerciais e de advocacia, serviços de tipografias, dentista, cursos de datilografia, taquigrafia, correspondência comercial, inglês e produtos de beleza. Esses últimos aparecem com maior ou menor incidência nos 13 exemplares analisados e estão distribuídos da seguinte forma:

²² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 7 de março de 1920, p.5.

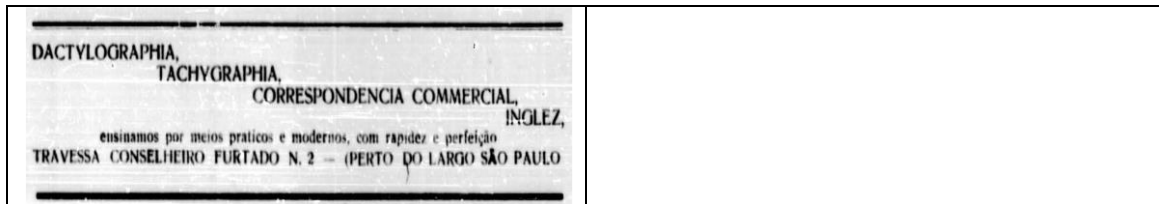
²³ *Ibidem*. Edição de 14 de julho de 1919, p.2 a 3.

Produto ou serviço anunciado	Edições nas quais os anúncios foram veiculados:
<p>Casa Bom Gosto - importação direta</p> 	<p>Edição de 14 de julho de 1919. Edição de 12 de outubro de 1919. Edição de 9 de novembro de 1919. Edição de 23 de novembro de 1919. Edição de 14 de dezembro de 1919. Edição de 1 de fevereiro de 1920. Edição de 4 de abril de 1920. Edição de 7 de março de 1920. Edição de 9 de maio de 1920. Edição de 12 de setembro de 1920. Edição de 28 de dezembro de 1920. Edição de 31 de outubro de 1920.</p>
<p>Restaurante do Comércio</p> 	<p>Edição de 14 de julho de 1919. Edição de 12 de outubro de 1919. Edição de 23 de novembro de 1919. Edição de 14 de dezembro de 1919. Edição de 1 de fevereiro de 1920. Edição de 28 de dezembro de 1920.</p>
<p>Casa Orciuolo</p> 	<p>Edição de 14 de julho de 1919. Edição de 12 de outubro de 1919. Edição de 9 de novembro de 1919. Edição de 23 de novembro de 1919. Edição de 14 de dezembro de 1919. Edição de 1 de fevereiro de 1920. Edição de 7 de março de 1920. Edição de 4 de abril de 1920. Edição de 9 de maio de 1920. Edição de 12 de setembro de 1920. Edição de 28 de dezembro de 1920. Edição de 31 de outubro de 1920.</p>

<p>Salão Internacional</p> <p>SALÃO INTERNACIONAL</p> <p>Largo do Riachuelo 56 A Telephone: 4133 Central</p> <p>Prop. Pedro Chirico</p> <p>Aluga se para ensaios, bailes, uniões, baptizados e casamentos</p> <p><i>Preços Modicos</i></p>	<p>Edição de 14 de julho de 1919. Edição de 12 de outubro de 1919. Edição de 23 de novembro de 1919. Edição de 14 de dezembro de 1919. Edição de 1 de fevereiro de 1920. Edição de 7 de março de 1920. Edição de 28 de dezembro de 1920.</p>
<p>Casa Cabral</p> <p>Casa Cabral</p> <p>Casa fundada em 1894</p> <p>Vidros para vidraças, Ladrilhos, Telhas de vidros «Systema francez», Diamantes para cortar vidros, Papeis pintados para forar casas, Transparentes para janelas, Estampas. Espelhos, Molduras para quadros, etc.</p> <p>Caixa do Correio, 666 Telephone N. 759 Rua de São Bento, 35 B - S. Paulo</p>	<p>Edição de 14 de julho de 1919.</p>
<p>Escritório comercial e de advocacia</p> <p>Esriptorio Commercial e de Advocacia</p> <p>Dr. Mauricio de Camargo</p> <p>M. Araujo Teixeira</p> <p>Rua Direita 8 A</p> <p>Telephone n. 5765 Central</p>	<p>Edição de 14 de julho de 1919. Edição de 12 de outubro de 1919.</p>

<p style="text-align: center;">Creme Suzette</p> 	<p>Edição de 14 de julho de 1919. Edição de 12 de outubro de 1919.</p>
<p style="text-align: center;">Garage Tupy</p> 	<p>Edição de 12 de outubro de 1919.</p>
 <p style="text-align: center;">Loção Jacy</p>	<p>Edição de 12 de outubro de 1919. Edição de 9 de novembro de 1919. Edição de 23 de novembro de 1919. Edição de 14 de dezembro de 1919. Edição de 1 de fevereiro de 1920. Edição de 7 de março de 1920. Edição de 4 de abril de 1920. Edição de 9 de maio de 1920. Edição de 12 de setembro de 1920. Edição de 28 de dezembro de 1920. Edição de 31 de outubro de 1920.</p>
<p style="text-align: center;">Tipografia Ferrari & Bueno</p>	<p>Edição de 23 de novembro de 1919. Edição de 14 de dezembro de 1919. Edição de 1 de fevereiro de 1920.</p>

	<p>Edição de 7 de março de 1920. Edição de 4 de abril de 1920. Edição de 9 de maio de 1920. Edição de 12 de setembro de 1920. Edição de 28 de dezembro de 1920.</p>
<p>Gabinete Dentário de Juvenal da Silva Prado</p> 	<p>Edição de 4 de abril de 1920. Edição de 9 de maio de 1920. Edição de 12 de setembro de 1920. Edição de 31 de outubro de 1920.</p>
<p>Salão Elite</p> 	<p>Edição de 4 de abril de 1920. Edição de 9 de maio de 1920. Edição de 12 de setembro de 1920.</p>
<p>Curso de datilografia, taquigrafia, correspondência comercial e Inglês</p>	<p>Edição de 28 de dezembro de 1920.</p>



De modo geral, não há indicativos que fossem produtos direcionados exclusivamente à população negra. No entanto, isso demonstra o potencial consumidor desse grupo.

Além disso, com o intuito de que o público leitor conhecesse personalidades nas quais pudessem se inspirar, as páginas de *A Liberdade* foram utilizadas para render homenagens a personalidades negras. Luiz Gama²⁴ foi um dos homenageados. Em coluna assinada por Joaquim Domingues, gerente do periódico, destacou-se sua atuação na defesa dos escravizados sem exatamente apontar que esta ocorreu no campo jurídico: “(...) procurando sempre defender a classe de cor, vem demonstrando um dos abolicionistas que muito trabalhou pela mesma classe, o incansável Luiz Gama”.²⁵

O texto ainda apontava considerações sobre sua biografia, destacando sua condição de escravizado e do caminho percorrido até chegar a São Paulo. Ao aprender ler, escrever e contar conseguiu tornar-se livre. Evidenciar essa condição era intencional. Afirmava a importância da Educação para a população negra como um todo.

Este era natural da Bahia, foi vendido com outros escravos para o Rio de Janeiro, aí foi ele comprado pelo mercador de escravos da cidade de Lorena, Antônio P. Cardoso. Remetido a cidade de Campinas, onde não encontrou que o comprasse por ser baiano, e tendo aprendido a ler, escrever e contar, dotado de rara inteligência, em breve tempo pode adquirir sua liberdade.²⁶

A proposta era de que na edição seguinte houvesse a continuação da coluna. Infelizmente, como esse documento não está disponível para consulta, não sabemos se isso de fato ocorreu e quais informações foram veiculadas.²⁷

Luiz Gama volta a ser assunto na edição 14, quando os articulistas de *A Liberdade* parabenizavam os negros de Campinas pelo fato deles terem se organizado e solicitado junto ao Presidente da República e ao Prefeito do Distrito Federal, a mudança de nome da rua para Luiz Gama:

Destes assim uma prova do vosso patriotismo; e conhecedores do nosso glorioso Luiz Gama, ensinado os vossos irmãos a cultivarem os corações, nas manifestações

²⁴ Para maiores informações sobre Luiz Gama consultar: AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de carapinha A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1999.

²⁵ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 1.

²⁶ *Ibidem*.

²⁷ A mostra documental de *A Liberdade* disponível na Hemeroteca Digital Brasileira, local em que fizemos a coleta das fontes utilizadas na pesquisa, não está completa.

de civismo, mormente quando se trata de glorificar um homem de cor, que soube honrar a Pátria e o nome dos brasileiros, especialmente aqueles que se bateram pelo “Abolicionismo”, em um tempo que outros mais poderosos os podiam aniquilar. Muito bem irmãos Campineiros!²⁸

O artigo destacava a necessidade dos negros da cidade de São Paulo de articularem-se, a exemplo do que havia ocorrido em Campinas, para pleitear junto a Câmara Municipal que uma rua ou praça recebesse o nome de José do Patrocínio. Essa ação deveria ser intermediada pela Federação dos Homens de Cor que, nesse momento, estava sob a direção de Jayme de Camargo.²⁹

Na edição de número 15 há uma “Retificação” em relação a esse pedido, visto que “existe a rua José do Patrocínio: fica a mesma na Vila Mariana, perto da rua Fontes Júnior e Machado de Assis. Fica assim livre dessa incumbência o nosso amigo Jayme de Camargo”.³⁰

As páginas de *A Liberdade* também evidenciaram as produções artísticas produzidas pela população negra, conforme observamos na edição de número seis, a crítica escrita por Von Lythezer sobre o teatro em revista *É isso mesmo*, de Deocleciano Miné, cuja apresentação teria ocorrido em julho de 1920. Para o crítico, Miné “quis fazer um conjunto técnico sobre os costumes dos homens de cor de São Paulo, e por mais um pouco quase que assim fez”,³¹ só não teria conseguido, pois teria distribuídos os papéis de maneira equivocada a pessoas que eram suas conhecidas, mas sem experiência.

Lythezer aponta alguns nomes que poderiam ser considerados por Miné quando ele se propusesse a realizar outros espetáculos teatrais. Salientou que não os conhecia pessoalmente, porém, as referências seriam bastante positivas e que não citava outros nomes devido ao pouco espaço que dispunha:

Frederico Baptista de Souza, técnico na escola de amadores: todas as peças teatrais que este senhor tem levado sob sua exclusiva direção só tem merecido elogios;
Mario Franco, moço cheio de força de vontade e que tem muita firmeza em qualquer papel que lhe dão a sua guarda;
Pedro Nobre, rapaz apaixonadíssimo pelo corpo cênico e que muito tem sido aprovado em qualquer “parte” que lhe dão.³²

A resposta a essa crítica foi publicada na edição de número nove na coluna “Desfazendo Lendo”. Segundo Deocleciano Miné, não era sua pretensão responder Von

²⁸ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 4 de abril de 1920, p.1.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ *Ibidem*, Edição de 9 de maio de 1920, p. 2. As ruas José do Patrocínio e Machado de Assis permanecem com as mesmas nomenclaturas até o momento presente. Disponível In: <<https://www.google.com/maps/@-23.5779479,-46.6320665,18z>> Acesso em: 30/04/2020.

³¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 1.

³² *Ibidem*, p. 2.

Lythezer. No entanto, como ele apontou que o teatro em revista *É isso mesmo* teria sido escrito por ele, achou por bem esclarecer que a obra fora redigida por Alcebíades Monteiro, a quem de fato pertencia. Além disso, salientou que

(...) o que fizemos foi o costume dos homens de cor em revista e não quase. Pois se o senhor tivesse assistido a representação e tivesse, compreendido não hesitava em afirmar que o conjunto era técnico sobre a vida dos pretos. O que não é o dizer do crítico em afirmar que primeiro devia escolher os amadores e depois escrever a revista.³³

Miné apontou que era necessário ter convicção que os atores conseguiriam desempenhar bem seus papéis e que se eles não representassem bem não se entristeceria, já que seu objetivo não era alcançar glórias. Aponta também que sabia que o espetáculo seria passível de crítica, porém esperava que elas partissem de alguém que tivesse propriedade no assunto, o que não era o caso do seu interlocutor. Além disso, afirma que Von Lythezer não teria visto a apresentação, uma vez que, se assim o tivesse feito, teria observado que

Mario Franco encarnou-se num perfeito visitante, e que a assistência pequena, mas seleta aplaudiram com calor, J. Braga; ajustou-se tão bem o seu papel que logo ao entrar em cena foi recebido com uma salva de palmas. B. Nobre não foi menos feliz pois na canção do Maurício foi obriga a bisar. Guiomar Oliveira com o seu belo timbre de voz cantou e representou ao contento da sala, Judith de Mores, no papel de “Cupido” com o seu fio de voz muito doce e agradável, durante o tempo que cantou a assistência estava voltada para ela com muita atenção.

Durvalina Baptista a despeito de sua pouca idade foi inexcedível em graça e desenvoltura a qual a assistência premiou como merecia. Ramira da Luz com o seu meio fio de voz cantou e representou com graça valendo-se muitos aplausos. J. Baptista também agradou. Roberto nos deu um belo tipo de dançarino pois cantou e representou com muito desembaraço, e o resto concorrera para a homogeneidade do conjunto.³⁴

Destaca que, se convidou atores amadores, que por ventura viviam próximo a ele, era impossível prever que isso ocorresse. A escolha dos atores não se deu porque eram colegas “de farra”, uma vez que ele não se envolvia nessas situações. Referindo-se a Von Lythezer como “Tiradentes de chinfrim de cacique verde do acre”,³⁵ Miné conclui que o crítico havia sido infeliz em suas considerações e que, diante do exposto, deveria rever sua posição porque a peça encenada tinha o seu valor.

Por fim, destacamos uma função mais pragmática do periódico *A Liberdade*. Na edição de 23 de novembro de 1919 a diretoria do Centro Recreativo Smart cobrou de seus sócios o pagamento de suas cotas: “convida[mos] os sócios em atraso a quitarem-se, devido a nova organização do quadro social, perdendo os direitos os que não se apresentarem até o dia

³³ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de dezembro de 1919, p. 2.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*.

26 do corrente mês",³⁶ fato que evidencia a interlocução das associações cujos sócios eram homens e mulheres negras e a imprensa voltada a esse mesmo segmento populacional.

2.2. Associativismo e imprensa negra

Se outrora a ausência de liberdade colocava homens e mulheres negras em um patamar diferente daquele dos brancos, a partir da República as teorias raciais apresentam-se como uma possibilidade de perpetuar essas diferenças. O ideário positivista-evolucionista, atrelado a modelos raciais de análise, passaram a ocupar um lugar de destaque na “justificação do complicado jogo de interesses que se montava”.³⁷ Os argumentos das diferenças assentavam-se na ciência, que apontava de forma categórica que os homens não nasciam iguais. A partir de então, a manutenção do *status quo* seria realizada pelo conceito de raça.³⁸ Nesse contexto, a condição de ser negro estava associada a “uma danação, um encontro marcado com o desvio; a epilepsia, a loucura, a pederastia, a criminalidade, a tuberculose ou as marcas que se espalhavam por seus corpos”.³⁹ Se antes da abolição a população negra organizava-se em “confrarias, cantos, entidades de auxílio mútuo para a compra da alforria, quilombos, etc., mantendo, com isso, uma série de valores e patamares de defesa interligando-se positivamente”,⁴⁰ logo depois de sua desarticulação houve a necessidade desses indivíduos continuarem se mobilizando para superar as desigualdades, a discriminação e exclusão a qual estavam sujeitos, bem como lutar por direitos, o que justifica a existência de inúmeras associações cujos sócios eram exclusivamente “homens de cor”. Estas foram destacadas nas páginas de *A Liberdade*, conforme podemos observar na edição de 14 de julho de 1919:

Grêmio Recreativo Brinco de Princesa

A diretoria desse grêmio, nos comunicou que já tem os seus estatutos registrados de acordo com a lei. Nossos cumprimentos.

Grêmio R. D.B. L Bandeirante

O Grêmio Bandeirante, por motivo de força maior paralisou com os ensaios, até segunda ordem, conforme comunicação do Sr. presidente Antônio dos Santos.

Centro Recreativo Smart

³⁶ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 23 de novembro de 1919, p. 2.

³⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 18.

³⁸ "O termo raça antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como objeto de conhecimento, cujo significado estará sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto inventou em modelos biológicos de análise". In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.* p. 407.

³⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Teorias raciais. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 218, p. 48.

⁴⁰ MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2014, p. 211.

Os ensaios desta veterana sociedade, tem tido enchente extraordinária, notando-se o comparecimento do Grêmio Kosmos, Centro Paulistano, Grêmio Bandeirantes, Elite Flor da Liberdade, Grêmio Brinco da Princesa e representantes do Alfaiate.⁴¹

Também na edição de 12 de outubro de 1919, uma coluna toda foi dedicada ao 22º aniversário do Clube “28 de Setembro”. A festa, que teria ocorrido em Jundiaí, contou com a presença de representantes de associações de São Paulo, Campinas e Rio Claro, assim como da própria cidade. Miguel do Carmo, presidente da associação, não teria poupado esforços para receber bem seus convidados. Seus auxiliares também teriam se destacado na forma dedicada que atuaram. No evento foram realizados um espetáculo teatral, um baile e uma sessão solene:

O drama Irene, representado por sócios do clube, apesar de primeiros estreantes, muito agradou, esforçando-se para bem desempenhar os papéis que lhe foram confiados. Não podemos negar nossos fervorosos aplausos especialmente as senhoras D. Preciliana Silva, Senhorita Carmelita Alves e senhores Estevam Puro e A. Chagas, demonstrando igualmente muita força de vontade, merecendo os elogios de muitos. Chrispim Silva e Miguel de Castro; pareciam um pouco nervosos, contudo não desanimaram demonstrando uma calma necessária ao amadores, que fazem sua estréia; M. Lemos deu um sublime criado. O baile esteve sublime, reinando uma cordialidade entre todos os presentes.⁴²

Na seção “Diversão”, publicada na edição de 14 de julho de 1919, novamente temos informações sobre os eventos realizados pelas associações existentes no período:

Realizaram-se no sábado, 5 do corrente, quatro benefícios, em auxílio dos cofres sociais, das sociedades 28 de setembro, Brinco de Princesa, Elite Flor de Liberdade e Grêmio Henrique Dias. Todos os presidentes dessas agremiações, foram de uma delicadeza extraordinária para com o nosso representante, que, em missão de propaganda do nosso jornal “*A Liberdade*” compareceu a todos os benefícios. Aproveitamos o ensejo para agradecer as senhoras D. Olga da Silva, pelo Elite, D. Lydia Maria do Carmo, pelo Brinco de Princesa, Sr. Bendito Ribas da Fonseca, pelo 28 de setembro e pelo Grêmio Henrique Dias, seu secretário Henrique Dias. Fazemos votos de prosperidade a cada uma dessas sociedades, desejamos que o (incompreensível), a que almejavam fosse bem correspondido.⁴³

Segundo Silva, o surgimento de inúmeras associações negras nas primeiras décadas do século XX devia-se ao fato delas possibilitarem

(...) aos seus associados experimentarem a dimensão da vida pública em um dos raros espaços da cidade onde o preconceito certamente não se constituía em um limite. Assim puderam, no âmbito das suas associações étnicas romper com a dimensão privada da vida familiar e exercitar em seu interior a condição de homens públicos.⁴⁴

⁴¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 2.

⁴² *Ibidem*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 2.

⁴³ *Ibidem*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 4.

⁴⁴ SILVA, José Carlos da. *Os suburbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo (1900 - 1930): cotidiano, lazer, cidadania*. Dissertação de Mestrado (Campinas; UNICAMP, 1990), p. 106.

Essas considerações podem ser observadas na coluna “Meus amigos”, publicada na edição de 12 de outubro de 1919, quando Frederico Baptista de Souza rememorou o dia 8 de outubro de 1919, ocasião na qual fora homenageado no Centro Smart. Seu registro tem como principal objetivo agradecer os que lá estiveram: Gastão Silva, que falou em nome da comissão e do jornal *A Liberdade*, Joaquim Domingues, do Grêmio Kosmos, D. Maria Conceição de Paula, amigos da capital e do interior, bem como seu amigo e mestre Joaquim Domingues.⁴⁵

Em relação aos mestres, apontou que devemos ter com eles uma postura de absoluto respeito, uma vez que desempenham papéis preponderantes na vida dos indivíduos. Diante da situação que estava vivendo julgou importante pontuar que:

As lições e as idéias que recebemos dos velhos, ficam gravadas no pensamento, essas lições, recebidas na infância, guardo-as eu como preciosidades que vou repartindo com os meus filhos: a minha modéstia, tantas vezes manifestada no decorrer de vossa sabia oração, é filha da antiguidade de que, ainda não me arrependem segui-la, foram os conselhos dos meus bondosos e chorados padrinho Manoel Vaz de Toledo Júnior, e meu professor Antônio José Garcia, a que presto neste momento o meu pleito de consideração e saudades, que hoje me dirigem o saber viver com todos.⁴⁶

Frederico Baptista de Souza sentia-se valorizado por suas verdadeiras amizades, e ela só poderia ser cultivada nos corações de pessoas como aquelas que contribuíram com a sua formação, quando ele trabalhava na repartição pública, e as que estavam demonstrando seu carinho naquele momento:

Hoje, nos lugares onde me apresento com o coração despido de vaidade e amor ao trabalho, de onde tiro o sustento e educação dos meus filhos, vivo cercado pelas amizades que me honram. Pois bem, é com essa modéstia, com esse proceder de vida que todos em mim conhecem, que ousou, por estas colunas, agradecer a prova de simpatia e amizade, que me foi, mais uma vez comprovado. Rogo a Deus pela felicidade de todos vós e daqueles que, me recebendo junto a si, cada dia melhor me ensinam o caminho do dever.⁴⁷

Embora apontasse que desejava agradecer seus amigos pela homenagem prestada, Souza faz uma consagração a si mesmo. Quando lista aqueles que lhe prestaram homenagens ele salienta o jornal *A Liberdade* do qual era secretário. Ao afirmar a importância dos professores, destacou que se recordava dos ensinamentos deles, assim como o de seu padrinho (o que evidencia que as relações de compadrio ainda se mantinham fortes no início do século XX), demonstrou ser temente a Deus quando apontou que o posto de destaque que conquistou deveu-se a ele; comprovou ser conhecedor das hierarquias, mas que soube aproveitar os

⁴⁵*A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso.* Edição de 9 de novembro de 1919, p.2.

⁴⁶*Ibidem.*

⁴⁷*Ibidem.*

“conselhos salutareos e a benevolência de seus chefes”, um homem de boa índole, que tinha muitas amizades e que era dedicado ao trabalho e a família.

O formato como esse texto foi escrito já tinha sido utilizado por Souza na primeira edição do periódico na coluna “A Liberdade”, que buscava contextualizar o surgimento do jornal na cidade. Naquela ocasião, o autor trazia aos leitores mais informações a respeito do redator do que do periódico propriamente dito, tendo também a perspectiva de enaltecê-lo.

Ainda sobre as associações negras, na coluna *Notícias*, publicada na edição de 1 de fevereiro de 1920, *A Liberdade* aconselhou que a diretoria do Campos Elíseos parasse de cobrar na porta do salão a importância de 500 réis referente à entrada nos bailes, já que isso impossibilitava a seleção de frequentadores da associação, sendo “obrigada a aceitar e recolher toda espécie de elemento ruim”,⁴⁸ o que poderia ocasionar futuros conflitos e desordens. Salienta ainda que a própria polícia estava incumbida de acabar com os bailes que eram organizados dessa forma (era necessário ter um alvará com a devida licença). Para *A Liberdade*,

É muito justo que uma sociedade legalmente constituída, com seus estatutos legalizados e seu livro de ata em dia, com os talões de recibos e com o livro caixa, para mostrar às autoridades quando for preciso, tenha liberdade de, num dia qualquer, escolhido pela diretoria, dar o seu benefício ou quermesses, cobrando a respectiva entrada na porta, isto é, em benefício dos cofres sociais. Mas essa liberdade não deve ir ao ponto de recolher em seu seio todo e qualquer elemento bom ou prejudicial.⁴⁹

Mesmo sendo um assunto recorrente nas páginas de *A Liberdade*, foi somente na edição 13, publicada em 7 de março de 1920, que surge a coluna “Pelos sociedades”, que abordava de forma exclusiva o associativismo negro. Nessa edição são publicadas informações variadas sobre o Grêmio Kosmos, o Centro Recreativo Paulistano, o Grêmio Recreativo “28 de setembro”, o Grêmio Pendão Brasileiro, o Centro Paulistano, o Brinco da Princesa, a Sociedade União dos Militares, o Centro Recreativo Campos Elyseos e a Sociedade Barra Funda, com destaque para as atividades relacionadas ao Carnaval:

Barra Funda também tem a sua sociedade, o seu divertimento e dançar, ali existe um salão de bailes na rua Brigadeiro Galvão, cujo número eu não sei, no domingo de Carnaval houve festa, baile, confetes, serpentinas, e lanças-perfumes em ação (...) (...) Num dos momentos em que os corações mais pulsaram de contentamento surgiu como por um encanto um automóvel conduzindo uma orquestra com o seu estandarte fazendo parte desse conjunto muitas moças do nosso belo sexo que

⁴⁸ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 11 de fevereiro de 1920, p. 2.

⁴⁹ *Ibidem*.

entoavam o hino do Carnaval: notei que era o cordão da Camisa Verde que vinham saudar o pessoal do Floresta.⁵⁰

Ainda naquela edição, temos uma reportagem, na primeira página, sobre as medidas tomadas pelo Dr. Thyrso Martins, então Delegado Geral da cidade de São Paulo, para conter a ação de alguns “almofadinhas” nas ruas da capital, sobretudo nos momentos de folguedos carnavalescos.⁵¹ Segundo a publicação, nesse período os homens tinham o péssimo hábito de gracejar as mulheres de forma imoral e de apertá-las e empurrá-las nos cordões. Daí a iniciativa de extingui-los. *A Liberdade* era favorável a essa medida:

Muito sentiremos se essa medida não prosseguir, por quanto esses mimosos, tendo o hábito inveterado, não perdem ocasiões e nem épocas para exibirem suas graciosas proezas: só assim, poderia a Polícia moralizar uma grande parte de desmoralizados que, vestindo um terno novo, esquecem do dever e da moral que são velhos.⁵²

A matéria é finalizada com um pedido de visita do Delegado Geral, Dr. Tyrso Martins, as sedes das sociedades existentes em São Paulo “afim de que S. Exa. possa conhecer as que devem gozar de algumas garantias perante S. Exa. quando necessário for”.⁵³ O número considerável de associações negras em São Paulo poderia gerar divergências entre elas, o que justifica esse posicionamento.

Este assunto é abordado por Frederico Batista de Souza no artigo “Representações”, publicado na edição de número 14. Para Souza, haveria laços de amizade que uniam essas entidades e isso poderia trazer benefícios para a população negra. No entanto, um fato prejudicava a organização dessas sociedades:

(...) todos os dias fundam-se sociedades com elementos eliminados de outras, para assim procurarem meios de prejudicar aquela que os eliminou e muitas vezes as que não gozam de convívio social, por interesse ao mal, aceitam os eliminados, vindo em pouco tempo a decadência de todas estas.⁵⁴

De forma geral, esses indivíduos costumavam retirar-se das sociedades das quais participavam sem pagar as mensalidades atrasadas, embora já tivessem usufruído dos benefícios que a associação oferecia. Alguns chegavam a frequentar as associações em que outrora eram sócios como convidados. O fato delas não terem registros de seus associados fazia com que situações como essa ocorressem.⁵⁵

⁵⁰ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 7 de março de 1920, p. 1 e 2.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 1.

⁵⁵ *Ibidem*. Edição de 4 de abril de 1920, p. 1.

Souza afirma que se esses registros existissem a postura desses homens seria diferente. Além disso, destaca a importância do poder público conhecer “os fins e os meios, prestando um valioso serviço à ordem e à moral que necessita de uma intervenção para firmar um alicerce a que chamamos respeito.”⁵⁶ Sobre os associados, destaca que eles deveriam saber o papel a ser cumprido e que se caberia às diretorias orientá-los para que, assim, não houvesse problemas quando fosse necessário representar as associações em determinados eventos. Por fim, aponta que entre as diretorias existiam aquelas que também não tinham clareza de seu papel, interferindo nas funções dos outros componentes das associações, o que causava problemas. Daí a necessidade da ação dos presidentes.⁵⁷

Ao apoiar uma ação coercitiva sob os cordões carnavalescos, sob a perspectiva da moralidade, *A Liberdade* defendia a ideia de que os associados dos clubes dançantes deveriam apresentar um comportamento exemplar. Aqueles que não se adequavam às orientações das associações não poderiam fazer parte delas, a fim de que as festas promovidas por estas fossem reconhecidas como locais de bom gosto e refinamento, ou seja, que poderiam organizar eventos semelhantes ou iguais àqueles frequentados pela população branca elitizada de São Paulo.

2.3. Notas sobre padrões de comportamento

A preocupação com a moralidade da população negra foi uma constante nas páginas de *A Liberdade*. Para os redatores do periódico, a população negra deveria apresentar um comportamento exemplar, para que assim a mácula da escravidão, que os associava sempre a aspectos negativos, fosse rompida.

Na coluna “O pessoal do Colombo”, *A Liberdade* faz uma campanha contra aqueles que dançam maxixe, orientando que “as sociedades recreativas que queiram ordem e respeito nas suas sociedades durante os ensaios, não devem aceitar como sócias e convidadas às senhoras que tem dançado maxixe no Colombo”, e salienta ainda que no próximo número “vai encetar a sua campanha contra este pessoal e dando notícia da sociedade onde dança a dama e seu nome e residência”.⁵⁸

Quais fatores teriam feito com que *A Liberdade* se posicionasse dessa maneira? Possivelmente os articulistas do periódico julgavam essa dança indecente, uma vez que para

⁵⁶ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 4 de abril de 1920, p. 1.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 1.

⁵⁸ *Idem*. Edição de 14 de julho de 1919, p. 2.

dançar o Maxixe os corpos dos dançarinos ficavam colados, as pernas e os braços entrelaçados e as testas apoiadas, o que lhe dava um caráter bastante sensual. Além disso, embora o Maxixe considerasse em sua composição os ritmos europeus, era o batuque dos negros que dava a tônica do gênero musical e da movimentação dos corpos, o que certamente não era bem visto pelo periódico que buscava de diversas formas aproximar seus leitores de hábitos e valores considerados civilizados, sendo tudo que o remetia ao cativo contrário a esses princípios. Por fim, resta considerar o papel dessas mulheres nessas sociedades. Elas eram culpabilizadas por dançarem de maneira escandalosa e tinham até os seus endereços expostos. Porém, é preciso recordar que elas não dançavam sozinhas. Porque esse tratamento não era dado também aos homens?⁵⁹

Esse assunto volta a ser destaque na coluna “Notícias” da edição de número 12, quando o Centro Smart estava às voltas da organização de um baile de máscaras a ser realizado na segunda-feira de Carnaval:

Na noite do dia 21 de fevereiro de 1920, o vice-presidente da associação “suspendeu por 60 dias, de frequentar os ensaios a Sra. D. Marietta Araújo, a contar dessa data. Conforme aviso da diretoria, com referência a certas damas que iam dançar maxixe nos salões do Largo Riachuelo 26, nos Dardanellos e na rua do Glicério, 164, verdadeira cavações, elas deixaram de comparecer nestes lugares públicos.⁶⁰

Manoel de Oliveira Marcondes, autor da coluna “Os sapatos tênis” aponta que durante o Carnaval diversos jovens começaram a fazer uso do tênis para melhor se divertirem durante esse período. Ocorre que muitos deles continuaram utilizando esses calçados não apenas nos espaços em que conviriam a ser usados (passeios campestres, piquenique, banhos de mar), mas também nas matinês e nas sociedades dançantes. Preocupado com a “ingenuidade” desses jovens negros e de como estes poderiam ser mal interpretados, a partir da sua aparência, o autor apontava:

Esses que trajam-se e não sabem se a sua toailete, é de passeio ou de banho, e assim o fazem por verem outros fazer cometem um grande erro... É preciso que a mocidade da Paulicéia antes de envergar uma roupa ou um objeto qualquer procure saber se isso esta de acordo com a moda, para não cair no ridículo de si próprio.⁶¹

Marcondes fez ainda uma consideração importante para refletirmos sobre quem seriam esses jovens e sobre o fato dos negros em São Paulo viverem em diferentes condições

⁵⁹ VERARDI, Cláudia. Maxixe: o Tango Brasileiro. In: Fundação Joaquim Nabuco Biblioteca Knopf. Disponível:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1128%3Amaxixe-o-tango-brasileiro&catid=48%3Aletra-m&Itemid=1. Acesso em: 29/03/2020.

⁶⁰ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 1 de fevereiro de 1920, p. 2.

⁶¹ *Idem*. Edição de 28 de dezembro de 1919, p. 2.

econômicas e sociais. Certamente esses jovens faziam parte de um grupo mais abastado, uma vez que o autor afirma que eles não estariam aderindo a essa moda por economia:

(...) os rapazes e moças da Paulicéia nunca mediram sacrifícios para trajarem-se no rigor da moda, pois temos visto grande número de rapazes e moças de cor, pelo triângulo de nossa Paulicéia, envergando toaletes que honram a nossa capital e a nossa classe.⁶²

Era preciso a todo o momento afastar-se de qualquer referência do cativo (lembramos que durante esse período era vedado aos escravizados usar sapatos) e isso incluía trajar-se e calçar-se de modo exemplar, à maneira da população branca mais abastada.

Ainda sobre o comportamento dos negros merece destaque a coluna “Última Hora”, que faz referência a duas brigas ocorridas em um dos salões da cidade de São Paulo:

Um grupo de rapazes do Cravo Vermelho, deu um benefício, no dia 4 do corrente mês, no salão da rua da Quitanda nº 6.

As tantas da noite, no melhor da festa, deu-se um conflito entre dois rapazes conhecidos na nossa roda Roberto Cardoso e Manoel Pestana; nesta contenda um terceiro, com uma enorme faca pontiaguda, a ameaçar Deus e o mundo, pôs em alvoroço as damas que se achavam no recinto, que numa gritaria infernal corriam pela escada abaixo, até que a polícia compareceu lá não encontrando os dois briguentos.

No mesmo salão no dia 6, segunda-feira, quando ali se realizava o ensaio do Centro Recreativo Ituano, ao som da banda do Sr. Viríssimo Glória, às duas horas da madrugada originou-se um conflito entre dois rapazes Sebastião de tal e Benedito de Almeida, resultado: compareceu a polícia com os carros de presos fazendo conduzir os briguentos até a polícia; foram obrigados a indenizar o fardamento do rondante porque houve luta.⁶³

Segundo Bastide, havia “entre os brancos uma imagem estandardizada do negro, como preguiçoso, ladrão, bêbado e debochado; em grande parte, a recusa do branco em aceitar empregados de cor está ligada à força dessa representação”.⁶⁴ A necessidade de desconstrução desses estereótipos se fazia, portanto, necessária. Ao noticiar a briga de rapazes negros em um baile, o jornal aponta que aquela atitude não era tolerada naquele espaço. Esse não era um comportamento que ia de encontro à “nossa educação de povo civilizado”.

O conceito de civilização⁶⁵, em sua acepção primeira, tornou-se muito caro no Brasil, sobretudo nos anos finais da escravidão. Os brancos vinculavam-se à civilidade e atrelavam

⁶² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 28 de dezembro de 1919, p. 2.

⁶³ *Idem*, p. 3.

⁶⁴ BASTIDE, Roger. *A imprensa negra do Estado de São Paulo*. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Boletim CXII. Sociologia nº 2. Estudos Afro-brasileiros, 2ª série. 1951, p. 72.

⁶⁵ A palavra civilização surgiu na França iluminista do século XVIII com um significado moral: *ser civilizado* era ser bom, urbano, culto e educado. Para os iluministas, a civilização era uma característica cultural que se contrapunha à ideia de *barbárie*, de violência, de selvageria. Além disso, ser civilizado era um ideal que todos os povos deveriam almejar, mas que poucos tinham alcançado. Em geral, a situação de civilizado só era atribuída aos adeptos do Iluminismo. Esse primeiro significado de civilização, apesar de ser o mais antigo, ainda é o mais constante na história do Ocidente. Assim, hoje, quando qualificamos um indivíduo de *civilizado*, ainda estamos

os negros à barbárie. No entanto, afirmavam que os negros poderiam superar essa condição assimilando comportamentos e valores da branquitude. Ao afirmar que aqueles que brigavam não seguiam os princípios de civilidade existente entre os negros, o periódico *A Liberdade* retoma essas discussões.

Ao citar a presença da polícia o periódico destaca que os rapazes “foram obrigados a indenizar o fardamento do rondante porque houve luta”, porém não detalha como teria se dado a ação policial. Sabe-se que a postura discriminatória adotada por esse órgão desde as primeiras décadas do século XX tornava as abordagens, junto à população negra, bastante violentas:

Quando os moradores das imediações dos bailes da comunidade negra acionavam a polícia, esta agia energicamente. Ao chegar ao local, exigia a licença para a realização do evento. Era comum, nesses casos, dispersar a aglomeração dos “homens de cor” em frente ou próximo ao salão. Havia casos de policiais que espancavam ou prendiam os negros, sob a acusação de crime de vagabundagem ou de atentado à ordem pública. A música e o baile, então, eram encerrados e todos eram obrigados a voltar para casa.⁶⁶

As considerações de Domingues apontam que desde o início do século XX a polícia estabelecera como alvo de repressão a população negra. Sob o argumento de assegurar a ordem pública, os direitos desse segmento populacional eram frequentemente violados.

Pelo fato de a polícia atrelar homens e mulheres negras a vadiagem, a criminalidade e a prostituição, a ação coercitiva daqueles que a priori deveriam oferecer segurança a todos os cidadãos sempre foi truculenta quando sua intervenção se fez necessária.

A mesma postura crítica pode observada na coluna “Fita”, publicada na edição de 12 de setembro de 1920, que relata mais uma briga ocorrida num salão localizado na rua Theodoro Sampaio. Discussão “costumeira”, mas que teria provocado correria no salão:

(...) a polícia que fica em frente ao salão, impediu que os dançarinos pusessem-se em fuga, guardando a porta, e mandou chamar pelo telefone dois ou três carros de preso, que conduziram todos para a polícia não só homens como também mulheres: perante o delegado os que tiveram sorte e os que não tiveram pousaram no xadrez.⁶⁷

Utilizamos essa coluna para indicar mais uma vez a forma coercitiva como a polícia tratava a população negra (as mulheres quando presas ficavam sujeitas a violência física e, em

utilizando o conceito iluminista, considerando-o uma pessoa educada, pacífica e culta, que se contrapõe aos violentos, àqueles que consideramos rudes e incultos, normalmente pessoas cujos valores fogem aos padrões das elites urbanas ocidentais. Assim sendo, em seu sentido mais cotidiano, civilização distingue aqueles que se consideram culturalmente superiores. In: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo Ed. Contexto, 2009, p. 59 a 62.

⁶⁶ DOMINGUES, Petrónio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004, p. 147.

⁶⁷ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de setembro de 1920, p. 2.

alguns casos, até mesmo sexual enquanto os homens eram tratados como criminosos até que conseguissem provar o contrário. Espancamentos e torturas eram empregues para que estes confessassem os crimes que muitas vezes não havia cometido). Era comum que ela estivesse à porta do salão onde os bailes ocorriam, como se a esperar que os problemas acontecessem. O periódico não questiona esse posicionamento, mas sim a ação daqueles que se envolvem em confusões, apelando mais uma vez para a ordem e os bons costumes:

A Liberdade, já tem aconselhado a este povo que é muito preciso e de necessidade deixar este vício tão comum entre eles de fazerem fitas em salões de bailes se não pode dar resultado, prejudicando a ordem, a moralidade das outras sociedades que vivem em paz.⁶⁸

2.4. Criminalidade e prostituição nas páginas de *A Liberdade*

A criminalidade esteve em destaque na edição 10 na coluna “Furto”, a qual relata que uma senhora muito aflita (não identificada) acusou Havia, moradora na rua Tabatinguera nº 5 e frequentadora dos salões de bailes, pelo sumiço de seu colar de ouro que estava sob o poder de sua filha. A situação foi resolvida quando surgiu um moço que as levou para a rua da Glória, desaparecendo de vista. O texto ainda destaca: “Já *A Liberdade* há muito tempo bateu contra a nossa raça que quer se vestir muito bem sem querer trabalhar e trabalho é honra para nós todos e quem sabe viver honradamente”.⁶⁹ A nota sobre o furto não traz nenhuma informação sobre a dona do colar (seria ela uma mulher branca?), ao contrário de Havia (a suposta ladra, que teve seu endereço e seu local de diversão divulgados). Qual o objetivo dessa ação? Torná-la mais vulnerável, na medida em que teve sua vida exposta? A forma como o caso foi resolvido também é bastante emblemática. Um moço (também não identificado) as leva para outro lugar. Quem seria ele? Qual a sua relação com a dona do colar? Faria parte da polícia? Se inserido nesse órgão, teria resolvido a situação fazendo uso de um procedimento legal? O fato é que mesmo sem saber o desfecho dessa situação, para *A Liberdade*, Havia de fato era uma criminoso. E sua motivação para agir de tal maneira seria o fato de não trabalhar e querer vestir-se bem. Portanto, na lógica do periódico, a pobreza poderia aproximar os negros da criminalidade.

A prostituição também foi abordada pelo periódico na coluna “Noticiário”, da edição de 14 de dezembro de 1919:

⁶⁸ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de setembro de 1920, p.2.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 2 a 3.

Na rua Maria Paula, nº 8, existe um cortiço habitado por vagabundas, mulheres de cor, que dormem o dia inteiro para a noite estacionarem naquela via pública e na esquina da avenida Brigadeiro Luiz Antônio, com cigarros acessos para dizer gracejos e palavras obscenas em altas vozes, que os próprios moradores não podem dormir e transitar por ali, são obrigados a transitarem no passeio fronteiro, e para que a polícia queira certificar o que há de verdade poderá mandar um agente da polícia naquele cortiço para ver o formigueiro e ainda mais as reuniões são sempre das 22 horas até as duas da madrugada. No próximo número voltaremos ao assunto.⁷⁰

Em mais uma situação *A Liberdade* expõe um grupo de mulheres. A questão da moralidade novamente é evidenciada. A publicação afirmava que a presença das mulheres atrapalhava a circulação dos moradores da região, mas não eram elas também moradoras? Não tinham elas também direito de ocupar aquele espaço? A ação policial desejada pelo periódico poderia trazer uma série de complicações à vida dessas mulheres, já que, ao serem identificadas como prostitutas, “era comum elas serem presas, e, na delegacia, serem espancadas, receberem uma ducha de água fria, e terem a cabeça raspada”, tratamento dado exclusivamente as mulheres negras.⁷¹ A abordagem policial, violenta em qualquer situação, era potencializada quando ocorria em espaços ocupados por mulheres negras, o que demonstra que ação dessa instituição também era regulamentada, ainda que veladamente, pelo racismo.

A partir da Proclamação da República houve uma valorização dos saberes médicos que passaram a atuar em projetos que buscavam ordenar o espaço urbano através de “campanhas sanitárias, da educação higiênica, da propaganda, do surgimento de serviços de combate à tuberculose, à lepra e as doenças venéreas”.⁷² É nesse contexto que a prostituição se incorporou como objeto de saber desses sujeitos. Definida pelos médicos como uma doença, que não se restringia apenas ao aspecto físico, na medida em que compreendia dimensões morais e sociais, precisava ser combatida uma vez que ameaçava o homem, a família, a sociedade, a nação. Realizado o diagnóstico, era preciso curar essa chaga. A profilaxia só seria possível com a ordenação na perspectiva higiênica dos espaços da cidade.⁷³

Embora houvesse posicionamentos favoráveis à sua regularização (na perspectiva da possibilidade de controle), a prostituição foi tratada no Código Penal de 1890 no item que faz

⁷⁰ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de dezembro de 1919, p.3.

⁷¹ DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004, p. 140.

⁷² ROMERO, Mariza. *ROMERO, Mariza. Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 19.

⁷³ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo, Brasiliense, 2004, p. 11 a 16.

considerações sobre os Crimes contra a segurança da honra e honestidade das famílias e do ultraje público do pudor no capítulo I (Da violência carnal) e no capítulo III (Do Lenocínio).

O artigo 268º aponta que “estuprar mulher virgem ou não, mas honestas” poderia resultar numa pena de um a seis anos. Caso a vítima da violência sexual, fosse uma “mulher pública ou prostituta,” essa reclusão variava de seis meses a dois anos. Isso significa que embora o estupro, definido no artigo 269º com “o ato pelo qual o homem abusa com violência de uma mulher”, fosse considerado independente de quem era a vítima, havia uma clara distinção em relação às formas como essas mulheres eram tratadas.

Malograda fosse considerada a hipótese da prostituta ser vítima de uma violência física, aliada a “meios que priva[m]-na de suas faculdades físicas, e assim da possibilidade de resistir e defender-se, como sejam o hipnotismo, o clorofórmio, o éter e em geral anestésicos e narcóticos”,⁷⁴ a pena de seu algoz, era menor. Em relação a essas diferenças é possível depreender que a justiça considerava que essas mulheres eram também responsáveis pelo abuso sofrido devido ao suposto comportamento promíscuo e imoral que possuíam. Além disso, as casas de prostituição eram espaços onde os homens tornavam-se vítima das mulheres, o que significa que eles não deveriam responder sozinhos por eventuais erros:

(...) fica a saúde, e há em seu lugar esse estado inveterado e quase incurável, sífilítico ou escrofuloso, e reumático que envelhece um homem moço ainda, e o risca do número dos membros ativos e prestimosos do seu país.⁷⁵

Ainda sobre o Código Penal de 1890, o artigo 277º indica “excitar, favorecer, ou facilitar a prostituição de alguém para satisfazer desejos desonestos ou paixões lascivas de outrem”⁷⁶ poderia resultar em encarceramento de um a dois anos. Além disso, caso a pessoa estivesse uma relação de parentesco, fosse tutor, curador, marido ou responsável pela educação dessa mulher haveria a interdição desses sujeitos e a necessidade de atendimento das seguintes determinações:

Ao pai e a mãe a perda de todos os direitos que a lei lhe concede sobre a pessoa e bens do descendente prostituído;
Ao tutor ou curador, a imediata destituição desse múnus;
A pessoa encarregada da educação do menor, a privação do direito de ensinar, dirigir ou ter parte em qualquer estabelecimento de instrução e educação;

⁷⁴ BRAZIL, Estados Unidos do Brasil. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm. Acesso em: 3/06/2020.

⁷⁵ AZEVEDO, L. C. de. *Da prostituição no Rio de Janeiro*. In: Anais Brasilienses de Medicina, Rio de Janeiro, J.J.C. COTRIM, 1869, VOL. XXI, nº6, nov. 1869, p.210. Apud. ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo, Brasiliense, 2004.

⁷⁶ BRAZIL, Estados Unidos do Brasil. *Op. Cit.*

Ao marido, a perda do poder marital, tendo lugar a ação criminal, que prescreverá em três meses, por queixa contra ele dada somente pela mulher.⁷⁷

Já o artigo 278 definia ainda que, além da prisão domiciliar por um ou dois anos, deveria ser realizado o pagamento de multa de 500\$ a 1:000\$000 por aquele que

(...) induzir mulheres, que abusando de sua fraqueza ou miséria, quer constringendo-as por intimidações ou ameaças, a empregarem-se no tráfico da prostituição; prestar-lhes, por conta própria ou de outrem, sob sua ou alheia responsabilidade, assistência, habitação e auxílios para auferir, direta ou indiretamente, lucros dessa especulação.⁷⁸

Por fim, o capítulo XIII, artigo 399, que aborda os Vadios e Capoeiras apontava que poderia resultar numa prisão celular de quinze a trintas dias:

(...) deixar de exercitar profissão, ofício, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meio de subsistência e domicílio certo em que habite; prover a subsistência por meio de ocupação proibida por lei, ou manifestadamente ofensiva da moral e dos bons costumes".⁷⁹

Com a publicação da lei nº 2.992, de 25 de setembro de 1915, os artigos 277º e 278º do Código Penal de 1890 passam a vigorar com a seguinte redação:

Artigo 277. Induzir alguém, por meio de enganos, violência, ameaça, abusos de poder, ou qualquer outro meio de coação, a satisfazer os desejos desonestos ou paixões lascivas de outrem. Excitar, favorecer ou facilitar a prostituição de alguém, para satisfazer os ditos desejos e paixões outrem:

Pena - de prisão celular por dois a três anos.

§ 1.º (Como o parágrafo único do Código Penal de 1890).

Artigo 278. Manter ou explorar casas de tolerância, admitir na casa em que residir, pessoas de sexos diferentes, ou do mesmo sexo, que aí se reúnam para fins libidinosos; induzir mulheres, quer abusando de sua fraqueza ou miséria, quer constringendo-as por intimidação ou ameaças a entregarem-se á prostituição; prestar, por conta própria ou de outrem, sob sua ou alheia responsabilidade, qualquer assistência ou auxílio ao comércio da prostituição:

Pena - de prisão celular por um ou três anos e multa de 1:000\$ a 2:000\$000.

§ 1.º Aliciar, atrair ou desencaminhar, para satisfazer as paixões lascivas de outrem, qualquer mulher menor, virgem ou não, mesmo com o seu consentimento; aliciar, atrair ou desencaminhar, para satisfazer ás paixões lascivas de outrem, qualquer mulher maior, virgem ou não, empregando para esse fim ameaça, violência, fraude, engano, abuso de poder ou qualquer outro meio de coação; reter por qualquer dos meios acima referidos, ainda mesmo por causa de dívidas contraídas, qualquer mulher, maior ou menor, virgem ou não, em casa de lenocínio, obrigá-la a entregar-se á prostituição:

Pena - as do dispositivo anterior.

§ 2.º Os crimes de que trata o art. 278 e o § 1º do mencionado artigo serão puníveis no Brasil ainda que um ou mais atos constitutivos das infrações neles previstas tenham sido praticados em país estrangeiro.

§ 3.º Nas infrações de que trata este artigo haverá lugar a acho penal:

- a) por denúncia do Ministério Público;
- b) mediante queixa da vítima ou de seu representante legal;

⁷⁷ BRAZIL, Estados Unidos do Brasil. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1851-1899/D847.htm. Acesso em: 3/06/2020.

⁷⁸ BRAZIL, Estados Unidos do Brasil. *Op. Cit.*

⁷⁹ BRAZIL, Estados Unidos do Brasil. *Op. Cit.*

c) mediante denúncia de qualquer pessoa.⁸⁰

As mudanças realizadas no Código Penal de 1890 a partir da Lei nº 2.992, de 25 de setembro de 1915, apontam penas maiores para aquelas que praticam ou aqueles/as que induzissem ou favorecem a prostituição. Há uma definição mais alargada sobre o que essa prática representava e quais eram motivações que faziam com que as mulheres a ela se atrelassem. O destaque é a forma como a denúncia da prostituição ocorreria, através do Ministério Público mediante queixa da vítima ou de seu representante, mas também poderia ser feita por qualquer pessoa. Cabe-nos refletir quais tipos de queixas poderiam ser realizadas e quais as motivações que levavam as pessoas a fazer esse tipo de acusação.

Por fim, é preciso salientar que a situação que muitas vezes levava as mulheres negras a se prostituírem eram os baixos salários e a ausência de trabalho no mercado formal, uma vez que

(...) as práticas discriminatórias e as desigualdades raciais plasmaram o processo de organização do mercado de trabalho livre, gerando o banimento dos negros das velhas relações de trabalho e impedindo-lhes às novas oportunidades de empregos.⁸¹

Embora tenha sido apontado, a prostituição não voltou a ser discutido na edição de número 10.

2.5. Religiosidade

O catolicismo como referência é uma constante nas publicações de *A Liberdade*. Não há qualquer menção às religiões de matriz africana. Se, por um lado, precisamos considerar o período de longa duração da fé católica intrinsecamente relacionada à vida das pessoas a partir do processo de colonização brasileira, é preciso destacar também a perseguição sofrida por aqueles que praticavam o Candomblé e posteriormente a Umbanda. Portanto, ser católico fazia parte do padrão e, como já apontamos, esse jornal pretendia que seus leitores se enquadrassem dentro de determinadas regras.

Nesse sentido podemos observar que na coluna “Deus e Pátria”, o articulista que assina somente com as iniciais J. B. indicava que há dois conceitos que os homens não poderiam negar: Deus e Pátria. Deus seria a força que rege o todo o universo, sendo tudo para todos. A natureza toda o reconheceria, embora não pudesse alcançá-lo. Para a razão humana,

⁸⁰ BRAZIL, Estados Unidos do Brasil. Lei nº 2.992, de 25 de setembro de 1915. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1910-1919/lei-2992-25-setembro-1915-774536publicacaooriginal138024-pl.html>. Acesso em: 3/06/2020.

⁸¹ DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004, p. 108.

também seria impossível abarcá-lo, pois ela ainda não teria chegado a tal grau de conhecimento. Seria compreensível, portanto, apenas no campo espiritual. As naturezas, sejam elas vivas ou mortas, reconheceriam a sua existência e desfrutariam de seu amor.⁸²

Sobre a Pátria, o autor afirma que ela se relacionaria intrinsecamente à existência do homem. Independentemente da idade, o sangue que lhe dá vitalidade surgiu nesse mesmo local que o viu nascer, “desse mesmo território que direta ou indiretamente, lhe tem ministrado um mundo de forças e elementos que o sustenta durante a vida”.⁸³

A Pátria é essa terra abençoada sobre a qual ele deu o primeiro gemido, sobre a qual ele derramou a primeira lágrima, deu o primeiro sorriso, sentiu a primeira dor; é onde ele sentiu as primeiras mágoas da existência, a primeira luz solar, onde tudo começou a existir nos primórdios da sua existência.⁸⁴

Depois de Deus, a Pátria deveria ser o segundo elemento mais importante da vida do homem, pois seria ela a que ofereceria a eles a sua existência. Daí a necessidade de defendê-la sempre que for necessário, independente do sexo ou da idade. Os homens se ligariam a Pátria pelo coração, pela inteligência e pela sabedoria. Quando estão longe almejavam voltar, e esse desejo de regressar e de contemplar a perfeição da natureza que os empolgaria e lhes traria esperanças.⁸⁵

Em outra edição a coluna “Coisas da Igreja” apresenta o fragmento de uma conferência de Alberto Franco sobre São Benedito da Filadelfo. A primeira informação registrada é sobre seu local de nascimento. Sendo Vicente de Paulo negro muitos questionavam sua origem. No entanto, seus hagiógrafos consideram a arquidiocese de Messina, na Sicília, hoje conhecida por Vila de San Fratello seu local de nascimento. A palavra mouro, utilizada pelos franceses para defini-lo, apontava sua condição de escravo uma vez que

(...) nesse tempo (1526-1589) não podiam viver eles em país cristão se não como escravos: mas os “mouros”, embora tivessem a tez requeimada pelo sol ardente da África, não eram todos negros, como ainda não são ainda hoje. Por isso, alguns hagiógrafos dizem que São Benedito não era preto retinto, e sim azeviche a moda dos súditos do Menelick.⁸⁶

Embora os conferencistas confirmassem que São Benedito fosse de fato de cor acentuadamente escura consideravam que esta era

⁸² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 23 de novembro de 1919, p. 2.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ *Ibidem*.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ *Ibidem*.

(...) um acidente que nada influi nas qualidades físicas ou da alma do indivíduo, que pode ser pura como um raio de luz, brilhante como o cristal, e alva como as corolas dos tyrios, embora ande prisioneira ao invólucro de um corpo negro.⁸⁷

Seus pais eram escravos mouros da África Setentrional e devotos de Jesus Cristo e da Virgem Maria. Teria tido a mesma sorte de seus pais se eles não tivessem recebido uma graça do senhor, a libertação de seu filho primogênito. Embora não soubesse ler e escrever, foi educado sob os preceitos dos Cristianismo. Tornou-se pastor de rebanhos ainda criança. Com muito esforço juntou algumas economias, comprou uma junta de bois e passou a ser lavrador de onde tirava seu sustento e o dos seus velhos pais. Não pensava em mudar de vida, quando Frei Jerônimo Lanza, vendo que Benedito era ridicularizado pela vizinhança (por ser negro), resolveu convidá-lo a viver em seu convento. Desfez-se de seus bois, distribuiu o dinheiro aos pobres (já que seus pais haviam morrido) e aceitou a proposta, onde tornou-se cozinheiro. Estava com 36 anos nessa época.⁸⁸

A continuação da história de São Benedito foi publicada na edição de número 9, conforme segue: embora fosse negro e não soubesse ler e escrever, passou a ocupar o lugar do Frei Jerônimo no convento quando esse veio a falecer. “Essa distinção dá-nos a medida da perfeição de São Benedito e da estima em que era tido entre os seus irmãos”.⁸⁹

Quando de sua ordenação em outra cidade, viu-se o quanto era bem quisto pelas pessoas que o aclamaram na ida e na volta. Sua recepção foi diferente daquelas recebidas por reis, príncipes e governadores, pois foi espontânea, popular e sincera. Ao retornar ao convento exerceu várias funções, entre elas a de Mestre dos Noviços e, mesmo sem saber ler e escrever, ensinou como poucos. Como superior, empreendeu reformas no convento que levaram a perfeição da comunidade, pois todos se envolveram no propósito da humildade, da penitência e de uma vida mais austera e disciplinada. No fim da vida, voltou a exercer sua primeira profissão, cozinheiro. Ficou doente em fevereiro de 1589 e veio a falecer em abril desse mesmo ano. Seu corpo conserva-se no convento de Santa Maria de Jesus na cidade de Palermo. Sua canonização foi realizada em 1807 pelo Papa Pio VII no Vaticano.⁹⁰

O conferencista aponta a necessidade dos leitores serem humildes como São Benedito, fato que justificava essa publicação no periódico. Outro aspecto que merece destaque é o fato do santo ser negro e não saber ler e escrever. Embora estivesse envolvido em um contexto

⁸⁷ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 23 de novembro de 1919, p. 2.

⁸⁸ *Ibidem*.

⁸⁹ *Ibidem*.

⁹⁰ *Ibidem*.

com condições adversas ele teria conseguido superar todas elas para alcançar os desígnios de Deus em sua vida. A mensagem era clara: se isso havia acontecido com São Benedito também poderia acontecer com o leitor. Era necessário ter fé e ser perseverante.

2.6. As crônicas de Matuto

O vocábulo “crônica” vem do grego *chronikós*, *chronos*. A etimologia da palavra evidencia que a relação do tempo é fundamental para a constituição da narrativa desse gênero textual. É, portanto, um relato que estabelece desde a sua origem um vínculo permanente com a temporalidade.⁹¹

Há uma convergência da linguagem jornalística e do discurso literário na crônica. Entre o ensaio, com uma linguagem mais leve, sem o rigor acadêmico, e o folhetim que cria uma narrativa com personagens, eventos e temas,⁹² as crônicas possibilitam que o cotidiano seja ressignificado pelo olhar apurado do cronista e, assim, é possível vê-lo a partir de outro ângulo, de uma forma singular na perspectiva da criação literária.

Em *O Nascimento da crônica*, Machado de Assis evidencia como ocorreria esse processo:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue* está começada a crônica.⁹³

Qualquer tema pode ser abordado na crônica. “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.⁹⁴ Embora aleatórios e casuais, esses temas acabam sendo recorrentes, uma vez que abordam o cotidiano, geralmente nos centros urbanos, e é essa constância que acaba por definir a essência do gênero.⁹⁵

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de

⁹¹ MARTINS, Fabíola Fernandes. *Crônica: a releitura do cotidiano por meio da atualização literária*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. V.3 nº 5, 2011, p. 55.

⁹² *Ibidem*.

⁹³ O termo *a la glace est rompue* significa o gelo esta quebrado. Cf. O nascimento da crônica. In: ASSIS, Machado de. *Contos Escolhidos*. São Paulo, Editora Ática, 1994, p. 13.

⁹⁴ CANDIDO, Antonio, CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, volume 1, 1980, p 14.

⁹⁵ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de. *O gênero crônica e a prática escolar*. Filologia e Lingüística Portuguesa. v. 6, 2004, p. 3.

ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.⁹⁶

O fato das crônicas não se constituírem através de comentários expositivos ou argumentativos e apresentarem textos leves e acessíveis não significa que as questões sérias não sejam abordadas. Ao contrário, elas possuem a capacidade de entrar “de modo profundo no significado dos atos e sentimentos humanos e estabelecem uma crítica social”,⁹⁷ e talvez consigam fazer isso de uma forma mais assertiva, uma vez que nos “ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios”.⁹⁸

Candido afirma que a simplicidade e a brevidade, próprios da crônica, não a desqualificam quanto à discussão de assuntos importantes, uma vez que há uma noção equivocada de que as coisas sérias são pesadas e as coisas superficiais, leves. O autor destaca que aprendemos mais quando nos divertimos e que “aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”.⁹⁹

A partir da realidade vivida o cronista cria uma realidade enunciada: o ficcional passa a ter o factual como aliado. Mas qual é a realidade vivida? É preciso considerar que o cronista carrega consigo as marcas de seu tempo, que as circunstâncias em que se encontra o constituem enquanto sujeito e que sua visão de mundo se relaciona ao contexto no qual está inserido. As crônicas são constituídas, portanto, a partir do lugar que o “eu” que a produz ocupa socialmente. Esses aspectos aproximam cronistas e historiadores, Literatura e História.

Outro elemento importante a ser considerado é o ponto de vista do narrador. O cronista pode ocupar posições narrativas diferentes que lhe possibilitam construir sentidos distintos. “É no forte diálogo com a memória que os acontecimentos são ressignificados segundo a visão de mundo do cronista, que realiza uma filtragem subjetiva que se mescla à ficção por meio de recursos da linguagem”.¹⁰⁰

⁹⁶ CANDIDO, Antonio, *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, volume 1, 1980. 13 e 14.

⁹⁷ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de. *O gênero crônica e a prática escolar*. Filologia e Linguística Portuguesa. v. 6, 2004, p. 3.

⁹⁸ CANDIDO, Antonio, *Op. Cit.* p. 15.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 19.

¹⁰⁰ MARTINS, Fabiola Fernandes. *Crônica: a releitura do cotidiano por meio da atualização literária*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. V.3 nº 5, 2011. p. 51.

Além disso, o cronista não tem nenhum domínio sobre aquilo que escreve. Os significados atribuídos à sua produção ocorrem a sua revelia, já que o leitor, ao interpretar o texto, desempenha o papel de produtor de sentido e esses podem ser os mais variados possíveis,¹⁰¹ visto que estes também estão inseridos em diferentes contextos. De acordo com Arroyo,

o significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos poderes estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural [...] em que é lido.¹⁰²

A princípio, as crônicas foram pensadas para ser publicadas nos jornais. Seu caráter efêmero também estava corporificado no material no qual era registrado:

Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meios espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.¹⁰³

As crônicas começaram a ser publicadas no Brasil desde o aparecimento dos primeiros jornais, a princípio no formato de folhetim, como artigo de rodapé, abordando questões políticas, sociais, artísticas e literárias. Aos poucos foi mudando seu formato, encurtando, ganhando ares mais leves, de coisa com pouca importância, depois adquirindo o tom coloquial e encolheu mais uma vez chegando ao formato de hoje. Ao longo desse tempo, também foi mudando de foco, de informar e comentar, para distrair e divertir. A mudança na linguagem, da lógica argumentativa ou da crítica política para um tom mais descompromissado foi fundamental para que se tornasse mais acessível. Hoje, além dos fatos cotidianos, a crônica evoca a poesia e um toque humorístico, o que representa o seu amadurecimento enquanto gênero.¹⁰⁴

A maneira como se aclimatou ao país e o formato original que passou a ter faz com que a crônica possa ser considerada um produto *sui generis* nacional, uma vez que

esse gênero tem uma história ininterrupta no Brasil desde ao menos a década de 1830 até agora. E um gênero que sumiu em outras culturas. (...) Trata-se de um gênero interessante para o historiador, porque ele permite essa pesquisa de interlocução em torno dos assuntos de uma maneira extraordinária. Ao mesmo

¹⁰¹ MARTINS, Fabíola Fernandes. *Crônica: a releitura do cotidiano por meio da atualização literária*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. V.3 nº 5, 2011.p. 55.

¹⁰² ARROYO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 55.

¹⁰³ CANDIDO, Antonio, CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, volume 1, 1980, p. 14 a 15.

¹⁰⁴ *Ibidem*, p 15.

tempo, há uma série de questões sobre o fazer literário desses textos, que normalmente os próprios críticos literários não tematizam porque os subestimam.¹⁰⁵

Realizadas essas considerações, analisaremos a partir desse momento as crônicas publicadas no periódico *A Liberdade*, assinadas por Matuto, um homem do interior do estado, observador do cotidiano da população negra na cidade de São Paulo:

O pobre Matuto, que se orgulha, às vezes, de certas coisinhas agradáveis que se passa nas mesmas sociedades, fica então cismado, quase resolvendo arrumar a bagagem e dançar o cateretê no sertão... de São Paulo.¹⁰⁶

Matuto todo medroso, foi assistir uma festa o recinto esta qual jardim, os aromas das flores e das águas de cheiro, inebriava o ambiente, pobre Matuto! Nesse dia até meu cigarro estava de trás da orelha, ouvi os risinhos chocareiros, mas que me importavam? De princípio pensei que as meninas estavam simpatisando comigo, oh! Puro engano, era o meu enorme cigarro atrás da orelha os risinhos juvenis.¹⁰⁷

A sessão “Vagando” apareceu na mostra documental que tivemos acesso a partir da edição de 12 de outubro de 1919 e evidencia como os negros experienciaram a dimensão da vida pública em espaços de sociabilidade negros na cidade de São Paulo no início do século XX.

Na edição de 12 de outubro de 1919, Matuto inicia sua crônica com uma frase de efeito: “Quem mora em casa de palha não põe fogo a do vizinho”, onde sinalizava a necessidade das mulheres tomarem cuidado com aquilo que falavam uma das outras, tendo em vista que, por estarem vivenciando uma mesma realidade, também estavam sujeitas a situações semelhantes. O cronista afirmava ter presenciado a conversa de dois grupos distintos e, a partir desses diálogos, tece as seguintes considerações: havia salões muito bons em São Paulo, assim como as associações aos quais estavam relacionados e que eles não poderiam ser desqualificados pelo fato de seus frequentadores já terem dançando Maxixe por ali, uma vez que ele mesmo já teria sido adepto do “batuque no terreiro frente uma fogueira”. Dizer que estes estabelecimentos eram ruins seria uma atitude ofensiva ao seu proprietário. Para o autor, os salões eram inocentes e não deveriam ser condenados. Na sua visão, o problema eram as pessoas. Outro ponto de discussão é o comportamento das mulheres nos salões. Segundo ele aquelas tomadas como suspeitas poderiam ser mulheres respeitadas fora daquele espaço, enquanto que aquelas que apresentavam comportamentos mais exemplares poderiam ser encontradas às “altas horas nas ruas desertas ou nas ruas arborizadas embaladas pelas asas do

¹⁰⁵ CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina Maria Rodrigues. *História, literatura e legados historiográficos: entrevista com Sidney Chalhoub*. Saeculum - Revista de História (20); João Pessoa, jan./jun. 2009, p. 200-201. p. 197.

¹⁰⁶ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de dezembro de 1919, p. 2.

¹⁰⁷ *Ibidem*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 1.

Cupido, chorando seus amores a seus pares sem pensar que olhares indiscretos a observavam nesse passa-tempo inocente, como os anjos de ilusões".¹⁰⁸ Portanto, era importante que as mulheres não julgassem umas às outras, uma vez que em outras situações elas também poderiam ser julgadas. Dirigindo-se diretamente às mulheres nessa seção, Matuto afirma:

Cuidado, minhas mocinhas, deixem desse preconceito de honestidade; quando não gostamos retiramos, porque estamos sujeitos ao pecado, não podemos censurar quando devemos ser censurados; e depois; qual a sociedade de homens e senhoras de cor em São Paulo, que só é frequentada por moças e por mocinhas? Aposto que, atualmente, nenhuma, porém, forçoso é confessar que nelas impera o respeito que é o que mais vale para nós outros. E se algumas leitoras desejarem conhecer a verdade, peça a seus irmãos ou seus pais, para darem um passeio noturno, e acompanhadas deles que não são suspeitos, por essas ruas dos arrabaldes e digam depois se não há razão para defender os fracos - o abelhudo.¹⁰⁹

A primeira informação que nos chama atenção nessa crônica é o fato dela ser direcionada a um público feminino, o que demonstra que, embora a produção desses periódicos fosse essencialmente masculina, havia mulheres entre o público leitor. Outro aspecto importante a ser destacado é a ideia da reputação dessas mulheres. A suposta lascividade e permissividade sexual das mulheres escravizadas provocavam a estigmatização e a erotização dos corpos das negras livres. Fazia-se necessário coibir esses tipos de pensamentos, e isso só seria possível se estas fossem recatadas e do lar.

Na edição de número sete o assunto é a receptividade das associações que frequentava. Novamente ele inicia sua crônica com uma frase de efeito: "O costume faz lei". Embora a princípio o termo possa ser compreendido como práticas repetitivas consideradas como base para o ordenamento jurídico, ao longo do texto observa-se um jogo com as palavras, na medida em que o "costume" faz referência à frequência regular do cronista aos bailes oferecidos pelas associações negras de São Paulo e a "lei" a necessidade de se fazer presente nesses eventos (fato que lhe agradava bastante é preciso destacar).

Matuto afirma que teria se acostumado a frequentar os bailes e, mesmo quando não era convidado, buscava meios para estar presente nesses ambientes. Isso ocorria devido à receptividade dos diretores dessas instituições, que sempre o recebiam muito bem, a ponto de no fim do ensaio ele já sentir saudades daquilo que acabara de ocorrer.¹¹⁰

- Num domingo passava pela rua da Quitanda, logo depois das nove horas, e ouvi um som musical: escutei longo tempo e conheci que era o "Lico", pois acostumado com os solos dos mesmos, desde o Elite da Liberdade, que deixou saudades,

¹⁰⁸ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 1.

¹⁰⁹ *Ibidem*.

¹¹⁰ *Ibidem*. Edição de 9 de novembro de 1919, p.2.

engenhei um plano para subir as escadas e assim fiz, encontrei uns homens sentados, papel, pena, lápis, tinta, etc.... comigo disse logo:

-São os homens da diretoria, dito e feito (...)

Ora! “Macaco velho não põe a mão na cumbuca”, então dei a entender que deseja falar com o “Lico”, mas qual sorte não foi preciso, o Matuto estava de sorte! O “Lico” estava solando a “Dirce”, porém o Arthur, logo que declarei querer olhar um pouco (plano muito velho e em que todos caem); me mandou entrar. Ah! Meus amigos, eu estava no “Paulistano”. Olhei, escutei, observei e fiquei satisfeito sabe porque? Pois estava pensando no caso do “Smart” e “Kosmos”, quando me apareceu o Frederico e o Gastão, nesse momento solene, criei alma nova, estava apadrinhado, me apresentaram novamente e então... a coisa mudou, de assistente passei a fazer parte ativa.¹¹¹

Na sessão “Vagando” da edição de número oito, Matuto, faz uso da frase de efeito uma frase de efeito: “Quem pergunta quer saber”. Essa era uma referência aos questionamentos surgidos devido à adesão das associações dançantes ao Ragtime, gênero musical norte-americano. Ele afirma que isso ocorreu pelo fato dessa ser “a dança da moda” e que o problema não seria o ritmo em si, mas seus excessos: “darei que tal dança que admitindo seu uso, condenamos o exagero, e a não ser assim exagerado, dizem muitos, perdem o efeito”¹¹² e que eles eram decorrentes da postura de alguns presidentes de não ter um posicionamento mais firme diante da organização dos bailes:

Agora, se as diretorias intervissem, fazendo com que fosse obedecido uma só regra (com toda a certeza, a inventou o autor) decididamente ele - O Ragtime - não seria de desprezar; porém vemos o exagero em todas as sociedades e temos que ficar calados, portanto também é da moda calar-se a gente, quando se esta em minoria ou em casa alheia e assim, é que sociedades com foros de civilizadas, admitem o Ragtime, por mero capricho, às vezes de um ou mais diretores, que invocam os estatutos e regulamentos na parte conveniente ao ato a praticar-se.¹¹³

Matuto aponta que o Picadinho (chamado de Puladinho), dançado por Virgílio Eloy dos Santos no Grêmio Kosmos, assim como o Ragtime, era criticado quando surgiu e que à medida que o tempo passou essa postura foi mudando. Assim como havia ocorrido com o Picadinho também aconteceria como o Ragtime.

Ele finaliza suas considerações apontando que era necessário que as associações tivessem diretorias assertivas “para que certos modismos de hoje obedecessem à regra geral e não a vontade de cada um”.¹¹⁴

Na edição de número nove Matuto inicia novamente sua crônica com uma frase de efeito: “Quem mente não diz o que sente”, para discutir os motivos que levavam os frequentadores das associações que havia visitado a omitir seus locais de origem. Acreditava

¹¹¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 2.

¹¹² *Idem*. Edição de 23 de novembro de 1919, p. 2.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ *Ibidem*

que ao agir dessa forma, buscavam encobrir um fato que lhes incomodava. Destacava que percorrendo as sociedades dos homens de cor encontrava muitos que se diziam italianos e portugueses, defendendo inclusive sua pátria, embora tivessem nascido em São Paulo (Brás), Santos ou Rio de Janeiro. Ele ainda destaca que é curioso o fato de nenhum desses afirmar que são de fato brasileiros, ou seja, de pais nascidos em território nacional. Porém, salienta que dentre estes nenhum deles nega a cor, uma vez que seria impossível fazer isso. Diante desse contexto, Matuto distingue nesses espaços quem seriam os “patriotas”:

(...) no “Kosmos”, tem Honório, Reginaldo, Nascimento, Benedicto Olympio, menos o Anésio que é apologista do Japão - no “Smart”, Frederico, Gastão, Joaquim Domingues, Luiz Henrique, Pedro Chirico, que faz questão em provar que é bom brasileiro nascido em São Paulo - menos o Juvenal Bernardino que é italiano. - No “Pendão”, o Argentino, menos o Augusto Pereira, que é chinês. - No “28 de setembro”, o Benedicto Ribas, menos o Lúcio que é alemão. - No “Paulistano”, o Arthur, Arcebiades, Octavio, menos o Emydio que é internacional. - No “Henrique Dias”, o Henrique Dias, que pelo nome não pode deixar de ser patriota... E... no jornal *A Liberdade* todos os representantes, menos o Alfreidinho que é apologista da nação africana.¹¹⁵

Observemos que Matuto utilizava o termo apologista para se referir a determinadas pessoas que faziam apologia ao Japão, Itália e Alemanha. Quando abordou o jornal *A Liberdade*, afirmava que Alfreidinho é “apologista da nação africana”.¹¹⁶ Que nação seria essa? Não temos elementos para identificar. A referência a África aqui é bastante genérica, como se a realidade dos diferentes países que compõem esse continente fossem as mesmas. Essa era uma perspectiva que também poderia ser observada nos jornais da imprensa de maior circulação publicados no período como *A Província de São Paulo* e o *Correio Paulistano*.

Na sessão “Vagando” da edição de número dez, Matuto, discutiu a questão do preconceito. Ele iniciou sua crônica com a frase: “Renega de amigo, encobre o perigo”, indicando que o menosprezo entre amigos poderia ser indicativo de problemas entre eles. Em seguida, aponta que iria abordar um assunto que ele definia como melindroso e que o deixava quase sem coragem de dizer, embora, outros também já o tivessem observado: o preconceito (da cor). Destaca que muitos daqueles que fazem parte das associações são filhos de pais negros e que, em determinadas situações, alguns sujeitos com a tez mais clara propunham que somente mulatos e mulatas sejam autorizados a entrar nas festas, o que impediria a presença dos familiares dos associados nos eventos:

Ora imaginem os leitores, entre eles os mulatos e as mulatas, que fazem parte de uma sociedade ou grupo; um ou ambos os seus progenitores têm a pele da cor do

¹¹⁵ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 14 de dezembro de 1919, p. 2.

¹¹⁶ *Ibidem*.

azeviche: no auge do entusiasmo, um sócio mais branquinho, sem pensar no mal que possa advir, propõe que em tal festa, só sejam admitidas mulatos e mulatas! Uma vez aprovada a proposta tem esta de ser posta em execução.

No dia designado os nossos pais ou um parente preto nos quer acompanhar? Formidável decepção porque são pretos, não podem assistir a uma festa para a qual o seu filho pagou o necessário rateio, isto devido ao preconceito da própria cor.¹¹⁷

Na visão do autor, essa era uma das formas do preconceito da própria cor se manifestar, pois para ele não existiria o preconceito do branco em relação ao negro, mas o do negro em relação aos seus iguais, fazendo com que a situação no Brasil fosse diferente daquela observada nos Estados Unidos:

(...) Sou obrigado a dizer... com toda a evasiva de um homem de cor e nas condições etc. estou quase acreditando. Matuto foi um sempre um dos que negaram os preconceitos neste Brasil, e sou forçado a continuar a negá-lo, quanto a parte dos brancos, porque vemos a verdade, só temos um preconceito que é perigoso, e esse é imposto pelos próprios descendentes. Nos Estados Unidos da América do Norte a luta é do branco contra o preto, nos Estados Unidos do Brasil é a do preto contra o preto! Que contraste!¹¹⁸

Matuto afirmou que sempre negou que houvesse preconceito no Brasil. No entanto, a situação que observava em algumas associações fez com que ele revisse sua postura. É fato que no Brasil, os negros com a pele mais clara tiveram e ainda tem maior aceitação entre os brancos, o que teria garantido privilégios em determinadas situações. Ocorre que esta consideração é apenas parcial, de modo que estes sujeitos ocupam o não lugar: são apenas tolerados entre os brancos e não se reconhecem entre os negros. Se esses sujeitos de pele mais clara têm essa percepção acerca de si e de seus pares isso se deve à convivência com os brancos. Portanto, diferente do que Matuto afirma, o preconceito existente entre os negros tem uma relação direta com a branquitude compreendida por Muller e Cardoso, como a

(...) pertença étnico-racial atribuída ao branco. Podemos entendê-la como o lugar mais elevado da hierarquia racial, um poder de classificar os outros como não brancos, que, dessa forma, significa ser menos do que ele. O ser - branco se expressa na corporeidade, a brancura. E vai além do fenótipo. Ser branco consiste em ser proprietário de privilégios raciais simbólicos e materiais.¹¹⁹

Matuto realiza uma discussão que a partir de 1982 passou a ser definida por Alice Walker como Colorismo, no ensaio “*If the Present Looks Like the Past, What Does the Future Look Like?*”, que foi publicado no livro *In Search of Our Mothers’ Garden*. De acordo com essa perspectiva, os negros de pele mais clara, embora não consigam se livrar do racismo acessa vantagens asseguradas aos brancos. Em determinados momentos são vistos como

¹¹⁷ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 28 de dezembro de 1919, p. 1.

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 2.

¹¹⁹ MULLER, Tânia Mara Pedroso, CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017.

semelhantes (nunca como iguais). Essa situação faz com que eles questionem a sua negritude, uma vez que a forma como o preconceito e a discriminação se manifestam em suas experiências ocorram de forma mais velada (sendo inclusive negada). A sua convivência com os negros com a pele mais escura sempre seria tensa, uma vez que eles precisam lutar para assegurar benesses que aqueles já têm, e apontam que o preconceito e a discriminação a qual estão sujeitos são decorrentes da negritude aqueles negada.¹²⁰ Essa diferenciação dos negros em virtude dos tons de sua pele provoca uma crise de identidade entre estes, levando à sua desarticulação enquanto grupo, o que contribuiria com a manutenção do *status quo*.

Ainda nesta edição a coluna “Hipocrisia de Cor”, assinada pelo gerente do periódico Joaquim Domingues, apontava o caráter pejorativo sobre a palavra negro, indicando que o correto seria a palavra morena para se referir as pessoas de cor. Destaca que mesmo nas associações em que era a maioria, os negros de pele mais clara (ou que pensam ter) agiam de forma preconceituosa. Salientou que mesmo num país civilizado como os Estados Unidos os negros tinham problemas e se questionou porque isso ocorreria se ele também era uma criação de Deus. Se havia sujeitos negros que tinham caráter duvidável isso também haveria de ser identificado em outros grupos. Alegou que só os negros eram desprezados, quase que abandonados pelos seus iguais, o que os impediria de se organizarem socialmente. Fazendo uso de um discurso com moral religioso, o autor apontou que todos iriam morrer e, nesse momento, a cor de cada um não faria diferença. Por fim, endossando a crônica de Matuto, apontou que o preconceito seria próprio dos negros para com os seus iguais:

Deixemos de preconceitos de raças iguais, antes, procuramos chamar ao caminho da honra e do dever os transviados para que possamos sair dessa utopia em que vivemos, mormente em um país rico e livre como o nosso, onde existe o preconceito é verdade, mas em sua maioria, na própria raça dos azeviches.¹²¹

Embora acreditasse que essa realidade estava posta, ele considerava que o comportamento racista não fazia parte dos padrões vigentes. O uso do termo transviado, para configurar uma excepcionalidade, foi utilizado nesse sentido de modo que era preciso que esses indivíduos retomassem “ao caminho da honra e do dever” e, assim, o problema estaria resolvido.

Na sessão “Vagando” da edição de número doze, Matuto afirmou que o dia 18 de fevereiro não foi um domingo muito bom para ele, já que, tendo resolvido sair de São Paulo e

¹²⁰ DJOKIC, Aline. *Colorismo: o que é e como funciona*. Disponível em: <<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 3/06/2020.

¹²¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 28 de dezembro de 1919, p. 2.

viajar para Guapira, precisou pagar duas passagens ao invés de uma, pois pegou o bonde para ir até a estação. O trem estava cheio e as fagulhas produzidas por ele caíram em suas roupas, provocando alguns furos. Ao chegar a Guapira foi convidado a assistir uma partida de futebol e, embora não gostasse muito, aceitou. Lá foi convencido a apostar em um dos times que estavam jogando. Lembrou-se da campanha dos *Heróis da Chamas* no ano anterior e considerando o empenho dos mesmos, julgou que seria fácil ganhar a aposta. Porém o resultado não foi o esperado. Retornando a São Paulo decidiu ir ao Paulistano. Ficou lá até mais tarde, já que o ensaio foi prolongado, e quando resolveu ir embora já não havia mais bondes. Teria que fazer o caminho a pé se não tivesse encontrado Gastão, Frederico, Joaquim e Arthur de Oliveira, que lhe ofereceram cerveja e oportunidade de conversar sobre o Grêmio Recreativo Rio Branco, elogiado por Frederico. Como esse último era comedido em suas declarações, Matuto salientou que essa de fato era um fala a ser considerada e finaliza sua crônica parabenizando a associação pelos elogios recebidos.¹²²

A crônica de Matuto faz referência ao bonde, o principal meio de transporte público em São Paulo no início do século XX, apontando alguns problemas como a superlotação e o fato das fagulhas usadas no processo de queima do carvão, dissiparem e caírem na roupa daqueles que faziam uso do mesmo, um aspecto certamente desagradável aos seus usuários.

Tomando como exemplo os centros urbanos europeus, a cidade de São Paulo buscava se modernizar. Além das transformações urbanísticas, a população deveria adquirir novos hábitos. A prática de esportes, de diferentes modalidades, insere-se nessa perspectiva. Houve o “desencadeamento de uma febre esportiva que assolou o século XX desde seus primórdios refletindo a ética do ativismo, a ideia de que é na ação e, portanto, no engajamento corporal que se concentra a mais plena realização do destino humano”.¹²³

É nesse contexto de valorização do esporte que o futebol chega à cidade de São Paulo. Se a princípio era um esporte praticado por membros da colônia inglesa, que vieram trabalhar no Brasil, ou por aqueles que haviam se educado na Inglaterra, logo se popularizou, passando a ser praticado por diferentes grupos sociais.¹²⁴ O fato de Matuto fazer referência a alguns times de futebol em sua crônica evidencia essa difusão.

¹²² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 28 de dezembro de 1919, p. 1 a 2.

¹²³ SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: História da Vida Privada no Brasil — República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 568 a 569.

¹²⁴ FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 7.

A facilidade com que se aclimatou ao contexto nacional deve-se ao seu caráter coletivo, às emoções que despertavam, e a possibilidade de sua realização nos ambientes mais adversos possíveis. Assim rapidamente ultrapassou os espaços elitizados, onde era a princípio praticado, para alcançar as fábricas, os subúrbios, as várzeas, e os bairros populares. Em decorrência desse processo, o número de jogadores e torcedores cresceu consideravelmente, os clubes e campeonatos estruturaram-se, assim como as entidades organizativas de São Paulo e Rio de Janeiro, que rapidamente demonstraram o quão poderosas seriam.¹²⁵

É preciso salientar que esse processo de difusão do futebol entre os nacionais pobres, sobretudo os negros, foi objeto de críticas e polêmicas, uma vez que o interesse pelo esporte aproximava grupos sociais distintos. O fato de possibilitar práticas e experiências comuns incomodava os indivíduos que viam o futebol com qualidades redentoras, como a melhoria da raça (pautada na perspectiva de mente e corpo sãos) e o sentido de pertença a uma nação.¹²⁶ Eles acreditavam que o desenvolvimento esportivo que se iniciava no Brasil poderia fazer parte de um projeto maior, pensado no contexto da Primeira Guerra Mundial, cujo objetivo era salvar o país através da educação e da saúde.¹²⁷

Nas palavras do cronista esportivo, Mario Leite Rodrigues Filho,

(...) o futebol se vulgarizava, se alastrava como uma praga. Qualquer moleque, qualquer preto podiam jogar futebol. No meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais. Bastava arranjar uma bola de meia, de borracha, de couro. E fabricar um gol, com duas maletas de colégio, dois paletós bem dobrados, dois paralelepípedos, dois pedaços de pau. Em todo canto um time, um clube. Time de garotos, de moleques, clubes de operários, de gente fina. Mas muito clube, clube demais.¹²⁸

Como a popularização do futebol entre as camadas menos abastadas tornou-se uma realidade, outras medidas foram tomadas para que o esporte ainda mantivesse seu ar aristocrático. Por exemplo, a proibição dos pequenos clubes de origem e de jogadores considerados mestiços e negros a participarem de campeonatos oficiais,¹²⁹ o que dificultou, mas não inviabilizou, a difusão do esporte, um fato que, nas palavras de Carvalho, demonstra como “o mundo subterrâneo da cultura popular engoliu aos poucos o mundo subterrâneo da cultura das elites”.¹³⁰

¹²⁵ FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, p. 8.

¹²⁶ *Ibidem*, p. 12.

¹²⁷ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Questão Nacional na Primeira República*, p. 145-6. Apud. FRANZINI, Fábio. *Op. Cit.*, p. 13.

¹²⁸ FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, p. 30.

¹²⁹ FRANZINI, *Op. Cit.* 17 a 18.

¹³⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 41.

Por fim, Matuto destacou sua ida ao clube Paulistano e o encontro que teve com Gastão de Oliveira, Frederico Baptista de Souza, Joaquim Domingues e Arthur de Oliveira, respectivamente, redator, secretário, gerente e colaborador do periódico *A Liberdade*. Dialogaram sobre o Grêmio Recreativo Rio Branco, que foi elogiado por Frederico Baptista de Souza. Como já destacamos, seu comportamento era considerado exemplar na comunidade negra daquele momento, fazendo com que receber um elogio seu fosse um fato a ser bastante considerado. Novamente podemos observar como os periódicos negros publicados nesse período estavam ligados às associações recreativas/dançantes, algumas vinculadas diretamente a elas, outras atuando na divulgação de suas ações e de seus associados como na situação que destacamos.

Na sessão “Vagando” da edição de número 13 foi publicada na primeira página. Matuto, nosso autor volta a fazer uso de uma frase de efeito: “A maior cegueira é a da ignorância”, salientando a importância do conhecimento, para iniciar suas considerações. Matuto afirmou que iria reproduzir um discurso pronunciado em um dos salões da rua Glicério, visto “a sua importância jurídica, tratando-se da defesa de um estrangeiro por um nacional de cor preta”.¹³¹ No entanto, através do texto publicado, não é possível compreender de fato qual havia sido o caso. No discurso, o orador aponta que suas palavras se referem ao

(...) jornalzinho “A Liberdade”, desse jornaleco, que desde 14 de julho do ano passado, tem aparecido e que seus redatores, homens empregados, são pessoas indignas, indignas porque tem entrada em lugares que eu não posso aparecer, cavadores porque, não contando o jornal com cem assinantes, ele tem saído, sendo pago cada tiragem a 40\$000 e difamadores porque ainda não me honraram nas críticas e do que escrevem estão prontos para apresentar provas. Esse jornal vejam bem, meus senhores, nem ao menos, sabem apreciar minha capacidade, pedindo um artigo, e não é para um homem de talento e espírito cultivado publicar a sua indignação?¹³²

Ele ainda aponta que não teria sido procurado pelo periódico e que seu desejo era ser aclamado mais alto do que os redatores de *A Liberdade*, uma vez que a sua capacidade de discernimento era firme, visto que,

“*A Liberdade*” tem criticado, pessoas de maiores responsabilidade que a minha, são justamente os que mais apreciam e isto me faz mal aos nervos. Não penseis que estou dizendo disparates, nem defendendo os nossos nacionais, mas é uma causa justa, não defendo injustiça, não, eles, os da “*A Liberdade*” sim; pois já não podemos andar livremente por causa de difamadores que não se parecem comigo, porque não andam cavando ensaios a título de redatores, como eu faço a título de exímio orador.¹³³

¹³¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 7 de março de 1920, p. 1 a 2.

¹³² *Ibidem*.

¹³³ *Ibidem*.

Matuto afirma que, ao final de suas considerações, o orador teria sido abraçado, beijado e aclamado por aqueles que o ouviam. Possivelmente contrariado com o apoio que o advogado recebera, nosso cronista aponta as seguintes considerações:

Eis ai uma coisa interessante, que custou ao homem do salão uma dúzia de cerveja e mais nada. Pudera. Uma defesa gratuita, só assim. Enfim, quem precisa mostra a inteligência, precisa molhar a garganta. Ainda mais, disto se tira bom proveito.¹³⁴

Na edição de número 14, a crônica de Matuto sob o título: “Um pouco de cada coisa” versa sobre as visitas que teria realizado as associações negras de São Paulo. Aponta que no Kosmos foi muito bem recebido junto com Frederico (Baptista de Oliveira, secretário do periódico *A Liberdade*) por D. Olivia Esteves, D. Hermantina Conceição e D. Laura Moraes e que na ocasião ficou sabendo que o senhor Benedicto de Mattos estava cedendo seus direitos a um terceiro, o que teria causado surpresa a Matuto que afirma que não devemos trabalhar para outros, no entanto, teria ficado feliz pelo fato de ser admirado.¹³⁵

Sobre o Pendão Brasileiro, Matuto destacou a educação de seu presidente e a forma como conduzia a resolução dos problemas, a exemplo da forma que entrevistou na discussão de um jovem casal que tentava disfarçar suas mágoas. Além disso, informou como Argentino e Manoel Oliveira recebiam bem todos os convidados da associação, e salientou que, embora estivessem na quaresma, não se sentia o cheiro de peixe e de bacalhau no ambiente e que em virtude da posse da nova diretoria, os ensaios teriam se prolongado e contado com a presença de representantes do Kosmos, do 13 de Maio e *A Liberdade*.¹³⁶

Em relação ao Smart, Matuto destacou a posse da nova diretoria e o fato dela acontecer no dia do aniversário da associação, embora não tenha havido comemorações. Para Matuto, isso não teria ocorrido por falta de verbas. Mesmo diante dessa situação, “enviamos os nossos parabéns, esperando sempre a boa vontade para demonstrar que os homens de cor, procuram muitos deles, honrar os nomes de muitos patrícios de cor, para honra da classe e glória da Pátria”.¹³⁷

Sobre o Elite, ele afirma que a associação estava com uma nova organização, porém não teria muitos elementos para falar sobre.

Ainda nesta coluna, o autor faz considerações sobre uma reportagem publicada no jornal *O Combate*, que abordava uma situação na qual três brasileiros negros teriam sido

¹³⁴ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 7 de março de 1920, p. 1 a 2.

¹³⁵ *Ibidem*. Edição de 4 de abril de 1920, p. 2.

¹³⁶ *Ibidem*. Edição de 7 de março de 1920, p. 2.

¹³⁷ *Ibidem*.

discriminados por um estrangeiro na cidade de Campinas. Matuto afirma que esta situação era muito comum aqui no Brasil e que tal fato:

(...) só agora é que despertou os protestos, porque isso se passou com um estrangeiro, coisa que a muito deveria estar em prática, não contra este, mas contra os poucos que entendem que o preto não é brasileiro e que a lei faz diferença de cor, esquecendo os bons serviços prestados pelos pretos, dando provas de que desconhecem a história da Pátria, onde livre dos preconceitos, deixou em suas páginas a glorificação dos homens de cor, salvo se querem desmentir a história, o que também não estranharíamos, principalmente agora que se trata de saber e desmentir quem matou Lopes e se de fato o Patriarca da Independência foi ou não José Bonifácio.¹³⁸

Embora Matuto traga o assunto à baila, sua crítica não é em relação a quem teve a postura discriminatória naquela ocasião e sim aqueles que julgam que os negros não são brasileiros devido a sua origem africana, bem como aqueles que afirmavam que as leis faziam diferença por cor. Para o cronista, ao agir dessa forma, esses indivíduos davam prova de que desconheciam os bons serviços prestados pelos negros a sociedade brasileira, assim como a História do país.

O argumento de Matuto é bastante pertinente. No entanto, quando ele discorre a forma como a História teria sido escrita, observamos alguns pontos que podemos destacar. O primeiro diz respeito ao fato dele acreditar que os negros puderam registrar sua História. Sabemos que durante muito tempo a historiografia brasileira considerou somente a perspectiva econômica da escravidão em detrimento dos aspectos socioculturais, fazendo com que as pesquisas fossem voltadas a questões macroestruturais. O mesmo teria ocorrido no pós-abolição, quando as pesquisas buscavam evidenciar os projetos formulados pelas elites acerca da utilização dos nacionais livres e libertos como mão de obra, além de evidenciar seus diagnósticos e projetos de construção nacional numa perspectiva, geralmente, conservadora. Felizmente, nas últimas décadas, o pós-abolição tem se constituído como um problema histórico com variáveis e preocupações múltiplas que evidenciam uma história de lutas e protagonismo dos negros.

Num contexto de emancipações políticas sucessivas em nome da liberdade dos novos cidadãos, a questão dos direitos de cidadania dos libertos, o pensamento racial emergente nas novas nações em construção, bem como suas relações com os cânones do ideário liberal e com as variadas conjunturas históricas em que as diferentes sociedades escravistas viveram o processo de emancipação escrava ao longo de todo o século XIX, são variáveis que passaram a ser cada vez mais consideradas.¹³⁹

¹³⁸ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 4 de abril de 1920, p. 2.

¹³⁹ RIOS, Ana Maria, MATTOS, Hebe Maria. *O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas*. Topoi V. 5, nº 8, jan- jun. 2004, p. 173.

O segundo aspecto diz respeito ao fato de Matuto considerar que os livros de História estariam livres de preconceitos. Considerando que *A Liberdade* foi publicado na década de 1920, devemos inferir que a concepção de História a qual o nosso cronista se refere estava atrelada ao Positivismo, em que o historiador era um mero coletor de informações e fatos presentes nos documentos escritos. Acreditava-se que as fontes pudessem falar por si só e, através delas, seria possível conhecer a verdade. Nesse contexto, os livros estariam livres de preconceitos, uma vez que o historiador adotava uma postura neutra no processo de pesquisa. A Escola dos Annales, no entanto, possibilitou-nos compreender que as preocupações dos historiadores dizem mais respeito ao contexto em que ele está inserido do que propriamente ao período que está sendo pesquisado e que, portanto, seu posicionamento não seria neutro. Além disso, apontou a importância das outras áreas de conhecimento para a constituição do conhecimento histórico e ressignificou a concepção de documento, considerando outras fontes para além dos registros escritos. Dessa forma, à luz dessas informações, salientamos que se, de fato, a História da população negra estivesse registrada nos livros, como Matuto afirma, certamente teria sido escrita a partir de uma perspectiva preconceituosa, a considerar o período.

É preciso destacar ainda que a escrita da História dos negros pelos negros ocorreu com a inserção deles no ensino superior, sendo esse fenômeno relativamente recente. Considerando as reivindicações da população negra voltadas ao campo educacional através do movimento associativo dos homens de cor, Gomes e Domingues apontam três fases distintas para esse processo, a saber: na primeira (1889 a 1937) e segunda fase (1937 a 1978) havia a denúncia do analfabetismo e da precariedade dos processos de ensino voltados a esse segmento populacional, portanto, a atenção estava voltada exclusivamente ao que hoje definimos como Ensino Fundamental. Somente na terceira fase (1978 a 2003) é que se destaca o acesso ao Ensino Superior e a um processo educativo pautado na perspectiva do respeito à diversidade étnico-racial.¹⁴⁰ Com isso, foi somente a partir da década de 1970 que ocorreu uma reavaliação do papel do negro na História do Brasil, possibilitando a inserção de práticas pedagógicas afro-centradas nos currículos escolares. Apenas em fins dos anos 1990 que os negros passam a ter maiores possibilidades de serem produtores de suas próprias narrativas

¹⁴⁰ Segundo os autores, a periodização proposta leva em consideração o desenvolvimento do movimento associativo dos homens negros, que por sua vez reflete a conjuntura política, social, cultura e econômica do país. GOMES, Flávio dos Santos, DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, p. 274.

numa perspectiva acadêmica através do acesso a universidades, que ocorreu sobremaneira a partir do programa de cotas.¹⁴¹

Matuto terminou a crônica realizando um breve comentário sobre o incidente ocorrido no salão da rua Glicério, informando que “ai está uma vergonha para nós outros, e assim se inutiliza muitas coisas sem precisar muito rumor”,¹⁴² sem detalhar o que teria ocorrido. No entanto, na mesma página do jornal a reportagem “Salão da rua Glicério” relatou os fatos: que os bailes de cavação realizados no portão do salão eram feios e desmoralizadores; aqueles que os organizavam eram criminosos, desocupados e desordeiros e geralmente carregavam “consigo uma arma, trazem no bolso uma navalha, na cava do colete uma faça aguçada e no bolso da calça um revólver”.¹⁴³ Além disso, a desordem seria uma constante, sendo inúmeras as reclamações dos moradores da região, fazendo ser necessária a intervenção constante da polícia, que ultimamente havia passado a estacionar um carro na frente do salão. Por intervenção do delegado do distrito foi colocada uma placa proibindo a entrada de negros. Diante dessa situação, *A Liberdade* posicionou-se: “tem se batido pelo direito e pela justiça, para moralizar a nossa raça, fazendo com que extingam-se esses bailes”,¹⁴⁴ aconselhando seus leitores a não frequentarem aquele espaço, uma vez que estava

(...) ciente de tudo quanto se passa no salão não deixou de tomar as providências que o caso exigia, ora pelo jornal ora por meio de ofícios e até conferências com as autoridades a fim de cessar e que os nossos irmãos criem um pouco de vergonha e caráter.¹⁴⁵

A continuação dessa reportagem ocorreu na edição de número 15, que apontava que o salão estava funcionando, porém, de forma irregular: “o tal proprietário ganancioso andou chorando de porta em porta pedindo misericórdia, houve um bom coração que falou com a autoridade do distrito e este mandou que se registrassem os estatutos de uma sociedade qualquer, de posse desde documento o salão abriu as portas”.¹⁴⁶

Além da problemática da corrupção dos agentes públicos aqui explicitada, havia outra questão a ser resolvida. O estatuto utilizado era de uma sociedade que realiza bailes fechados só para seus associados, sendo que esse espaço fazia festas com a cobrança das entradas. Dessa maneira, não poderia vedar a entrada de quem quer que fosse. Para que os bailes funcionassem dessa forma era necessário que o dono do estabelecimento pagasse um valor à

¹⁴¹ GOMES, Flávio dos Santos, DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, p. 289 a 295.

¹⁴² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 4 de abril de 1920, p. 2.

¹⁴³ *Ibidem*.

¹⁴⁴ *Idem*. Edição de 4 de abril de 1920, p. 2.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

¹⁴⁶ *Ibidem*. Edição de 9 de maio de 1920, p. 2.

Prefeitura e outro ao Estado, referente ao selo para a entrada, o que na visão do articulista jamais seria possível, pois,

(...) num baile em benefício, como dizem eles, nunca poderão pagar as licenças pelo motivo seguinte: as despesas são superiores ás entradas e não sobra nada para a arapuca; o dia seguinte é sagrado e os promotores desses festins não podem perder seus trabalhos, a dança cansa e as roupas e os calçados se estragam, sem ter lucros...¹⁴⁷

O artigo foi finalizado com um lembrete aos leitores “a nossa raça precisa compreender que os bailes ali foram suspensos por sua causa”,¹⁴⁸ uma vez que havia um cartaz em sua entrada afirmando que lá não dançavam pretos. Dessa forma, *A Liberdade* sugere que procurem outros espaços para se divertirem, apontando que aqueles que tiverem brio e vergonha não deveriam mais voltar àquele local.¹⁴⁹ Convém destacar que não houve em nenhum momento o questionamento da postura discriminatória das forças policiais pelo periódico. Embora todos os problemas que envolvessem o salão tenham sido levantados ao longo do artigo, a “culpa” pelo seu fechamento era do negro, perspectiva que reproduz o comportamento da sociedade paulistana da época.

Esse evento já havia sido abordado pelo periódico na coluna “Notícias” na edição de número 12. Voltado ao Sr. Vitaliano Ungheria, organizador dos bailes que ocorriam na rua do Glicério, o artigo critica o evento (refere-se ao mesmo como um baile de cavação, ou seja, um evento realizado para gerar lucro). No entanto, a problemática principal era a proibição da entrada dos negros. Embora essas medidas fossem tomadas pelas associações, ocorriam somente em determinadas situações e em outro contexto:

A medida tomada por nossa classe é muito justa. As diretorias do Centro Smart e do Paulistano, devem tomar uma providência afim de não aceitar em seu seio pessoas que só servem para fomentar a desmoralização da nossa classe. Se bem que a nossa raça acha-se um tanto desmoralizada, ainda nos achamos com forças suficientes para endireitá-la; é bastante que haja união das sociedades legalmente constituídas.¹⁵⁰

Vitaliano Ungheria é acusado de agir de má fé, na medida em que poderia dar um baile de qualquer espécie e, na condição de estrangeiro, convidar pessoas da sua e de outras nacionalidades, mas não o fazia porque sabia que estas pessoas não frequentariam tal espaço, ao contrário dos negros que estavam dispostos a pagar 2\$000 réis pela entrada e gastar aquilo que não tinham em seu botequim. Além disso, há aproximadamente um mês antes, ele teria escondido a lista dos pagantes quando da presença da polícia no local, porque ele estaria

¹⁴⁷ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 9 de maio de 1920, p. 2.

¹⁴⁸ *Ibidem*.

¹⁴⁹ *Ibidem*.

¹⁵⁰ *Ibidem*. Edição de 1 de fevereiro de 1920, p. 2.

infringindo o artigo 16, parágrafo 1º nº 2 da lei nº 1258 de 30 de outubro de 1909, que proibia os bailes pagos a porta sem alvará com a licença de funcionamento.¹⁵¹

Na sessão *Vagando* da edição de número 15, Matuto, iniciou sua crônica com a frase de efeito “Quando a miséria bate à porta a vergonha sai à janela”, salientando que a situação de pobreza das pessoas poderia fazer com que estas vivenciassem experiências não imaginadas em outras situações. Nessa publicação o autor abordou o aumento abusivo do aluguel em determinadas regiões e o fato dos proprietários não quererem alugar suas residências a pessoas negras. Afirmou que, alguns anos antes, essas mesmas pessoas ficavam felizes em alugar os porões de seus prédios às cozinheiras, já que elas ficavam o dia inteiro fora e havia muitas casas desocupadas, uma vez que as pessoas com melhores condições não queriam morar nesses locais. No entanto, com o aumento do custo de vida, viram-se obrigados a residir em vilas e porões, o que fez com que os donos dessas propriedades pudessem optar pelos brancos em detrimento dos elementos de cor. Na eminência de retirar esses sujeitos de suas propriedades muitos realizavam penhoras e despejos ilegais. Aproveitam-se da ingenuidade dos mais humildes e das mulheres e investiam-se de um poder que não tinham para praticar tal crime. Matuto sugere que, quando isso ocorresse, os moradores da casa deveriam exigir os documentos que comprovassem se, de fato, era de competência daquela pessoa realizar aquela função. Por fim, Matuto destacou que *A Folha Ilustrada*, sob a direção do jornalista A. Lúcio Penido, teria publicado no dia 24 de abril uma reportagem sobre o proprietário da Vila Conde de Sarzedas¹⁵² e o seu desejo de banir de sua propriedade os elementos de cor.¹⁵³

Segundo Domingues, a maioria dos negros que viviam na cidade de São Paulo ocupavam porões, cortiços ou casebres. Os porões e cortiços ficavam nas regiões mais centrais, habitadas também por brancos pobres, enquanto que os casebres se localizavam nas áreas periféricas. De modo geral, esses locais contrariavam as regras de higiene e saúde pública, já que eram densamente povoados, embora fossem espaços pequenos e muitas vezes sem janelas. Os cortiços enfileirados eram alugados para muitas famílias, possuíam um corredor lateral que ligava a entrada até o quintal localizado no pátio, onde ficavam o

¹⁵¹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 1 de fevereiro de 1920, p. 2.

¹⁵² No informativo nº 18 ano 3 do Arquivo Histórico Municipal o artigo: São Paulo no Nihonjin Os primeiros anos da presença japonesa em São Paulo traz uma série de fotos da Vila Sarzedas com "casario térreo, com padrão arquitetônico simplificado em vilas operárias no mesmo período". Disponível In: <http://www.arquiamigos.org.br/info/info18/i-estudos.htm>. Acesso em 29/03/2020.

¹⁵³ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 9 de maio de 1920, p. 1.

banheiro e o tanque de lavar roupas.¹⁵⁴ Pelo fato do aluguel dos cortiços serem altamente rentável, pequenos, médios e grandes empreendedores passaram a investir nesse tipo de negócio. Alguns casarões foram adaptados e outros foram construídos com esta finalidade.¹⁵⁵

É preciso considerar que São Paulo passou por um acelerado processo de urbanização dos anos 1920. Uma cidade cosmopolita com ares europeus começou a ser forjada, o que incluía derrubar às pressas os vestígios da arquitetura colonial. Houve uma ornamentação paisagística europeia em vários locais da cidade. As estruturas metálicas da Estação da Luz, do Viaduto do Chá e de Santa Efigênia (importadas da Alemanha), a construção do Teatro Municipal (à semelhança da Ópera de Paris), bairros com tijolos à vista recordando Londres, casas com telhados vermelhos a exemplos de algumas cidades italianas, a movimentação dos bondes e dos automóveis, espaços de lazer com os parques e as praças para as moças e de trabalho para os homens e comerciantes são alguns exemplos das mudanças pelas quais a cidade passava.¹⁵⁶ Obviamente, a população negra não tinha espaço nessa nova reconfiguração, o que justificava o aumento dos aluguéis e os despejos sumários, fazendo com que houvesse o deslocamento dessa população do centro para os bairros periféricos da cidade.

Foi então, lentamente, que a elite paulista, guiada pelos parâmetros médicos, operou a segregação urbana, expulsando os cortiços e concentrando-se nos altos da cidade: Avenida Paulista, Higienópolis, Jardim América, Pacaembu. O espaço da cidade foi adquirindo qualidades, incorporando a cisão entre o bem e o mal. O alto, o suave, o delicado, o claro e o salubre foram se opondo ao baixo, ao brusco, ao impetuoso, ao escuro, ao insalubre.¹⁵⁷

Na edição de número 16, Matuto, iniciou sua crônica com a frase de efeito “A justiça e a caridade são as duas grandes virtudes sociais”, apontando elementos que, na sua visão, seriam fundamentais para uma sociedade mais harmônica. A discussão realizada por nosso cronista dizia respeito ao pedido do Presidente da República, Nilo Peçanha, à Câmara dos Deputados para a transladação dos restos mortais do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz D. Thereza Christina. A Câmara, além de atender ao pedido do presidente, julgou ainda ser necessário aprovar a revogação do decreto nº 78 de 21 de dezembro de 1889, referente ao banimento da Família Real decretado pelo Governo Provisório.¹⁵⁸ Para Matuto, a Câmara agia

¹⁵⁴ DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac, 2004, p. 216 a 218.

¹⁵⁵ ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 100.

¹⁵⁶ PROENÇA, Caio de Carvalho. *São Paulo na década de 20: a construção de uma cidade para as elites*. Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012, p. 1 a 2.

¹⁵⁷ ROMERO, Mariza. *Op. Cit.* p. 101.

¹⁵⁸ Decreto nº 78-a, de 21 de dezembro de 1889.

Bane do território o Sr. Pedro de Alcântara e sua família, e revoga o decreto nº 2 de 16 de novembro de 1880, e estabelece outras providências.

corretamente, já que, estando à República consolidada no país, não havia mais motivos para essa lei continuar em vigor. Enviada ao Senado, a revogação foi rapidamente aprovada, embora algumas considerações tenham sido realizadas. Algumas pessoas, como nos lembra nosso cronista, apontavam que a Constituição já abolira tal regra e que o Código Penal estabelecia como pena máxima aos crimes cometidos no Brasil 30 anos. A República estava prestes há completar 31 anos, portanto, se a Família Real tivesse cometido algum crime o tempo para ter pago por ele já teria passado. Além disso, destacavam, “que crime cometeu a Redentora, seu digno esposo, que nem se quer, por si e por seus adeptos ofereceram a mínima resistência à implementação do novo regime entre nós?”¹⁵⁹

Nesse contexto, o Grêmio Recreativo Kosmos “enviou um ofício de congratulação ao Presidente da República no qual solicitava sua cooperação para a aprovação da lei de banimento”.¹⁶⁰ Matuto parabenizou os rapazes do Kosmos por tal ação e acreditava que eles, por terem sido educados dentro de um regime republicano, compreendiam os princípios da justiça.

Aprovada a lei, a assinatura do decreto que revogava o banimento da Família Real teve caráter solene e foi realizada no dia 3 de setembro de 1920 com uma caneta de ouro, adquirida por subscrição pública promovida pelo jornal *A Rua*, a exemplo daquela usada pela Princesa Isabel quando da assinatura da Lei Áurea, adquirida da mesma forma.¹⁶¹

Para Matuto, a revogação do banimento da Família Real fazia justiça, especialmente em relação

Art. 1º É banido do território brasileiro o Sr. D. Pedro de Alcântara, e com ele sua família (Revogado pelo Decreto nº 4.120, de 1920).

Art. 2º Fica-lhe vedado possuir imóveis no Brasil, devendo liquidar no prazo de dois anos os bens dessa espécie, que aqui possuem (Revogado pelo Decreto nº 4.120, de 1920).

Art. 3º E revogado o decreto n. 2 de 16 de novembro de 1889, que concedeu ao Sr. D. Pedro de Alcântara 5.000:000\$ de ajuda de custo para o seu estabelecimento no estrangeiro.

Art. 4º Consideram-se extintas, a contar de 15 desse mês, as dotações do Sr. D. Pedro de Alcântara e sua família.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrário.

Sala das sessões do Governo Provisório, 21 de dezembro de 1889, 1º da República.

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Chefe do Governo Provisório.

Q. Bocayuva.

M. Ferraz de Campos Salles

Demetrio Nunes Ribeiro

Ruy Barbosa.

Benjamin Constant Botelho de Magalhães.

Aristides da Silveira Lobo.

Eduardo Wandenkolk.

¹⁵⁹ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de setembro de 1920, p. 1.

¹⁶⁰ *Ibidem*.

¹⁶¹ *Ibidem*.

(...) a Redentora que sempre trabalhou para levar o nome da pátria brasileira, já com efeito de 28 de setembro de 1871, depois com a Lei Áurea, de 13 de maio de 1888. mesmo tendo quem lhe fizesse ver, que a assinatura da Lei Áurea, seria a queda do trono, essa mulher sublime e santa, no auge do entusiasmo, sem vacilar, deixou correr a pena, remindo uma raça oprimida, em seu prejuízo próprio.¹⁶²

Matuto lembrou que 30 anos antes José do Patrocínio saudava o fim do cativo e que, naquele momento, Afonso Celso saudava o retorno dos exilados a pátria.

Ainda sobre a revogação, Matuto afirmava que era de seu conhecimento que o Grêmio Recreativo Kosmos teria redigido um ofício de contentamento a D. Isabel devido à decisão do Presidente da República. Para eles, suas ações eram louváveis e os serviços prestados de extrema relevância, assim como para outros negros, de modo “que em 12 de maio de 1893, apesar de estar banida, a mesa da Confraria de Nossa Senhora dos Remédios, aprovava a proposta do saudoso Dr. Antônio Bento, então provedor, dando a D. Izabel, o título de protetora da confraria”.¹⁶³

Sobre a Lei Áurea é necessário destacar que sua aprovação foi precedida de amplos debates, uma vez que

(...) Este era um assunto econômico, pois afinal dele dependia a autonomia ou não dos negros em suas atividades produtivas, assim como a disponibilidade ou não da força de trabalho dos ex-escravos para os senhores que se tornaram seus patrões. Este era um assunto político, pois afinal o governo podia agora interferir decisivamente na organização das relações de trabalho. Insinua-se aqui também a questão social: afinal eram agora necessárias políticas públicas no sentido de viabilizar ao negro liberto a obtenção de condições de moradia, alimentação e instrução, todos assuntos percebidos anteriormente como parte das atribuições dos senhores. Este era um assunto que envolvia tudo isso, se bem que isso ainda não era tudo, e se bem que vários itens dessa agenda não tenham jamais entrado realmente na pauta.¹⁶⁴

Aguardado ansiosamente, o momento da assinatura da Lei Áurea, deve ser considerado a partir de uma perspectiva simbólica envolta de comoção. D. Pedro II encontrava-se doente e no exterior, cabendo a Princesa Isabel a assinatura da controversa lei. Para alguns, a regente teria se adiantado ao pai, com receio de que este não tivesse tempo para libertar os escravos. Para outros, foi uma estratégia para tentar manter o trono e, assim, viabilizar o Terceiro Reinado sob sua liderança. Independentemente de suas motivações, o

¹⁶² *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de setembro de 1920, p. 1.

¹⁶³ *Ibidem*.

¹⁶⁴ CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 28.

fato é que a soberana se consagrou como a autora das duas leis abolicionistas mais importantes do Império, a Lei do Ventre Livre¹⁶⁵ e a Lei Áurea.¹⁶⁶

O projeto aprovado, redigido em apenas dois pequenos e breves artigos, garantiu a demanda central dos abolicionistas, a abolição sem indenização, bem como a demanda dos escravistas, uma vez que não houve a garantia de nenhum direito aos escravizados,¹⁶⁷ embora tenha também decepcionado ambos os lados. Amparados por uma lei extremamente conservadora, homens e mulheres negras finalmente tornavam-se livres. No entanto, a mudança de sua condição jurídica, não significou rupturas, visto que “as hierarquias e os lugares sociais e raciais que então alicerçavam a sociedade brasileira¹⁶⁸ não foram modificados. Mesmo assim, foi saudada com clima de festa pelos brasileiros nas ruas.

No dia 13 de maio a Princesa Isabel chegou ao Paço Imperial, acompanhada de seu marido o Conde D'Eu, por volta das 15 horas. No local já era aguardada pela Comissão da Confederação Abolicionista (integrada por João Clapp, Nicolau Moreira, Joaquim Nabuco, Afonso Celso Júnior, José do Patrocínio e José Dantas). A Comissão do Senado foi recebida na Sala do Trono, onde o senador Manuel de Sousa Dantas teria realizado um discurso. Após muitos aplausos da população, que há essa hora já havia tomado o local, a Princesa recebeu das mãos do Ministro da Agricultura, o conselheiro Rodrigues Augusto da Silva, a lei que dava fim à escravidão no Brasil.¹⁶⁹

Ao chegar à janela do Paço Imperial, a Princesa foi saudada pela população que já ocupava as ruas para comemorar a liberdade. João Clapp, que como já apontamos fazia parte da Comissão da Confederação Abolicionista e era membro da Tribuna Liberal, entregou à monarca “um ramo de violetas e camélias artificiais, cujas fitas brancas traziam o dístico:

¹⁶⁵ Há muitos questionamentos sobre a validade da Lei do Ventre Livre (também conhecida como Lei Rio Branco) uma vez que, considerava a partir de 1871, todas as crianças nascidas a partir daquela data livres, mas suas mães continuavam a ser cativas. A lei estabelecia que as crianças ficassem aos cuidados dos senhores de suas mães até 8 anos quando poderia ser entregue ao Estado (receberiam uma indenização por isso) ou até os 21 anos fazendo uso de sua força de trabalho. O Romance *Fantina* de F. C Badaró nos possibilita refletir como teria sido a vida dessas crianças nesse período: "Tempos depois, em uma varanda ao lado da sala de jantar, via-se uma gamela cheia de comida. Ali reunidos, os crioulinhos comiam, e se acaso um *riobranco* gritava, o remédio era uma varada pelas costas. Sempre em fraldas de camisa os *riobranco*s, quando crioulos eram fulos, muito barrigudos, de pernas finas e cheios de monco. Para uso dos cativos D. Luiza tinha mais parcimônia no emprego das substâncias medicinais; porém os *riobranco*s, quando doentes, tomavam uma infusão de cachaça e carqueja, ou um purgante de jalapa, que repetido punha as crianças dum aspecto esquelético. De olhos fundos, boca transida, a planta dos pés cor de açafão, tal era o tipo desses meninos. As lombrigas nos cativos eram curadas com santonina: nos outros aplicava-se uma massa de rapadura com mamona brava". In: Badaró. Francisco Coelho Duarte. *Fantina: cenas da escravidão*. São Paulo: Chão da Terra, 2019. p.

¹⁶⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 62.

¹⁶⁷ ALONSO, Ângela. *Processos políticos da abolição*. In: SCHWARCZ, Lilia M., GOMES, Flávio. Dicionário da escravidão e liberdade; 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 364.

¹⁶⁸ FRAGA, Walter. *Pós-abolição, o dia seguinte*. In: SCHWARCZ, Lilia M., GOMES, Flávio, *Op. Cit.* p. 351.

¹⁶⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Op. Cit.* São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 64.

Libertas alma mater. A.S.A Imperial Regente, a Confederação Abolicionista. 13 de maio de 1888".¹⁷⁰ A frase, em latim, significa: “traga a liberdade, alma de mãe,” numa alusão que a lei só poderia ser realizada por uma mulher que também era mãe. O gesto foi seguido por José de Seixas Magalhães, também membro da Confederação Abolicionista e proprietário da chácara Leblon, onde se constitui um quilombo, que também agraciou a monarca com um ramo de camélia (a associação da flor a abolição se deu pelo ao fato da mesma ser rara no Brasil nesse período. Para os abolicionistas, sua fragilidade assemelhava-se à liberdade que os escravos desejavam conquistar. Além disso, os cuidados dos quais necessitava para sobreviver dependiam de trabalhadores livres e não de homens e mulheres escravizados).¹⁷¹

Na sequência, José do Patrocínio, proferiu seu discurso. A presença de um filho de escravizados, afrodescendente, abolicionista, contrário às propostas de indenização, ao lado da Princesa Isabel na sacada do Paço Imperial era bastante simbólica. O popular abolicionista negro teve uma participação marcante nas comemorações:

Com a rua iluminada, às sete horas da noite passou a banda de música dos Imperiais Marinheiros. Pouco depois, uma marcha de estudantes provenientes da Escola Naval, da Escola Militar da Escola de Medicina e da Politécnica inundou as imediações com seus estandartes. Parecia Carnaval atrasado, bem no meio de maio. Passadas três horas, as ruas da Corte continuavam lotadas em festa. Diversos órgãos, instituições nacionais e estrangeiras enviaram mensagens à regente, congratulando-a pelo ato de libertação; incluía-se nessa lista um comunicado do Papa Leão XIII, que atribuíra a princesa uma condecoração: a Rosa de Ouro. Isabel deve ter ficado muito feliz com a comenda, uma vez que era católica e devota.¹⁷²

Outro evento realizado em virtude da abolição que merece ser lembrado foi à missa campal do dia 17 de maio. Os registros fotográficos demonstram a dimensão do evento: embora não se possa precisar exatamente o número de pessoas é possível observar que uma multidão se fez presente, pessoas de várias cores, idades, gerações e sexo que carregavam consigo bandeiras e insígnias relacionadas às associações abolicionistas. Além disso, uma quantidade significativa de personalidades acompanhava a Princesa Isabel no palanque montado no campo de São Cristovão, (alguns em virtude apenas da popularidade do ato) para terem seus nomes ou imagens atreladas à Lei Áurea. Muitas pessoas consideravam a abolição o descobrimento do novo Brasil, um país livre, sem a mácula da escravidão. Nessa lógica, a missa representava o surgimento de uma nação,¹⁷³ daí a necessidade de se fazer presente, de ser lembrado, “de entrar” para a História.

¹⁷⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 65.

¹⁷¹ *Ibidem*.

¹⁷² *Ibidem*, p. 66 a 67.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 65.



Figura 2: Missa campal em virtude da comemoração da abolição da escravidão. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?page_id=736. Acesso em: 1/03/2020



Figura 3: Detalhe da missa campal em virtude da comemoração da abolição da escravidão com destaque a Princesa Isabel e o Conde D'Eu ao centro. Disponível em: http://brasilianafotografica.bn.br/?page_id=736. Acesso em: 1/03/2020

Todas essas considerações foram levantadas para demonstrar que houve uma série de ações orquestradas pelo Estado e pela Igreja para que se constituísse uma memória coletiva acerca da abolição, um momento que deveria ser de fato marcante para a população brasileira. A aprovação da lei impulsionou manifestações muito parecidas nas outras capitais, que ocorreram quase que simultaneamente. Assim como os cariocas, os paulistas comemoram a abolição e foram impactados pelos mesmos rituais e símbolos mobilizados para agradar e emocionar, o que nos possibilita compreender o posicionamento do jornal *A Liberdade*

exaltando a figura da Princesa Isabel como a responsável pelo fim do cativeiro no país e a Confraria dos Remédios ter concedido a ela o título de protetora da entidade nos anos 1893, ou seja, cinco anos depois da aprovação da Lei Áurea.

Por fim, na sessão “Vagando” da edição de número 18, Matuto iniciou sua crônica mais uma vez com uma frase de efeito: “Quem se veste de ruim pano, veste-se duas vezes por ano”. Novamente, o assunto abordado foi o comportamento dos homens e das mulheres que frequentavam as associações negras. Nesse sentido, a frase acima mencionada não estaria relacionada ao seu sentido denotativo, mas à necessidade de uma postura exemplar da população negra, de modo a dignificá-la. O vestir-se novamente estaria atrelado ao repensar, ao mudar, ao se adequar. O autor citou o exemplo de casais de namorados que brigavam durante o momento em que estavam dançando a quadrilha. Para ele, essa seria uma atitude inadequada, pois as boas regras de educação apontavam que os problemas pessoais não deveriam ser resolvidos no espaço público. Salientou ainda que um diretor do Centro Smart teria sido suspenso por incorrer nessa falta, e que no Grêmio Kosmos um casal de ex-namorados também teria se excedido. Daí a necessidade de as diretorias das associações estarem atentas a determinadas posturas. Nessa mesma sociedade havia convidadas dançando valsa destinadas às sócias, sem que ninguém defendesse o interesse das mesmas.¹⁷⁴

Segundo Matuto, “é necessário que o nosso povo se convença de que não estamos mais no regime da ignorância fabulosa; devemos mostrar aqueles que menos sabem, como quem esta escreve, alguma coisa queremos saber”.¹⁷⁵ Ele salienta que algumas damas eram convidadas a visitar algumas associações e que falavam mal delas às vezes até para as próprias sócias, reclamavam porque determinadas pessoas não as tiraram para dançar, que não respeitavam as diretorias, que resolveriam suas desavenças no meio do salão, enfim, que não cumpririam nenhuma regra. Para Matuto, seria fácil resolver esse problema: essas mulheres, assim como os homens que cometessem excessos deveriam ser excluídos dessas sociedades. Aponta ainda que o problema de comportamentos inadequados poderia ser observado entre os diretores das associações. Por exemplo, quando um deles ameaçou a diretora de outra instituição ou quando um deles negou-se a dançar com uma mulher por questões pessoais.

¹⁷⁴*A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 31 de outubro de 1919, p. 1.

¹⁷⁵ *Ibidem*.

Cita também o caso de uma diretora que, visitando uma associação, foi suspensa dela sem maiores explicações.¹⁷⁶

Outro ponto destacado por Matuto foram às danças. Não se poderia identificar qual seria o ritmo. A música era uma, a dança outra e não haveria ninguém se entendendo. Quem poderia proibir isso não o faz porque não teria interesse ou porque não conviria. Todos dançavam da maneira que julgavam melhor, “e o mestre sala nada pode dizer: ai dele ou do fiscal ou alguém por eles, se chamam a atenção”.¹⁷⁷

Ainda na edição 18, na coluna “Pelos Sociedades” o articulista apontou, ao mencionar as atividades ocorridas no Centro Recreativo Smart em homenagem a Independência do Brasil, que os ensaios foram prolongados. Além disso, o Sr. Frederico de Souza, fazendo uso da palavra, no intervalo da quadrilha teria tecido comentários sobre a data e feito uma saudação ao Presidente da República “pela revogação do decreto de banimento da família imperial brasileira, elogiando o mesmo, pela mensagem de 3 de maio, que tornou-se um fato, pela assinatura do decreto de 03 do corrente”,¹⁷⁸ o que demonstra que a crônica de Matuto dialogava com o posicionamento de algumas associações.

2.7. Para compreender *A Liberdade*

Na coluna “Liberdade”, esse conceito é definido como uma condição necessária para que a alma alcançasse seu destino. Segundo o artigo, a liberdade deveria ser compreendida para além do espaço das fatalidades que a encerra, já que só assim ela poderia sucumbir às forças que a oprimissem. A liberdade estaria intrinsecamente relacionada à responsabilidade do homem que definiria sua dignidade e sua moralidade. Liberdade e moralidade, portanto, caminhariam juntas. A responsabilidade estaria ligada à nossa consciência, que aprovaria ou não os nossos atos. O remorso seria a demonstração de como essa consciência se manifesta em nós.¹⁷⁹

Para se conseguir ser livre é necessário querer sê-lo e fazer esforço para vir a sê-lo; libertando-se da escravidão da ignorância e das paixões baixas, substituindo o império das sensações e dos instintos pela razão. Isto só se pode obter como uma educação e uma preparação prolongada das faculdades humanas: libertação física

¹⁷⁶ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 31 de outubro de 1919, p. 1.

¹⁷⁷ *Ibidem*.

¹⁷⁸ *Ibidem*. Edição de 12 de setembro de 1920, p. 2.

¹⁷⁹ *Ibidem*. Edição de 31 de outubro de 1919, p. 1.

pela limitação dos apetites; libertação intelectual pela conquista da verdade e libertação moral pela procura da virtude.¹⁸⁰

O artigo abordou a liberdade numa perspectiva abstrata e filosófica, atrelando-a a tomada de decisões. Aponta a importância do conhecimento para que a liberdade de fato se concretizasse numa perspectiva física, intelectual e moral. É evidente a preocupação com a “limitação dos apetites, com a conquista da verdade e com a procura da virtude”, estas poderiam ser legítimas se consideramos que ao abordamos a população negra de São Paulo não estamos nos referindo a um grupo homogêneo; para aqueles que acreditavam que os negros deveriam se igualar aos brancos pelas virtudes e pela cultura esses aspectos eram bastante significativos; foi possível perceber em nossa análise que essa perspectiva se fez presente em várias partes do jornal, portanto, nos parece uma questão fundamental evidenciar que estamos nos referendo a diferentes indivíduos com diferentes perspectivas para compreender o posicionamento do periódico *A Liberdade* nas mais variadas questões levantadas ao longo das edições abordadas.

Após a Proclamação da República a maioria da população negra se dedicava a trabalhos braçais, eram lavadeiras, quitandeiras, empregadas domésticas, carroceiros, vendedores de ervas, lixeiros, varredores de rua, carregadores, limpadores de trilho e viviam em cortiços ou nas regiões periféricas de São Paulo. De modo geral, tiveram pouco ou nenhum acesso a escolarização, eram os pretos da plebe ou plebeus.¹⁸¹

Havia ainda um pequeno grupo formado por sujeitos que desempenhavam diversas funções burocráticas na cidade, atuavam no setor de serviços, como os motoristas particulares ou eram profissionais liberais (advogados, jornalistas, dentistas, técnicos de nível médio, artistas, etc.), viviam dispersos geograficamente pela cidade, embora as sedes das associações aos quais estavam ligados se concentravam na região central de São Paulo. Este grupo a qual nos referimos foi definido por Silva como elite negra e por Moura como letrados.¹⁸²

¹⁸⁰ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 31 de outubro de 1919, p. 2.

¹⁸¹ DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. p. 86.

¹⁸² SILVA, José Carlos da. *Os suburbanos e a outra face da cidade*. Negros em São Paulo (1900 - 1930): cotidiano, lazer, cidadania. 1990.199 f. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas, 1990, p. 102 a 103 e MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2014, p. 219.

Acreditamos que os editores de *A Liberdade* fizessem parte desse grupo letrado, uma vez que essa diferenciação ocorreu, sobretudo a partir do “papel intelectual que esta exerceu (do) que propriamente pela condição econômica que ostentava”.¹⁸³

É preciso considerar que embora ocupando espaços diferentes da cidade estes grupos distintos se relacionavam e

(...) “transitaram com fluidez (...) entre os diferentes cantos, recantos e ambiências sociais, políticas e culturais de São Paulo, dialogando dentro (e fora) do grupo, assimilando e reassimilando valores, repertórios e cosmovisões, permutando e atualizando sua maneira de pensar, sentir e agir.”¹⁸⁴

Um exemplo dessa aproximação foi à publicação dos eventos relacionados ao Carnaval nas páginas de *A Liberdade*. As festividades carnavalescas, sobretudo aquelas que eram realizadas nos espaços públicos, era uma das formas de diversão e entretenimento usufruída pelos negros pobres da cidade, ao passo que os jornais eram representativos desse universo letrado. Esses periódicos constituíram-se como a principal fonte de informação acerca do caráter mais popular dessa festividade, uma vez que a imprensa de maior circulação noticiava somente aqueles eventos ocorridos nos espaços da elite branca de São Paulo. A ambiguidade dessa relação, que não era harmônica, dava-se quando esses periódicos publicavam notícias vinculadas aos bailes de Carnaval promovidos nas associações dançantes. O objetivo era demonstrar que os negros poderiam organizar eventos com pompa e circunstância, a exemplo daqueles realizados pelos brancos.

No universo letrado os valores ideológicos dos brancos foram tomados como referência. Nesse sentido, os jornais “inscritos de valores, símbolos, projetos políticos, em funções dos quais se estruturou uma identidade coletiva e em geral uma imagem do negro (..) não passava[m] de uma auto-imagem da própria elite (branca)”¹⁸⁵ É através dessa perspectiva que devemos pensar as publicações realizadas nas páginas de *A Liberdade*.

Em *A Liberdade* há muitas referências ao associativismo negro. Isso se faz presente, sobretudo nas crônicas, nosso objeto principal de análise. Através da coluna “Vagando” foi possível observar as percepções dos editores do periódico que, através do personagem Matuto, apontava considerações acerca das associações visitadas e dos eventos por elas realizadas. Por meio de frases de efeito o cronista buscava chamar atenção para os assuntos

¹⁸³ SILVA, José Carlos da. *Os suburbanos e a outra face da cidade*. Negros em São Paulo (1900 - 1930): cotidiano, lazer, cidadania. 1990.199 f. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas, 1990, p. p. 102.

¹⁸⁴ DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019. p. 89.

¹⁸⁵ SILVA, José Carlos da. *Op. Cit.* p. 103.

que seriam por ele abordados. O cotidiano da cidade, que passava por um acelerado processo de urbanização no início do século XX, é uma referência constante e possibilita-nos pensar como a apreensão dessas mudanças foram percebidas por parte dessa população negra. Há um diálogo dessas crônicas com as outras publicações realizadas no periódico, de modo que foi necessária uma análise detalhada de todo o jornal para uma melhor compreensão de sua linha editorial.

Apresentando-se como um órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso, *A Liberdade* promoveu em suas páginas discussões acerca da questão racial em São Paulo a partir do ideal de fraternidade racial. Embora houvesse denúncias do preconceito, da discriminação e do racismo a qual estavam sujeitos, esses homens e mulheres atrelados à imprensa negra acreditavam que poderia haver em São Paulo o estabelecimento de um acordo tácito entre “os brancos que fossem pessoalmente amigáveis e tolerantes publicamente com os negros (...) e os negros que não demonstrassem interesse em reivindicar diferenças étnicas nem em participar de organizações com base na raça (...)”.¹⁸⁶

Por fim, é preciso apontar que os editores de *A Liberdade* acreditavam que a limitação do exercício da cidadania ocorria devido ao pouco acesso que a população negra tinha à educação. Assim, em diversas situações apontaram a necessidade da instrução como meio para que “a igualdade de direitos e de oportunidades, inclusive no mercado de trabalho” fosse viabilizada. Concordamos com essa perspectiva e consideramos que naquele momento ela se constitui como o meio mais eficaz para desarticular a operação sofisticada realizada pela elite brasileira, que visava à manutenção das hierarquias sociais existentes durante a escravidão mesmo após o seu esfacelamento, a partir da racialização das relações sociais. A desconstrução desse jogo da dissimulação,¹⁸⁷ fazendo uso das palavras de Albuquerque, só foi possível através do acesso à educação.

Vejam a partir de agora como se constituiu a narrativa de outro periódico negro, *O Clarim da Alvorada* - órgão literário, científico e humorístico publicado também em São Paulo a partir de 1924.

¹⁸⁶ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução: Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2017. p. 92.

¹⁸⁷ ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Capítulo III: O CLARIM DA ALVORADA – ÓRGÃO LITERÁRIO, CIENTÍFICO E HUMORÍSTICO

“Escrever é uma forma de sacrificar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito...

(Olhos d'água - Conceição Evaristo)

3.1. *O Clarim da Alvorada*

A primeira edição de *O Clarim* foi publicada em 6 de janeiro de 1924, sob a direção de Jayme de Aguiar e José Correia Leite. Além de serem redatores-chefes, escreviam vários artigos para o periódico utilizando pseudônimos: Jayme de Aguiar assinava como Maria Rosa, Moyses Cintra, Jim de Araguay, Praxedes, Ana Maria e Jim do Vale, enquanto José Correia Leite assinava como Tuca.¹ O Conselho Editorial era formado por Frederico Baptista de Souza, que exercia a função de presidente, Henrique A. da Cunha, de editor, e Luiz G. Braga, que desempenhava a função de secretário geral. A exemplo do que observamos em *A Liberdade*, os preços das assinaturas (1\$000) e dos números avulsos (\$200) constam na primeira página.

Na coluna “Apresentação”, assinada pela redação, *O Clarim* é definido como um “órgão que surge hoje, pobre, mas cheio de esperanças, apesar de ser redigido por rapazes inexperientes, mas de bons intentos”.² Ele haveria de progredir, assim como a cidade de São Paulo, que “progride passo a passo, em tudo notamos superioridade: indústria, comércio e agricultura”.³

Dentre as colunas fixas destacamos “U Clarino”, “Vida Social” e os diversos tipos de anúncios, publicados com regularidades nas edições que analisamos, que cobrem o período entre 6 de janeiro de 1924 e 7 de dezembro de 1924.

A coluna “U Clarino” era assinada por Prof. Dott. Juo P. Carretta (pseudônimo de José Correia Leite) e fazia uso de uma linguagem macarrônica, a mistura da Língua Portuguesa e da Língua Italiana, supostamente criada pelos imigrantes italianos pouco familiarizados com o idioma nacional, para fazer considerações acerca do próprio periódico.

¹ <https://www.assis.unesp.br/#!/pesquisa/cedap/acervo/colecoes/>. Acesso em: 1. jun. 2020.

² *O Clarim - órgão literário, científico e político*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 1. A exemplo do periódico *A Liberdade*, as páginas de algumas edições de *O Clarim* não são numeradas, porém optamos em fazer essa indicação para que as informações sejam mais facilmente localizadas.

³ *Ibidem*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 1.

Na edição de 6 de janeiro de 1924 há uma felicitação pelo surgimento do periódico *O Clarim*, aqui identificado como um órgão independente que não “fala da vida dos outros” e que reconheceria o professor Prof. Dott. Juo P. Carretta, colaborador do periódico, como um nacional e como um jornalista patriótico:

“U Clarino”

Io quiria addimostrá pra tutt'a giente a satisfacô que io sento no minho coraçô.

_ I perchê? perguntano os leitore.

Perché si deixo apparecê “U Clarina” organo indipendente, di campagna pulitica i naziunalistima, qui num paria da vita dus otro.

O unico giornale qui ricognece os minho directa di naziunale e giornaliste patriottico.

Viva U Clarino e tudo o pissnâlo da ridaçô e jo també co'as minha collaboraçô batutima.

P'a maronna”

San Paulo, I di Gianiero di 1924.

Prof. Dott. Juo P. Carretta⁴

Na edição de 3 de fevereiro de 1924 o assunto abordado na coluna “U Clarino”, pelo Prof^o Dott. Juó P. Carreta, diz respeito novamente ao *Clarim da Alvorada*. Ele agradeceu em nome da redação do periódico todos aqueles que leram e compreenderam os nobres princípios do periódico. Salientou que, embora muitos tenham lido o jornal com satisfação, outros teriam se incomodado com o seu pequeno formato. Sobre esse aspecto, ele informa que o destaque deveria ser sobre sua intencionalidade e o desejo de tornar-se grandioso no futuro,⁵ e não necessariamente sobre a sua materialidade.

Já na edição de 22 de junho de 1924 o Prof^o. Dott. Juó P. Carreta faz referência à frase “Sempre avante!” (no título no corpo de seu texto), atribuída a Giuseppe Garibaldi na batalha de Itororó, para demonstrar como deveria ser o posicionamento do periódico *O Clarim da Alvorada* diante das adversidades que ocasionalmente enfrentaria. Destacou que a primeira etapa já havia sido vencida, portanto, não havia motivos para desânimo. Segundo Carreta, aquele número fechava um primeiro semestre de dificuldades e lutas insanas. No entanto, a direção do periódico mantinha-se firme em seus propósitos. Por ser também do seu desejo que o jornal continuasse existindo e com esperanças que isso ocorresse apontou que o diálogo com leitores seria retomado no próximo número.⁶

⁴ *O Clarim - órgão literário, científico e político*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 4.

⁵ *Ibidem*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 4.

⁶ *Ibidem*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 4.

NUM. 1

S. Paulo, 6 de Janeiro de 1924

ANNO I

O Clarim

ASSIGNATURA MENSAL \$1000
NUMERO AVULSO . . . \$200

Redacção: Rua Ruy Barbosa, 105

ORGAM LITERARIO, SCIENTIFICO E POLITICO

DIRECÇÃO:

JIM DE ARAGUARY & LEITE

Os originaes aceitos embora não publicados não serão devolvidos - Outrosim, estes serão contemplados apos exame minucioso a juízo da Direcção.

Apresentação

São Paulo progride passo a passo, em tudo notamos superioridade: industria, commercio e agricultura.

Quanto as sciencias nem nos é possivel com maior precisão vos esclarecer; haja vista os ultimos tempos.

Pois bem, assim sendo "O CLARIM" orgam que surge hoje, pobre, mas cheio de esperanças, apesar de ser redigido por rapazes inespicientes, mas de bons intentos, vem respeitosa-mente a presença dos bons amigos e leitores appellar pelo seu bom acolhimento que deseja merecer e aproveita o ensejo para fixar a sua publicação mensal.

Tenciona muito trabalhar si lhe permittir a existencia.

Confia na benevolencia de todos, para o seu progresso afim de não succumbir jamais na seara sem preparativos, onde infelizmente caem os que iniciam mal.

Emfim, cada qual como Deus o fez.

∞∞

Aqui depomos tudo quanto pretendemos fazer para melhor desempenho da nossa publicação e agradecer os nossos amigos e leitores da melhor forma possivel.

A Redacção.

Coração

O coração é a sagrada pyra
Onde o mysterio do sentir flammeja.
A vida da emoção elle a deseja
Como a harmonia as corda de uma lyra.

Um anjo meigo e candido suspira
No coração e o purifica e beija...
E o que elle, o coração, aspira, almeja
E' sonho que de lagrimas delira.

E' sempre sonho e tambem é piedade,
Doçura, compaixão e suavidade
E graça, e bem, misericordia pura.

Uma harmonia que dos anjos desce,
Que como estrella e flor e som floresce
Maravilhando toda a creatura!

CRUZ E SOUZA (*)

Somente na edição de 6 de abril de 1924 que o Prof^o Dott Juó P. Carreta mudou a temática de sua coluna e destacou sua participação no Carnaval de São Paulo, embora continuasse fazendo uso da linguagem macarrônica. O articulista demonstrou seu interesse pela festividade e a aproximação com a cultura nacional conforme segue: “Io quando isentei in sima da citá, quello bruto buruglio, ducarcenale, juguei pro aris o piato di macarró e disgambei como maluco p'ro Braiz pr'a Avenida e p'ra todos cantos ondi si deixava impirá o bello e formoso ré Momo”.⁷

Na coluna “Vida Social” eram destacados eventos relacionados aos familiares dos articulistas do periódico, como nascimentos, mortes, aniversários e casamentos, a exemplo do que ocorria nos jornais de maior circulação:

No dia 17 de março, ocorreram mais um feliz aniversário da menina Matlhide, irmã do Sr. Jayme de Aguiar, nosso prezado companheiro de redação.

Ocorreu a 22 de março findo mais uma data natalícia da senhorita Maria José Correia Leite, irmã do Sr. José Correia Leite, nosso prezado companheiro de trabalho.

Festejará a 8 do corrente, mais um aniversário, a graciosa Espedite, e a 15, a menina Maria Aparecida, irmãs do Sr. Jayme de Aguiar, nosso prezado companheiro de redação.⁸

Havia nessa coluna uma clara intencionalidade de evidenciar que a população negra também celebrava seus eventos e que estas eram semelhante aquelas realizadas pelos brancos com maior poder aquisitivo.

Em relação aos produtos anunciados nas páginas de *O Clarim da Alvorada* podemos verificar que os serviços de advogado do Dr. Gustavo da Veiga figuram em cinco das oito edições analisadas. Eles foram publicados em diferentes páginas do jornal, dependendo da edição, e apontam que havia oferta e procura por esse tipo de serviços.

O anúncio dos serviços do cirurgião-dentista Francisco Quaglio sinaliza que a preocupação com os hábitos de higiene da boca, evocada pelos saberes médicos no período, estava posto na sociedade naquele momento. Eles afirmavam que na saliva haveria mais micróbios do que no ar dos esgotos de Paris. Além disso, a exibição de “uma boca desdentada ou exibindo dentes cariados, sem sinal de escovação, seria o que há de mais repugnante e repulsivo”.⁹

⁷ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 4.

⁸ *Ibidem*.

⁹ ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002. p. 81.

A divulgação do grupo musical Princesa do Sul dirigida por Casimiro Alves de Abreu aponta que festivais, bailes e casamentos eram animados por música ao vivo e denotam como se dava a organização desses eventos.

Há dois anúncios relacionados a serviços de encanamento, executados por João Alves da Silva e por Roque Sevilho. Eles sinalizavam que realizavam todos os serviços relacionados ao ramo. Além disso, estavam localizados na rua 13 de Maio no bairro da Bela Vista. Haveria um nicho desses produtos nesse endereço?

Jayme de Aguiar, editor do periódico, utilizou as páginas do jornal para divulgar seu trabalho de cópias à máquina, escrita de pequenos textos e cálculos comerciais, evidenciando a existência desse tipo de serviço.

A divulgação do Grande Baile a Fantasia do Grupo três foi noticiada na edição de 2 de março de 1924 e endossa a ligação desses jornais com o associativismo negro.

O anúncio de Madame Conceição Nocéra aparece em duas das edições analisadas e demonstram a procura pelos serviços de costura o que coaduna com as outras publicações do periódico que indicavam uma grande preocupação em relação à forma como os negros se vestiam e quais as mensagens que estes passam a partir de sua aparência.


A venda do romance *Muito Tarde*, de Carlos Cavalcante, destaca a existência de um público leitor negro com poder aquisitivo para acessar esse tipo de bem de consumo.



A presença de produtos homeopáticos entre os anúncios aponta o avanço do discurso médico sobre a sociedade paulistana do século XX.

Criado em 1910 pelo médico Cândido Fontoura Silveira, o suplemento mineral Biotônico Fontoura era indicado para complementar à ingestão diária de ferro (quando era insuficiente na alimentação ou se houvesse uma dieta que recomendasse sua suplementação). Prometia que, a partir de seu consumo, as pessoas teriam mais disponibilidade para realizar as tarefas do dia-a-dia. Nesse sentido, seu consumo estava atrelado à cidade que se urbanizava e passava a ter um ritmo acelerado. Sua mascote era um leão cheio de energia e disposição. Embora a imagem do mascote não apareça nas páginas de *O Clarim da Alvorada*, é interessante pensarmos a associação desse animal com o produto a ele atrelado.¹⁰

¹⁰ Disponível em: <https://www.biotonicofontoura.com.br/historia-da-marca>. Acesso em 25/09/2020.

Produto ou serviço anunciado	Edições nas quais os anúncios foram veiculados:
<p style="text-align: center;">Dr. Gustavo da Veiga ADVOGADO</p> <p style="text-align: center;">RUA S. BENTO, 40 — 1o. ANDAR SÃO PAULO</p>	<p>Edição de 3 de março de 1924. Edição de 5 de 13 de maio de 1924. Edição de 6 de maio de 1924. Edição de 22 de junho de 1924. Edição de 12 de outubro de 1924.</p>
<p style="text-align: center;">FRANCISCO QUAGLIO <small>CIRURGIÃO-DENTISTA</small> <small>SÃO PAULO</small></p> <p style="text-align: center;">Caus. e Resid. Rua dos Carmelitas, 58 Consultas das 9 às 12 e das 14 às 19 horas.</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924.</p>
<p style="text-align: center;">GRUPO MUSICAL PRINCESA DO SUL</p> <p style="text-align: center;">Dirigido pelo conhecido musicista CASIMIRO ALVES DE ABREU Offerece-se para tocar em Festivas Bailes, Casamentos, etc. Tratar á Rua S. Joaquim, 85</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924.</p>
<p style="text-align: center;">João Alves da Silva</p> <p style="text-align: center;">CASA DE ENCANAMENTOS Encarrega-se de todos os serviços per- tencentes a seu ramo. Rua Ruy Barbosa, 100 — Tel. Av. 661</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924.</p>
<p style="text-align: center;">JAYME DE AGUIAR</p> <p style="text-align: center;">Encarrega-se de copias á machina, pequenas escriptas, calculos commerciaes. Rua Ruy Barbosa, 105 — S. Paulo</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924. Edição de 12 de outubro de 1924.</p>
<p style="text-align: center;">Casa de Encanamentos DE ROQUE SEVILHO</p> <p style="text-align: center;">Encarrega-se de todo o serviço pertencente ao ramo Rua 13 de Maio, 171 — S. Paulo</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924. Edição de 12 de outubro de 1924.</p>

<p>Grande Baile á Phantasia do Grupo dos 3! - No dia 3!</p> <p>Rua Santa Ephigenia, 6</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924.</p>
<p>Mme. Conceição Nocera</p> <p>Executa todo e qualquer trabalho de costura; de modas e confeções; a capricho sob ultimos figurinos á preços modicos.</p> <p>Rua 13 de Maio 88 -- S. Paulo</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924. Edição de 13 de maio de 1924.</p>
<p>MUITO TARDE</p> <p>CARLOS CAVALCANTI</p> <p>É o livro ideal! É o livro, que deve ser lido e recommendado a todos os desprotegidos da sorte.</p> <p>Brevemente á venda em todas as boas livrarias —</p>	<p>Edição de 2 de março de 1924.</p>
 <p>Medicamentos rigorosamente preparados, segundo ás pres- cripções da pharmacoepa</p> <p>HOMOEPATHIA</p> <p>Importação directa dos mais afamados laboratorios europeos e americanos.</p> <p>Pharmacia H. montada de accordo com o regulamento do Serviço Sani- tario do E. São Paulo</p> <p>Pharmacia Homoeopathica Lins do Pharmaceutico - NILO D'AVILA LINS Formado pela Faculdade de Medecina do Rio de Janeiro</p> <p>Aberta aos domingos e feriados</p> <p>Av. S. João, 249 - Tel. Cidade 5899 S. Paulo</p> <p>Esperimentae a nossa homoeopathia e vereis o melhor resultado.</p>	<p>Edição de 13 de maio de 1924. Edição de 22 de junho de 1924. Edição de 12 de outubro de 1924.</p>

	<p>Edição de 2 de março de 1924. Edição de 2 de março de 1924.</p>
	<p>Edição de 12 de outubro de 1924.</p>

Acerca da recepção do periódico pela população negra, a coluna “Colaboração” aponta que teria sido positiva na medida em que as duas primeiras tiragens se esgotaram rapidamente e que o número de leitores aumentava significativamente. Além disso, ela indica que as contribuições que recebiam eram inúmeras, entre elas aquelas de pessoas que já escreviam em outros veículos de informação. Porém, a coluna destacava que não era possível publicar todas devido ao pouco espaço do qual dispunham. Sobre o formato das contribuições, considerava que elas deveriam ser realizadas em linguados ou tiras de papel escrita em um só lado de forma legível à tinta ou à máquina (essas considerações forem realizadas, pois muitos textos eram descartados, uma vez que eram escritos a lápis, dos dois lados do papel de diversos tamanhos). As dificuldades financeiras e materiais pelo qual o periódico passava permitiam que, naquele momento, a publicação ocorresse mensalmente. Destacam ainda que *O Clarim* era um órgão modesto que surgira por iniciativa de alguns rapazes animados e de boa vontade e que se naquele momento era modesto, haveria de ser próspero no futuro, correspondendo à confiança que os leitores depositavam sobre o periódico.¹¹

Os esforços realizados pelos sujeitos envolvidos na feitura do jornal voltaram a ser destacados na coluna “Hera”, publicada na edição de 13 de maio de 1924. José Maria

¹¹ *O Clarim* - órgão literário, noticioso e humorístico. Edição de 2 de março de 1924, p. 4.

Monteiro compara a planta angiosperma trepadeira do gênero *Hedera* da família *Araliaceae* aos dirigentes de *O Clarim da Alvorada*.

Monteiro salientou que a Hera é uma planta viçosa, de infinito impulso, que cresce soberana em todas as partes das habitações sejam elas casas humildes e/ou palacetes; proporciona sombra, abrigo e esconderijos, se “estendendo como emissária de coligada união”¹² sendo, portanto, muito útil. Poupa ao jardineiro trabalho. Ao ser comparada às outras trepadeiras é uma planta de muita beleza, sendo admirada por ricos e pobres, sábios e negligentes; sua coloração é um verde pouco comum e resistente. Enfrenta condições adversas para sobreviver em diferentes ambientes.¹³

Na opinião de Monteiro *O Clarim da Alvorada* assemelhava-se a Hera, em sua missão de levar informações aos seus leitores, uma vez que no contexto em que era produzido:

A sombra da ciência acresce dia a dia a cotação da imprensa em nosso meio!...
Vai-se ramificando essa colossal e valorosa trepadeira que chamamos “jornal”.
Uns apreciam colaborações poéticas, outros reportagens críticas e outros a sua composição garbosa de pena mestre.¹⁴

Por essas qualidades, Monteiro afirma admirar *O Clarim da Alvorada* e a forma como Jayme de Aguiar e José Correia Leite o conduzia, tentando difundir seus ideais por entre a população negra. Embora o trabalho fosse árduo eles não esmoreciam diante de seus objetivos, atuando unidos e de forma incansável, dirigindo-se ao salão e/ou a sede das sociedades, a casa de um amigo, a tipografia, enfim a todos os espaços que precisavam para fazer o periódico circular.¹⁵

Assim “como a trepadeira viçosa por esses muros em declives e pelos que se acham em completo plumo”¹⁶ vai se ramificando, *O Clarim da Alvorada* conseguiria crescer e aumentar o seu público leitor, pois embora fosse pequeno em tamanho, era elegante e harmonioso, além disso era modesto e tinha uma “humildade branca como o seu nome”.¹⁷

A analogia proposta objetiva evidenciar o alcance que *O Clarim da Alvorada* teria entre a população negra, destacando os esforços de Jayme de Aguiar e José Correia Leite para produzir um jornal que trouxesse informações significativas aos seus leitores, salientando inclusive como ocorreria o processo de produção e circulação dessas publicações. Apontam

¹² *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 2.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ *Ibidem*.

ainda que, através do jornal, seus leitores teriam acesso à ciência, à poesia, a reportagens críticas e que elas formariam uma composição relevante ao público destinado. Ao ocupar um espaço que não encontrariam em outros veículos de informação, a imprensa negra constituiu-se como uma possibilidade de evidenciar “rostos e vozes afro-brasileiras [que] ocupam a esfera pública para expor pela escrita ou imagética, suas ideias, narrativas, demandas, subjetividades, estéticas corporais, seus problemas, dilemas, heróis, mitos, utopias redentoras”.¹⁸

As páginas do periódico *O Clarim da Alvorada* também foram utilizadas para render homenagens a personalidades negras. Na edição de estreia do jornal, publicada em 6 de janeiro de 1924, a vida e obra do poeta parnasiano Cruz e Souza foram evidenciadas:

É justo que o chamemos o “Dante Negro”, foi o homem que soube demonstrar o sentimento nobre e o amor sincero que existe no homem negro.
É mister que compreendamos o quanto vale o sentimento nobre quando bem adquirido, e o amor que sempre existe num coração de uma poesia. Sua alma descansa em paz e a sua obra há de refletir em todos os recantos da terra brasileira, é relíquia sagrada que temos em mãos. A ele podemos adaptar o dizer florentino: “ficou gemendo, mas ficou sonhando”.¹⁹

Essas considerações são importantes para compreender a coluna “Imitemo-los”, assinada por Moyses Cintra, pseudônimo de Jayme de Aguiar. O autor destacou o progresso que o país teria alcançado, sobretudo no que diz respeito à Literatura: “Se percorremos do Amazonas ao Prata ficaremos extasiados não só com as belezas da natureza, mas com o embelezamento do estético”. No entanto, ele considerava a existência de diferenças quando analisa a situação realizando um recorte racial e que este era um ponto fraco entre os negros.

Embora existissem entre os negros aqueles que se destacavam na produção literária, como Cruz e Souza, e que, portanto, deveriam ser “imitados”, esse grupo ainda era bem reduzido. Para Cintra, esta situação poderia ser modificada se houvesse interesse e vontade. Para que isso ocorresse, ele sugeriu que seria necessário combater “a humildade, fazendo-nos apresentáveis em lugares necessários com o apoio da nossa boa apresentação”. Daí a necessidade de “freqüentar escola, propagar a boa imprensa, instituir sociedades beneficentes, educativas, literárias com reuniões íntimas”.²⁰

As considerações de Cintra demonstram que os sujeitos envolvidos na feitura desses periódicos apontavam a negritude como marco de identidade social. Embora se reconhecessem como um grupo, suas ações, para se “fazerem grande no futuro”, eram

¹⁸ PETRÔNIO, Domingues. Imprensa Negra. In: SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 259.

¹⁹ *O Clarim - órgão literário, científico e político*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p.2.

²⁰ *Ibidem*.

geralmente atreladas a iniciativas individuais, ou seja, dependiam da vontade, do querer, como se a realidade material no qual estes indivíduos estavam sujeitos não interferisse diretamente na forma de apreendê-lo. Nesse sentido, convém considerar, numa perspectiva thompsoniana, a existência de diferentes percepções acerca da experiência histórica vivida e percebida. Naquele momento, talvez não fosse possível que esses sujeitos visualizassem que a República se alicerçava na premissa da desigualdade racial, ou seja, que compreendessem o caráter estrutural do racismo. Foi a partir da relação daqueles com a realidade objetiva na qual se encontravam que a mudança se processou.²¹

A edição de 3 de fevereiro de 1924 fez uma homenagem a Carivaldo Ribeiro, rememorando a celebração realizada no dia 15 de janeiro daquele mesmo ano na Igreja Nossa Senhora dos Remédios por solicitação do Clube 15 de Novembro, em virtude do aniversário de sua morte, assim como dos outros associados já falecidos. Para a publicação, a homenagem era devida uma vez que Ribeiro foi “o labutador incansável, um dos que mais se esforçou para o engrandecimento dos nossos”.²² Embora aponte essas características, efetivamente não destaca em quais áreas teria atuado.

A edição de número seis trouxe na primeira página o soneto *Pai João*, de autoria de Cyro Costa:

Do taquaral à sombra, em solitária furna,
(Para onde, com tristeza o olhar ansioso, alongo)
Sonha o negro, talvez, na solidão noturna,
Com os límpidos areais das solidões do Congo;
Ouve-lhe a noite a voz plangente e taciturna,
Num magoado suspiro entrecoberto e longo,
E o ronco, surdo som, zumbindo na cafurna,
É o urucungo, a gemer, na cadência do jongo.
Bendito seja tu, a quem certo, devemos
A grandeza real de tudo quanto temos!
Sonha em paz! Se feliz! E que eu fique de joelhos,
Sob o fulgido céu, a relembrar, magoado,
Que os frutos do café são os glóbulos vermelhos
Do sangue que escorreu do negro escravizado.²³

O soneto versa sobre a tristeza do homem negro estampada em seu olhar. À noite, ao dormir, sonha com a natureza mitificada de seu continente de origem. Ao som do berimbau na cadência do jongo ouve uma voz que aponta o quanto a população negra foi importante para o crescimento do país, considerando, no entanto, como foi violento o processo de escravização.

²¹ THOMPSON, Ep. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981, p. 180 a 201.

²² *O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 1.

²³ *Ibidem*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 1.

Nesse sentido, faz uma analogia comparando a cor vermelha do café com o sangue daquele que os produziram.

Para compreender o uso dessa figura de linguagem é preciso considerar que após a proibição do tráfico internacional e do declínio da produção de açúcar no Nordeste, a comercialização de escravos passou a ser realizada de forma intra e interprovincial. Havia, portanto, uma demanda por mão-de-obra, embora tenha ocorrido um deslocamento regional da mesma para a região Sudeste devido à produção de café. Foi esse comércio que possibilitou um prolongamento da escravidão brasileira até o ano de 1888.

Além disso, “a população escrava em São Paulo era (...) pequena e crescera de 21 mil, em 1823, para 169 mil, em 1872 (...) a população escrava do Rio de Janeiro passara de 150 mil para 300 mil e a de Minas Gerais, de 215 mil para 330 mil²⁴”. Nesse contexto, a escravidão tornou-se:

Base do modo de vida, bom negócio em si e esteio de todos os rentáveis. Pilar da hierarquia social e do estilo de vida dominante, estava na corrente sanguínea nacional. Alicerçava o sistema político, pois eleitos e eleitorado eram majoritariamente proprietários de escravos. A escravidão estruturou um modo de vida, definiu identidades, possibilidades e destinos dos membros da sociedade imperial. Daí sua legitimidade tácita, socialmente natural. A nação toda era escravista, o que retardou a conversão do tema em problema da agenda pública.²⁵

Na página três daquela mesma edição somos informados que o soneto havia sido recitado por seu autor na festa do 13 de maio de 1917 na Federação dos Homens de Cor. Segundo a publicação, “o Dr. Cyro Costa querendo das alegrias da raça redimida, disse com arte e expressão o seu soneto, conquistando por tal motivo os mais frementes aplausos da assistência, que era seleta e numerosa”.²⁶

Em virtude da comoção provocada pelo soneto de Cyro Costa, o autor foi agraciado com um banquete realizado no salão Celso Garcia, na rua do Carmo. Naquela ocasião, o “Dr. Félix Pacheco, insigne poeta, jornalista e parlamentar saudou o homenageado, em nome dos homens de cor”.²⁷

Passados setes anos desse evento, a ideia dos editores do periódico era rememorar esse fato com a publicação do soneto nas páginas de *O Clarim da Alvorada*.

²⁴ COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010, p. 38.

²⁵ ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.p.29.

²⁶ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 3.

²⁷ *Ibidem*.

Na primeira página da edição de 12 de outubro de 1924 o homenageado Jayme de Aguiar, redator de *O Clarim da Alvorada*, em virtude de seu aniversário comemorado no dia 14 de outubro. A publicação destacava que ele era um

(...) esperançoso moço, que muito tem trabalhado em prol de nossa classe, através das colunas deste modesto órgão, podemos citá-lo é o maior paladino de nossas causas, nestes últimos tempos. Orgulho de nossa mocidade e da nossa raça. A pálida homenagem que lhe prestamos não é mais que uma prova de gratidão que lhe devemos!²⁸

Além de fazer alusão a um dos pseudônimos utilizados por Jayme de Aguiar – Jim de Araguay, o texto destacava o engajamento do editor na defesa da causa negra através das páginas de *O Clarim da Alvorada*. Salientava que ele se destacava entre outros jovens e que sua postura combativa era um motivo de orgulho de todos os negros.

Ainda no contexto das comemorações do aniversário de Jayme de Aguiar é publicado na primeira página dessa edição o soneto *Salve 14 de Outubro*, de Quartim Filho:

Faz anos hoje o “seu” Moyses, o preto
Quem é mascote de arquivo e do padrinho
Meus parabéns lhe dou nesse soneto
Muito sincero, embora em desalinho.

Acredita na figa e no amuleto;
Cultiva o espiritualismo com carinho;
De sangue azul é descendente é neto
Dos príncipes do Congo e do Conguinho!

E eu lhe desejo... Aliás, é bem sedição
Dar parabéns a quem já vive bem...
Mercê do Demo e graças ao Feitiço!

Todavia, aqui vai meu voto franco:
Que viva o dobro de Musalém
Até ficar completamente... branco!²⁹

No soneto, Jayme de Aguiar é chamado de “Seu” Moyses, em referência a um dos pseudônimos que utilizava, Moyses Cintra. Ele é definido como preto em alusão a sua cor/raça e também como mascote de arquivo e do seu padrinho, o que demonstra seu interesse pela pesquisa e seus alinhamentos com outras pessoas da comunidade negra, embora não haja alusão que fosse esse sujeito. Ao apontar que acreditava na figa e no amuleto, Quartim faz referência a símbolos de proteção existentes nas religiões de matriz africana e a adesão do homenageado ao espiritualismo. Além disso, apontava que Cintra viveria a “mercê do demo e graças ao feitiço”, o que demonstra uma visão estereotipada acerca dos rituais e das divindades cultuadas pelos adeptos dessas religiões, uma vez que

²⁸ *O Clarim da Alvorada* - órgão literário, noticioso e humorístico Edição de 12 de outubro de 1924, p. 1.

²⁹ *Ibidem*.

Os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício animal e de culto aos espíritos (portanto, distanciados do modelo oficial de religiosidade dominante em nossa sociedade), têm sido associados a certos estereótipos de “magia negra” (por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc.³⁰

Destaca ainda que o homenageado teria “sangue azul”, pois era descendente dos príncipes do Congo. Embora saibamos que alguns escravizados que chegaram ao Brasil, estivessem de fato ligados a famílias reais africanas, a exemplo da rainha Na Agontimé do Daomé³¹, não temos informações se esse exemplo se aplica aos descendentes de Jayme de Aguiar. É preciso salientar que parte das dificuldades da população negra brasileira em localizar informações acerca de seus antepassados no continente africano deve-se ao fato de Rui Barbosa, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Tribunal do Tesouro, ter determinado, em 14 de dezembro de 1890, a queima dos documentos relativos à escravidão.³²

Considerando “que a nação brasileira, pelo mais sublime lance de sua evolução histórica eliminou do solo da pátria a escravidão – a instituição funestíssima que por tantos anos paralisou o desenvolvimento da sociedade, inficionou a atmosfera moral”;

Considerando que a República está obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria, e em homenagem aos nossos deveres de fraternidade e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que pela abolição do elemento servil entrarão na comunhão brasileira:

Resolve:

1º Serão requisitados de todas as tesourarias da Fazenda todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda, relativos ao elemento servil, matrícula de escravos, dos ingênuos, filhos livres de mulher escrava e libertos sexagenários, que deverão ser sem demora remetidos a esta capital e reunidos em lugar apropriado na recebedoria.

2º Uma comissão composta dos Srs. João Fernandes Clapp, presidente da confederação abolicionista, e do administrador da recebedoria desta capital, dirigirá a arrecadação dos referidos livros e papéis e procederá à queima e destruição imediata deles, que se fará na casa de máquina da alfândega desta capital, pelo modo mais conveniente parecer à comissão.³³

Por fim, Quartim Filho deseja que Cintra “viva o dobro de Matusalém até ficar completamente branco”. Para compreendermos o sentido desses votos é necessário destacar

³⁰ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005, p. 13.

³¹ Sobre o assunto consultar: VERGER, Pierre. *Uma rainha africana mãe de santo em São Luís*. Revista USP. Junh./Agost. 1990, p. 151-158.

³² Acerca das motivações que teriam levado Rui Barbosa a proferir essa decisão, consultar: LACOMBE, Américo Jacobino, SILVA, Eduardo, BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Brasília: Ministério da Justiça, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.

³³ GOULART, José Olímpio. *Da fuga ao suicídio: aspecto da rebelião dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista/INL, 1972, p. 11.

que na tradição judaico-cristã, esse personagem teria vivido por longos 969 anos. Assim, ao desejar o dobro de tempo de vida ao homenageado, devemos considerar que o marco temporal a que ele se refere é de aproximadamente dois séculos, exatamente o período que alguns pensadores como Nina Rodrigues julgavam necessário para que o Brasil saísse de sua condição de país miscigenado e se tornasse branco. Nesse sentido, podemos inferir como o contexto no qual a população negra na cidade de São Paulo estava inserida foi influenciado pelas teorias racistas, ao ponto da possibilidade de branqueamento ao longo de um determinado tempo ser considerada positiva. Numa perspectiva materialista-histórica de análise, isso ocorre, pois estamos nos referindo a sujeitos que viveram as contradições de seu próprio tempo e que estão sujeitos a uma realidade objetiva da qual fazem parte que, todavia, atuam para modificá-la.

Na coluna “Lima Barreto”³⁴, os leitores são informados que o escritor foi homenageado com a construção de um monumento em uma praça pública num dos bairros de subúrbio do Rio de Janeiro (local onde o escritor teria vivido? Embora seja provável que sim, essa informação não fica clara) e que isso teria ocorrido, pois era um notável romancista e autor de várias obras que honravam a literatura brasileira.³⁵

Segundo a publicação, Antonio Torres, jornalista e grande crítico literário do período, afirmava que "o único romancista de valor, o único romancista verdadeiro e que é um dos grandes desse país: é Lima Barreto".³⁶

Além disso, destaca que o prefeito do Rio de Janeiro, Alaor Prata, teria contribuído com a importância de 3:000\$00 para a construção do monumento.³⁷

Corroborando com a construção da certa memória do escritor carioca, os editores de *O Clarim da Alvorada* comprometeram-se a publicar a sua biografia, assim como a de outras

³⁴ Acerca da trajetória de vida de Lima Barreto consultar: BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 7ª edição. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo: EDUSP. 1988; DEUS, Denilson Botelho de. Como ser jornalista no Rio de Janeiro do início do século XX: o caso de Lima Barreto. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 5-9 set. 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro; UERJ, 2005; _____. "Sob o signo de Floreal: uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto". Itinerários, Araraquara, Unesp, nº 3 2005; _____. "Floreal o jornalismo no tempo de Lima Barreto. In: V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 6-9 set. 2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro; UERJ, 2006; _____. "Rasgar a rede à faca: A militância política de Lima Barreto na imprensa". Revista Universidade Rural, Rio de Janeiro, v. 29. nº, 2007; _____. A República na biblioteca de Lima Barreto: Livros, leituras e ideias. Revista Eletrônica Cadernos de História, Ouro Preto; UFOP, ano IV, v.8, nº 2, dez. 2009 e SCHWARCZ, Lília Moritz. Lima Barreto Triste Visionário. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

³⁵ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 2.

³⁶ *Ibidem*, p. 1.

³⁷ *Ibidem*, p. 2.

personalidades negras, que talvez pudessem não ser conhecidas pelos seus leitores: Luiz Gama, José do Patrocínio, Valentim de Magalhães, Valentim Xavier, Luís Delfino, Paulo Gonçalves, Raymundo Reis, Cruz e Souza, Correia Júnior, entre outros.³⁸

Embora se definisse como um jornal pouco conhecido e de pequena circulação *O Clarim da Alvorada* agradeceu “em nome dos paulistanos de senso, conhecedores dos sentimentos de gratidão, (...) sintetizamos os nossos pobres mais sinceros agradecimentos a esse brasileiro, benfeitor fervoroso de nossa raça” e destacou que, se houvesse a união de outros veículos de imprensa, esse agradecimento seria mais qualificado.³⁹

Os editores do periódico, desejavam que no futuro fossem erigidos monumentos a outras personalidades negras, homens de valor que, segundo eles, teriam se constituído e se tornado conhecedores dos direitos da população negra, sem o apoio que deveriam ter recebido.⁴⁰ O texto fazia referência à necessidade da união dos negros e salientava que as personalidades que se destacaram não puderam contar com esse apoio. Embora não seja assinado, essas considerações são recorrentes nas publicações de Correia Leite, o que nos faz acreditar que essa a coluna é de sua autoria ou que ele colaborou com sua escrita.

Por fim, o artigo apontou o significado dessas homenagens

Então, o nosso orgulho será maior quando contemplarmos ao pé desses monumentos, muitos admirando nossos feitos, eles hão de ver e ler as expressivas letras que neles conterão, a demonstração sincera dos sentimentos de um povo grato a seus irmãos de raça; mais uma glória irá repercutir em todos os recantos do universo, porquanto tudo o que se faz com sinceridade e gratidão deve ser por todos os povos de caráter e sentimentos nobres muito bem aplaudido. E, para tal fim devemos cooperar.⁴¹

3.2. Associativismo e imprensa negra

As páginas do periódico *Clarim da Alvorada* também registravam as relações entre as associações existentes em São Paulo e os jornais da imprensa negra em diferentes colunas.

Em “Gratidão”, Jayme de Aguiar e José Correia Leite agradeciam aos Srs. Antônio de Jesus, João Theodoro e José Maria Monteiro pelos elogios que *O Clarim* teria recebido nas sociedades XV de Novembro, Flor das Maravilhas, União Militar e Princesa do Sul. Além disso, aproveitavam o espaço para elogiar os colegas dos periódicos *Elite* e *Princesa do Norte* pelos progressos que eles teriam alcançado e fizeram votos para que a amizade entre as

³⁸*O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 2.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ *Ibidem*.

⁴¹ *Ibidem*.

publicações fosse duradoura. O que explica uma publicação como essa? “A clareza de que estavam lutando por uma causa comum, fato que possibilitava que a imprensa negra se constituísse como “uma voz coletiva em defesa da liberdade, da cidadania e dos direitos”⁴² desse segmento populacional.

Na perspectiva de legitimar socialmente a imprensa negra, os editores de *O Clarim da Alvorada* apontam na coluna “Publicações” que teriam recebido a primeira edição de *O Ideal*, órgão oficial do Grêmio Consolação. Felicitando os amigos pela iniciativa, consideravam que aquele seria mais um veículo que atuaria em prol dos interesses da população negra na cidade de São Paulo.⁴³

Por sua vez, a coluna “Noticiário”, publicada na edição de 6 de janeiro de 1924, trazia um aviso sobre os convites a festas e informes sobre a quermesse realizada pelo Grupo das Margaridas, uma das associações existentes no período:

De ordem da direção prevenimos os Srs. Diretores de Associações diversas, que não nos é possível aceitar convites oficiais a qualquer reunião íntima. Todavia, levaremos em consideração os que vierem dirigidos a um dos diretores em particular.

Realizou-se a 15 de dezembro próximo passado a primeira quermesse do Grupo das Margaridas a qual esteve muito concorrida, notando-se muitas senhorinhas, senhoras e senhores que se apresentaram com seus valiosos apoio aquela festa.

Aqui depomos de bom grado aos senhores e senhoras em geral que abrilhantaram aquela festa somente ao que se portaram ao contento da diretoria.⁴⁴

Por fim, há uma nota na edição de 7 de setembro de 1924 que mencionava que Jayme de Aguiar havia se tornado colaborador do periódico *Getulino*, publicado na cidade de Campinas, o que demonstra que havia uma rede de colaboração entre esses jornais e que eles partilhavam de um projeto político semelhante.⁴⁵

3.3. Notas sobre padrões de comportamento

Assim como nas páginas de *A Liberdade*, o comportamento da população negra é um dos assuntos abordados nas publicações realizadas n'*O Clarim da Alvorada*.

Em “Coisas da época...” Pancrácio destaca que, embora Deus desse saúde e robustez nos músculos para que os homens trabalhem, alguns acabavam se desviando do caminho que deveriam seguir e, em ambientes saturados de impurezas ou nos salões de festas, perdiam o

⁴² PETRÔNIO, Domingues. *Imprensa Negra*. In: SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. Dicionário da Escravidão e Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, p. 254.

⁴³ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 4.

⁴⁴ *Idem*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 4.

⁴⁵ *Idem*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 2.

sono (um momento que deveria ser utilizado para descanso), a vergonha e o crédito com cartas na mão. O salário que recebiam, se fosse bem utilizado, daria para pagar todas as contas e ainda fazer economias. Porém, como estavam perdidos da rota do bem, viviam a reclamar, clamando por intervenção divina para que sua situação financeira mude.⁴⁶

Esses homens clamariam a Deus que os ajudassem, mas não compreenderiam que o problema que vivem foi ocasionado por suas próprias decisões. Rogariam a Deus para auxiliá-los, mas “minutos depois acende um cigarro, e vai visitar a amasia, antes de beber cerveja e se deixar vencer pelo hipnotismo do pano verde...”⁴⁷

O arrependimento dessas atitudes só chegaria tardiamente com a velhice e a proximidade da morte. Diante desse contexto, Pancrácio afirmou que o homem poderia ser definido como um verme ridículo, ao passo que Deus seria o manancial da pureza.⁴⁸

A discussão promovida nesse artigo objetiva apontar os malefícios dos jogos de azar e do alcoolismo. Fazendo uso de uma argumentação religiosa, o autor salientou que não haveria nenhum efeito clamar aos céus para que houvesse interferência divina se os homens não desempenhassem corretamente seus papéis de trabalhadores e provedores do bem estar de suas famílias. Deus já lhes havia concedido saúde e robustez, cabendo a esses homens fazer a sua parte, ou seja, ser honesto e trabalhador.

A coluna “A proibição do Box” sinalizava que até a escolha das práticas esportivas deveriam ser realizadas de forma assertiva pela população negra. Nesse sentido, os editores d’*O Clarim da Alvorada* consideravam que não seria conveniente lutar boxe, uma vez que, segundo eles, tratava-se de um esporte de combate em que a agressividade era a principal prerrogativa. Com isso, as discussões apresentadas no jornal levaram em consideração a reunião realizada pela Sociedade de Medicina e Cirurgia⁴⁹ de São Paulo, em 16 de junho de 1924. Salientou que entre os assuntos abordados foi levantada a possibilidade da proibição da prática do boxe. Destacando a fala do Dr. Brenno Muniz de Souza, que apontava os riscos da prática do “abrutalhado sport”, o periódico informou aos seus leitores que havia sido enviada uma proposta ou moção com o pedido para o prefeito da capital.⁵⁰

⁴⁶ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 2.

⁴⁷ *Idem*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 4. P. 3.

⁴⁸ *Idem*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 3.

⁴⁹ A sociedade de Medicina e Cirurgia foi fundada em 15 de março de 1895 com solenidade no salão nobre da Faculdade de Direito com o intuito de preencher uma lacuna existente pela ausência de uma escola superior de Medicina na cidade de São Paulo. ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 62.

⁵⁰ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 2.

A fim de demonstrar os efeitos negativos do boxe, os editores usam como exemplo o que teria ocorrido com um dos seus:

Haja vista o que ainda ha pouco sucedeu ao nosso desditoso patricio Benedito, o popular Ditão, outrora o jaguar negro, possante, hercúleo, espadaúdo, quase mitológico, a jeito de um tipo gigante da antiga Hellade e hoje, trôpego, doente, desmemoriado, quase inútil ...⁵¹

Além disso, salientaram que nos Estados Unidos, onde a prática do esporte era mais difundida, havia várias leis restritivas e que no Brasil, na cidade de Santos, sua prática já era proibida.

Nesse contexto, os editores d'*O Clarim da Alvorada* consideravam que a decisão da Câmara Municipal de São Paulo, assim como de outras cidades, deveria ser favorável à proibição do boxe a fim de “que dentro em pouco não mais vejamos dois seres humanos aos murros, sopapos e cachações, principalmente num estado como o nosso, onde há uma afamada polícia repressiva e uma adiantada cultura jurídica”.⁵²

Ao sublimar que as considerações para justificar a proibição da prática do boxe são os saberes médicos, *O Clarim do Alvorada* demonstrava que estava sendo desempenhado “o papel que [eles] pensavam assumir perante o país, assinalando o desejo da classe de tornar-se influente na vida social (...) sob um programa claro, que representasse um ideal, que elevasse o Brasil”⁵³, conforme discurso proferido por Luiz Pereira Barreto, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, na solenidade comemorativa do primeiro ano da associação. Assim, “os médicos edificaram uma ideologia que se autopropagava necessária para a construção”⁵⁴ da cidade que desejava se atrelar ao signo da modernidade.

Outro ponto que merece destaque nessa coluna se refere à ação coercitiva da polícia e a cultura jurídica existente em São Paulo. Os editores sinalizavam que esses aspectos seriam facilitadores para a proibição do esporte sem, contudo, analisar que em muitas situações os profissionais ligados a essas instâncias de poder atuaram de forma parcial, associando a criminalidade e a periculosidade à população negra.

A criminologia, enquanto ciência, amparada na prerrogativa de diferenciação das raças, considerava a existência de traços comuns entre aqueles que praticavam crimes, surgindo, portanto, pautada numa perspectiva racializada. Essas considerações orientavam a ação policial, que desde o seu surgimento via em corpos negros esses perfis, a princípio no

⁵¹ *O Clarim da Alvorada* - órgão literário, noticioso e humorístico. Edição de 22 de junho de 1924, p. 2.

⁵² *Ibidem*.

⁵³ ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002, p. 62.

⁵⁴ *Ibidem*, p. 62.

escravizado que fugia e depois naquele que não estava atrelado ao mercado formal de trabalho. O sistema jurídico corroborava com essas ações, legitimando-as.

Na coluna “A Vida”, Moyses Cintra (Jayme de Aguiar) revelou as mudanças pelas quais a cidade de São Paulo passava naquele momento. Sinalizou que os casarões antigos feitos de barro socado (técnica da taipa de pilão) e que as ruas estreitas e mal calçadas seriam substituídas por ricos palacetes, bairros chiques, ruas asfaltadas, centralizadas e arborizadas. Além disso, destacou que bairros outrora considerados distantes, passaram a ser ocupados com belas construções. Se antes eram desprezados, passaram então a ser aproveitados.⁵⁵

Outro aspecto destacado por Cintra diz respeito à ocupação das ruas, alamedas e avenidas pelos carros. O colunista sinaliza que embora as estações ferroviárias continuassem sendo usadas, provavelmente num futuro próximo perderiam espaço. Isso ocorreria também com carroças, que deixariam de ser utilizadas e seriam banidas para locais distantes.⁵⁶

Embora considerasse que essas mudanças eram decorrentes do progresso pelo qual a cidade de São Paulo passava, Cintra acredita que, devido a elas, os trabalhadores não poderiam mais morar próximos ao centro da cidade. Os donos das casas em que eles moravam aumentavam o aluguel sem compaixão, obrigando-os a se mudarem constantemente. Felizes eram aqueles que possuísem suas propriedades e não necessitavam passar por esses dissabores.

Diante dessas considerações Cintra questionou: “De que modo poderemos viver nestes tempos a não ser morando em casas mal acomodados e sujeitando-nos às irregularidades dos proprietários inconscientes?”⁵⁷

Ele revelou ainda que os salários recebidos pelos trabalhadores eram insuficientes para manter a sua subsistência e a de suas famílias, uma vez que, constantemente, o preço dos produtos de primeira necessidade era aumentado e, mesmo com o acréscimo dos recebimentos, a situação nunca lhes era favorável.

Embora a princípio haja um elogio ao progresso, Cintra ressaltou os percalços enfrentados pelos trabalhadores para morar e se alimentar na cidade de São Paulo. Para compreender essa situação é preciso considerar que o acelerado processo de urbanização pelo qual São Paulo passou forjou o surgimento de uma cidade cosmopolita com ares europeus onde não havia espaço para os nacionais pobres. Além disso, eles eram preteridos, em relação aos imigrantes, na ocupação dos postos de trabalho nas indústrias e nos estabelecimentos

⁵⁵ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 2.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ *Ibidem*.

comerciais e financeiros, o que os levou a se inserirem no mercado de trabalho informal ou a aceitarem empregos que ofereciam remunerações menores.

Ainda que inserido nesse contexto, Cintra talvez não tenha percebido a dimensão do problema por ele apontado, o que o levava a considerar que essa situação poderia ser resolvida numa perspectiva individual: “O único meio que temos em mão é o da economia. Hoje guardamos uma fração do nosso trabalho, amanhã outra e, assim sucessivamente”.⁵⁸ Para ele, essa era a forma de conseguir superar os problemas que a falta de dinheiro poderia acarretar. Mas como esses sujeitos poderiam fazer uma reserva se aquilo que recebiam não era suficiente? Essa questão não é respondida pelo articulista.

Embora destaque que através do trabalho não era possível enriquecer naqueles tempos (para que isso ocorresse era necessário ter sorte), ele afirmava que esse era o meio de se garantir uma vida honesta:

Trabalhemos, portanto, para o nosso sustento, procurando se possível for economizar um pouco, ensinado aos nossos filhos os deveres de um homem de caráter, dando-lhes uma educação completa, ensinando-lhes que devemos pensar no futuro, que se não fizermos economias e tais economias não forem bem adequadas, de nada valerão aos nossos descendentes.⁵⁹

Ainda que a coluna “A Vida” apontasse considerações acerca da cidade, ao longo do texto Moyses Cintra indicava como deveria ser o comportamento dos negros diante das situações geradas pelas dificuldades financeiras.

Ainda destacando a questão do comportamento, Leite apontou na edição sete, em “Decadência” que ao se pensar na organização social de sua classe era necessário ter um olhar também para as mulheres, visto que muitas delas encontram-se em situação deplorável. Pelas ruas do centro da cidade de São Paulo era possível observá-las em trajés imundos e entregues ao vício do álcool, causador dessa situação. Muitas mulheres, que poderiam ser boas mães, teriam definhado por conta desse vício, o que as expunha ao ridículo e envergonhava a todos de sua raça. “Centenas e centenas de moças decaídas vagueiam pelas ruas de nossa capital, sem poder encontrar uma tábua de salvamento”.⁶⁰

Diante desse contexto, Leite apelava às mulheres de caráter e bom coração que se organizassem o quanto antes, que sacrificassem um pouco o tempo que dispunham, para formar centros beneficentes a fim de auxiliar aquelas que estavam em situação degradante, e que essa seria uma atitude mais louvável do que zombar de sua infelicidade e considerá-las

⁵⁸ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 2.

⁵⁹ *Ibidem*.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 1.

indignas de viverem em sociedade. Isso porque, dentre elas, talvez fosse possível, depois de muito esforço, promover a sua recuperação. Se esses locais de ajuda fossem criados, esse mal não se prolongaria e não conseguiria se ramificar. Para o autor, essa seria uma ação sublime, digna de muitas palmas.

Quanto dói em nossa alma contemplarmos essas vítimas da sua própria fraqueza, vivendo nesses lupanares, sem que uma alma caridosa lhes dê a mão indicando-lhes o bom caminho. Quantas lágrimas dispersas por mães desconsoladas que esperavam as suas filhas que foram criadas com tanto carinho: vê-las hoje em completa miséria; quantas esposas abandonam seus lares, iludidas vão se atirar na lama dos vícios, arrastando o bom nome do próprio esposo!⁶¹

Se um conjunto de mulheres ajudasse outras mulheres, e um grupo de homens ajudassem outros homens, era possível diminuir o problema do alcoolismo entre os negros, “então havemos de observar que se diminuirá aos poucos esse grande mal, que impera em nossa raça; a decadência que parece querer dominar por completo”.⁶²

O comportamento feminino voltou a ser abordado na poesia “Impossível”, de João Lopes da Silva, dedicada a “uma senhorita que se sente apaixonada por quem não lhe pode corresponder”.⁶³

Teu caso, minha amiga, é muito triste
Visto, que a gente amar quem nos despreza,
É sofrimento tal que, com certezas,
Dor maior nessa vida não existe.

E quanto mais teu coração insiste
em não querer fugir dessa tristeza,
preferindo mil vezes, a incerteza,
conhecer bem o abismo em que caíste,

Vai aumento assim o teu sofrimento.
Tornando-se a existência num tormento,
Numa agonia atroz, numa aflição;

E, no entanto, é perdido o teu martírio,
Porque esse jovem que amas com delírio,
Há muito já deu seu coração.⁶⁴

Embora a moça estivesse apaixonada, o sentimento não era correspondido, o que tornava sua existência triste. O amor, nesse caso, é comparado a um martírio que não poderia terminar, a menos que ela desistisse do amado, uma vez que este já “entregara” seu coração à outra pessoa. A poesia funcionava como um alerta para as possíveis leitoras: era preciso ter prudência até mesmo nas relações amorosas.

⁶¹ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 1.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*, p.3.

⁶⁴ *Ibidem*.

Ainda na perspectiva de apontar que as mulheres deveriam ser recatadas e do lar, o conto “Último beijo”, de Tuca (Correia Leite), relatava que Renato rompeu seu relacionamento com Lucinda a fim de se casar com outra mulher. Ainda que tenha reconhecido que ele teria sido o responsável pela jovem ter perdido “tua beleza casta, em um delírio de amor”⁶⁵, Renato afirma que sua carreira dependia do enlace com outra pessoa e implora que a amada o perdoe. Embora chorando e muito triste, Lucinda, num ato de heroísmo, não só o perdoa como também lhe deseja felicidades, dando-lhe um beijo na testa, assim como fazem as mães zelosas com seus filhos. Em seguida, ela sai do jardim onde se encontram e deixa Renato sozinho, vagando em seus pensamentos. O tempo passa. Renato casara-se, era pai de um menino de cinco anos e sua esposa havia morrido de forma precoce. Embora tenha procurado, numa mais teve qualquer informação sobre Lucinda. Após um dia de trabalho, encontrou seu filho triste. Questionado sobre o que teria ocorrido, o menino relatou que teria visto uma mulher pedir uma esmola e que ao tê-lo visto teria dito que era muito parecido (sem se referir exatamente a quem) e começou a chorar. Sem entender, a criança pergunta o que poderia ter ocorrido para que ela ficasse triste. O pai, embora tenha identificado que se tratasse possivelmente de Lucinda, afirma não saber o que de fato teria havido. Em outra ocasião, Renato, ao chegar novamente do trabalho, vê que o filho está nos braços de uma mulher desconhecida. Quando se aproxima, reconhece que era a mulher por quem era apaixonado no passado, estabelecendo com ela o seguinte diálogo: “Oh *minha* Lucinda - donde viestes, em que estado estás? Ela muito humilhada respondeu: sou uma pobre mulher que vive a implorar a caridade!... Ainda recordas de mim Renato? Sim, Lucinda”.⁶⁶

Nesse contexto, Lucinda desperta para a realidade, observando a situação na qual se encontravam e diz: “Basta Renato. Mais uma vez te perdôo, não sou mais aquela mulher, estou regenerada vivo a esmolar; mas, lembra-te do que vou te dizer, és pai e eu sou uma pobre mãe, desamparada de tudo. Adeus, adeus!”⁶⁷

Diante daquela circunstância, Renato chora lembrando sua vida com Lucinda e pede que seu filho a entregue um envelope fechado. Ao entregá-lo, a criança solicita que a mulher lhe conte uma história. Muito triste, ela lhe diz para pedir ao pai que contasse a história do último beijo. Após agradecer o menino, Lucinda vai embora para sempre, num momento em

⁶⁵ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 1.

⁶⁶ *Ibidem*. Grifos meus.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 3.

que “a noite ia aparecendo aos poucos!... Um frio vento e uma neblina serrada foi aos poucos fazendo desaparecer aquele vulto da mulher pobre e desprezada!”⁶⁸

Funcionado como um possível alerta às leitoras de *O Clarim da Alvorada*, o conto “Último beijo”, aponta como problemático o fato de Lucinda ter perdido sua virgindade com Renato, sem serem casados. Era responsabilidade da mulher manter-se casta e, como isso não ocorreu, houve uma punição exemplar por seu comportamento libidinoso. Embora o texto aponte que Renato tenha sofrido com sua decisão, o fato de ter abandonado Lucinda é minimizado em virtude do desejo de progredir em sua carreira, ele se torna um homem respeitado, pai de um menino, ao passo que Lucinda se torna mãe solteira e vive na mendicância. Diante desse contexto é impossível que o casal permaneça junto.

3.4. Religiosidade e educação

Na edição de número quatro, a coluna “Ideal dos ideais”, assinada por Moyses Cintra (Jayme de Aguiar), apontou que naquele período do ano os católicos estavam passando pelo período da Quaresma e que em breve estariam na Semana Santa. Aquele momento era celebrado pela igreja com todas as solenidades adequadas e que os templos nesse período costumavam ficar cheios, seja por aqueles que professavam a fé cristã, seja daqueles que para lá se dirigiram por curiosidade. O autor destacava que, embora esse fosse um momento de alegria para os católicos, no passado essa era a época mais dolorosa para os escravizados, uma vez que seus senhores os obrigavam a contar suas misérias e os seus segredos aos ministros da igreja. Resultava dessa confissão os piores açoites e muitas mortes decorrentes dessa violência. Cintra salientava que, com o fim do cativo, os tempos seriam outros. Nos templos sagrados os sacerdotes seriam verdadeiros e virtuosos e estariam dispostos a aconselhá-los. Para ele, Cristo, aquele que dá a vida e a quem eles rendiam homenagens naquele momento por conta de sua ressurreição, também estaria pronto para perdoá-los. Ele seria o conhecedor das boas obras e, portanto, já teria penalizado aqueles que teriam castigado os escravizados e, a esses, concedido a glória eterna.⁶⁹

Embora tenha destacado a importância da fé católica na vida da população negra, Cintra afirmava o lugar da educação, apontando que o engrandecimento desse extrato social se daria por meio da comunhão de ideias:

⁶⁸ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 4.

⁶⁹ *Ibidem*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 1.

Para isso é mister, que os pais ensinem seus filhos, instruindo-os com verdadeira dedicação.

Oh! vos, chefes de família, não desanimais ante as misérias e dificuldades que ora atravessamos e que nos apresentam.

Animai-vos! Lutai com fervor, dizei aos vossos entes queridos que necessitamos ser mais poderosos, tirando da nossa raça o emblema terrível, que nos desconsola inúmeras vezes: “Escravo”.

Dai aos vossos filhos a educação do amor de Deus e do amor da nossa raça.

A primeira para implantardes na mocidade de hoje, tão luxuriosa e sem moral os princípios básicos do além; e a segunda a educação do amor aos nossos irmãos de raça, a fim de seguirmos o caminho retilíneo do progresso.⁷⁰

Portanto, caberia às famílias, mais especificamente aos chefes delas, lutar para que seus filhos tivessem acesso à educação. Esse era o caminho para apagar a mácula da escravidão e atingir o progresso que, na visão de Cintra, seria alcançado por todas as raças, exceto a negra e isso ocorria por sua própria vontade. Ao fazer tal afirmação o autor apontava que não se referia aos seus antepassados escravizados, mas à juventude que não estaria trabalhando suficientemente em prol de sua raça, uma vez que, embora se apresentasse bem trajada às reuniões e diversões, não saberia explicar os sentimentos de seu grupo, e tampouco existiria bom senso entre todos.⁷¹

A importância da Educação para a população negra voltou a ser abordada na coluna “Instrução”, publicada na edição de 3 de fevereiro de 1924:

A instrução é a cultura do nosso espírito quando intelectual e material quando procuramos aprender uma disciplina que nos auxilie, materialmente como sejam as várias profissões.

A cultura da nossa inteligência é a instrução intelectualmente falada. O mestre e o seu apregoeiro por excelência, incumbem-se de ensinar as crianças (...)

Também o adulto vai a escola. A escola é o recinto sagrado onde vamos em comunhão buscar as ciências, artes, música, etc. É na escola que encontramos os meios que precisamos para nos fazer entendidos pelos nossos irmãos.

Somos seus fiéis discípulos e os mestres sacerdotes amáveis que nos dão a luz do saber. Para ele devemos a nossa educação em geral. Esta é a perfeição da educação. A perfeição da educação é a instrução combatida com polidez é o bem viver e a ciência unida a virtude.

Oh pais! Mandai vossos filhos no templo da instrução intelectual - “a escola” não os deixeis analfabetos como dantes!

Hoje temos tudo, aproveitai as horas noturnas se os trabalhos vos impedem. Ides á escola! Aproveitai o precioso tempo para engrandecer a nossa raça e o nosso querido Brasil! ...⁷²

Embora apartados, por força da lei ou de regras, do sistema educacional formal, homens e mulheres negras escravizadas não estavam alijados do universo da leitura e da escrita. Segundo Wissenbach, havia escribas entre aqueles que atravessaram o Atlântico, o que descaracteriza a perspectiva das sociedades africanas serem essencialmente ágrafas, Além

⁷⁰ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 1

⁷¹ *Ibidem*.

⁷² *Ibidem*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 2.

disso, a historiadora destaca que as pesquisas sobre letramento da população escravizada apontam uma série de documentos que sinalizam a cultura escrita entre eles. Localizados no início do processo de colonização e do tráfico, tornaram-se mais frequentes durante o século XIX. Dentre eles foram encontrados tratados políticos nos quais os escravizados reivindicavam seus direitos, correspondências escritas de próprio punho, lista de objetos, posses e serviços realizados, papéis associados a situações cotidianas, além de registros de compras de livros, entre eles o Alcorão e a gramática da língua árabe.⁷³

Para refletirmos sobre o acesso à educação pela população negra veremos, a partir de agora, como ela se fez presente ou não na legislação educacional imperial e republicana.

A Constituição de 1824 previa em seu artigo 178º parágrafo XXXII a educação primária gratuita para todos os cidadãos brasileiros. No artigo 6º parágrafos I, II, III e IV desse mesmo documento temos a definição de quem seriam esses sujeitos:

Os que no Brasil tiverem nascido, quer sejam ingênuos, ou libertos, ainda que o pai seja estrangeiro, uma vez que este não resida por serviço de sua Nação.
Os filhos de pai brasileiro, e os ilegítimos de mãe brasileira, nascidos em país estrangeiro, que vierem estabelecer domicílio no Império.
Os filhos de pai brasileiro, que estivesse em país estrangeiro em serviço do Império, embora eles não venham estabelecer domicílio no Brasil.
Todos os nascidos em Portugal, e suas Possessões, que sendo já residentes no Brasil na época, em que se proclamou a Independência nas províncias, onde habitavam, aderiram a esta expressa, ou tacitamente pela continuação da sua residência.⁷⁴

A análise desse primeiro marco regulatório da Educação no Império aponta que os escravizados não teriam acesso à Educação gratuita pública, o que implica pensarmos que as formas pelas quais aprenderam a ler e escrever, pelo menos nesse momento, não se deram pela ação do Estado, o que denota que essas habilidades e competências teriam sido aprendidas de formas variadas.

As crianças negras tinham contato com as primeiras letras quando observavam as lições ensinadas pelos professores aos filhos dos seus senhores. Escravos pertencentes a determinadas ordens religiosas eram alfabetizados. A ação do movimento abolicionista através da articulação de clubes de leituras e de jornais possibilitou o letramento de homens e mulheres, sobretudo, em contexto urbano. Devido à necessidade de desempenhar determinados ofícios alguns dos escravizados também precisavam saber ler, escrever e

⁷³ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. In: Schwarcz, Lilia M., GOMES, Flávio. *Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 293.

⁷⁴ BRASIL, Estados Unidos do. Constituição política do império do Brasil (de 25 de março de 1824). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 25/04/2020.

contabilizar. Ainda houve aqueles que eram “apadrinhados” por membros da elite letrada e tiveram acesso à educação.⁷⁵

Além disso, algumas instituições privadas se incumbiram de realizar essa tarefa. De forma geral, esses espaços, assim como as escolas públicas, passaram a ser vistos como locais em que era possível civilizar o elemento servil e a população pobre de forma geral, compreendida como um entrave ao desenvolvimento do país.⁷⁶

Em 15 de outubro de 1827 foi publicada a lei que regulamentava a instrução pública no país. De forma geral, são mencionados os locais onde as escolas deveriam ser construídas, quem seriam os professores e as professoras, a regulamentação de seus honorários e gratificações, a forma como eles seriam nomeados e os conteúdos que deveriam ser abordados (diferenciado para os meninos e para as meninas)⁷⁷. Não havia qualquer menção a raça/cor tanto de professores (as) e alunos (as), assim como também não havia qualquer informação sobre a educação da população escravizada.

Com a publicação do Ato Institucional em 12 de agosto de 1834, as assembleias legislativas imperiais ficaram incumbidas de legislar sobre “a instrução pública e estabelecimentos próprios para a promovê-la”.⁷⁸ Essa determinação não compreendia as faculdades de Medicina, Direito e as Academias já existentes naquele momento ou que fossem criadas posteriormente.

Com isso, algumas províncias estipularam, a partir de 1835, formas de fiscalização do trabalho das escolas, dos alunos e dos professores, e também a obrigatoriedade de frequência escolar, acompanhada, inclusive, por mecanismos de punição às famílias que descumprissem essa determinação. Essas características legais são fortes indicadores de qual parcela da população a escola pretendia atingir em sua missão civilizadora - a parcela pobre, composta por um significativo número de negros libertos.⁷⁹

⁷⁵ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. In: Schwarcz, Lilia M., GOMES, *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 294.

⁷⁶ ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de, SANCHEZ, Livia. *Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil*. Revista Eletrônica de Educação, vol. 10, nº 2. 2016, p. 235.

⁷⁷ De acordo com o artigo 6º: "Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de aritmética, pratica de quebrados, decimais e proporções, as nações mais gerais de geometria pratica, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral Christi e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionando á compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a Historia do Brasil". No artigo 12º fica estabelecido que "as mestras, além do declarado no art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem á economia domestica". In: Lei de 15 de outubro de 1827. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-38398-15-outubro-1827-566692-publicacaooriginal-90222-pl.html. Acesso em: 25/04/2020.

⁷⁸ BRASIL, Estados Unidos do. Lei nº 16 de 12 de agosto de 1834. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM16.htm. Acesso em: 25/04/2020.

⁷⁹ ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de, SANCHEZ, Livia, *Op. Cit.*, p. 235.

De forma geral, os negros libertos que frequentavam as escolas nesse período precisavam superar dois problemas bastante significativos: a pobreza, a qual grande parcela desse segmento populacional estava submetido e a discriminação. Não havia condições materiais para que o acesso e a permanência dessas crianças fossem garantidos pelos seus pais ou familiares. Além disso, precisam enfrentar cotidianamente o preconceito e o racismo a qual estavam sujeitos. A capacidade de aprender dessas crianças era questionada constantemente. Havia debates sobre a suposta má influência que eles poderiam exercer sobre os alunos brancos devido a suposta permissividade e vícios inerentes à raça. Além disso, muitas precisam trabalhar para ajudar a compor a renda familiar, fazendo com que o tempo que dedicavam aos estudos fosse insatisfatório.

A prática da leitura e da escrita por escravizados e libertos era mal vista pelas autoridades policiais. Em um contexto em que a maioria da população não era alfabetizada, ter domínio dos códigos que, a priori, deveriam ser vinculados à elite, tornava-os potencialmente perigosos. Além disso, era visto como uma atitude arrogante, como se eles desejassem ser iguais aos brancos.⁸⁰

Em 17 de fevereiro de 1854, com a publicação do Decreto nº 1.331-A, uma nova regulamentação do ensino primário e secundário foi aprovada com o estabelecimento do ensino obrigatório a partir dos 7 anos. Mais uma vez os escravizados foram alijados do processo educativo. O artigo 69 apontava que não seriam admitidos na matrícula e também não poderiam frequentar as escolas os meninos com moléstias contagiosas, aqueles que não haviam sido vacinados e os escravos. O artigo 85 ratificava essa informação, apontando que não teriam acesso ao Colégio (ensino secundário) os indivíduos que se encontravam na condição descrita no artigo 69.⁸¹

Novas discussões sobre a educação da população escravizada entraram em pauta com a aprovação da Lei do Ventre Livre em 1871, que determinava que os filhos das mulheres escravizadas seriam considerados livres a partir daquela data. Essas crianças deveriam ficar sob a tutela dos senhores de suas mães até os 8 anos. Quando completassem essa idade, ficaria a cargo do senhor entregá-lo ao Estado e receber uma indenização de 600\$000 ou usufruir de sua força de trabalho até os 21 anos completos.⁸² Havia uma preocupação com a educação

⁸⁰ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. In: Schwarcz, Lilia M., GOMES, Flávio. *Dicionário da Escravidão e Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 294.

⁸¹ BRASIL, Estados Unidos do. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-1331-a-17-fevereiro-1854-590146-publicacaooriginal-115292-pe.html>>. Acesso em 25/04/2020.

⁸² BRASIL, Estados Unidos do. Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim2040.htm. Acesso em 25/04/2020.

moral e religiosa dessas crianças, assim como a necessidade de uma formação com caráter profissional. É preciso, no entanto, considerar que essas inquietações não tinham nenhum caráter benevolente.

Estimulou-se a criação de associações de caráter filantrópico ou industrial, como colônias orfanológicas e asilos agrícolas, por meio do repasse de verbas e de terras para algumas delas, que assumiriam a educação das crianças, com a explícita intenção de combater o atraso e as más inclinações que se considerava que a população escravizada possuía. Isso seria realizado retirando-as das formas de educação contidas no cotidiano e nos espaços privados e passando a educá-las em instituições, sob os padrões culturais da elite como modelo de sociedade.⁸³

A Educação passava a ser vista como uma necessidade para todos, embora devesse atingir propósitos diferentes. Aos trabalhadores livres e libertos deveria ter um caráter funcional e aos filhos dos membros da elite possibilitar que eles fossem habilitados para comandar os negócios da família. Isso fica bastante claro com a publicação dos decretos 703 de 6 de setembro de 1878 e 7.247 de 19 de abril de 1879, projetos do então Ministro dos Negócios do Império, Carlos Leôncio da Silva Carvalho.

O decreto nº 703, de 6 de setembro de 1878, determinava que em cada escola pública de instrução primária fosse criado um curso noturno de ensino elementar para os adultos. As matérias seriam as mesmas ensinadas para as crianças. O público alvo desses cursos eram pessoas livres e libertas do sexo masculino maiores de 14 anos. Nas fichas de matrículas constariam sua naturalidade, filiação, idade, profissão e endereço. Demonstrando seu caráter pragmático, a lei apontava em seu artigo 42:

Terão direito de preferência aos lugares de serventes, guardas, contínuos, correios, ajudantes de porteiro, porteiros das repartições e estabelecimentos públicos e outros empregos de igual categoria os cidadãos que, reunindo os demais requisitos precisos, apresentarem notas de aprovação plena obtida nos exames finais de algum curso publico de instrução primaria de adultos.⁸⁴

Já o decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, que promoveu a reforma do ensino primário, secundário e superior em todo o Império, regulamentou a livre oferta desses níveis de ensino, no que a escolarização dos 7 aos 14 anos tornou-se obrigatória para ambos os sexos, havendo inclusive a possibilidade de pagamento de multas que variavam de 20 a 100\$000 réis aqueles que descumprissem essa determinação, salvo os casos em que a

⁸³ ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de, SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. *Revista Eletrônica de Educação*. 2016, vol.10, n.02, p.234-246. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1459/500>>. Acesso em: 6. mar. 2020. p. 237.

⁸⁴ BRASIL, Estados Unidos do. Lei nº 703 de 6 de setembro de 1878. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7031-a-6-setembro-1878-548011-publicacaoriginal-62957-pe.html>. Acesso em 25/04/2020.

educação em escolas particulares ou domiciliares fossem comprovadas. Não houve menção à presença dos escravizados nas escolas, o que nos leva a supor que continuasse proibida⁸⁵.

Essas considerações sobre a dificuldade do acesso a população escravizada à educação formal nos possibilitam compreender porque a educação/instrução tornou-se tão cara os negros no pós-abolição. Esse era o meio para que essa população conseguisse se afirmar socialmente, tivesse sua cidadania assegurada e, sobretudo, rompesse com as correntes de pensamento que apontavam a inferioridade dos negros em relação aos brancos. Era pautado nessas prerrogativas que *O Clarim* publicou o artigo “Instrução”. Era através da escola que os negros teriam acesso ao conhecimento, e por isso os professores, como facilitadores desse processo, eram extremamente valorizados. Além disso, destacava-se a importância do ensino diurno para as crianças e do noturno para os adultos que não tiveram acesso à escolarização na idade apropriada. A responsabilidade dos pais também seria evocada quando eles são lembrados a levarem seus filhos à escola. O mesmo ocorreria na seção “Educação”:

Os nossos pais são os primeiros que se devem preocupar neste sagrado dever, para mais tarde, quando homens, sabermos como educar os nossos.

A educação é a cultura do coração; tem por fim corrigir nossos vícios, reformar os hábitos e costumes e polir os males. É necessário esforços! Contra os ignorantes é que devemos labutar, afim de chegarmos à perfeição.

É na moral religiosa que podemos encontrar bons auxílios, sem os quais, nada conseguiremos. É da mãe carinhosa que esperamos, porque ela é o primeiro instrumento de educação.

Portanto apelamos ás jovens de hoje, mães de amanhã. Tendes cuidado como os vossos quando os tiverem; educai-os com verdadeiro amor, assim mais tarde não chorareis. Antes haveis de lembrar com saudades dos tempos idos das infâncias que fizestes - hoje homens cheios de glórias!⁸⁶

Mais uma vez a Educação era vista como um caminho para que os negros conseguissem alcançar seus objetivos. Ela corrigiria vícios, reformaria hábitos e costumes e colocaria fim em todos os males. Isso significava que, entre a população negra, havia aqueles que acreditavam que esses elementos eram recorrentes entre seus pares, mas que seria possível superá-los. Além da Educação era destacada a necessidade da moral religiosa para a formação plena desses homens e mulheres. Nota-se como a coluna apontava a importância da escolarização das mulheres, uma vez que as crianças teriam seus primeiros ensinamentos com suas mães. Se elas fossem alfabetizadas quando jovens teriam possibilidades de educar melhor seus filhos, e assim as famílias seriam melhor estruturadas.

⁸⁵ BRASIL, Estados Unidos do. Lei nº 7.247 de 19 de abril de 1879. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933_publicacaooriginal-62862-pe.html. Acesso em 25/04/2020.

⁸⁶ *O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 4.

3.5. Crônicas e contos

Assim como em *A Liberdade*, a produção literária ocupou um lugar de destaque nas páginas d'*O Clarim da Alvorada*. Ambos “se autodenominavam como órgãos literários e invariavelmente, traziam em suas páginas artigos, ensaios, ilustrações, propagandas, afora uma série de contos, crônicas, poemas”.⁸⁷ Nesse sentido, a imprensa negra pode ser considerada

(...) como suporte e arquivo para textos literários (...) e (...) como uma plataforma de enunciação e visibilidade de experiências históricas, subjetividades e discursos amorosos, protestos negros, politização do cotidiano, entre outras questões⁸⁸

Partindo dessa prerrogativa, analisaremos a seguir um conjunto de crônicas e contos publicados entre fevereiro e dezembro de 1924 nas páginas d'*O Clarim da Alvorada* que versavam sobre amizade, família, abolição da escravidão, relações amorosas entre homens e mulheres, superstição, religiosidade e ciência.

Na edição de número dois, Moyses Cintra, pseudônimo de Jayme de Aguiar, na crônica “Que Mudança!...” trazia considerações acerca da importância da família a partir da situação de dois personagens, Pedro Purunga e Bastião.

No enredo, Pedro acordara cedo, pensara bastante e depois de muito se espreguiçar resolveu levantar para lavar o rosto no riacho em seguida acendera o fogo para preparar o café que tomaria acompanhado da mandioca cozida que ganhou do Nho Bino. Ao sentar-se em um banco para degustar sua refeição matinal, começou a cantarolar quando observa um vulto e logo percebeu que é Bastião. Ele havia saído de seu sítio e vinha à vila para comprar os suprimentos da semana. Ao passar por Pedro, Bastião fez comentários sobre seus familiares e apontou que sua esposa Catirina estava doente, e que Zé Francisco (seu filho?) estaria ganhando 4800 (réis) a seco e que ele estava com reumatismo e que não podia mais trabalhar. Embora desejasse ajudar sua família, via que não era mais possível. Diante das dificuldades expostas por Bastião, Pedro questionou porque ele teria se casado e salienta que por ter tomado essa decisão teria que arcar com todas as consequências desse ato. Por isso Pedro vivia sozinho, assim não teria que se preocupar em sustentar ninguém. Passado algum tempo Pedro ficou bastante doente sem que ninguém fosse visitá-lo ou cuidar dele, e a solidão se fez

⁸⁷ DOMINGUES, Petrônio. *Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira*. Literatura e Sociedade. n° 32. jul./dez. 2020, p. 148 a 151.

⁸⁸ *Ibidem*, p. 152.

presente. Após se recuperar, passou a trabalhar e ficou noivo da Biloca, filha de nhá Frosina na expectativa de constituir uma família.⁸⁹

Embora a mudança a qual o título se refira tenha ocorrido com Pedro, seria a existência da família de Bastião que merece destaque.

Segundo Reis, somente a partir dos anos 1970, com os estudos de Robert W. Slenes e Richard Graham que a família escrava passou a ser objeto de pesquisa dos historiadores. O estudo desses e de outros historiadores estadunidenses influenciaram os pesquisadores brasileiros que passaram a pensar em vivências e experiências no Brasil Colônia e Império para além daquelas atreladas a Casa Grande. Nos anos 1980, a produção historiográfica brasileira acerca da escravidão negra incorporou elementos demográficos e os debates produzidos sob a égide da história social, permitiu o uso de fontes variadas e de novas metodologias e abordagens. Além disso, as ações do Movimento Negro apontavam a necessidade da escrita da história numa perspectiva afro centrada, diferente do que ocorria até então.⁹⁰

Fazendo uso de registros eclesiásticos como registros de casamentos e batismos, lista de matrícula de escravizados, inventários *post mortem* dos proprietários dos cativos, obras de ficção, relatos de viajantes, legislação do período, notícias publicadas nos jornais, processos criminais, ações de liberdade, material iconográfico, história oral, os estudos realizados entre os anos 1990 e 2000 apontam que, embora tivessem dificuldade para se estabelecer e serem reconhecidas como tal, as famílias escravas existiam. Muitas gozaram de certa estabilidade e eram instituições importantes para os escravizados e também para seus senhores, embora o sentido atribuído a essa instituição fossem distinto.⁹¹ Para aqueles, a existência de relações afetivas certamente contribuíam para amenizar as agruras da sua condição; mas também implicava em “desafios consideráveis, além dos riscos inerentes à gravidez, maternidade, lactação e criação de filhos (as) sob o jugo da escravidão”.⁹² Para os senhores, representava a possibilidade de lucros, uma vez que poderia aumentar o número de cativos sem a

⁸⁹ *O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 1.

⁹⁰ REIS, Isabela Cristina Ferreira dos. *Família escrava*. In: SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. Dicionário da escravidão e liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 225 e 226; SLENES, Robert Wayne. *Na senzala, uma flor - esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. GRAHAM, Richard. *A "família" escrava no Brasil Colonial*. In: *Escravidão, reforma e imperialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

⁹¹ REIS, Isabela Cristina Ferreira dos. *Op Cit.* p. 226 e 227.

⁹² MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *Mulher, corpo e maternidade*. In: SCHWARCZ, Lília M., GOMES, Flávio. Dicionário da Escravidão e Liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 334 e 335.

necessidade de comprá-los, o que significa que a maternidade era extremamente importante para a manutenção do regime escravista.

Embora as famílias escravas fossem geralmente matrifocais, ou seja, constituídas por mãe e filhos, havia também as famílias nucleares formadas por pai, mãe e filhos legitimadas pela Igreja Católica. Em relação aos casamentos, foram mais frequentes do que se convencionou a pensar. É preciso considerar, no entanto, que no Brasil Colonial e Imperial houve a predominância do concubinato em detrimento das relações legitimadas pela Igreja entre a população. Em geral, só casavam aqueles indivíduos que faziam parte dos grupos mais abastados, portanto, seria equivocado supor que esses dados fossem diferentes entre a população escravizada.⁹³ Nos primeiros anos do governo republicano essa situação mudou um pouco. As famílias que anteriormente viviam sob a condição de escravizadas sentiram necessidade de regularizar a situação na qual se encontravam. Muitos casamentos e batizados foram realizados nesse momento.

Se, a priori, a instabilidade das famílias negras foi atrelada à moralidade e à cultura desses indivíduos, as pesquisas evidenciam que essa característica se deve à própria lógica do sistema escravista. As leis que proibiam a separação de mães e filhos ou casais foram aprovadas tardiamente no Brasil. Daí a necessidade de construir laços parentais com sujeitos que vivenciaram experiências semelhantes; as relações de compadrio, irmandades, famílias de santos, nações, grupos étnicos são alguns dos exemplos dessas novas configurações concebidas a partir de matrizes culturais africanas.⁹⁴

Embora as famílias escravas tenham se concentrado principalmente nas propriedades agrícolas, é possível encontrar núcleos familiares também nos centros urbanos como São Paulo. A dinâmica da cidade permitiu o convívio de libertos e cativos (como as escravas de ganho) e a aproximação afetiva entre eles, de modo que numa mesma família poderiam existirem sujeitos em situações jurídicas distintas. Isso se tornou mais complexo com a aprovação da lei nº 2040 de 28 de setembro de 1871, popularmente conhecida como Lei do Ventre Livre: mulheres escravizadas passaram a viver com a expectativa de ter um filho livre, porém afastado de si, o que poderia ocorrer aos 7 ou aos 21 anos. Essa decisão estava a cargo de seu senhor e não dela. Outro aspecto a ser destacado nessa lei era a possibilidade dos escravizados acumularem um pecúlio com o qual poderiam comprar sua carta de alforria.⁹⁵

⁹³ REIS, Isabela Cristina Ferreira dos. *Família escrava*. In: SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 227.

⁹⁴ *Ibidem*, p. 228.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 229.

Ainda sobre a crônica, não há menção à cor de Pedro, mas como o autor se refere a Bastião como “negro velho”, é possível inferir que ele fosse branco. Além disso, no diálogo estabelecido entre eles, Bastião refere-se a Pedro como “Nho” e “sinhô”, enquanto este não usa o mesmo tratamento com ele.

Outro aspecto importante a ser destacado é o fato de Bastião ser um pequeno proprietário rural, o que foi de modo geral inviabilizado para a maior parte da população negra a partir da Lei nº 601 de 1850 conhecida popularmente como Lei de Terras. Regulamentando que o acesso a terra iria dar-se exclusivamente através da compra e não mais por meio de doação (sesmaria), como ocorria até então, foi uma das primeiras iniciativas no Brasil para regulamentar a propriedade privada. Ela fez com que a terra deixasse de ser considerada um privilégio passando a ser uma mercadoria capaz de render lucros. Esse é o momento da consolidação da concentração de terras no Brasil, pois só tiveram acesso à compra aqueles que já tinham posses. Portanto, com a abolição e com o advento da República, essa situação em nada se modificou.

Na crônica “Orgulho”, José Correia Leite é o personagem-narrador e rememora uma amizade que teve quando jovem. Eram confidentes. Dividiam as alegrias e as tristezas. O tempo passou e a vida levou-os a caminhos diferentes. Quando finalmente se reencontraram o jovem, que aparentava estar bem financeiramente, arrumado e bem vestido, desprezou o amigo de longa data e agiu assim nas outras vezes que por ventura se encontraram. Leite soube que o amigo se tornara empregado de uma família que muito o estimavam e isso teria influenciado seu comportamento. No presente, quando se encontra novamente, o amigo estava vestindo roupas rotas e humildes de outrora, e ele pensa nas voltas que o mundo dá e aponta aos leitores de *O Clarim da Alvorada*, a partir de seu exemplo pessoal, o valor da amizade, considerando que “foram-se as ilusões, mas uma amizade sincera nunca se acaba e é procurada e encontra-se nos momentos de amarguras de nossa vida”.⁹⁶

Na crônica “Evocações” o assunto abordado eram as comemorações do 13 de maio. Correia Leite rememora um evento ocorrido (provavelmente) no ano de 1908 na casa do Sr. Ângelo. A propriedade foi descrita como uma casinha velha pintada de tijolinhos mal riscados localizada na rua 13 de maio. Para o evento, a sala, onde estavam dispostas várias cadeiras, havia sido decorada com bandeiras verde e amarela, e a iluminação era realizada por meio de lampiões a petróleo, havendo uma mesa com decoração também em verde e amarelo. Na

⁹⁶*O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 1.

parede havia um quadro com a imagem de Antônio Bento⁹⁷ enfeitado com flores e coberto com uma bandeira do Brasil. No cartaz, a pouco afixado na parede, lia-se uma saudação e a identificação do local: “Sede bem-vindos no templo da liberdade”.⁹⁸

Logo os convidados do Sr. Ângelo começaram a chegar e ocuparam o espaço da pequena sala. Em suas considerações iniciais ele apontou que era necessário informar que o baile ocorreria na varanda e o samba no quintal e que só poderia fazer uso da palavra aqueles que possuíssem capacidade intelectual. Após a abertura do evento foi o Sr. Tibúrcio Ramos o primeiro a falar, apontando que ainda guardava consigo memória do cativo e que não iria descrevê-las para não atormentar o estado de espírito dos que lá se encontravam. Ele destacou ainda a necessidade de seus iguais, aos quais se referia como patrícios e patrícias, olhar para o presente e projetar o futuro. Fazia-se necessário esquecer as agruras vividas no passado. Destacou ainda que eventos como aquele dos quais participavam eram grandes passos para o progresso de sua raça. A oração do Sr. Tibúrcio foi longa, realizada dentro de um período de quase uma hora. Em seguida falaram outros oradores de modo que essa primeira parte do evento foi concluída quase à meia noite.⁹⁹

Em seguida começaram os festejos que terminaram só na hora do almoço do dia seguinte. Dentre as músicas cantadas, Leite se recorda de uma em específico:

Nosso Jogo Diogo chegô
gritando muito contente,
bamo povo trovadô
profiã láno relente!...

Seu Tibúrcio então cantô
uns versinhos. De repente,
Seu Ângelo no samba entrô,
sodando todos os presente:
Meus patrícios eu vô cantá
uns versinhos de improviso,
prá meceia tudo intuá
inté chegá seu Narciso.

Arriba meu povo!...
todos cantaram
Nois somos bão brasileiro
todos de bão coração

⁹⁷ Antônio Bento assumiu a liderança do Movimento Abolicionista em São Paulo após a morte de Luiz Gama em 1882. Foi o principal articulador da Ordem dos Caifazes, movimento que tinha como objetivo libertar escravizados no interior da província de São Paulo. Sobre as ações de Antônio Bento e os caifazes consultar: FONTES, Alice Aguiar de Barros. *A prática abolicionista em São Paulo: os caifazes (1882-1888)*. Dissertação de Mestrado em história, FFLCH/USP, São Paulo, 1976; AZEVEDO, Célia M. M. *Onda negra, medo branco*. São Paulo: Paz e Terra, 1987 e MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *O plano e o pânico Os movimentos sociais na década da abolição*. São Paulo: EDUSP, 1995.

⁹⁸ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 2.

⁹⁹ *Ibidem*.

djá findo os desespero;
Viva a lei da abolição! ...¹⁰⁰

Leite rememorava esse evento com saudosismo, apontando as diferenças que se processaram até o ano de 1924, nas comemorações da abolição. Acreditava que elas teriam ocorrido devido ao progresso. Lembrou-se ainda do Tatu (já falecido) e de outros tantos sambistas que, com seus bumbos e pandeiros, percorriam as ruas do centro da cidade, cantando e dançando o tradicional samba em comemoração ao 13 de maio.¹⁰¹

Destacou ainda que nos anos 1924 as comemorações se restringiam a um samba mal tocado e sem muitas disposições, o que causaria algumas situações inadequadas. Além disso, a maior parte dos eventos ocorria por meio de recepções e grandes bailes, o que significava que só poderia participar das festividades aqueles que detinham algum capital, uma vez que as festas populares de outrora já não existiam mais, restando apenas às memórias dos que delas participaram.¹⁰²

Em “Evocações”, Leite apontou que, a princípio, as comemorações em torno do 13 de maio tinham um caráter popular e, na medida em que São Paulo foi crescendo, elas passaram a ser realizadas em outros espaços de forma mais organizada e mais rebuscada. Nesse sentido, o cronista idealiza o passado e o rememora de forma saudosista enquanto o presente é lembrado pela fugacidade dos eventos e das relações que se estabelecem entre os indivíduos.

Outro aspecto relevante a ser destacado é a linguagem utilizada na canção reproduzida anterior. O uso de alguns termos (chegô, trovado, cantô, bão...) apontam que, no pós-abolição, os recém-libertos misturaram-se às populações pobres, sobretudo nas áreas rurais, assimilando um modo de vida caboclo e caipira do interior de São Paulo aqui expresso pelo modo de falar.¹⁰³

A exemplo da crônica “Evocações”, “Noite de Luar” também fez uma crítica à forma como as comemorações do 13 de maio eram realizadas na década de 1920.

A princípio, o cronista apontava que a noite de luar o fez lembrar com saudades de outro tempo e, a partir dessa observação, relembrou momentos das festas que ocorriam na casa de tio Pedro em Candeias. Situada aproximadamente a uns dois quilômetros da vila, fora uma localidade, quando ainda havia escravidão, bastante conhecida. Quando as notícias da liberdade por lá chegaram, seus donos venderam a propriedade, mudando-se para outra

¹⁰⁰ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 2.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ SCHWARCZ, Lilia M., STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 p. 991.

região. Vários colonos também se foram. Aqueles que resolveram ficar continuaram trabalhando, ganharam seus salários, e conseguiram progredir em virtude do novo proprietário ser um fazendeiro republicano.¹⁰⁴

Dentre os escravizados que permaneceram na propriedade estavam “o Félix, rezador; o Tiburcinho domador; a família do tio Venâncio; o tio Pedro festeiro mor; a nhá Rosália, a quitandeira e o tio André o ceguinho”.¹⁰⁵

O personagem-narrador havia sido convidado por tio Pedro a participar dos festejos em comemoração ao 13 de maio. Havia vários convidados na casa, que estava decorada desde a porteira com bambus e lanterninhas que davam ao ambiente um aspecto de festa de São João. Do lado de fora da casa uma roda de samba já se formara, enquanto na casa de nhá Rosália ocorria o baile e, em frente à sua casa, tio André, ao som da viola, cantava versos que relembavam sua mocidade.¹⁰⁶

No samba tio Pedro e tio Salvadô cantavam animando a noite, paravam de vez em quando, faziam quadrinhas animadas que causavam admiração aos que ouviam sendo acompanhado por nhá Rosália, que dançava alegremente e cantava os seguintes versos:

Van meu povo glorioso,
não fiquemos pensativos
Nosso sinhô poderoso
teve pena dos cativo!¹⁰⁷

Tio Salvadô, acompanhando na zabumba, continuava:

E Maria chora, mano meu, no meu sabumbá
chega meu povo bão pra nós dança!¹⁰⁸

Ao lembrar essa comemoração, o personagem-narrador afirmou que as danças eram simples e decentes. O mesmo se poderia dizer sobre os trajes de gala que usavam naquela ocasião. Havia harmonia nesses eventos. Todos pareciam fazer parte de uma mesma família. No entanto, tudo aquilo teria acabado. As festas das quais participou um dia já não eram mais realizadas. Os colonos eram outros. Não sabia o que teria ocorrido com tio Pedro, que gostava tanto de comemorar o 13 de maio, o dia mais importante de sua vida (se estivesse vivo certamente estaria bem velho e recordando-se de suas festas) com nhá Rosália, tio Salvadô e os outros.

¹⁰⁴ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 5.

¹⁰⁵ *Ibidem*. p. 6.

¹⁰⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

¹⁰⁸ *Ibidem*.

A crônica “Noite de Luar” evidenciou mais uma vez que, inicialmente, as comemorações em virtude da abolição da escravidão tinham um caráter bastante popular. Certamente, comemorar o fim do cativo teria um peso muito maior para um ex-cativo do que para o seu filho ou neto. Posteriormente, passaram a ser realizadas em salões onde se valorizava mais a festa do que o motivo desta ser realizada. Daí as irregularidades observadas nesses eventos, segundo nosso cronista.

Para o autor da crônica, que dedicou o texto à sua avó Emília, (ele não se identifica, assinando apenas como “seu neto”), havia entre os ex-cativos um sentimento de união. Ele se refere às pessoas presentes na festa como tios, provavelmente na perspectiva da família estendida e não propriamente de laços sanguíneos, o que justificaria o fato de não saber o que teria ocorrido com eles no momento em que escrevia o texto.

Esse assunto voltou a ser abordado na edição de número cinco¹⁰⁹, no artigo “A Redenção de nossa raça”. A publicação destacou que foi necessário acabar com a escravidão no Brasil, pois não era correto trabalhar e não receber nada em troca. Os escravizados não tinham estímulo para desempenhar suas funções com capricho já que, além de não receberem pagamentos, eram expostos a uma situação em que deveriam realizar árduos trabalhos, eram flagelados e castigados de formas terríveis. Na opinião do cronista, essa situação teria feito com que muitos escravizados buscassem no suicídio a solução para os seus problemas. Alguns suportaram essa situação de forma resignada até “aparecerem” homens que desejavam auxiliá-los e reconhecessem sua importante contribuição para o desenvolvimento do país. Dentre esses indivíduos destacava-se “uma senhora nobre a quem devemos dar o título de mãe de todos os cativos; a Princesa Isabel, a Redentora, conhecedora também das inúmeras injustiças”.¹¹⁰ Dadas essas características, o periódico salientava: “imploramos a Jesus pela sua alma bendita e para todos que se esforçaram na campanha da nossa redenção”.¹¹¹

A centralidade da Princesa Isabel no evento foi endossada pelo uso de sua imagem disposta na parte central da página e do registro de suas considerações sobre o fim do cativo, realizadas em uma das falas do trono daquele ano:

¹⁰⁹ Em uma coluna sob título *Aviso* os leitores são informados que existe na cidade outro periódico também chamado *Clarim*. Considerando que aquela publicação tinha surgido antes e para que não houvesse mais confusões a partir daquele número a publicação de Jayme de Aguiar e José Correia Leite passaria a chamar-se *Clarim da Alvorada*. Salientando que continuariam firme em seus propósitos, os editores aproveitam o espaço para informar que aqueles que desejassem renovar suas assinaturas deveriam fazê-lo mediante o pagamento de 2\$500 por semestre e que este valor deveria ser pago adiantadamente. A partir dessa edição as páginas do periódico passam a ser numeradas. *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 4.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 1.

¹¹¹ *Ibidem*.

A extinção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades particulares, em honra do Brasil, adianta-se pacificamente de tal modo que hoje é aspiração aclamada por todas as classes, com admiráveis exemplos de abolição por parte dos proprietários. Quando o próprio interesse privado vem espontaneamente colaborar para que o Brasil se desfaça da infeliz herança, que as necessidades da lavoura haviam mantido. Confio que não hesitareis em apagar do direito pátrio a única exceção que nele figura em antagonismo com o espírito liberal e cristão das nossas instituições.¹¹²

A segunda parte do artigo buscou rememorar os debates políticos que ocorreram a partir do dia 7 de março de 1888 e que precederam a aprovação da Lei Áurea em 13 de maio daquele mesmo ano. Através de uma comissão, o Governo Imperial foi notificado que deveria ser marcado o dia, a hora e o lugar para que a assinatura da lei ocorresse. O evento foi marcado para as 15 horas do mesmo dia. No horário marcado, fazendo uso de uma pena de ouro (oferecida à monarca por uma subscrição popular), a Princesa, acompanhada da comissão e de seus ministros, finalmente colocava fim à escravidão no Brasil. Todos estavam felizes na capital do país, sobretudo aqueles que conseguiram sair da condição de cativos, alcançando finalmente a liberdade.¹¹³

Em virtude do papel desempenhado por Isabel, os editores *d'O Clarim da Alvorada* salientaram: “mandai quanto antes buscar os despojos daquela grande senhora, mãe dos cativos, também nossa mãe, ‘A Redentora’, afim de que possa ao lado de seu pai e de todos os brasileiros descansar por toda a eternidade”¹¹⁴, o que seria um desejo da população brasileira e se constituiria como um gesto de gratidão a ser lembrado por todos.

Embora as ações da Princesa Isabel sejam destacadas, os editores do periódico apontaram que homens como Luiz Gama, José do Patrocínio, José Antônio Bento, Rio Branco e Rui Barbosa também foram importantes para que a abolição ocorresse e, nesse sentido, também deveriam ser glorificados:

Hoje que todos nós somos livres, que vivemos em comunhão com todos os homens tendo as mesmas regalias e que já constituímos uma raça forte e poderosa que promete muito cooperar em prol dos seus descendentes do Brasil devemos também pedir ardentemente a Jesus pelos abolicionistas Luiz Gama, José do Patrocínio, José Antônio Bento, Rio Branco, Rui Barbosa e todos enfim que trabalharam pela remissão dos nossos mártires, a glória eterna!¹¹⁵

O fato de os editores do jornal considerar que após 36 anos do fim do cativeiro os negros constituíam uma raça forte e poderosa, que muito contribuiriam em prol dos seus descendentes, é um aspecto bastante relevante. A identidade negra era positivada e o

¹¹² *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 1.

¹¹³ *Ibidem*.

¹¹⁴ *Ibidem*..

¹¹⁵ *Ibidem*.

sentimento de pertença a um grupo destacada. Esses elementos, no entanto, não eram utilizados como fatores de diferenciação, uma vez que a ideia da fraternidade racial estava posta, na medida em que afirmavam que todos os homens viviam em comunhão e tinham as mesmas regalias. Esse recurso ideológico iria se tornar recorrente entre os editores d'*O Clarim de Alvorada* em diversas edições, bem como em outros periódicos da imprensa negra ao longo da década de 1920.¹¹⁶

Para *O Clarim da Alvorada*, o 13 de maio constituía-se como um dia de festa, em que a população negra deveria pensar em seu futuro e perdoar de coração aqueles que foram os responsáveis pela escravidão de seus antepassados já que, no momento em que o jornal era publicado, “somos todos iguais, nada mais belo neste mundo do que a caridade, a justiça, a gratidão e a liberdade! ...”¹¹⁷

Assim como em *A Liberdade*, na edição 16 *O Clarim da Alvorada* evocou a participação da Princesa Isabel ao processo de abolição da escravidão atribuindo-lhe uma centralidade que não é mais aceita pelos historiadores em virtude das pesquisas realizadas, sobretudo a partir dos anos 1980, quando a academia se voltou a sujeitos históricos até então invisibilizados na História. As pesquisas produzidas a partir desse período evocaram o protagonismo da população negra na luta por sua liberdade, bem como a trajetória dos ex-escravos e seus descendentes no pós-abolição. Ao propor novas leituras sobre as vivências e experiências da população negra em São Paulo os historiadores evidenciaram um contexto marcado pelo preconceito, pela discriminação e pelo racismo um palco de disputas em que esses sujeitos “foram agentes de sua História, fizeram escolhas, atuaram nos limites do possível, enfrentaram, por sua conta e risco, as incertezas do destino e infundiram significados específicos as retóricas da cidadania”.¹¹⁸

Na coluna “Almas de outro mundo! O perigo das superstições...”, de Praxedes do Olympo, o autor abordou as relações entre ciência, religiosidade e superstição. Ele destacou que, antigamente, as pessoas que morriam eram veladas em suas próprias casas, onde os familiares e amigos se reuniam para prestar as últimas homenagens e que esse processo durava sete dias. Essas ações constituíam-se quase como um dever e eram realizadas em todas as cidades. No entanto, com o progresso, essas práticas de caridade e reverência deixaram de ser realizadas, embora salientasse que “ainda hoje, apesar do grau de adiantamento,

¹¹⁶ ALBERTO, Paulina. L. *Termos de inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2017, p. 61 a 77.

¹¹⁷ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 1.

¹¹⁸ DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo História e Historiografia*. São Paulo. Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 133.

guardamos e cumprimos essa tradição"¹¹⁹, o que significa que entre a população negra essas práticas tiveram maior longevidade.

Praxedes do Olympo rememorou um fato ocorrido numa destas cerimônias no povoado de Samambaia, em que Pedrinho, o domador, destemido e valente, teria aparentemente falecido. Vítima de um incidente, desmaiou, perdendo por muitas horas seus sentidos, e julgaram-no morto. Levaram-no para casa e asseguraram-se de que não tivesse mais vida, chamando um curandeiro que confirmou o fim da vida do pobre homem. Assim começaram os preparativos para a sua despedida: “deitam-no, então sobre a mesa circundada de velas; cruzaram-lhe as mãos sobre o peito juntas a um velho crucifixo. Muita gente, veio de suas casas para fazer pernoite”.¹²⁰

O dono da casa, amigo de Pedrinho, chamou o rezador da vizinhança que, tendo chegado à noite, começou a fazer as preces adequadas ao momento acompanhados dos que lá estavam. Foi D. Chica uma das primeiras pessoas a ver o defunto se mexer. Com receio, despediu-se de todos e foi embora, acompanhada de seu neto. Logo depois Pedrinho começou a se levantar da mesa, o que causou muito alvoroço. O rezador foi o primeiro a fugir, depois todos os outros o acompanharam. Com medo do que poderia estar acontecendo o domador começou a correr e, por onde passava, as portas e as janelas fechavam-se imediatamente. Cansado, foi procurar o padre João e contou o que houvera acontecido. Ele lhe deu abrigo e, no dia seguinte, após a missa, explicou a situação a todos. Alguns ainda duvidavam que Pedrinho de fato estivesse vivo e julgavam ser aquilo que viam sua alma, seu espírito.¹²¹

Diante dessa situação Praxedes do Olympo afirmou que muitas pessoas ainda eram supersticiosas e que os fatos ocorridos em Samambaia se deram por que

Naquele povoado não havia uma pessoa que raciocinasse um pouco: quem tivesse um certo preparo.

Hoje bem raros são esses casos de se supor que faleceu um pobre qualquer, pois graças aos progressos da ciência médica, há meios de se atestar um óbito.

Devemos temer as más línguas dos nossos inimigos e dos assaltantes, porque, os que morrem de fato não mais voltam a este mundo para nos amedontrar.¹²²

A crônica de Praxedes do Olympo evidencia que a Ciência no início do século XX passou a desempenhar um papel cada vez mais importante na sociedade. A valorização do discurso médico em detrimento do conhecimento do curandeiro evidencia essa prerrogativa. Para o autor, o fato de as pessoas não terem conhecimento no povoado teria gerado toda a

¹¹⁹ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 3.

¹²⁰ *Ibidem*.

¹²¹ *Ibidem*.

¹²² *Ibidem*.

confusão no caso da suposta morte de Pedrinho. Se houvesse um médico no local isso não teria ocorrido, já que como ele mesmo salientou, o progresso permitiu a ciência médica ter meios para verificar se uma pessoa veio a óbito ou não. Nesse sentido, *O Clarim* dialogava com *A Província de São Paulo*, uma vez que ele também publicou vários regulamentos demonstrando o caráter fantástico das práticas dos curandeiros, sem nenhum embasamento científico, o que levaria os “médicos a acertarem e os curandeiros a errarem”.¹²³ Vale ressaltar que *O Clarim da Alvorada*, como esse posicionamento, deslegitimava os saberes ancestrais dos africanos e indígenas presentes nas práticas dos curandeiros e feiticeiros, e aqui o fez de uma forma bastante pejorativa.

A crônica também é utilizada para dar um “recado” aos leitores de *O Clarim*: era preciso ter cuidado com o que as pessoas falam umas das outras (o que destaca a preocupação do periódico com a forma da população negra portar-se). Também era preciso ter cuidado com os assaltantes (o que demonstra que o crescimento da cidade e da criminalidade estão atrelados). O progresso só seria alcançado pela população negra se ela se adequasse à sociedade moderna, já que nela não haveria espaço para as práticas supersticiosas e tampouco para o sobrenatural.

O amor foi o assunto abordado na coluna “Registro”. A crônica sob título “Um exemplo”, sem autoria identificada, abordou a história de um homem que se vestia muito bem e que frequentava os melhores lugares da cidade, apresentando-se a reuniões íntimas e coletivas sempre acompanhado de seu violão e que assim vivera por muitos anos até conhecer uma graciosa jovem, chamada Bemvinda. Ela, a princípio, correspondia a seu amor, mas em pouco tempo passou a desprezá-lo, o que provocou imensa dor ao homem. Ele passou a viver triste desde então e esse sentimento tornava-se intenso toda vez que a via novamente. Diante desse contexto, o cronista orientava os leitores do periódico:

“Portanto se amas, se tens o coração ferido, guarde contigo o que te faz sofrer, nunca digas porque sofres, nem o que sentes, porque poderás também ser ferido pela flecha atroz de uma paixão que te fará feliz ou infeliz para sempre. Faze com que se cicatrize essa ferida sem que declare o que sente.
Não te iludas amigo! ...¹²⁴!”

O ideal do amor romântico fez-se presente nessa crônica. A vida do homem foi destruída pelo fato da mulher amada não corresponder o sentimento por ela despertado. Diante desse contexto, o autor do texto sugeria que era necessário que os homens tivessem

¹²³ SCHWARZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 126 e 127.

¹²⁴ *O Clarim - órgão literário, científico e político*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 4.

outra postura, não em relação ao sentimento, mas na demonstração pública do afeto. Esta atitude poderia evidenciar uma masculinidade frágil, o que certamente não era visto com bons olhos pela sociedade.

Novamente na edição de 6 de abril de 1924, em “Páginas de minha vida”, as relações amorosas voltaram a ser destacadas. Francisco Souza Roys escreveu uma crônica em homenagem a sua noiva Mili Maria de Lourdes Souza. A princípio descreveu o contexto em que a conheceu e a aparência da mestiça virgem por quem se apaixonara:

Era um tipo de formosura rara, alta, morena de cabelos de azeviche e encaracolados, flexível, esbelta, de um físico escultural, tal e qual essas dessas fantásticas que se vêem na imaginação, febrilmente sonhadora ou talhadas por mãos ágeis de artista de consagrada reputação.¹²⁵

Após descrever minuciosamente a (bela) aparência de Mili Maria, Roys aponta quais percepções ela suscitava:

A víbora venenosa que nos arrasta ao precipício da ruína, á calunia, á hipocrisia, ao roubo, á morte, etc. ou a simbólica virgem capaz de com suas brandas palavras subjugar nos ao caminho do bem, da regeneração, capaz de com seu bálsamo do amor, entraras chagas e as lacerações abertas, nos corações amantes.
Era a mulher traidora, volúvel, capaz de se render aos caprichos miseráveis dos homens de caráter polido, que pululam em nossos meios sociais.
Ou a mulher ideal... a mulher modelo... a inigualável mãe e ótima esposa capaz de suportar os mais horrendos dos suplícios no firme propósito de nunca profanar o tálamo fiel e sagrado de seu esposo.¹²⁶

Destacava ainda que ela o fez acordar do sono letárgico no qual se encontrava e que iluminou a penumbra da sua vida, e por isso considerava a possibilidade de viver ao lado de sua eleita para o resto da vida. Contudo, infelizmente isso não teria ocorrido pois “a morte negra e vil vem roubar os meus afetos os meus carinhos...”¹²⁷ o que teria o tornado resignado e triste. Ele não compreendia porque Cristo permitiria que a morte tirasse a vida de sua futura companheira.

Mili Maria não era qualquer mulher. Havia muitas qualidades para que ela fosse à eleita de Roys. Infelizmente as coisas não caminharam para um desfecho feliz e a moça morreu. Nesse trecho observamos, novamente, o termo negra utilizado de forma pejorativa.

Roys salienta que daria sua vida para salvar a mulher amada sem o menor arrependimento, “já que não sou mais que um faminto de amor, implorando amor de porta em porta, sem merecer a mínima consideração, sempre espezinhado pela sorte fatal”¹²⁸, solicitando intervenção divina para superar essa situação, pois ele, por si só, não saberia o que

¹²⁵ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 2.

¹²⁶ *Ibidem*.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ *Ibidem*.

fazer. Sobre essa consideração é possível inferir que o personagem-narrador, na ânsia de não sentir a dor da perda, desejava indiretamente esse sentimento a mulher.

Por fim, salientou que amou e foi amado, que a alegria que outrora existiu deu espaço para a tristeza e a melancólica e que só restaria aguardar o momento que seu corpo fatigado dessa vida de sofrimento pudesse encontrar-se novamente com a mulher que tanto amou. Nesse momento anjos cantariam hinos de glórias.¹²⁹ Novamente, a presença da Igreja Católica é evocada quando Cristo e os anjos são mencionados.

O ideal de amor romântico também se fez presente no conto “Quando o coração fala...”, assinado por D'Artagnam. Carlos rememorou a ocasião em que conheceu Cesira, a cantora de Opereta por quem se apaixonou quando dia 16 anos. Antes de ter a oportunidade de conhecê-la e saber que o interesse era recíproco ele ficava contemplando sua fotografia exposta na entrada do Teatro Polyteama, imaginando como se comportaria se estivesse ao seu lado. Quando isso finalmente aconteceu Carlos acreditava estar vivenciando um sonho, já que jamais imaginava experienciar tamanha felicidade. Nesse contexto, o enamorado homem afirmou: “frenético, acariciava seus perfumados cabelos fios de ouro, beijava-lhe as faces encantadoras, os olhos negros, o pescoço torneado e branco, e... tornava a extasiar-me fitando-a demoradamente”.¹³⁰ Carlos teria vivido esse romance por alguns dias até que, por uma fatalidade, foi obrigado a se separar de Cesira. Passados 24 anos ele relembra com saudades daquele tempo ao assistir um espetáculo de Clara Weis e demonstrava seu desejo em encontrar a mulher por quem fora apaixonado: “Algo me diz que ela voltará e como outrora, ainda nos estreitaremos num supremo amplexo, oxalá seja o derradeiro, para alívio dessa existência amargurada”.¹³¹

Quando Carlos descreve a beleza da mulher ele aponta como elementos os traços de sua branquitude: cabelos fios de ouro (louros) e pescoço torneado e branco. Essa caracterização é importante para refletirmos sobre os padrões de beleza naquele momento. Segundo Domingues, as mulheres negras eram impedidas de participar de concursos de beleza no início do século XX. Tal proibição levou os periódicos e as associações aos quais estes se vinculavam a organizarem eventos em que a negritude era destacada. Eles possibilitavam que as mulheres negras valorizassem suas características estéticas (cor da pele, textura do cabelo, formato do corpo...) e reconhecessem sua beleza. Além disso, oportunizava que os homens observassem esses sinais diacríticos com elementos positivos. Para além de despertar a

¹²⁹ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 3.

¹³⁰ *Ibidem*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 3.

¹³¹ *Ibidem*.

vaidade, os concursos de beleza permitiam que a autoestima dessas mulheres fosse elevada, fato extremamente importante para combater o complexo de inferioridade que porventura possuíam¹³² (é preciso considerar que desde a segunda metade do século XIX os intelectuais brasileiros alicerçados a teorias científicas europeias consideraram a existência de raças inferiores e apontavam a superioridade dos brancos em detrimento dos negros. Esse discurso permeava toda a sociedade de modo que homens e mulheres negras se questionavam se de fato essa diferenciação existia).

Outra questão a ser levantada a partir desse conto refere-se à discussão sobre racismo e sexualidade. Seriam as mulheres negras preteridas em relação às mulheres brancas numa relação afetivo-sexual?

Em sua Dissertação de Mestrado, Souza atrela a solidão da mulher negra ao fato delas serem menosprezadas por potenciais parceiros da mesma cor/raça. Embora a autora esteja referindo-se ao momento presente, ela recorre a alguns elementos do passado para compreendê-lo. Ela aponta que a miscigenação no Brasil resultou da violência físico-sexual das mulheres negras ao longo dos mais de 300 anos de escravidão no país. Salienta que as mulheres, além de serem lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, amas-de-leite, arrumadeiras, mucamas dos filhos dos seus senhores, ainda tinham que ceder às investidas sexuais desses sujeitos, fato que por vezes provocava a ira de suas senhoras, fazendo com que aquelas estivessem expostas a múltiplas formas de violência. Na lógica do sistema escravista, o corpo da mulher negra não lhes pertencia. Muitos dos filhos que as cativas geraram foram resultados de estupros ocorridos nos locais onde viviam. Essas crianças geralmente não eram reconhecidas por seus pais, embora coabitassem a mesma casa. Como a condição jurídica da mãe determinava a do filho (segundo um princípio do Direito Romano seguido pelos países Ibéricos desde o início da escravidão moderna) eles também eram escravos. Além de conviver com o homem que dela havia abusado e de ser culpabilizada por sua ação, a criança fruto dessa violência também sofria as consequências desse ato. Eles precisavam se relacionar diariamente com “esposas e meios-irmãos, compondo situações de alta tensão, ciúmes e castigos que poderiam terminar na venda em separado de mães e filhos”¹³³, por exemplo. Havia ainda os escravizados que se aproximavam por laços afetivos e essas relações poderiam

¹³² PETRÔNIO, Domingues. *Uma História não contada Negros, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2004. p. 377.

¹³³ MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo, *Mulher, Corpo e Maternidade*. In: SCHWARCZ, Lilia M., GOMES, FLÁVIO. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 338.

ser legitimadas através da Igreja, o que não impediu, até os anos 1869, a separação dos cônjuges.¹³⁴

A predominância de famílias matrifocais entre a população escrava conferiu obrigações às mulheres negras que não eram exigidas dos homens negros. Cuidar e educar crianças em um contexto de escravidão certamente foi uma tarefa bastante difícil, potencializada pela ausência de um companheiro. A solidão dessas mulheres foi (e continua sendo) uma constante.

Com o fim da escravidão, muitas famílias buscaram regularizar sua situação através de casamentos e batismos, embora o número de mulheres libertas ou livres que continuavam sem companheiros continuasse relativamente alto. Se, num primeiro momento, a escravidão impossibilitava o estabelecimento das famílias nucleares, após esse período seria a ideia de inferioridade dos negros que prejudicaria o estabelecimento de laços afetivos entre indivíduos da mesma cor/raça. Ao preferir a mulher negra em detrimento da mulher branca, os homens negros, voluntariamente ou não, tinham o objetivo de “clarear” sua família através da miscigenação.

Por fim, destacamos a referência a Oxalá, divindade presente no panteão das religiões de matriz afro-brasileiras, caracterizados como “forças espirituais humanizadas, com personalidades próprias, características físicas, domínios naturais e [que] viveram na terra antes de se tornarem espíritos divinizados”.¹³⁵ Assim como ocorre no catolicismo, com a figura dos santos, os orixás são intermediários entre os homens e um ser supremo. Essa aproximação teria possibilitado o sincretismo dessas religiões:

Oxalá e o orixá da criação. Foi ele quem modelou com o barro o corpo dos homens sobre o qual Olodumarê (O Ser Supremo) soprou para dar a vida. No princípio, Oxalá foi designado por Olodumarê para criar todo o mundo, tendo para isso recebido o “saco da criação” e o poder de realização (axé). Contudo, antes de sair para a sua missão, esqueceu-se de fazer as oferendas a Exu que resolveu se vingar provocando-lhe uma enorme sede. Desesperado, ele se embriaga com vinho de palmeira e adormece, Olodumarê, ao saber do ocorrido, designa Ododua, o segundo deus criado depois de Oxalá para substituir o orixá embriagado. Ododua espalha, então, a substância da água até formar um monte. Neste monte coloca uma galinha que, ciscando, vai espalhando continuamente a terra até cobrir a superfície das águas. Foi nesse monte que se erigi a cidade de Ifê.

Devido a essas características, o culto a Oxalá foi relacionado com a devoção católica a Jesus, também filho do criador supremo e salvador dos homens na Terra.¹³⁶

¹³⁴ SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra - sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. Dissertação de Mestrado (PUC/SP, São PAULO, 2008), p. 36 a 45.

¹³⁵ SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda Caminhos da devoção brasileira*. 6ª ed. São Paulo: Selo Negro, 2005, p. 69.

¹³⁶ VERGER, Pierre. *Orixás*. São Paulo: Corrupio, 1981. Apud. SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda caminhos da devoção brasileira*. São Paulo; Selo Negro, 2005, p. 69.

Em “Viva”, na edição de número 3, o amor de Carlos e Cesira voltou a ser assunto das páginas de *O Clarim da Alvorada*. A princípio, Carlos mencionou um bilhete que teria recebido com os seguintes dizeres:

- Inconsciente, perjuro - os segredos de amor não se confiam a ninguém; quanto menos se escrevem, para publicá-los e servirem de pasto aos olhos famintos da humanidade - isto, seria trair um tácito juramento que fizeste a pessoa a quem ferem tuas revelações - C. V.¹³⁷

Carlos estava no Teatro Municipal para assistir a “Serata d’Onore”, de Hermete Zacconi, o grande trágico, quando recebeu o bilhete das mãos de uma pessoa que desconhecia. Leu e releu a breve missiva diversas vezes. Pensou em Cesira. Somente ela poderia ter se incomodado com a publicação que teria feito no jornal revelando a história de amor que haviam vivido ou haveria alguém disposto a lhe pregar uma peça? Quando começou a maldizer a situação que teria vivido no passado, ele olhou para frente e se deparou com a mulher amada que tanto desejava reencontrar. Acreditou estar sonhando acordado, já que, segundo ele, “há nos fluídos que emanam do corpo da pessoa amada, uma força sobrenatural, misteriosa, que nos subjuga e atrai, levando-nos por momentos às regiões místicas da ilusão e o dos sonhos”.¹³⁸

Sem acreditar que de fato seria a mulher amada, Carlos olhou-a fixamente, esfregou os olhos para certificar-se do que estava de fato observando, e finalmente perguntou se seria Cesira e porque ela o abandonou há tantos anos, ao passo que ela respondeu que aquela mulher não existia mais, inclusive já tinha outro nome, e o que restava daquela jovem eram somente as feições e o coração que guardava dele em sua memória. Ela pergunta por que este teria a abandonado no momento em que suas vidas se uniriam para sempre. Carlos então relatou todo o sofrimento que teria vivido em sua ausência. Ao ser questionado porque não a teria procurado, ele afirma ter se afastado do mundo em que viveu com todas as suas tristezas e amarguras, mas acreditava que se o destino não houvesse os separado a situação seria distinta, uma vez que Cesira era uma mulher cercada de glórias. Ela afirma que todo o reconhecimento que obteve ao longo de sua vida como cantora não foi o suficiente para acalmar seu coração e que ela também sofreu muito pela ausência do homem por quem havia se apaixonado, e relembrou a forma carinhosa como falavam e se tratavam no Natal de 1899, momento em que se separaram.¹³⁹

¹³⁷*O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 3.

¹³⁸ *Ibidem*.

¹³⁹ *Ibidem*.

Diante dessas informações, Carlos envolveu Cesira num abraço apertado e, com lágrimas nos olhos, percebeu que seu coração batia forte com pulsações ofegantes. Saíram do teatro. Se dirigiram ao hotel onde ela estava hospeda. Prometeram encontrarem-se todos os dias. Cesira solicitou que ele a chamasse por outro nome, para não mais se lembrar do passado e para esquecer-se do presente, tendo como objetivo só aquilo que viveriam no futuro, a partir daquele momento. Carlos pensou em chamá-la de Diva, Deidade, Musa ou Astro. Ainda não estava decidido, porém tinha certeza, a partir daquele momento sua vida seria diferente, uma vez que “quando o coração fala... não mente.”¹⁴⁰

Por fim, Cesira alertou o homem amado:

Não debes, meu bom Carlos, maldizer o Destino; pois se ele tão cruel foi em separar-nos temporariamente, fazendo-nos sofrer, hoje bondoso, nos dá a felicidade perdida, entregando-me novamente em teus braços, para toda a eternidade, pois este amor não terá fim...¹⁴¹

O encontro de Carlos e Cesira evidenciou a premissa do amor romântico, em que as pessoas só poderiam amar uma única vez. Embora estivessem afastados durante muito tempo, eles não teriam superado a ausência um do outro em suas vidas.

Ainda que Carlos descrevesse suas amarguras, ele não procurou Cesira. Entregou-se à tristeza, afastou-se do mundo, enquanto ela recebia glórias. Ao encontrar a mulher por quem ainda era apaixonado ficou surpreso em saber que ela também sofria. Aparentemente o conto quer evidenciar que o sofrimento de Carlos era maior do que o de Cesira. Apesar de ter sido o bilhete da mulher e sua ida ao teatro que tenham possibilitado o encontro do casal, o enredo do texto aponta que fora o destino o responsável pela sua aproximação. Portanto, os títulos das crônicas “Quando um coração fala... não mente” e “Viva” fazem referência aos sentimentos do homem e não do casal, como a princípio aparentava ser.

No conto “Reminiscências de uma ingratidão”, de Pellegrino, o assunto abordado foi o amor não correspondido. O homem recordou-se da mulher amada e dos bons momentos vividos com ela e afirmou que as horas mais felizes eram aquelas que ele passava ao seu lado, sem se cansar de contemplá-la e de falar de seus sentimentos. Ocorre que essa situação não durou muito e a mulher passou a desprezá-lo, o que teria feito como que seu coração sangrasse pelo resto de sua vida. A partir de então, os dias e as noites tornaram-se desoladores e intermináveis.¹⁴² O que teria motivado a mulher a agir dessa maneira? Segundo nosso

¹⁴⁰*O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 3.

¹⁴¹*Ibidem*.

¹⁴²*Idem*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 2.

personagem-narrador, talvez o fato dele ser pobre. Diante dessa possibilidade, ele alertou a mulher, afirmando:

Mas, quando vires uma pessoa ricamente trajada, ostentando luxo, frequentando a alta sociedade, não se iludas, porque nem sempre essa pessoa nos poderá proporcionar felicidade.

Sim, vive na opulência é verdade, mas só não lhe podemos ler na alma os sentimentos que a dominam. A felicidade é a maior riqueza que um coração possa herdar neste arrebol de ilusões.¹⁴³

Ele ainda destacou que quando “algum dia a amargura cobrir com seu manto negro teu coração, saberás avaliar o quanto te queria, quando a consciência te acusar (...) pelo mau que me causastes, então talvez chorarás de arrependimento”.¹⁴⁴ Por fim, indicou seu desejo de ser feliz, dizendo que foi vítima da beleza da mulher. Uma vez que elas “quando se julgam belas, fazem do seu amor um escravo submisso de sua altivez e desdém, lançando-o no deserto tenebroso da vida”.¹⁴⁵

Novamente, a ideia do amor romântico faz-se presente nesse conto com destaque a uma perspectiva masculina. Como não foi correspondido, sua vida foi destruída. A mulher não conseguira valorizar o fato de o homem demonstrar tão nobre sentimento e teria o abandonado pelo fato dele pobre. Ele aponta que um “manto negro da amargura cobriria seu coração” por ela ter agido dessa maneira. Destacamos aqui o termo negro na formulação da frase. Utilizada com um sentido negativo, ele nos indica que a mulher provará de um grande padecimento moral. As palavras não são isentas de valores. O sentido que elas carregam consigo são representativos de determinados contextos bem como das perspectivas dos grupos sociais dominantes que historicamente dominaram a linguagem escrita. Domingues aponta que no plano do imaginário o dicionário consolidou uma representação negativa acerca da população negra no século XIX no Brasil e exemplifica essa consideração indicando que o “*Dicionário enciclopédico ou novo dicionário da língua portuguesa* de Araújo Correia Lacerda e José Maria de Almeida, definia negro como sinônimo de escravo, preto; que macula, denigre, calunia; horrível, hediondo, medonho, tenebroso, malvado, cruel”.¹⁴⁶ O sentido atribuído à palavra negro permaneceu basicamente o mesmo no século XX, sendo utilizada pelo nosso cronista aparentemente sem nenhum questionamento.

¹⁴³ *O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 2.

¹⁴⁴ *Ibidem*.

¹⁴⁵ *Ibidem*.

¹⁴⁶ LACERDA, Araújo Correia, ALMEIDA, José Maria de. *Dicionário enciclopédico ou novo dicionário da língua portuguesa*. vol. 2. 5ª ed. Lisboa: Francisco Arthur da Silva, 1879. Apud. DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004, p. 71.

O personagem-narrador afirmou que a mulher poderia encontrar pessoas em melhores condições financeiras que as dele. No entanto, isso não significava que elas poderiam ter boa índole. Quando faz essa consideração a perspectiva era afirmar que o dinheiro por si só não traria felicidade, e que a mulher estava sendo leviana ao guiar suas ações motivada por bens materiais. Outra crítica ao comportamento feminino foi observada na parte em que ele afirmou ser “vítima de sua beleza” e de como as mulheres faziam uso dessa qualidade para seduzir os homens. Utilizou-se da palavra escravo para evidenciar a relação de submissão que estaria posta nessa situação.

Mais uma vez o amor foi abordado no conto “Drama de Amor”, de Sabatino Daniel. Gastão e Maria eram noivos e estavam apaixonados. Devido a um desentendimento dos familiares, que eram fazendeiros, eles não puderam se casar. Gastão foi então para a Filadélfia (Estados Unidos) cursar Engenharia, e Maria casou-se com seu primo João, administrador da fazenda na qual vivia. Não o amava, mas, ao contrário, nutria ódio por ele. Considerava-o “feio, antipático e de alma denegrada”. Ele, com seus trinta e cinco anos, e ela, com apenas dezoito, viviam em desarmonia.¹⁴⁷

Após se formar, Gastão retornou à propriedade de seus pais e na recepção que haviam feito, se deparou com os parentes de Maria. Ficou sabendo que as famílias não eram mais inimigas. Porém, quando se encontrou com a mulher por quem era apaixonado ele foi apresentado ao seu marido, o que lhe causou uma imensa decepção.¹⁴⁸

Nessa mesma época, uma via férrea iria passar pela propriedade do Coronel Euclides, pai de Maria. Gastão era o engenheiro chefe e deveria, portanto, acompanhar tudo o que acontecia. Como o local onde estavam acampados era próximo à casa do fazendeiro, Gastão ia frequentemente visitá-los. Quando encontrava Maria percebia a tristeza em seu olhar e tinha a certeza que ela ainda o amava. Isso foi confirmado numa conversa que tiveram. Contudo, Gastão destacou que a moça já era casada e se o marido tivesse ciência daquele diálogo poderia matar os dois.¹⁴⁹

O ódio que Maria nutria por seu marido só aumentava. Se ele não existisse, poderia se casar com Gastão. A partir dessa conclusão passou a pensar em matá-lo. Passados alguns dias, Maria e João foram visitar as obras do viaduto da via férrea que estava sendo construído no alto de um rochedo. No mesmo momento, Gastão foi comunicado que um homem havia caído

¹⁴⁷*O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico.* Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 2.

¹⁴⁸ *Ibidem.*

¹⁴⁹ *Ibidem.*

no canteiro de obras. Correu até lá e ainda pode ver Maria chorando copiosamente e o corpo ensanguentado sendo levado dali por uma padiola.¹⁵⁰

Após um ano, Maria casou-se novamente, dessa vez com Gastão, seu verdadeiro amor. Em certa manhã, após ter acompanhado o pagamento dos operários da obra na qual trabalhava, retornou a sua casa e encontrou a esposa morta, com a “boca escancarada, os olhos semi-fechados e os cabelos em desalinhos”.¹⁵¹

Aos prantos, maldizendo sua sorte, procurando entender o que havia acontecido, viu um bilhete numa pequena mesa da sala. Nele Maria confessava a Gastão que ela era a responsável pela morte de João, que havia o empurrado quando ele a esperava, havia se tornado uma assassina pelo amor que lhe consagrava. Desde então vivia com remorso e, por não poder viver mais com essa culpa, resolvera tirar sua própria vida se envenenando. Chorando copiosamente a morte da esposa e repetindo a frase “assassina pelo amor que lhe consagrara”, Gastão suicida-se com um tiro no ouvido direito.¹⁵²

A partir do conto “Drama de Amor” é possível analisar que as possibilidades de acesso à Educação estavam colocadas para os homens em maior proporção do que as mulheres. Enquanto Gastão vai estudar Engenharia, Maria permanece na propriedade da família e se casa com João, um homem mais velho, porém de confiança, uma vez que era o administrador da fazenda onde ela e sua família viviam. Em nenhum momento há referências no texto que ela tenha sido obrigada. O autor usou o termo “agradar” para apontar o que teria motivado a personagem a tomar tal decisão. Embora Gastão tenha saído do país, nenhum detalhe sobre suas vivências foi mencionado, ao passo que o casamento de Maria e João se tornou o problema da trama.

Foi ao retornar que Gastão tomou a iniciativa de visitar os pais de Maria. Contudo, o diálogo derradeiro em que ela afirmou que o amava teria ocorrido em seu local de trabalho, o que significa que ela era a responsável por fomentá-lo.

Apesar da pouca idade, Maria é descrita como uma mulher ardilosa que tramou a morte do próprio marido. Obviamente as leitoras do *Clarim da Alvorada* não poderiam ter um comportamento semelhante ao da personagem, o que justifica o fato dela sentir remorso e dar fim à própria vida. Antes disso acontecer Maria deixou claro que teria tomado essa atitude por amar demais. Essa fala faz com que Gastão se sentisse responsável pela morte da esposa e,

¹⁵⁰ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 2.

¹⁵¹ *Ibidem*.

¹⁵² *Ibidem*, p. 1.

assim, o seu fim também foi trágico. Embora tivesse estudado e fosse um profissional respeitado, sua vida foi destruída pela escolha da mulher errada. Portanto, era necessário fazer a opção certa. A modernidade, elogiada por Correia Leite e Jayme de Aguiar nas outras páginas do periódico também se fez presente no conto e foi representada pela ferrovia. Outro ponto que merece destaque e evidencia as atividades econômicas do período é a construção dos ramais em fazendas no interior de São Paulo. Isso ocorreu nas regiões em que houve a produção de café, estratégia que possibilitava que o transporte fosse realizado de forma mais rápida e beneficiou, sobretudo, os grandes produtores.

Por fim, o conto "Um sonho" relatou que Tônico sonhou com seu padrinho Timóteo, um homem bastante supersticioso que lhe recomendou a não andar pela encruzilhada, uma vez que lá ele encontraria horríveis fantasmas, como cavalos sem cabeça, lobisomem, bruxas e sacis. Eles não faziam mal a ele já que portava um patuá e uma figa de guiné. Além disso, costumava rezar o credo e a estação todas as noites. Embora se sentisse protegido, o homem alertava, era bom não abusar.¹⁵³

Passados alguns dias o pai de Tônico adoeceu. Era necessário ir até a vila buscar o auxílio do curandeiro. A cavalo e com uma espingarda nas costas, Tônico partiu em direção à cidade. Na medida em que o anoitecer se aproximava, os sons emitidos pelos pássaros provocavam-lhe medo. Já se aproximava da encruzilhada quando o cavalo Crioulo parou de andar e, por mais que tentasse, não conseguia fazer com que ele fosse adiante. Lembrou-se da fala do padrinho. Sentiu medo e ainda refletiu sobre como continuaria a viagem, quando viu dois olhos enfurecidos se aproximando. Com muito esforço subiu no cavalo e saiu em disparada do local onde estava. Cada barulho que ouvia na estrada provocava-lhe insegurança, já que acreditava se tratar de fantasmas. Finalmente conseguiu chegar à casa do curandeiro Bibiano, às 8 horas. Já sem forças, contou o que havia ocorrido no caminho e porque estava lá. O curandeiro pediu que Tônico retornasse a sua casa e lhe garantiu que seu pai já estaria curado quando o encontrasse novamente. Com receio de passar novamente na encruzilhada, Timóteo disse a Bibiano que não iria voltar naquele momento e que, se fosse necessário, dormiria no paiol. Nesse momento Tônico foi acordado por seu irmão e, assim, o sonho foi interrompido. Impressionado, contou tudo aquilo que se recordou e fez a recomendação do uso do patuá para enfrentar o sobrenatural.¹⁵⁴

¹⁵³ *O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 4.

¹⁵⁴ *Ibidem*.

O conto “Um sonho” fazia referência a dois elementos presentes nas religiões de matriz africana: o patuá e a figa de guiné. Embora o personagem reze o Credo, uma oração católica, foi o uso daqueles objetos que lhe garantiram proteção. O patuá é um objeto sagrado confeccionado em couro em formato de uma pequena bolsa, onde era guardado um trecho do Alcorão escrito em couro, papel ou pano. Era utilizada pelos escravos oriundos das regiões islamizadas em África no formato de um colar. No entanto, alguns chegavam a costurá-lo na própria pele.¹⁵⁵ Já a Figa de Guiné é uma peça, geralmente confeccionada em madeira que tem o formato de uma mão, com o dedo polegar colocado entre o dedo indicador e o dedo médio. Segundo o candomblecista Pai Paulo de Oxalá, é utilizado para espantar a inveja, afastar o mal e trazer boa sorte a quem dela faz uso. Na Europa a Figueira é uma árvore que representa o desejo humano. Assim, a figa, confeccionada a partir dessa árvore, estava associada ao ato sexual. Em África o sentido atribuído à Figueira é semelhante. Está ligado à fertilidade e era utilizada em homenagem às divindades que estimulavam o desejo sexual. Dos galhos da Figueira era construído o Ogó, um bastão com cabaças que representava o sexo masculino, um dos símbolos de Èsù (Exu). Essa árvore é originária das regiões áridas da Ásia e da África do Norte, e entre os povos caldeus e cananeus era considerada como o símbolo da vida, da fecundidade e da proteção. No Brasil Colonial, as mulheres escravizadas incorporaram o uso das figas as suas indumentárias devido à influência portuguesa. Posteriormente, os sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé anexaram esse elemento aos seus rituais como objetivo de afastar maus-olhados.¹⁵⁶

3.6. Brancos e negros em São Paulo

A convivência, nem sempre amistosa, entre os imigrantes italianos e a população negra foi um dos assuntos abordados nas páginas de *O Clarim da Alvorada*. Na edição de 6 de janeiro a notícia fez uso da mistura da língua portuguesa e italiana para abordar essa questão:

Naziunale

Io gosto molto da Brasile e dos brasileiro, ma io fico cheio de indignação quando sento apariare que io num só naziunale. I pereché si a moglie mia é una bella mulatinha que parla o portuguese correttamente. Io só inleito da Nicolau ingoppa a Bella Vista, só nicociente di banane lá abbaixo o Bò Ritiro, tengo denero a bèssa, os minho figlio so studente nu eummercio giunto co Matarazzo.

I perché num só naziunale?

Vá dottore dá um gieto nisso, e bona notte.

¹⁵⁵ REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil A História do Levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhias das Letras, 2003.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/religiao-e-fe/pai-paulo-de-oxala/figa-seu-uso-no-dia-dia-9753291.html>. Acesso em: 10/05/2020.

Na notícia, um sujeito de origem italiana, não identificado, alegou gostar muito do Brasil e de seu povo e reivindicou a nacionalidade brasileira, devido ao fato de estar casado com uma “mulatinha que fala a língua portuguesa corretamente”. Além disso, informou ser comerciante de banana, o que gerava, segundo ele, muitos lucros. Usou ainda como argumento a seu favor a escolarização de seus filhos. Diante desse contexto uma pergunta foi lançada: “então por que não sou nacional?”

Num contexto de valorização de mão de obra imigrante em detrimento da mão de obra negra, sob uma falsa alegação de superioridade de conhecimentos de um sobre os outros que era usada como justificativa para a ausência da população negra nos postos de trabalho nas indústrias que surgiam em São Paulo naquele momento, certamente os leitores de *O Clarim* apontariam que nenhum dos aspectos levantados fariam com que aquele homem se tornasse brasileiro. Isso não significava que os imigrantes não fossem preteridos em relação aos negros quando a discussão voltava-se à inserção no mercado de trabalho.

A imigração europeia foi encarada como solução para uma suposta escassez de mão-de-obra com a abolição da escravidão. Como o número de imigrantes que ingressaram no país, mais especificamente em São Paulo, não foi igual ou superior ao número de homens livres que aqui viviam, é possível questionarmos o argumento utilizado pela elite paulista para justificar essa prática. Outro ardil empregado foi à suposta superioridade cultural dos imigrantes em relação à população nacional. No entanto, se considerarmos que os trabalhos executados nas fábricas eram aprendidos empiricamente, e que não havia necessidade de especialização para a realização dessas funções, é uma falácia crer que a população negra não pudesse adequar-se a uma nova realidade.

Essas considerações apontavam que a preferência da elite paulista pela mão de obra imigrante não estava atrelada somente a questões relacionadas ao mundo do trabalho, como veremos a seguir.

Tudo indica que os nacionais na Paulicéia foram, em grande parte, também preteridos por se diferenciarem dos padrões socioculturais e da lógica produtiva em construção, pois possuíam a sua maneira de trabalhar e viver, o que gerava em grande parte a própria suposta desqualificação e marginalização¹⁵⁷

Sobre a presença italiana no Brasil, é preciso considerar que dentre os grupos imigratórios que se deslocaram para o Brasil, esse foi o que atingiu números mais elevados: “entre os anos 1870 a 1920, os italianos com cerca de 1,4 milhões de indivíduos

¹⁵⁷ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano São Paulo e pobreza (1890 - 1915)*. São Paulo; Annablume, 1998. p. 58-59.

representavam 42% do total de imigrantes (3.330.188) que se dirigiram ao Brasil nesse período"¹⁵⁸, em especial para São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Nesse período, o governo brasileiro não poupou esforços para atrair trabalhadores ao país, embora dois modelos de imigração se desenhasssem: a de pequenos grupos que pudessem se constituir como proprietários de terras e a imigração em larga escala na iminência de amenizar a escassez de mão-de-obra escravizada que começava a ser uma realidade em algumas regiões do país, a partir dos anos 1850, com a proibição do tráfico negreiro. Somente o último foi viabilizado devido aos interesses dos grandes proprietários rurais que, economicamente mais fortes e politicamente mais organizados, conseguiram fazer valer seus desejos. O exemplo mais bem acabado desse tipo de imigração ocorreu em São Paulo.¹⁵⁹

Além das questões econômicas, a imigração italiana, era desejada uma vez que possibilitaria que o Brasil passasse por um pretenso processo de branqueamento, colocando-se como uma alternativa ao iminente fracasso desenhado pela forte presença africana advinda da escravidão. Na medida em que a população se miscigenava, um processo de depuração daria origem a um país branco e, portanto, na lógica dos intelectuais da época, mais civilizado.

Os imigrantes (...) eram virtualmente encarados como os que poderiam melhor representar o espírito do trabalho intenso, formador de indivíduos honrados, honestos, moralizados e, conseqüentemente, “civilizados”, por virem de um mundo a ser imitado.¹⁶⁰

Embora grande parte dos italianos (sobretudo aqueles provenientes da região do Veneto) que chegavam a São Paulo desejasse ter a posse de terras, aqueles oriundos das regiões meridionais esperavam ocupar o espaço urbano e, se não o fizeram no momento do desembarque, procuraram formas para que esse projeto fosse concretizado ao longo do período em que estiveram ligados ao campo.

Não há dúvidas de que o contingente italiano significou muito no crescimento sem precedentes que a cidade conheceu a partir de 1890, quando sua população, que era de 64.934 habitantes na referida data, atinge, em 1920, a cifra de 579.033 habitantes. Estima-se que, entre os peninsulares aportados no estado, 30% não foram para o interior. Se a isso acrescentarmos os que fugiam das duras condições do campo e se dirigiam para a cidade estarão explicadas as razões que ajudaram São Paulo não só a se tornar uma “cidade peninsular”, na época, como ainda a criar um exército de reserva para que a indústria nascente conhecesse sua primeira expansão.¹⁶¹

¹⁵⁸ ALVIM, Zuleika Maria Fusione. O Brasil italiano (1880- 1920). In: FAUSTO, Boris. Fazer a América. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p. 383.

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 384 e 385.

¹⁶⁰ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano São Paulo e pobreza (1890 - 1915)*. São Paulo; Annablume, 1998. p. 60.

¹⁶¹ ALVIM, Zuleika Maria Forcione, *Op. Cit*, p. 405.

A linguagem macarrônica utilizada para registrar as notícias “Naziunale” foi decorrente desse processo migratório. Ela foi inclusive empregada pelos cronistas da época, que traziam a mistura da Língua Portuguesa e Italiana, bastante comum nas regiões onde a presença imigrante era mais significativa, como uma síntese do que era a cidade naquele momento.

Esses escritores tentavam, na verdade, fazer a crônica da cidade, procurando captar, pelo humor, o efeito pouco perceptível dos novos meios de circulação sobre as rotinas e hábitos cotidianos e a vida individual nos seus menores detalhes. Sua ênfase no inusitado e no surpreendente revela as formas pelas quais os laços de sociabilidade, que começavam a cristalizar-se em novos espaços de convivência coletiva, sofrem o impacto diluidor do inchamento da cidade e da introdução de novos equipamentos urbanos. Eles anunciam o novo em lugares onde a percepção do antigo ainda é incerta e indefinida. No geral, a situação suscita um renitente efeito de estranhamento e de desconcerto, cuja válvula de escape retórico será, quase sempre, a paródia humorística.¹⁶²

O emprego da linguagem macarrônica num periódico da imprensa negra aponta os possíveis diálogos dos fazeres jornalísticos. É preciso ressaltar que embora estivesse produzindo informações para um grupo específico, os editores de *O Clarim da Alvorada* não estavam apartados da sociedade. Portanto, mantinham diálogos com vários sujeitos sociais. Se partirmos da premissa que grande parte da população em São Paulo, nesse momento, era de origem italiana, é necessário ponderar que negros e brancos ocupavam o mesmo espaço na cidade e que, dessa forma, estavam de alguma forma vinculados, o que não significava ausência de conflitos.

Em “Nem tudo era italiano São Paulo e pobreza (1890-1915)”, Santos sinaliza outra face da *Belle Époque* paulistana, apontando a presença de “negros, índios, mestiços, pretos, pardos, caboclos, caipiras, mulatos, nativos, brasileiros, os da terra”¹⁶³ na cidade, através de uma análise detalhada de “um conjunto rico e diversificado de materiais –estatísticas demográficas, relatos de viajantes, relatórios oficiais, crônicas, memórias e fotografias”.¹⁶⁴

Para o autor, embora houvesse um projeto modernizante, pautado no branqueamento da raça em voga na cidade e que lhe conferia uma identidade italiana, faziam-se presentes em

¹⁶² SALIBA, Elias Thomé. *Cronistas de uma São Paulo fora dos trilhos*. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. São Paulo: Uma longa História. São Paulo: CIIE, 2004, p. 190.

¹⁶³ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano São Paulo e pobreza (1890 -1915)*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 15.

¹⁶⁴ Disponíveis em: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo, Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, Biblioteca Municipal do Centro Cultural Vergueiro (Setor de Multimeios), Biblioteca Municipal de São Paulo "Mario de Andrade em suas várias sessões (multimeios, jornais retrospectivos, legislação, livros), Biblioteca da Pontifícia Universidade de São Paulo, Centro de Apoio à pesquisa de História da USP, Divisão de Iconografias e Mapas do Departamento de Patrimônio Histórico Municipal de São Paulo, Departamento de Patrimônio Histórico da Eletropaulo, Hemeroteca do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e Sessão de Obras Raras e Especiais da Biblioteca Municipal de São Paulo" Mario de Andrade". SANTOS, Carlos José Ferreira dos, *Op. Cit.* p. 10 e 181.

São Paulo "homens negros descalços transportando sacos, conduzindo carroças, mulheres com tabuleiros, trouxas ou embrulhos, crianças descalças em trajes caseiros, amas de leite, cozinheiras, criadas"¹⁶⁵ ocupando “becos, ruas, alagados, quiosques, mercados, igrejas, terreiros, batuques, congadas, caipós, na Várzea do Carmo, no Largo das Casinhas, no próprio Triângulo, no Anhangabaú, no Largo do Rosário, [n]a Sé"¹⁶⁶, praticando “ofícios como coletores de lixo, lavadores de casas, cavoqueiros, limpadores de trilho, empregados das cocheiras, (fazendo) biscates, ocupações casuais e temporários"¹⁶⁷, que, embora essenciais, eram desqualificados, considerados como “serviço de preto”.

Além disso, o próprio José Correia Leite, que vivera no bairro da Bela Vista, evidenciava através de suas memórias como se davam as relações entre brancos e negros em São Paulo. Na adolescência passou a trabalhar como empregado doméstico na casa de uma família italiana, adquirindo seus hábitos e costumes. O fato de ter uma pele clara e o pouco convívio com sua família de origem fizeram com que seus amigos italianos afirmassem que ele tinha sotaque. Testemunhou os italianos referindo-se aos negros como “tizune” ou “tiçule”, versões para o termo pejorativo “tição”. Usavam também o termo “meneliques” para referirem-se aos negros.¹⁶⁸

Embora tenha sido poupado desses apelidos quando criança percebeu que não era aceito entre os membros da comunidade italiana quando eles contestavam sua presença nas festas e reuniões de suas associações, ou quando censuravam sua tentativa de se aproximar das mulheres do grupo. Nesse contexto, voltou a manter contato com alguns amigos negros da infância, sobretudo, Jayme de Aguiar que lhe apresentou aos espaços de cultura negra em São Paulo.¹⁶⁹

Na coluna “Telegrammi” a linguagem macarrônica foi utilizada novamente. Através da chamada “Bixiga – Urgente”, o articulista argumentava que não era pelo fato de os redatores do periódico viverem naquele bairro que os problemas não seriam apontados. Salientava que, em outros tempos, ele era habitado por gente desordeira e maus elementos, e

¹⁶⁵ SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano São Paulo e pobreza (1890 -1915)*. São Paulo: Annablume, 1998, p. 11 e 12.

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 11.

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 12.

¹⁶⁸ Menelick II foi um rei etíope contra quem os italianos lutaram - e perderam - diversas batalhas. A utilização do termo talvez estivesse atrelada ao desejo de evidenciar a ligação dos negros brasileiros com a África e, portanto, de acordo com a visão bastante difundida naquele período, com a barbárie ou ao reconhecimento da supremacia de Menelick II diante dos italianos, o que lhes conferia respeito, ainda que não declarado. In: ALBERTO, Paulina L. *Termos de Inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2017, p. 81 a 83.

¹⁶⁹ *Ibidem*.

que no período atual passara a ser ocupado por pessoas chiques e trabalhadoras. Sobre a Libertá (Bairro da Liberdade), ele destaca que o nome demonstrava sua qualidade e sobre os Campos Eliço (Campos Elíseos) salientava que era um bairro chique do grupo do “Argentino”, conhecido pelas suas peças carnavalescas. Salientou ainda que os moços e moças que eram desse local eram bem recebidos em outros espaços.¹⁷⁰

3.7. Carnaval nas páginas d'*O Clarim da Alvorada*

Na coluna “Vamos Pintar o sete?” o assunto era o Carnaval. O articulista apontou que, naquele momento, a cidade começava a se movimentar por conta desse evento. Havia cartazes espalhados pelas cidades, as crianças já utilizavam máscaras e os bondes e outros veículos destinavam-se a atender as pessoas que buscavam os salões de bailes para se divertir. Destacou ainda que Lorde Barão estava incumbido de iniciar os festejos. Para o autor, essa era a festa da liberdade em homenagem ao Deus Momo (figura da mitologia grega que personificava a ironia e o sarcasmo), que junto ao Cupido (figura da mitologia grega que personificava a paixão, o amor) tornavam esse momento empolgante e cheio de brilhantismo.¹⁷¹

O autor desejava que os grupos carnavalescos Barra Funda e Campos Elíseos realizassem boas apresentações para receber os aplausos da população de São Paulo, assim como já teria ocorrido nos anos anteriores. Por fim, desejava que outros grupos de rapazes tão esforçados quanto aqueles pudessem surgir para “ajudarem engrandecer os nossos”.¹⁷² Ao utilizar o termo “os nossos” o autor referia-se ao Carnaval como uma comemoração atrelada à população negra. De fato, o interesse desse segmento da população por essa festividade fez com que vários cordões, ranchos e blocos negros surgissem entre os anos de 1910 e 1930 em São Paulo. Segundo Domingues,

O primeiro cordão a nascer foi o Grupo Carnavalesco Barra Funda no dia 12 de março de 1914. Os integrantes dos grupos desfilavam de calça e sapatos brancos, chapéus de palha e camisa verde; por isso, mais tarde, passaram a ser identificados pelo público como Camisa Verde. O segundo cordão foi o Grupo Carnavalesco Campos Elísios, igualmente sediado na Barra Funda, que saiu pela primeira vez em 1917 com aproximadamente cinquenta pessoas. O terceiro foi o Cordão Esportivo Carnavalesco Vai-Vai, criado, oficialmente, em 1930, no bairro do Bexiga.

¹⁷⁰*O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 4.

¹⁷¹*Ibidem*, p. 2.

¹⁷²*Ibidem*.

Além desses, vale a pena mencionar também a existência dos Grupos Carnavalescos Soberanos, Infantil Mocidade - vencedor do Carnaval de 1929 e o Bloco Flor da Mocidade (...).¹⁷³

Ocorre que para participar do Carnaval os cordões, ranchos e blocos deveriam se inscrever na polícia e pagar uma determinada taxa à prefeitura, ou seja, deveriam registrar-se na Seção de Divertimentos Públicos da Prefeitura, através do preenchimento de fichas, na qual definiam as cores que seriam utilizadas pelos integrantes da agremiação. Os valores pagos referiam-se ao alvará para participar de eventos fechados (nos salões) ou dos desfiles de rua. Além disso, no dia do evento, era necessário carimbar o estandarte. Alguns carnavalescos apontavam que esse processo era dificultado para os blocos cujos participantes eram negros e que isso teria ocorrido, sobretudo na década de 10. Nas décadas de 1920 e 1930 essa situação foi modificada, embora a exigências tenham se mantido, sendo reiteradas pela polícia e amplamente divulgadas pela imprensa.¹⁷⁴

Essas regulamentações dificultavam a participação das agremiações negras. Muitas vezes não havia dinheiro para o alvará. Além disso, estes grupos não tinham um local definido para os seus desfiles, a exemplo do que ocorria com os agrupamentos vinculados à elite paulistana. Embora desejassem, os primeiros cordões não foram autorizados a desfilar pelas avenidas centrais. Em geral, essas associações dirigiam-se ao centro da cidade, onde desfilavam diante das autoridades policiais, num pedido simbólico de continuidade do desfile. Em seguida, apresentavam-se diante dos grandes jornais. Por fim, dirigiam-se aos "clubes da raça". Fora desse circuito a população negra poderia ser vítima da violência policial, que tolerava o samba somente durante os festejos de Carnaval.¹⁷⁵

Além dos problemas com a polícia, a população negra também precisava contornar impasses nos bairros em que moravam, já que dividiam o espaço com imigrantes brancos pobres, de diversas nacionalidades. Era preciso persuadi-los para que os ensaios e as apresentações (em locais comuns) ocorressem sem maiores problemas. Em alguns casos, esse apoio foi materializado em forma de ajuda financeira. Quanto à participação dos brancos nos

¹⁷³ PETRÔNIO, Domingues. *Uma História não contada Negros, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2004. p. 371 a 372.

¹⁷⁴ SILVA, Zélia Lopes. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos (Maringá-Online)*, vol. 16, n. supl. espc., p. 37 a 68, dez. 2012, p. 46 a 47.

¹⁷⁵ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Branços e negros no carnaval popular paulistano. 1914-1918*. 1989, 245 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, São Paulo, 1989. Apud. SILVA, Zélia Lopes. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos (Maringá. Online)*, v. 16. supl. Espec., p. 37-68, dez.2012, p. 59 a 60.

cordões, ranchos e blocos havia certa hostilidade entre ambas as partes. Embora apontassem questões culturais, eram os aspectos étnicos/raciais que pesavam sobre essa decisão.¹⁷⁶

Na edição de número três, o artigo “É hoje o dia!” referia-se novamente às comemorações do Carnaval em São Paulo. O articulista iniciou o texto conclamando aos moradores da Bela Vista, descrito como um bairro solidário, coeso e paraíso da miscelânea popular, a participarem dos festejos: “Aperta o passo moçada! Cae n'água, pato! A posta bexiguenses! Momo tá na terra e o “*Clarim*” no Bexiga! Você me conhece?!”¹⁷⁷ Destacava que, embora houvessem problemas de diversas ordens, por exemplo, a situação econômica do país (o que elevava o preço da carne e do feijão e retirava todo o dinheiro da algibeira), aquele era o momento de comemorar e não de trabalhar. Todos deveriam aproveitar a ocasião. Era possível modificar-se e metamorfosear-se naqueles dias e seria um ultraje não desfrutar daqueles instantes, que se constituíam como uma possibilidade única de ser feliz, mesmo que momentaneamente. Isso justificava as palavras de ordem utilizadas no texto: “Eia! Influindo Zé Povo bexiguense! Vamos! Levanta-te, anima-te estrepitosamente! Evohé! Evohé!”¹⁷⁸

Os periódicos da imprensa negra constituíam-se como o principal meio para verificarmos a inserção da população negra nas festividades carnavalescas, tendo em vista que os jornais de maior circulação abordavam apenas os desfiles realizados em áreas mais nobres da cidade onde circulavam membros da elite paulistana¹⁷⁹. A publicação do artigo “É hoje o dia!” estava inserida nessa perspectiva. Embora não estivesse referindo-se aos desfiles dos blocos ou cordões, ele possibilita-nos inferir como esse grupo social apreendia esse momento.

Momo, a quem o Carnaval era consagrado, foi definido como “elástico, rocambolesco, metafísico e farabuto (sem honra, em italiano) Deus da Zombaria”.¹⁸⁰

Ele, o nosso hospede humorístico, personagem malicioso e mítico, chefe supremo da galhofa e rei da epigrama e da sátira, já se acha entre nós. Veio da corte olímpica, corcoveando, qual pererê saci dos brejais, em saracoteios macabros, acompanhado de toda a mirabolante, maquiavélica e mefistofélica tribo mitológica de anfitriões de ninfas e de faunos...

¹⁷⁶ SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Branços e negros no carnaval popular paulistano. 1914-1918*. 1989, 245 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, São Paulo, 1989. Apud. SILVA, Zélia Lopes. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos* (Maringá. Online), v. 16. supl. Espec., p. 37-68, dez.2012, p.60 e 61.

¹⁷⁷ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 1.

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ SILVA, Zélia Lopes. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos* (Maringá. Online), v. 16. supl. Espec., p. 37-68, dez.2012, p. 40 - 41.

¹⁸⁰ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 1.

Pois que seja bem-vindo Momo! Preparemo-nos, reverendíssimos senhores, para recebê-lo, rendendo-lhe, durante a trilogia saturnal, com toda a fumegante jumência do estilo, a mais condigna, elétrica, mágica, feérica e tronituante das homenagens!¹⁸¹

O momento para desfrutar dos bailes promovidos pelas sociedades Flor das Maravilhas, Princesa do Sul, Bandeirantes, XV de novembro, XIII de maio, União Militar e Grupo dos Três Carnavalescos que ocorriam em “maravilhosos e principescos” salões da cidade finalmente havia chegado. Seria possível dançar ragtime, valsas, tangos e maxixe nas próximas 72 horas de folia.¹⁸² Por isso era necessário encher-se de ânimo, colocar “a gasolina do entusiasmo em nossas pernas, desenferrujando-as e desemperrando-as (...) porque o super abundante deus da gargalhada pandegórica está disposto a impregnar a humanidade, sem exceção de um só bexiguense”.¹⁸³

Ao apontar os locais onde os bailes ocorreriam, *O Clarim da Alvorada* possibilita-nos identificar quais eram as associações que realizavam tais eventos e quais ritmos eram dançados nesses espaços. O fato do ragtime e maxixe serem alguns desses demonstra que esse era, de fato, um período de exceções, tendo em vista que esses ritmos eram mal vistos pelos membros de algumas associações dançantes, conforme já indicamos na edição de número 1 e 12 do periódico *A Liberdade*.

Ao afirmarem que “manifestemo-nos, pois com substanciada e peremptoriamente, sob a imperiosidade categórica e influítica da magestífera bacanal, devidamente perfumados pelas odoríferas, esguichastes e embriagadoras bisnagas”¹⁸⁴ há referência ao Entrudo, a forma como o Carnaval foi comemorado até os anos 1850, em que vários jogos eram realizados. Os mais comuns eram as brincadeiras de jogar água (suja ou com cheiro), jogar farinha, vestir-se de palhaço ou usar máscara ou fazer uma brincadeira chamada “Você me conhece?”, que nem sempre era muito amistosa. Posteriormente esses jogos e brincadeiras foram sendo substituídos pelos bailes de máscaras, vistos como sendo mais elegantes e refinados e, portanto, mais adequados aos parâmetros de modernidade almejada para o país.¹⁸⁵

Tudo deveria ser feito antes que a Quarta-Feira de Cinzas chegasse. Esse era o momento em que todos estariam de ressaca, arrependidos e teriam que retornar aos seus locais de trabalho, onde “com o corpo mais amarrotado do que o colarinho, (ouviriam) o chamado

¹⁸¹ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 1.

¹⁸² *Ibidem*, p. 2.

¹⁸³ *Ibidem*.

¹⁸⁴ *Ibidem*..

¹⁸⁵ SILVA, Zélia Lopes. *A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Diálogos (Maringá. Online), v. 16. supl. Espec., p. 37-68, dez.2012, p. 45 a 46.

da frase latina para o campo da realidade: *memeto, homo...*¹⁸⁶ A expressão em latim, cuja tradução significa “lembra-te, homem”, utilizada no texto, faz alusão ao fato que, após o Carnaval, todos retomariam as suas atividades corriqueiras. Os excessos vividos, que naquele momento eram permitidos, poderiam trazer alguns problemas com o arrependimento e a falta de dinheiro, que não eram de todo o mal, uma vez que as agruras da vida poderiam, mesmo que momentaneamente, ser esquecidas durante os dias de folia.

Utilizando-se do recurso da ironia o articulista fez uso novamente da expressão em latim: “*Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris*”, porém não a utilizou completamente, fazendo uso de reticências no complemento da frase (“*Memento, homo, quia pulvi est...*”) cuja tradução seria “Lembra-te, homem, que és pó e ao pó voltarás”, para expressar seu desejo de que todos aproveitassem o período do Carnaval ao máximo e depois retomassem suas atividades corriqueiras.

Eh zoeira! Meu cabelo tá cheio de poeira! Mas... assim mesmo eu vou me perder...
Grite quem gritar! Os russos das prestações e os “cadáveres” ambulantes que se cancelam de bater, esbravejantes, no meu portão! Depois de quarta-feira veremos que bicho dá; depois da quarta-feira a escrita é outra...¹⁸⁷

Para o periódico era possível conceder uma “alforria” ao bom senso no período do Carnaval, uma vez que a vida nos outros dias, semanas e meses do ano era de fingimentos e de convenções. O bom senso, poderia descansar por aqueles dias, este que fora representado como um “velho tabaqueiro” deveria compreender a desobediência e os maus modos dos foliões, afinal, não havia ninguém que resistisse ao som dos guizos, sanfonas, pandeiros e zabumbas.

Ainda nesta edição, em virtude das comemorações do Carnaval, a coluna *Bailes* destaca os eventos realizados pelo Clube XV de Novembro:

O acreditado Clube XV de Novembro já deu início a série de bailes á fantasia, recebendo ontem uma “soirée” magnífica, que se prolonga até o romper da aurora do domingo de hoje, que é o mais “gordo” de todos os domingos do ano...
Nós estivemos firmes, no baile “cotuba” do Clube XV e estamos prontos para outros que forem levados a efeito, hoje, amanhã e depois, em outras sociedades...
Não somos *petecas nem oferecidos!* Mas... o que querem os senhores presidentes?
- A vida é tão curta: a morte é a coisa mais certa do mundo, e o endiabrado deus da Farra está ai mesmo... Portanto, bailes hajam e viva Momo!¹⁸⁸

A divulgação dos bailes de carnaval das sociedades dançantes como o luxo e a pompa que existiam no Carnaval da elite paulistana era um meio utilizado pelos periódicos para evidenciar que a população negra também realizava festividades elegantes e refinadas em

¹⁸⁶ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 2.

¹⁸⁷ *Ibidem*.

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 4.

espaços fechados. Realizar e participar desse evento, em detrimento das comemorações de rua, era certamente um meio de diferenciação para associados e frequentadores. Daí o desejo dos jornalistas de *O Clarim* de estarem presentes nesse evento e em outros que poderiam ser realizados naquele período. É nesse sentido que se insere a frase: “Mas... o que querem os senhores presidentes”? Se havia possibilidade de estar num ambiente festivo e agradável, porque não frequentá-lo?

3.8. Presença feminina

Como já apontamos, algumas publicações realizadas nas páginas d'*O Clarim da Alvorada* eram direcionadas exclusivamente a um público feminino, o que nos leva a inferir que entre o público leitor do periódico haviam mulheres. Elas também se faziam presentes entre os colaboradores¹⁸⁹. Maria de Lourdes Souza, Maria da Glória e Dirce eram algumas delas. As publicações realizadas por elas versavam sobre o amor, a maternidade, o casamento, mas também sobre possibilidades de escolhas.

Na edição de 2 de março de 1924, Maria de Lourdes Souza publicou a poesia “Amor Eterno” e o texto poético “O meu primeiro amor”. Sua participação era ressaltada no periódico, o que sinaliza que os editores do jornal compreendiam o ineditismo e a importância dessa ação. A nota no qual seu nome foi mencionado apontava que ela certamente seria reconhecida no futuro como um dos destaques da sua geração e que outras mulheres deveriam seguir seu exemplo em relação à escrita.¹⁹⁰

Na crônica “Duas Primaveras”, de Maria da Glória, Luisinha relatou a Sisi que uma colega com quem estudara, uma jovem quieta, religiosa, que não gostava de bailes ou outros tipos de divertimentos, havia se casado com Tobias, um homem honesto, trabalhador e cumpridor de seus deveres. Salientou que eles eram muitos felizes, a ponto de causar inveja em outros casais, e que tinham um filho, “uma criancinha morena, de olhos pretos, muito engraçadinha”.¹⁹¹

Luisinha acreditou que a colega, da qual se afastara por morarem em bairros distantes e que teria tido informações por meio de sua professora, seria uma ótima mãe, educando seus

¹⁸⁹ A presença feminina nas páginas de *O Clarim da Alvorada* foi objeto de análise de Ingrid Andresa Neles de Aquino em sua dissertação de Mestrado: *Mulheres negras que não podem passar em branco: trajetórias, escritas e participação ativa nas páginas de O Clarim da Alvorada*, defendida em 15 de maio de 2020 no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), sob orientação do Prof^o Dr. Carlos Eduardo Coutinho da Costa.

¹⁹⁰ *O Clarim - órgão literário, científico e humorístico*. Edição de 3 de fevereiro de 1924, p. 3.

¹⁹¹ *Ibidem*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 3.

filhos na fé cristã, além de ser carinhosa e bondosa. Ao fazer essas considerações, Luisinha questionou se elas teriam a mesma sorte, se conseguiriam se casar e ser felizes. Nesse momento o sino da igreja soou dez baladas. Sisi recordou-se de quando elas eram crianças e, nesses momentos, iam ao templo religioso com ramalhetes de rodas cantarem hinos à Virgem Santíssima. Por esse motivo começam a chorar.¹⁹²

Maria da Glória, através de suas personagens, evidenciou a importância do casamento, atrelando-o à maternidade e à felicidade. É importante considerar que para conseguir um bom marido essa mulher também teria que ter qualidades, dentre elas professarem a fé católica e estudar. O fato de não irem a bailes ou frequentar espaços em que pudessem ficar mal faladas também eram aspectos relevantes. Se a religião, a educação e moralidade fossem presentes na vida de uma mulher, ela certamente seria uma boa mãe.

Na crônica "O amor", a personagem criada por Dirce saiu à procura do amor ainda jovem e com o coração cheio de ilusões, sem saber que percorreria uma longa estrada sem esperanças e afetos. Nessa caminhada encontrou uma velhinha que lhe afirmou que o amor não existia e que ela deveria desistir de procurá-lo. Em seguida, tentou manter diálogo com um belo jovem que, entre lágrimas, aconselhou-a a fugir do amor. Por fim, conversou com um missionário, que afirmou que o amor se fazia presente em elementos da natureza: "O amor filha, está no seio da mata virgem que estremece ao beijo do Criador, nos ninhos e nas corolas das flores....."¹⁹³ Embora tenha tomado as palavras do missionário como verdadeiras, "a mata cerrou-se em uma grande muralha de espinhos, ciosa de seu mistério, os ninhos estavam nos altos das árvores gigantescas e mal toquei em uma roseira, tive as mãos tintas de sangue".¹⁹⁴ Assim continuou a sua caminhada e, com o avançar da idade, constatou que não encontrou o amor em toda sua vida, o que denotou a solidão da mulher negra, preterida nas relações entre homens e mulheres negras e entre homens brancos e mulheres negras.¹⁹⁵

A personagem avulta-se: "Então na minha dor exclamei, meu coração é como essa ermida, não tem mais incenso, nem mirra par os dias de festas do amor; ele guarda somente hoje o túmulo das ilusões azuis que a velhice precoce abateu"¹⁹⁶, concluindo que por não ter encontrado o amor em sua vida ele teria desaparecido.

¹⁹² *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 3.

¹⁹³ *Ibidem*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 2.

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 3.

¹⁹⁵ SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra - sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. 2008. 174 f. (Dissertação de Mestrado) -PUC/SP, São Paulo, 2008, p. 36 a 45.

¹⁹⁶ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 3.

Por fim, em "As cinco dádivas da fada", Dirce narrou que num belo dia uma fada ofereceu a um jovem a oportunidade de escolher uma das cinco dádivas que poderiam mudar a sua vida: glória, amor, riqueza, prazer e morte. Pediu que ele pensasse bem e que fosse precavido. Ele não hesitou e rapidamente escolheu o prazer. Saiu pelo mundo gozando das boas oportunidades que lhe surgiam, mas logo percebeu que o prazer que sentia era transitório e que ele sempre era sucedido de desilusões e aborrecimentos.¹⁹⁷

Pensou na fada e disse a si mesmo que se houvesse uma nova oportunidade faria uma escolha diferente. Mal havia terminado de falar, a fada surgiu novamente e lhe deu concedeu outra dádiva, alertando-o que dentre todas essas só uma era preciosa e que o tempo sempre passaria muito rápido. Dessa vez o jovem escolheu o amor, sem perceber que, dos olhos da fada, caíram duas lágrimas. Passaram-se os anos. Sozinho na casa onde vivia, o jovem começou a chorar e nesse momento disse que todos aqueles que o amaram foram embora, um a um. Ao maldizer o amor, apontava que todas as alegrias que viveu foram sufocadas por inúmeras amarguras.¹⁹⁸

Observando essa cena, a fada foi novamente ao encontro de seu protegido e lhe concedeu uma nova oportunidade de escolha. Relembrou que só uma delas tinha valor e que ele era um homem experiente e que isso deveria ajudá-lo na decisão. Depois de muito pensar, escolheu a glória. A fada deu um grande suspiro, lhe concedeu o que fora pedido e foi embora. O homem viveu tempos de glória. Seu nome foi aclamado em várias partes do mundo, porém tudo isso veio acompanhado da inveja, da maledicência, da calúnia e do ódio. Sua glória durou pouco tempo. Logo conheceu a declínio.¹⁹⁹

A fada o encontrou sozinho e pensativo envolto em seus pensamentos. Novamente lhe deu o poder de escolha e mais uma alertou que só uma dessas benesses poderia ser escolhida e que só uma delas era importante. O homem disse de que não adiantava ter glórias se não possuía riquezas e assim fez a sua escolha. Disse estar cego até aquele momento e que somente naquele instante percebeu que com a riqueza poderia usufruir de todos os bens materiais que já existiam e que, com isso, todos aqueles que até então o desprezavam passariam a aceitá-lo e respeitá-lo.

Passados três anos, a fada reencontrou o homem com frio e fome, em um cubículo. Estava magro, pálido, com olheiras e as roupas esfarrapadas. Murmurava consigo mesmo maldizendo os donos da vida. Tudo que havia vivido até aquele momento era mentira. Não

¹⁹⁷*O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 3.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

¹⁹⁹ *Ibidem*.

havia recebido nenhuma dádiva, apenas empréstimos, e o preço pago por eles teria sido bem alto. Prazer, amor, glória e riqueza na verdade eram dor, desengano, humilhação e miséria. Nesse momento constatou que a fada lhe havia dito a verdade, que só uma das dádivas era de fato importante e nesse momento desejou: “venha a mim este íntimo presente cujo nome se segue o adormecimento definitivo da dor que tortura o corpo e das aflições e vergonhas que roem o coração e o espírito”. Nesse momento a fada, que já o observava, apareceu pela última vez. Trazia consigo o cesto de ouro em que guardava as dádivas que distribuía a seus protegidos. Ao observar o recipiente o homem notou que a morte não estava lá, perguntando à fada o motivo de sua ausência. A fada explicou que ela havia sido dada a um recém-nascido, que era o grande amor de sua mãe. Como ele não poderia escolher, sua humilde mãe a havia pedido que ela o fizesse. Disse ainda que se o homem houvesse confiado em sua sabedoria, ela teria feito o mesmo por ele. Ao perguntar o que lhe restava na vida, a fada lhe respondeu que era somente a grotesca injúria da velhice.²⁰⁰

A discussão proposta por Dirce em “As cinco dádivas da fala”, conto de Natal, aponta que os indivíduos têm possibilidades de escolhas e que elas devem ser movidas pela razão e não pela emoção, pelos sentimentos. Além disso, ela considerava que a razão seria fundamental para definir os rumos a serem seguidos. Todas as escolhas realizadas pelo homem lhe causaram arrependimento. Ele desejou prazer, amor, glória e riqueza, mas nada disso trouxe felicidade, restando-lhe apenas uma velhice cheia de amargura e arrependimento. Ele tornara-se um fardo para a sociedade. Nessa perspectiva, Dirce desconsiderava que haveria uma realidade material na qual esses indivíduos faziam parte e que, embora ela não fosse determinante, exercia influência significativa acerca da percepção do contexto no qual estão inseridos.

Ainda na edição de 7 de dezembro de 1924, Maria de Lourdes Souza foi felicitada por seu aniversário. Os editores apontavam que no dia 24 de dezembro seu coração transbordaria de satisfação diante das felicitações que certamente receberia de suas amigas. O periódico, por sua vez, desejava a jovem um futuro repleto de felicidades.²⁰¹

Na seção aniversários, Maria de Lourdes Bordeje também foi felicitada por seu aniversário. Ela foi descrita como uma leitora do periódico, oradora do Grêmio dos Modestos, e irmã de Benedito Bordine, também leitor e amigo dos editores d'*O Clarim da Alvorada*.²⁰²

²⁰⁰ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 3.

²⁰¹ *Ibidem*.

²⁰² *Ibidem*.

3.9. As teorias raciais em São Paulo

Na coluna “Um dever”, Moyses Cintra (Jayme de Aguiar) apontou que, em outros tempos, quando se via um negro pobre, esfarrapado, na mendicância, esmolando para alimentar-se, acreditava-se que ele encontrava-se naquelas condições por ter trabalhado sempre para o outro e nunca para si. Segundo ele, os escravizados esforçaram-se para engrandecer o país, no entanto, nunca receberam nada em troca. Trabalhavam muito, sofriam castigos, gritavam em desespero, derramaram seu próprio sangue, deram a própria vida...

Para Cintra, mesmo com a abolição, a escravidão continuava existindo, porém de forma diferente. Se antes os homens eram vítimas de seus carrascos, naquele momento eles eram vítimas de seus vícios, sobretudo do alcoolismo, que os paralisava, impossibilitando-os principalmente de trabalhar, condição fundamental para uma existência material digna. Portanto, se andavam maltrapilhos, doentes, dormindo em bancos públicos e sendo muitas vezes presos e recolhidos à cadeia era porque, em algum momento de suas vidas, deixaram-se dominar pelo vício.²⁰³

A embriaguez fazia com que chefes de famílias abandonassem seus lares ou que os impedissem de educar seus filhos, uma vez que o vício os tirava a moral, e entre os jovens impossibilitava que estes aproveitassem as boas oportunidades que porventura surgissem.²⁰⁴

O articulista apontou que o único caminho para esses indivíduos era a regeneração. Era preciso livrar-se desse vício, já que só assim essas pessoas deixariam de promover distúrbios e escândalos, e iriam tornar-se fortes e valorosos. Ao livrarem-se do vício, deixariam de prejudicar a si mesmos, não seriam mais perseguidos pelas autoridades policiais e não se tornariam motivo de chacota entre os seus.²⁰⁵

Todos teriam que estar comprometidos com essa mudança. Daí a necessidade que Cintra tem de apontar que se o leitor encontrasse alguém nessas condições deveria tentar conversar com ele a fim de persuadi-lo a mudar. Salvo aqueles que eram “degenerados por hereditariedade”, os outros poderiam ter sido homens de bem, mas que, em algum momento da vida, tornaram-se fracos e passaram a andar em más companhias, o que teria resultado no fato de não conseguirem dominar a si próprios. Além disso, havia os pobres de espírito, o que Cintra julgava ser um problema, pois acreditavam que tudo sabiam.²⁰⁶

²⁰³ *O Clarim - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 2 de março de 1924, p. 2.

²⁰⁴ *Ibidem*.

²⁰⁵ *Ibidem*.

²⁰⁶ *Ibidem*.

Nesse contexto, era preciso pensar no futuro e ter zelo com a raça, afinal, se isso não acontecesse, quem seriam os homens de amanhã? Cintra apontou que essas discussões poderiam ocorrer se as reuniões das associações (dançantes e recreativas) fossem mais frequentes e houvesse a mudança do foco dos assuntos abordados. Salientou também que era necessária a união dos negros, o que para ele, até aquele momento, não existia, e que essas eram as condições necessárias para que a sua raça progredisse, fosse respeitada e feliz como as outras.²⁰⁷ Ao destacar a necessidade da organização da população negra, para além das atividades recreativas, Moyses Cintra sinalizou, pela primeira vez, a necessidade da criação de uma instituição que estivesse voltada a assuntos da população negra.

Assim como esteve presente nas páginas de *A Liberdade*, a discussão sobre o abuso da bebida também estava posta em *O Clarim*. O artigo apontou que aqueles que faziam uso do álcool de forma demasiada eram viciados e que essa situação teria ocorrido por uma fraqueza de caráter. Essas considerações iam de encontro ao discurso médico da época, que apontava que além das doenças que poderia provocar como a cirrose e a nefrite, o álcool retirava dos indivíduos seu freio moral oriundo da razão e que, sem ele, as pessoas ficavam suscetíveis a loucura, ao suicídio, a prática de crimes e toda sorte de tragédias:

O álcool é o elemento que com maiores contingentes concorre para o aniquilamento da espécie humana. É o desintegrador do estado psicológico, o impulso ao crime, que ergue a mão do homicida e arma a garrucha do assassino, é quem apaga no cérebro a centelha divina da inteligência e afoga no coração as pulsações do bem; que ilumina, com a luz tenebrosa do mal, o espírito dos fracos; quem cria a alienação mental e transforma os caracteres, e quem abre as portas do manicômio e da prisão, ou cava a sepultura a tanta vida útil e aproveitável.²⁰⁸

Ainda em consonância com o discurso médico, o periódico afirmava que existiriam casos mais complexos dado ao seu caráter hereditário, ou seja, as pessoas não conseguiriam livrar-se do vício, pois sua ascendência já era degenerada.

A progênie dos alcoólicos é uma progênie de alcoólicos, com os estigmas de degeneração física e somática a germinar a seu turno degenerados de todas a sorte. É a família alcoólica de beberrões, com seus epiléticos, imbecis, loucos, deformados e monstros. A beberronia dos pais prolonga-se nos filhos através do óvulo, pais bêbados, filhos beberrazes, netos criminosos, dando origem a tipos sociais que representavam a anormalidade, a malignidade, a brutalidade, a perversidade, a instabilidade, a vagabundagem, impulsões ao roubo, ao incêndio, as fugas, ao

²⁰⁷ *O Clarim* - órgão literário, noticioso e humorístico. Edição de 2 de março de 1924, p. 2.

²⁰⁸ MEIRA, Rubião. *Como podemos lutar contra o alcoolismo*. Arquivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, São Paulo, v. 1 e 2, 1912, p. 116. Apud. ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002. p. 134.

homicídio, ao suicídio; e a ainda como corolário, a pobreza, a fome, os maus tratos, a indiferença, o desasseio, a super-mortalidade infanti.²⁰⁹

Na perspectiva de Rubião, a propensão ao alcoolismo seria transmitida pela mãe no momento da gestação. O perigo da hereditariedade mórbida fez com que o controle de natalidade fosse indicado aos mestiços, visto pelos médicos como maus criadores e parte de um continente insignificativo da população. Eles deveriam casar-se o mais tarde possível e reduzir o número de filhos fazendo uso dos seguintes métodos contraceptivos:

1 - coito interrompido. evitando que o líquido espermático seja veiculado a vagina; 2 - introdução na vagina de substâncias que atuam sobre o espermatozóide, esterilizando-o (solução de ácido salicílico, ácido carbônico, permanganato, etc.) ou sob a forma de supositórios vaginais que postos na vagina 1/4 de hora antes do coito se dissolvem: são os meios químicos; 3 - introdução na vagina de objetos esponja, gase, algodão, etc., ou aplicação sobre o colo do útero de aparelhos pessários visando impedir a entrada de elemento espermático no canal cervical; 4 - cobrir o pênis com membranas especiais, as quais contêm o líquido espermático impedindo-o deslocar para a vagina; 5 - processada a fecundação é de uso corrente o aborto artificial.²¹⁰

Essas considerações apontam que, para impedir a proliferação de indivíduos indesejáveis, que posteriormente causariam prejuízos ao Estado e à sociedade como um todo, inclusive financeiros, as mulheres deveriam evitar a gestação de todas as formas. No entanto, se isso não fosse possível, até o aborto era admitido.

Para compreendermos o posicionamento dos editores do periódico em relação a uma suposta degeneração dos negros associada ao consumo de álcool, é preciso refletir sobre a recepção tácita dos brasileiros às doutrinas sociais que, através de uma perspectiva determinista de raça, considerava que os homens não eram iguais. É necessário também analisarmos os desdobramentos que surgiram no país decorrente dessas percepções, uma vez que consideramos que a situação vivida pela população negra atualmente relaciona-se à tomada de decisões realizadas naquele momento.

Surgidas no decorrer do século XIX, essas teorias adquiriram, a partir dos anos 1860, status da ciência e passaram a ser aceita por líderes políticos e culturais dos Estados Unidos e da Europa como verdades inquestionáveis. São três as escolas que advogavam as teorias racistas.²¹¹

²⁰⁹ RIBAS, Estelita. O exame pré nupcial. São Paulo, 1927. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, São Paulo, p. 46. Apud. ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002. p. 135.

²¹⁰ GODOY, Paulo de. Eugenia e seleção. São Paulo, 1927. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, São Paulo, p. 61. Apud. ROMERO, Mariza. *Op. Cit*, p. 139.

²¹¹ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 65.

A primeira foi à escola etnológico-biológica surgida nos Estados Unidos nas décadas de 1840 e 1850. Resgatando a hipótese poligenista da criação do homem, apontavam que o surgimento das raças humanas teria ocorrido através da mutação das espécies. Para aqueles que advogavam essa teoria, as raças humanas apresentavam diferenças fisiológicas em seu aspecto racial-genético, o que significava que, a partir da observação de aspectos físicos, haveria a possibilidade de comprovação dessa diferenciação. Embora tenha surgido nos Estados Unidos, logo atingiu a Inglaterra e a Europa e, através de seus partidários no Velho Continente, essas ideias chegam ao Brasil, uma vez que os poucos etnógrafos e antropólogos existentes no país naquele momento dialogavam, sobretudo com estudiosos franceses e alemães. Além disso, as publicações do zoólogo suíço Louis Agassiz, um dos mais famosos defensores da poligenia nas Américas, faziam bastante sucesso no Brasil. Os vulgarizadores dessa escola utilizavam a antropologia física para justificar cientificamente os preconceitos em relação ao comportamento social dos não-brancos que, no caso do Brasil, eram os indígenas e os negros.²¹²

A segunda escola, que surgiu nos Estados Unidos e na Europa, foi denominada de histórica e, a exemplo da primeira, foi bastante difundida no país. Seu principal divulgador foi o diplomata Arthur de Gobineau. Seus defensores apontavam que as raças eram diferenciadas uma das outras, sendo a branca sempre superior às demais. Acreditavam que as diferenças poderiam ser apontadas a partir de evidências históricas e, portanto, para eles a raça era um fator determinante da História da Humanidade. Uma nuance dessa escola é o Arianismo, presente na Alemanha a partir dos anos 1870/1871, que propunha que os arianos (anglo-saxões) haviam atingido o mais alto grau de civilização, o que os levaria a ganhar controle sobre o mundo. Isso seria comprovado através de sua participação em vários momentos da História da Europa.²¹³

A terceira escola era o Darwinismo Social, que surgiu sendo influenciada pelas reflexões do naturalista Charles Darwin acerca da evolução das espécies. Embora esse autor apontasse que esse processo se dava a partir de uma única espécie, contrariando os pressupostos da escola etnográfica, os defensores dessa corrente de pensamento conseguiram conciliá-las considerando que

(...) se a evolução para formas superiores de vida natural resultava da “sobrevivência dos mais aptos”, numa competição de diferentes espécies e variedades, logicamente admitia-se que as diferentes raças humanas tinham passado por processo evolutivo

²¹² SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 65 a 67.

²¹³ *Ibidem*, p. 67 a 68.

semelhante. Neste processo histórico-evolutivo, as raças “superiores” haviam predominado, fazendo com que as “inferiores” parecessem fadadas a definir ou desaparecer.²¹⁴

Essa junção viabilizou que os darwinistas sociais considerassem que brancos e negros tinham origens diferentes (o que poderia ser comprovado através da anatomia comparada, da frenologia, da fisiologia e da sua história) e que, pelos negros serem inferiores aos brancos, deixariam de existir. Esses apontamentos possibilitaram que o racismo fosse alicerçado a uma explicação científica, o que lhe conferia respeitabilidade conceitual.²¹⁵ É preciso destacar ainda que, para esses pensadores, a miscigenação produziria degeneração, uma vez que o sujeito resultante do cruzamento racial herdaria as piores características das duas raças, o que significava um problema de ordem racial e social. Além disso, o progresso só seria alcançado pelas sociedades puras onde não houve miscigenação.

Esse conjunto de teorias influenciaram significativamente aqueles que refletiam sobre a condição multirracial do Brasil. A pergunta que se buscava responder era como resolver o problema nacional, tendo em vista que, além dos brancos e negros, havia no país uma terceira categoria de indivíduos oriunda da miscigenação. Nesse sentido, além da difusão desses conhecimentos pseudocientíficos é necessário refletirmos sobre a forma como estes foram relidos para dar conta da nossa realidade, tendo em vista que, se de um lado representava a aproximação com o mundo europeu e com o progresso e a civilização, pelo outro evidenciava certo mal-estar, na medida em que seria necessário fazer uso de teorias raciais que apontavam a inferioridade da população negra em um contexto onde uma parcela significativa da população não era branca²¹⁶ Feito isso será possível compreendermos “por que e como a cientificidade atribuída à ideia de raças humanas pode sustentar a recriação de hierarquias sociais”.²¹⁷

Em um esforço de adaptação das teorias raciais, os pensadores brasileiros somaram aquilo que era possível e descartaram o que era problemático na construção de um argumento racial e, de forma original, propunham que o branqueamento era a solução possível. Partindo da premissa da superioridade branca, acreditavam que através da miscigenação surgiria uma população naturalmente mais clara, uma vez que o gene branco era mais forte. A população

²¹⁴ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 68.

²¹⁵ *Ibidem*, p. 689.

²¹⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 34 a 35.

²¹⁷ ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 13.

negra diminuiria progressivamente em virtude da suposta taxa de natalidade mais baixa, assim como pela maior incidência de doenças e de organização social. Nessa perspectiva, a miscigenação não produzia seres degenerados, mas uma população mestiça que, paulatinamente, iria se tornar branca física e culturalmente.²¹⁸

Embora jamais tenha sido adotada na Europa e nos Estados Unidos, “a ideologia de branqueamento ganhou foros de legitimidade científica”²¹⁹ no Brasil e possibilitou que João Batista Lacerda, diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, apontasse que em um século o Brasil seria um país branco. Essa fala foi realizada no I Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, em 1911. O ensaio apresentado, “Sur les métis au Brésil” (Sobre os mestiços no Brasil), bastante otimista quanto à situação do país, trazia em sua abertura a reprodução da tela *A Redenção de Can*, de Modesto Brocos y Gomes, artista espanhol da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro.²²⁰ Acompanhado da legenda “Le nègre passant au blanc, à la troisième génération, par l'effet du croisement des races”²²¹ (O negro passando para o branco, na terceira geração, pelo efeito do cruzamento das raças). O título da obra faz referência ao personagem bíblico Cam, um dos três filhos de Noé. Este teria visto seu pai nu e bêbado; ao tomar consciência disso, resolveu castigá-lo amaldiçoando Canaã, filho de Cam, a ser servo dos servos. A partir do século XVI esse texto foi utilizado para justificar a escravização dos negros que, através do trabalho, poderiam purgar seus pecados e salvarem suas almas. A redenção de Cam seria a redenção do próprio Brasil viabilizada pela Sagrada Família. Na tela há uma avó negra (Sant'Ana), que está com as mãos levantadas agradecendo pela interferência divina e pelo nascimento da criança branca, concebida sem o pecado original. A Virgem Maria é uma mulher mestiça que segura Jesus, um bebê branco, em seu colo. Eles são observados por um José Caboclo que, satisfeito, sorri. O bebê seria o Brasil do futuro, que traz uma laranja em uma das mãos, simbolizando a fertilidade e a fartura, a outra esta levantada em formato de V sinalizando a vitória, apontando para a avó, numa referência ao passado negro a ser superado.²²²

A obra de Modesto Brocos y Gomes serviu, de forma ilustrativa, para Lacerda demonstrar como a mestiçagem no Brasil viabilizaria o branqueamento da população. Se

²¹⁸ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p. 68.

²¹⁹ *Ibidem*, p. 63.

²²⁰ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 15.

²²¹ *Ibidem*, p. 11.

²²² PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 70.

outrora havia levado o país ao hibridismo e a degeneração devido ao fato dos índios e negros serem seus principais agentes, naquele momento apresentava um caráter utilitário, uma vez que seriam os brancos os seus propulsores.²²³

Se a princípio essas correntes de pensamento estiveram circunscritas aos estabelecimentos de ensino e pesquisa como os museus etnográficos brasileiros, os institutos históricos e geográficos e as faculdades de Medicina da Bahia e de Direito em Recife e São Paulo, espaços em que se encontravam um grupo de seletos pensadores, posteriormente passam a ser debatidas na imprensa, em jornais de diferentes tendências, o que possibilitou sua vulgarização e divulgação. Essas discussões pautadas numa perspectiva racializada estavam presentes nas páginas da *A Província de São Paulo* e do *Correio Paulistano*, assim como nas páginas de *A Liberdade* e *O Clarim da Alvorada*, fazendo, portanto, parte do cotidiano da população de São Paulo.



Figura 5: A redenção de Can (Modesto Brocos) <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em 19/09/2020.

²²³ PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.70.

3.10. Sobre a organização da população negra

A necessidade de organização da população negra para o enfrentamento das mazelas que viviam foi assunto amplamente abordado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar nas páginas d'*O Clarim da Alvorada*.

Já na primeira edição do periódico, na coluna “A União faz a força”, Correia Leite apontou a desorganização social existente entre os negros. Para ele, existiriam pessoas interessadas em discutir a miséria, no entanto, não havia uma associação que de fato auxiliasse essa parcela da população. Se isso ocorresse haveria mais uma vez a possibilidade de afirmar o quanto eles eram “homens civilizados”. Para a fundação dessa instituição era destacada a ideia da iniciativa pessoal como uma forma de resolução dos problemas: “para isso seria preciso (que) um punhado de homens de nobres ideais assumissem essa santa cruzada”.²²⁴ Esse grupo diminuto aumentaria progressivamente e, irmanados por um mesmo objetivo, conseguiria “combater [...] todos os vícios; arrancar [...] da lama os fracos de espírito, socorrendo os desprotegidos da sorte, indicando o verdadeiro caminho do bem a mocidade”.²²⁵ Destacou ainda o papel que essa associação poderia desempenhar no auxílio ao governo no combate ao analfabetismo, salientando que, embora fosse tarde, era preciso que isso ocorresse. A preocupação de Leite com o analfabetismo da população negra não era infundada, num país em que a maioria da população não sabia ler e escrever, já que

(...) a alfabetização era tida como código de deciframento do mundo e, de acordo com o habitus vigente, tinha o poder de mudar a vida das pessoas. Como símbolo de distinção, fazia o negro se sentir bem, capaz, orgulhoso de si próprio e conectado com a gramática da civilização e do mundo moderno. Acreditava-se que os negros, a medida que progredissem no campo educacional, teriam mobilidade social, seriam respeitados, reconhecidos e valorizados pela sociedade mais abrangente. A educação nesse sentido teria o poder de anular o preconceito racial e, em última instância, de erradicá-lo.²²⁶

A trajetória pessoal do próprio Correia Leite é bastante elucidativa nesse sentido. Filho de uma empregada doméstica, com um homem branco, que não assumiu sua paternidade, passou, juntamente com a irmã, muitas privações quando criança. Morando numa casa de pau-a-pique no bairro do Bexiga, trabalhava como entregador de marmitas, menino de recados e ajudante de marcenaria. Acessou o ensino primário regular mediante a troca de

²²⁴*O Clarim - órgão literário, científico e político*. Edição de 6 de janeiro de 1924, p. 3.

²²⁵*Ibidem*, p. 3.

²²⁶ GOMES, Flávio. DOMINGUES, Petrônio. (org.). *Experiências de emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 282.

aulas pela limpeza do pátio da escola. No entanto, logo a escola foi fechada e ele não conseguiu aprender a ler e escrever. Nesse período conheceu Jayme de Aguiar, que era estudante do Colégio Coração de Jesus. A convivência com Aguiar aprofundou sua percepção acerca da importância da escolarização. Inúmeras vezes o amigo abandonava a brincadeira, arrumava-se e seguia rumo à escola enquanto ele permanecia nas ruas. Posteriormente, ingressou numa outra escola mantida pela Maçonaria e voltada a crianças em situação de vulnerabilidade social, mas mais uma vez não conseguiu atingir seu objetivo, pois essa unidade educacional também foi fechada. Uma nova tentativa ocorreu quando ingressou num curso de alfabetização oferecido por um abade do Mosteiro de São Bento. Embora tenha prosperado, ainda não estava plenamente alfabetizado quando reencontrou Jayme de Aguiar e passou a frequentar os bailes promovidos pelas associações negras. Nesses locais, o amigo sempre declamava um soneto que trazia no bolso ou uma crônica que escrevera (mas que não havia sido publicado). Foi ele que tomou a iniciativa de ensinar Correia Leite a ler e escrever. Passou a ir duas vezes por semana a sua casa para ensinar Língua Portuguesa e Matemática. A partir desse momento conseguiu superar o analfabetismo funcional e, posteriormente, fundou um dos jornais negros de maior circulação na cidade de São Paulo, tornando-se uma das principais lideranças do “movimento associativo dos homens de cor”.²²⁷

No editorial “De que necessitamos”, Moyses Cintra (Jayme de Aguiar) sinalizou que as associações negras a serem criadas deveriam ser beneficentes, instrutivas e educativas, voltadas a tirar a população negra do suposto atraso em que se encontravam. Ocasionado pelo próprio desleixo do grupo segundo ele.²²⁸

Era necessário criar associações para a defesa dos interesses da população negra, que seriam importantes para todos. As sociedades instrutivas e educativas seriam voltadas tanto para aqueles que não eram alfabetizados, bem como aqueles que precisavam se aperfeiçoar (isso era necessário para que eles não dissessem disparates e se julgassem grandes homens, sem serem), enquanto que as sociedades beneficentes tinham um caráter mais geral.²²⁹

Cintra acreditava que seria viável criar essas instituições se houvesse boa vontade e se todos estivessem envolvidos nesse propósito. Através delas seria possível mostrar às outras raças que os negros buscavam se reerguer, embora já estivessem a decair.²³⁰

²²⁷ GOMES, Flávio. DOMINGUES, Petrônio. (org.). *Experiências de emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 269 a 270.

²²⁸ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 1.

²²⁹ *Ibidem*.

²³⁰ *Ibidem*.

Observava que, enquanto alguns negros frequentam igrejas, onde pediam graças ao Criador, outros iam aos bailes, onde buscavam se divertir e esquecer as agruras vividas no cotidiano. Enquanto aqueles estão preocupados com suas almas, esses em nada pensam. Diante dessa constatação, o autor aconselhou aqueles que só queriam se divertir a pensarem no seu futuro e no de seus descendentes. Salientou que só através do trabalho seria possível alcançar vitórias e que era necessária a união de todos para superar o atraso no qual se encontravam devido aos trabalhos forçados. Destacou ainda que aqueles que já tinham conquistado uma determinada posição social deveriam se lembrar daqueles que viviam em condições miseráveis, vivendo sem moradia, dormindo em albergues ou casebres, sendo perseguidos pela polícia ou morrendo em hospitais. Como exemplo dessa situação, ele apontou aqueles que eram atendidos pelas Sociedades Vicentinas: três quartos dos que recebiam algum auxílio eram negros, o que evidenciava o grande número de necessitados dentre estes.²³¹

Ao refletir sobre quais fatores teriam contribuído para que esses negros chegassem a essas condições, Cintra apontou que talvez não souberam aproveitar bem o seu tempo ou talvez não tiveram orientação sobre o fato de que o futuro chegaria e que era necessário poupar para não ter sofrimentos até o momento da morte, chamando a responsabilidade do grupo para com esses indivíduos.²³²

Embora considerasse a ajuda de todos necessária, destacava que era preciso deixar de lado aqueles que só julgavam e procurar reunir aqueles que têm boa vontade de ajudar o outro, demonstrando aos que desprezavam os negros que havia união entre eles.

Reunindo-nos trataremos dos nossos interesses, dos nossos infelizes que vivem a esmolar, dos que não tem recursos e não conhecem os seus deveres de verdadeiros homens e da infinidade de órfãos que por ali existem, órfãos de pais, da sociedade e da instrução.²³³

Cintra apontava que além do governo, que auxiliava a população negra, ela poderia contar com *O Clarim da Alvorada* que, embora pequeno, tinha o propósito de atuar em prol da sua raça e, para que isso ocorresse, iria buscar auxílio de todos aqueles que partilhavam do mesmo ideal. Com isso, “quando conquistarmos essa grande vitória, poderemos proclamar altamente e com alto orgulho: conquistamos, enfim, os nossos merecidos louros, após trinta e

²³¹*O Clarim da Alvorada* - órgão literário, noticioso e humorístico. Edição de 22 de junho de 1924, p. 1.

²³²*Ibidem*, p. 2.

²³³*Ibidem*.

tantos anos de atraso!..."²³⁴ Dessa forma a população negra seria mais feliz e conseguiria mais uma vez engrandecer o país.

É preciso considerar que o fato de muitos negros estarem vivendo em situação de extrema pobreza e mendicância naquele momento certamente relacionava-se à forma como a abolição foi conduzida e a dificuldade que tiveram de se inserir no mercado de trabalho formal ocupado, naquele momento, sobretudo por imigrantes de origem italiana. No entanto, essas condições não eram mencionadas pelo jornal, que atribuía as mazelas vividas por eles aos próprios indivíduos ou aos seus iguais que, preocupados com seus interesses individuais, não teriam tempo de auxiliar os seus pares. Esses argumentos culpabilizavam a população negra duplamente, por não ter conhecimento ou habilidades para desempenhar determinadas funções, e pela falta de empatia para auxiliar aqueles que necessitavam.

Cintra não sinalizou qual era exatamente o auxílio que o governo prestava à população negra. Considerando que políticas públicas voltadas a esse segmento populacional não faziam parte das agendas governamentais nos primeiros anos da República, não é possível precisar como ele de fato ocorria.

Por fim, Cintra apontou o papel d'*O Clarim da Alvorada* nessa empreitada, destacando que seu propósito estava ligado ao fortalecimento dos negros enquanto um grupo e que essa situação contribuiria como o crescimento do país.

A fim de demonstrar que a necessidade de união dos negros não era uma preocupação exclusiva dos editores d'*O Clarim da Alvorada*, Cintra menciona em sua coluna comentários sobre uma notícia publicada no jornal *Kosmos* que, embora apontasse que a união dos negros talvez demorasse para serem concretizada, eles não deveriam esmorecer, uma vez que, se isso de fato ocorresse, “os sacrifícios seriam coroados de glória”²³⁵, e desta forma:

Havemos de ver muitos lares, hoje em discórdia e em decadência, aparecerem com seus chefes resolutos e bem harmonizados, seus pensamentos e costumes unidos. As sociedades beneficentes e humanitárias, hoje diminutas, de ardentes, se multiplicarão. Os que trabalham hoje, para o engrandecimento nosso, quando arquejante estiverem, pela avançada idade, lembrarão com saudade dos tempos idos e nós todos veremos e contemplaremos os nossos romeiros que seguirão satisfeitos ao santuário das ciências, artes e do amor aos seus em busca do manancial dos civilizados e desse amor que tanto se preocupam nossos poetas e prosadores, numa evolução de glórias.²³⁶

Cintra desejava que, no futuro, ele e os leitores de *O Clarim* fossem esses velhos que poderiam olhar para o passado e ver o quanto as coisas mudaram para melhor e que, ao lado

²³⁴*O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 22 de junho de 1924, p. 2.

²³⁵*Ibidem*. Edição de 6 de abril de 1924, p. 1.

²³⁶*Ibidem*.

dos jovens, pudessem desfrutar dessa comunhão de ideias, por ele compreendida como o ideal dos ideais.

Cintra voltou a discorrer sobre a ação dos jovens no editorial “A Mocidade Paulistana”, publicado na edição de número oito, dedicado “aos patrícios que pensam nos ideais dos ideais”.²³⁷

Cintra iniciou o texto tecendo considerações acerca da vila de São Paulo e seu caráter bucólico. Informou que as casas dos seus habitantes eram simples e as ruas, embora não fossem asfaltadas, estavam sempre limpas e que somente nas avenidas centrais havia maior movimentação, o que a garantia um ar cosmopolita. Com o passar do tempo, tudo mudou, embora ele ainda se recordasse “dos seus encantos sertanejos, das suas belas jovens conhecedoras profundas da arte de bem amar; [que] sabiam emprestar a seus queridos da época um amor sem fantasia”²³⁸ “e das “lindas paisagens e sítios pitorescos bem arborizados”.²³⁹ Com o progresso, essas belezas, que outrora eram observadas cotidianamente, deixaram de existir, dando lugar a construções pautadas pelo Modernismo, “transformou-se tudo, para melhor cooperar ao lado da estética – alma das belezas e da evolução”.²⁴⁰

Com o progresso, São Paulo deixou de ser uma vila pobre marcada por festas de caráter tradicional. Haveria, no entanto, reminiscências dessas memórias nos corações daqueles que foram jovens naquele período e que naquele momento haviam se tornado homens sensatos, possuidores de nobres ideais.²⁴¹

Para Leite, assim como a cidade, os habitantes também estavam progredindo, mas guardavam consigo as memórias do passado. Havia, no entanto, um problema, que era a falta de união da população negra, o que levava a poucas conquistas desse grupo. Embora sua mocidade fosse inteligente e cheia de vida, não “exist[e] entre nós uma completa concórdia; uma união verdadeira digna de ser imitada, propalada, baseada na diretriz dos nossos interesses sociais e morais”.²⁴² Nesse sentido, era necessário que a população negra tivesse clareza do papel social que poderia desempenhar ao

(...) (pensarmos), mais uma vez que somos homens e necessitamos de trabalhar muito para mais tarde, intitular-nos homens de bem, conhecedores perfeitos de tudo quanto temos; das nossas tradições e de tudo quanto nos fará grande para a evolução da nossa raça, através dos tempos, constituindo também mais outras tantas páginas

²³⁷ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 1.

²³⁸ *Ibidem*.

²³⁹ *Ibidem*.

²⁴⁰ *Ibidem*.

²⁴¹ *Ibidem*.

²⁴² *Ibidem*.

de glórias como conquistaram os nossos antepassados, numa evolução completa; nas artes, ciências e letras!"²⁴³

Para que isso ocorresse, Leite apontou mais uma vez para a necessidade da criação de uma associação que defendesse os interesses dos seus. Isso seria possível com a junção de um grupo de homens sensatos e de boas intenções. Destacou que esse ideal já havia sido anunciado desde o início da publicação de *O Clarim da Alvorada*, e que sempre que fosse possível defenderia essa ideia.

Por fim, fazendo uso de palavras cheias de esperanças, destacou que aqueles que tinham convicções semelhantes com as suas não deveriam esmorecer, uma vez que, no futuro, certamente haveria motivos para comemorar:

Não nos desanimemos por esperar, e assim sendo, muito breve iremos todos nós conjuntamente, tendo a frente os que se dedicarem com verdadeiro carinho aos nossos interesses sociais; então constituiremos a direção da primeira associação nossa, confiando a pessoas sensatas, os seus préstimos, cantaremos em coro o esperado Te Deum, com nossas vozes harmoniosas e vem ritmadas em regozijo ante o altar da Democracia. Poderemos dizer altamente - constituímos tudo quanto era preciso para os nossos irmãos e para completar a grandeza de nossa raça e de nossa querida pátria.²⁴⁴

Novamente os jovens foram destacados quando Correia Leite apontou na coluna "O verbo do preto" que o verbo seria a alma da oração, e assim seria também a situação da população negra. Entre ela havia uma mocidade cheia de vida e de possibilidades que alcançaria tudo o que desejasse se fossem bem instruídos, excelentes braços para o trabalho, liberdade de pensamento, porém faltava união.²⁴⁵ Ela seria necessária para que eles pudessem

(...) marchar incontinente, a fim de conquistarmos outras tantas glórias para melhor desempenho dos nossos ideais. Então o nosso futuro será grande, constituiremos dessa forma, não só uma oração; várias orações, enfim um período completo, muitas subordinadas hão de surgir e postas ao lado da subordinante representarão em conjunto tudo quanto até aqui temos apregoado com tanto intento.²⁴⁶

Para o editor, o fato de não haver união inviabilizava que todos os negros possuíssem aquilo que necessitavam. O retrocesso infundável pelo qual eram acometidos impedia-os de acumular um patrimônio que pudesse auxiliá-los. Era preciso sair da situação de letargia na qual se encontravam, e isso era perfeitamente possível, considerando que eram muitos os indivíduos desse grupo social que viviam em São Paulo.²⁴⁷

²⁴³*O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 1.

²⁴⁴*Ibidem*. O Te Deum é um cântico que exalta Deus, entoado em ação de graças, e iniciado pela expressão *Te Deum... laudamus* (a ti louvamos, ó Deus). In: <<https://www.dicio.com.br/te-deum/>>. Acesso em 12/09/2020.

²⁴⁵*Ibidem*, p. 3.

²⁴⁶*Ibidem*.

²⁴⁷*Ibidem*.

Já que não seria possível desfrutar dessa união naquele momento, era necessário começar a se organizar tendo em vista as gerações futuras. Através da união os negros conseguiriam fundar associações beneficentes e literárias e também demonstrar a todos aqueles que duvidavam de sua capacidade que eles tinham condições de defender seus próprios interesses.²⁴⁸

Leite destacou os fatos ocorridos em julho de 1924, conhecido com a Segunda Revolta Tenentista para exemplificar a falta de união dos negros. Naquele momento havia a expectativa de deposição do Presidente Arthur Bernardes, que manteve o Estado de Sítio praticamente durante todo o tempo que governo. De um lado, os militares rebelados (em grande maioria de patentes baixas) e, de outro, as tropas legalistas, que atuavam na manutenção da ordem. Tanques de guerra e aviões foram utilizados no conflito. Foi o maior bombardeio pelo qual a cidade passou.²⁴⁹ Nesse contexto, os imigrantes tiveram auxílio das associações beneficentes do qual faziam parte e os negros precisaram ser ajudados pela caridade pública. Aqueles que não conseguiram nenhum tipo de ajuda envolveram-se em saques para não perecerem. Seria essa a situação que levava os negros a serem anulados na sociedade. “A culpa é nossa de vivermos desprezados pelos estrangeiros, ou pelos nossos patrícios brancos. A todo o momento eles estão observando a nossa falta de união em toda a linha”.²⁵⁰ Somente a união poderia modificar essa situação, do contrário seriam sempre desprezados.

Salientou ainda que não havia um espaço digno para que a população negra realizasse suas comemorações, embora houvesse associações dançantes em grande número. Embora existissem sociedades literárias e recreativas, muitas tinham como dirigentes pessoas que nada sabiam a respeito do que eram discutidos nos encontros e que o Congresso dos Pretos, que ocorreria na América do Norte, serviria de exemplo a população negra de São Paulo, uma vez que ela vivia na obscuridade.²⁵¹ Para o autor esses eram alguns dos pontos que os levava a serem desprestigiados.

Por fim, Leite endossa,

A nossa união é verbo; portanto, caros patrícios mão à obra, nada de enfraquecimentos. A nossa vida é lutar, lutar com dignidade, como homens fortes

²⁴⁸ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 1.

²⁴⁹ FILHO, Francisco Moacir Assunção Filho. 1924 - *Delenda São Paulo: a cidade e a população vítima das armas de guerra e das disputas políticas*. 2014. Dissertação. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.

²⁵⁰ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p.3.

²⁵¹ *Ibidem*.

que somos, chega de projetos e discussões sem proveitos, inúteis, como se tem feito até a presente data; apesar de dizerem os entendidos que da discussão nasce a luz.²⁵²

A fim de apontar a importância do negro na sociedade brasileira, Correia Leite destacou na coluna “O Preto e a Pátria” que os negros nunca deixaram de prestar seu fraco auxílio para o crescimento do país e que, de sol a sol, trabalhavam cumprindo seus deveres. Existiam, no entanto, aqueles que arrastavam os bons pelo mau caminho, fazendo com que todos fossem tomados por uma parte. Além disso, existiam muitos negros que viviam na miséria e, por não encontrarem auxílio em nenhuma parte, viviam em condições precárias em casebres, eram presos ou eram abandonados em leitos de hospitais.

Diante dessa situação, Leite acreditava que seria necessário que a população negra que vivia em melhores condições se organizasse para auxiliar seus pares, e isso só seria possível com a criação da sociedade beneficente que tanto defendia. Esse seria um motivo de orgulho para a população de cor e contribuiria para o “progresso que o país atravessa tão brilhantemente”.²⁵³

Além disso, Leite sinalizava a necessidade de rememorar a ação dos abolicionistas. Salientava que, sobretudo a população negra, não poderia esquecer esses grandes nomes, responsáveis por sua redenção. Observava que, naquele momento, não havia bustos desses grandes vultos erigidos em praças públicas.²⁵⁴

Destacou que “é necessário que tratemos de tudo isso, custe o que custar, porque não devemos ser tão ingratos, sendo a nossa classe tão grande!”²⁵⁵, conclamando a união imediata de todos, apontando que essas ações já deveriam ter sido realizadas “afim de que possamos demonstrar ao mundo inteiro que também nos sabemos ser gratos”.²⁵⁶

Novamente Leite sinalizou a necessidade da união da população negra e a criação de sociedades que auxiliassem os mais pobres, o que denota, como já apontamos na análise do periódico *A Liberdade*, a existência de indivíduos com situações socioeconômicas distintas quando abordamos esse grupo social.

A necessidade de olhar o passado com vistas ao futuro também se fez presente na coluna “Valor da Raça”. Correia Leite endossou a ascendência escrava dos leitores do periódico ao afirmar que, se eles olhassem para o passado, iriam perceber a coragem de seus antepassados que, embora escravizados, não deixaram de lutar por seus direitos. Eles

²⁵² *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 7 de dezembro de 1924, p. 3.

²⁵³ *Idem*. Edição de 12 de outubro de 1924, p. 3.

²⁵⁴ *Ibidem*.

²⁵⁵ *Ibidem*.

²⁵⁶ *Ibidem*.

passaram por todo o tipo de amargura e estavam sempre sujeitos aos castigos dos feitores que, de forma austera, os açoitavam. Quantas lágrimas não teriam derramado esses sujeitos que foram “um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem de nossa pátria”.²⁵⁷

Ainda na mesma coluna, apontou que a reputação da população negra dependia das suas próprias ações e que era dever de todos colaborarem com a evolução social da raça, já que, só assim, o valor deles seria reconhecido. O autor sugeriu que, dentre as ações a serem realizadas, uma delas era a criação da Confederação dos Homens Pretos. Para alcançar esse objetivo seria necessária a “fundação de uma caixa beneficente, eleger a diretoria e o envio de manifestos a todos os estados do Brasil”.²⁵⁸ Salientou que, embora parecesse difícil, não era, uma vez que

Existe em São Paulo um elevado numero de sociedades dançantes. Se reunirem todos os presidentes destas teremos já o suficiente para a primeira reunião, e, se cada presidente propagar em suas sociedades os princípios nobres desse centro, também teremos um bom número de sócios.

Assim sendo, se lançarmos o quanto antes a semente dessa boa iniciativa, poderemos demonstrar quanto vale uma organização bem norteada. Ponhamos em prática essa nobre e alevantada ideia, e contemos com a cooperação das novas gerações para que sempre defendam o valor da raça.²⁵⁹

Como já destacamos, as sociedades dançantes eram espaços de convivência da população negra que contribuíam para aliviar as tensões vividas no dia-a-dia, além de agregarem socialmente esses indivíduos, que se reconheciam a partir de sua inserção nesses espaços como elementos de um grupo, passando a reconhecer-se no outro.²⁶⁰

Assim como Moyses Cintra (Jayme de Aguiar), na edição de número três, Correia Leite na edição seguinte também propôs que as sociedades dançantes tivessem outras funções, dado o seu caráter agregador. Não sabemos qual foi à recepção dos presidentes dessas instituições diante desse chamamento, tampouco se havia interesse deles em realizar outros tipos de atividades. O fato é que uma organização com essas características só foi existir no Brasil a partir de 16 de setembro de 1931 com a criação da Frente Negra Brasileira – União Político-Social da Raça, fundada por Arlindo Veiga dos Santos, Isaltino Veiga dos Santos, Alfredo Eugênio da Silva, Pires de Araújo e Antônio dos Santos.²⁶¹

²⁵⁷ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico* Edição de 6 de abril de 1924, p. 1.

²⁵⁸ *Ibidem*.

²⁵⁹ *Ibidem*.

²⁶⁰ PETRÔNIO, Domingues. *Uma História não contada Negros, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo; Editora Senac São Paulo, 2004, p. 327.

²⁶¹ Acerca da Frente Negra Brasileira consultar: FERRARA, Miriam. *A imprensa negra paulista (1915-1963)*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986; e ANDREWS, George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Trad. Magda Lopes. Bauru/SP: Edusc, 1988.

Ainda na perspectiva da organização, porém sem o enfoque racial comum às considerações de Correia Leite e Jayme de Aguiar, a coluna “O inimigo do preto e o preto!”, de Ejalves, destacou a publicação de um artigo escrito por Moacyr Marques, reconhecido jornalista paulistano da *Folha da Noite*, em um dos últimos números do *Getulino*, órgão dos homens pretos de Campinas. Salientou que, embora tenham ocorrido várias publicações de jornais de classe, alguns com uma breve existência, até o momento a discussão presente nas páginas do *Getulino* ainda não havia sido realizada por outros periódicos, que era a de que “no Brasil, há duas classes que combatem corpo a corpo; porém, não é a branca nem a preta é o capital privilegiado e o trabalho escravo”.²⁶²

Para Marques, era necessário que a população negra esquecesse o quesito cor, mas que tivesse claro que eram eles que trabalhavam e produziam as riquezas da pátria e que eram explorados por “meia dúzia de privilegiados, sejam eles brancos ou pretos”.²⁶³

Caso os leitores julgassem ser um exagero apontar que haveria exploradores negros, o jornalista menciona que alguns deles tentam disfarçar sua descendência, empregando meio para provar que são estrangeiros ou filhos destes e assim não se misturar com negros mais pobres. Destaca que embora em São Paulo não haja nenhum negro que esteja na condição de explorador, conhece pessoas que ao receber uma colocação pública ou particular melhor ou um salário maior passa a desprezar o outro, às vezes funcionários que trabalham na mesma repartição. Estes acabam por se alinhar aos seus colegas brancos e amarelos em detrimentos de seus irmãos negros.²⁶⁴

Ainda apontou que o fato “de que o inimigo do preto é o próprio preto” poderia ser verificado dentro das próprias famílias, o que levava Moraes a sinalizar a necessidade dos trabalhadores de se unirem para combaterem aqueles que detinham o capital, sejam eles brancos ou pretos:

Devemos combater todo aquele que constrói sua riqueza com as pedras de nossas misérias que nos dão a ganhar o pão e nos tiram o sangue, e mais ainda nos tiram o próprio leite com que amamentamos os nossos filhos e nos dão casa para morar por preço exorbitante que é uma verdadeira força e tudo isto é praticado indistintamente!
...²⁶⁵

Por fim, Moraes evidenciava a necessidade de os trabalhadores negros juntarem-se aos trabalhadores brancos para conquistar a liberdade, que não teria ocorrido efetivamente em

²⁶² *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 3.

²⁶³ *Ibidem.*

²⁶⁴ *Ibidem.*

²⁶⁵ *Ibidem.*

1888 e que essa conquista só poderia ser alcançada “a golpes de pensamentos, de devotamento, de sacrifícios, até com o próprio sangue”.²⁶⁶

3.11. Para compreender *O Clarim da Alvorada*

A exemplo dos apontamentos realizados acerca dos editores do jornal *A Liberdade*, acreditamos que Jayme de Aguiar e José Correia Leite faziam parte da elite negra ou do universo letrado. É preciso reiterar que essas definições são pensadas a partir da função intelectual que esses indivíduos desempenharam em detrimento das condições econômicas que possuíam. Essa alerta é importante, sobretudo quando consideramos a trajetória de José Correia Leite. Ele passou por muitas privações em sua infância. Seu pai não reconheceu sua paternidade quando ele nasceu. Precisou ingressar no mercado de trabalho extremamente cedo para garantir sua subsistência, o que o impediu de estudar. Alfabetizou-se tardiamente. Conseguiu superar o analfabetismo funcional somente na vida adulta. Junto com Jayme de Aguiar fundou *O Clarim* e tornou-se uma das principais lideranças negras do período.

O discurso associado à ideia de fraternidade racial também se fazia presente nas páginas de *O Clarim da Alvorada* e poderia ser observado nas considerações acerca da família, do padrão de beleza da mulher, da visão estereotipada como as religiões de matriz afro eram apresentadas, do comportamento, das roupas utilizadas, do consumo do álcool. Nesse sentido, o combate ao racismo seria realizado através de um comportamento exemplar e não através de conflitos.²⁶⁷

O desenvolvimento da cidade de São Paulo é um dos elementos que se faziam presentes nas páginas de *O Clarim da Liberdade*. A modernidade ocupou um lugar de destaque nas edições publicadas em 1924. Os editores do periódico acreditavam que, assim como a cidade passava por um processo de mudança, a população negra também deveria se adequar a essa nova realidade.

Outro aspecto bastante significativo era a presença feminina entre os leitores e os colaboradores do periódico *O Clarim da Alvorada*. Embora as relações de gênero ocorressem numa perspectiva assimétrica, havia textos voltados especificamente às mulheres. Eles relacionavam-se ao estabelecimento de um comportamento feminino ideal. Nesse sentido, a

²⁶⁶ *O Clarim da Alvorada - órgão literário, noticioso e humorístico*. Edição de 13 de maio de 1924, p. 3.

²⁶⁷ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução: Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2017, p. 62.

prostituição era severamente condenada, pois maculava toda a raça, assim como os beijos em público e as danças de caráter sensual. O comportamento inadequado da mulher demonstrava a ingerência dos homens acerca de suas famílias, fazendo com que as memórias sobre o período da escravidão estivesse presente, e romper essa mácula só seria possível se os homens, através de seu trabalho, tivessem possibilidades de se sustentar e prover sua família. Portanto, proteger a honra das mulheres da casa era sinônimo de respeitabilidade.²⁶⁸

Os escritos femininos apresentavam-se em forma de contos e crônicas e versaram sobre as relações amorosas entre homens e mulheres ou a ausência delas. Possivelmente Jayme de Aguiar e Correia Leite compreendessem a importância desse feito de modo que, quando essa participação teve início, escreveram um artigo comentando o episódio e evidenciando essas mulheres.

Nesse primeiro momento uma das maiores preocupações de Correia Leite era a criação de uma entidade que defendesse os interesses da população negra. Em várias publicações esse assunto foi abordado. Embora houvessem inúmeras associações negras em São Paulo na década de 20, ele ponderava que estas não debatiam os problemas sociais que afetavam os negros e, em determinadas situações, criticava o caráter recreativo que elas possuíam, apontando, por exemplo, que aqueles que frequentavam os bailes não tinham nenhuma outra preocupação se não dançar.²⁶⁹

Para os editores de *O Clarim da Alvorada*, problemas como a mendicância, o alcoolismo e o analfabetismo poderiam ser superados desde que a população negra se unisse em torno da associação que defendiam. Voltada ao atendimento daqueles que se encontravam em situação de pobreza e extrema pobreza, essa associação seria subsidiada por aqueles que tivessem melhores condições financeiras. “O apelo era feito claramente com base na solidariedade étnica, os negros colaborariam para sua construção e seriam eles próprios seus beneficiários”.²⁷⁰

Ao salientar que era necessária a criação dessa entidade, Correia Leite apontava que os negros não eram unidos o que fazia com que eles fossem desprezados. Acreditava que o lugar de subalternidade que ocupavam na sociedade era decorrente dessa desunião embora considerasse que os negros tinham um papel de destaque na construção da história do país.

²⁶⁸ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução: Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2017, p. 61.

²⁶⁹ SILVA, José Carlos da. *Os suburbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo (1900 - 1930): cotidiano, lazer, cidadania*. 1990. 199 f. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas, 1990, p. 116.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 117.

Esses apontamentos demonstram também que homens como os editores d'*O Clarim da Alvorada* se viam como líderes de uma comunidade racial negra e nessa perspectiva atuavam como seus defensores denunciando novas e velhas formas de racismo.²⁷¹

As páginas de *O Clarim da Alvorada* também foram utilizadas para render homenagens a líderes abolicionistas, poetas e escritores. Destacavam os editores do periódico que essas personalidades deveriam ser conhecidas pela população negra e seus feitos rememorados, de modo que as ações do passado pudessem inspirar os jovens para que, no futuro, eles também fossem grandes.

Em relação às crônicas e contos publicados no periódico, foram realizadas por diversos colaboradores e pelos próprios editores do jornal, versando, sobretudo sobre o amor numa perspectiva romântica. Em vários casos os casais não permaneceram juntos, devido a diversos fatores (morte, interferência de terceiros, desentendimentos, desencontros...) e o sofrimento dos homens eram sempre potencializados. Através dessas publicações foi possível constatar que havia um comportamento a ser observado pelas leitoras do jornal, em que a realização pessoal dessas mulheres deveria ser buscada através do casamento e a maternidade. A educação para essas mulheres era importante, sobretudo porque era através delas que as crianças receberiam as primeiras lições.

Na perspectiva de compreender como esses diferentes sujeitos enfrentaram as incertezas de seu tempo é preciso mencionar que diante das teorias raciais, da imigração e do branqueamento, os indivíduos que faziam parte do universo letrado tinham a sensação de serem estrangeiros em sua própria terra, uma vez que se viam excluídos da comunidade nacional. É esse sentimento de “estrangeiridade” que faria com que esses indivíduos adotassem ideias de fusão e harmonia racial para repudiar a discriminação, o preconceito e o racismo a qual estavam submetidos. Nesse sentido, através da perspectiva de fusão, buscavam apontar que a descendência africana haveria colaborado na formação da nação e que os imigrantes e os brasileiros racistas eram os verdadeiros estrangeiros. Além disso, haveria certo sentimento nativista entre esses homens, na expectativa de afirmar a identidade brasileira, o que os afastava da África e dos africanos.²⁷²

²⁷¹ ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução: Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2017, p. 42.

²⁷² *Ibidem*, p. 42.

Capítulo IV: Imprensa Negra e o Ensino de História: possibilidades pedagógicas.

*Quem tá na linha de frente, não pode amarelar
O sorriso inocente, das crianças de lá
Quem tá na linha de frente, não pode amarelar
O sorriso inocente, das crianças de lá*

(Linha de frente – Criolo)

Desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em História e concebido em consonância com a linha de pesquisa: *Narrativas Históricas: Produção e Difusão* - voltada aos estudos sobre a questão da linguagem e da narrativa histórica, considerando diferentes tipos de suportes, tais como livros, filmes, programas televisivos, sítios da *internet*, mapas, fotografias etc., a presente pesquisa é composta de duas partes distintas, a saber: uma parte crítico-analítica, na qual a apropriação dos estudos e debates recentes sobre as temáticas trabalhadas, a criticidade, em termos do conhecimento e práticas acumuladas na área, foram destacadas; e uma parte propositiva, em que são mostradas as possibilidades de produção e atuação na área do Ensino de História, as quais contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula.

A proposta era produzir materiais destinados ao uso educativo, considerando também as possibilidades de difusão científica da História, nesse sentido foi criado o site: www.imprensanegranaescola.com.br, a escolha pelo recurso tecnológico decorre da possibilidade de maior difusão das informações apresentadas. Já que as escolas da rede municipal e estadual de São Paulo dispõem, respectivamente, de Laboratório de Informática e da Sala do Acesso, assim, a página poderia constituir-se como um recurso didático para professores que lecionam História no Ensino Fundamental e Médio.

Ao longo da dissertação buscamos evidenciar como homens e mulheres negros, recém-libertos lutaram por uma sociedade na qual a cidadania fosse-lhes assegurada e o uso que esses sujeitos fizeram da imprensa para denunciar o racismo, o preconceito e a discriminação que estavam sujeitos, apontando inclusive possibilidades, que perpassavam a Educação, para superá-los. A parte propositiva também caminha nesse sentido e se constitui como um recurso para municiar todos aqueles que atuam na perspectiva de uma educação antirracista.

Na página de apresentação os visitantes são contemplados com um texto explicativo sobre as motivações que levaram a sua construção:

Olá!

A página que você está consultando agora é o desdobramento da minha pesquisa de Mestrado, intitulada: “*Imprensa Negra e Ensino de História: debate sobre a questão racial em São Paulo na Primeira República*”, desenvolvida junto ao ProfHistória, *Mestrado Profissional em Ensino de História* da Universidade Federal de São Paulo.

A pesquisa desenvolvida foi balizada pelas seguintes prerrogativas: apropriação dos estudos e debates recentes sobre as temáticas trabalhadas; a criticidade em termos do conhecimento e práticas acumuladas na área e as possibilidades de produção e atuação na área do Ensino de História que contribuíssem para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula; nesse sentido se constituiu de uma parte crítico-analítica e de uma parte propositiva.

Partindo desses indicativos, busquei, ao longo da dissertação, evidenciar como homens e mulheres negros, recém-libertos lutaram por construir uma sociedade mais justa onde a cidadania fosse a eles assegurada e o uso que esses sujeitos fizeram da imprensa para denunciar o racismo, o preconceito e a discriminação a que estavam sujeitos, apontando inclusive possibilidades, que perpassavam a Educação, para superá-los. O site caminha nessa mesma perspectiva e endossa a ideia de que os negros foram os protagonistas de suas próprias histórias e se constitui como um recurso para municiar todos aqueles que atuam na perspectiva de uma educação anti-racista.

Além do referencial teórico sobre a imprensa negra, sobre a educação na perspectiva das relações étnico-raciais e sobre o uso da imprensa como documento histórico e recurso didático, disponibilizo as fontes que utilizei e outros exemplares de jornais negros produzidos no século XIX e XX.

Relaciono uma série de filmes e documentários que podem auxiliar docentes e alunos nas discussões sobre racismo, racismo estrutural, preconceito, discriminação e imprensa negra.

Por fim, apresento como sugestão uma sequência didática considerando o espaço-tempo que convencionalmente definimos como Primeira República. Para além daqueles conteúdos já previstos nos livros didáticos, busquei redimensionar o papel que a população negra ocupou nesse período da História e evidenciar a imprensa como um agente político e histórico.

Espero que vocês gostem!

Francilene Tavares

Ainda nesse espaço a dissertação estará disponível para consulta. Nesse mesmo local os visitantes terão acesso às seguintes abas: Imprensa Negra em São Paulo, Imprensa Negra no Brasil; Referencial teórico sobre imprensa negra; Referencial teórico sobre educação para as relações étnico-raciais; Uso da imprensa em sala de aula, Imprensa Negra e possibilidades pedagógicas.

Na aba imprensa negra em São Paulo os visitantes terão acesso aos jornais que utilizei na minha pesquisa (*A Liberdade e o Clarim da Alvorada*) e outros títulos publicados no século XIX e XX:

- ✓ A Liberdade - órgão dedicado a classe de cor, crítico, literário e noticioso;
- ✓ A Rua- crítico, literário e humorístico;
- ✓ A Sentinella - órgão crítico, literário e noticioso.
- ✓ A Voz da Raça: órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso.
- ✓ Alvorada - órgão de propaganda cívica.
- ✓ Auriverde - literário, humorístico e noticioso.
- ✓ Chibata.
- ✓ Correio de Ébano.
- ✓ Elite - órgão oficial do Grêmio Dramático, Recreativo e Literário “Elite da Liberdade”;
- ✓ Hífen - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso.
- ✓ Kosmos.
- ✓ Mundo Novo.
- ✓ Níger.
- ✓ Nosso Jornal.
- ✓ Notícias de Ébano.
- ✓ Novo Horizonte.
- ✓ O Alfinete - órgão literário, crítico e recreativo;
- ✓ O Baluarte- órgão oficial do “Centro literário dos homens de cor” dedicado a defesa da classe;
- ✓ O Bandeirante - órgão de combate em prol do reerguimento geral das classes dos homens de cor;
- ✓ O Clarim da Alvorada - órgão literário, científico e político;
- ✓ O Clarim.
- ✓ O Estímulo.

- ✓ O Progresso.
- ✓ O Xauter - jornal independente;
- ✓ Tribuna Negra.

Na aba Imprensa Negra no Brasil os visitantes terão acesso aos jornais da imprensa negra publicados em outros estados do Brasil, como:

- ✓ Brasileiro Pardo (Rio de Janeiro);
- ✓ O Home de cor (Rio de Janeiro);
- ✓ O Homem realidade constitucional ou dissolução social (Recife).
- ✓ O Lafuente (Rio de Janeiro).
- ✓ O Exemplo (Porto Alegre);
- ✓ O Cabrito (Rio de Janeiro).

Na aba Referencial teórico sobre a Imprensa Negra serão disponibilizados os textos que utilizei na pesquisa relacionada à imprensa negra. Esse material é voltado ao professor e se constitui como um aporte teórico para aqueles que desejam trabalhar a temática em sala de aula.

✓ **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos - Petrônio Domingues.**

No artigo o historiador Petrônio Domingues faz alguns apontamentos acerca de um tema sub-explorado na historiografia brasileira: a trajetória do movimento negro organizado durante a República (1889-2000), com as etapas, os atores e suas propostas. A ideia central é demonstrar que, em todo o período republicano, esse movimento vem desenvolvendo diversas estratégias de luta pela inclusão social do negro e superação do racismo na sociedade brasileira.

<https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>

✓ **“Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição - Petrônio Domingues.**

No artigo, Petrônio Domingues, aponta que diversos estudos têm explorado o tema do protagonismo negro em Santa Catarina no período posterior à abolição da escravatura. Esses trabalhos têm analisado personagens, agenciamentos políticos, conexões sociais, fluxos culturais e interlocuções raciais. O objetivo do texto é apresentar um balanço inicial dessa

produção acadêmica e, ao mesmo tempo, apontar questões, discutir problemas e identificar os desafios dessa nova área de pesquisa.

<https://www.scielo.br/pdf/topoi/v12n23/1518-3319-topoi-12-23-00118.pdf>

✓ **Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil - José Antônio dos Santos.**

Nesse artigo o autor propõe a realização de uma “investigação arqueológica”, a partir de duas situações pontuais em que a imprensa negra emergiu: uma, como categoria que visa aglutinar as experiências dos jornais escritos por negros paulistas no trabalho pioneiro de Roger Bastide; outra, como fonte de pesquisa sobre os jornalistas negros sul-rio-grandenses na pesquisa de Fernando Henrique Cardoso.

<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>

✓ **A imprensa negra paulista (1915 - 1963) -Miriam Nicolau Ferrara.**

Estudo pioneiro sobre a imprensa negra paulista, realizado pela historiadora Miriam Nicolau Ferrara, envolvendo 30 jornais e revistas publicados entre 1915 e 1963 e entrevistas dos editores e colaboradores desses periódicos. Ferrara sinaliza como eram constituídas as linhas editoriais desses jornais apontando como as mesmas se assentavam em denúncias da discriminação racial, do preconceito e do racismo.

https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609

✓ **Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e do Rio de Janeiro, 1925 - 1950 - Antônio Sérgio Alfredo Guimarães.**

O autor se propõe a discutir o conceito de identidade negra em São Paulo e Rio de Janeiro e como essa se fazia presente nos jornais da Imprensa Negra publicados entre 1925 e 1950.

<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21059>

A fim de possibilitar que os docentes possam embasar suas práticas num referencial teórico voltado a uma educação antirracista serão disponibilizados os materiais abaixo relacionados:

✓ **Lei 10.639 de 9 de janeiro de 2003.**

Lei que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm

✓ **Lei 11.645 de 10 de março de 2008.**

Lei que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm

✓ **Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? - Kabenguele Munanga.**

No artigo o professor Kabenguele Munanga aponta que o Brasil oferece o melhor exemplo de um país que nasceu do encontro das diversidades étnicas e culturais. Povos indígenas, primeiros habitantes da terra que se tornou Brasil; aventureiros e colonizadores portugueses; africanos deportados e aqui escravizados; imigrantes europeus de diversas origens étnicas e culturais, e imigrantes asiáticos, todos formam as raízes culturais do Brasil de hoje. Sem dúvida, os sangues se misturaram como continuam a se misturar. Os deuses se tocaram e as cercas das identidades se aproximaram. No entanto, as resistências identitárias dessas matrizes culturais formadoras do Brasil continuam a se manifestar, influenciando a vida cotidiana de todos os brasileiros indistintamente. Por outro lado, os preconceitos culturais, apesar da mestiçagem, não deixaram de existir como ilustrado hoje pela chamada intolerância religiosa e pelos preconceitos raciais que estão correndo soltos até nos campos de futebol. A questão fundamental que se coloca é como ensinar a história desses povos que na historiografia oficial foi preterida e substituída pela história de um único continente, silenciando a rica diversidade cultural em nome de um monoculturalismo justificado pelo chamado sincretismo cultural ou mestiçagem, quando na realidade o que se ensina mesmo é a Europa com sua história e sua cultura. Aqui se coloca a importância de uma educação multicultural que enfoque nossa rica diversidade ao incluir na formação da cidadania a história e a cultura de outras raízes formadoras do Brasil. As leis 10639/03 e 11645/08 que

tornam obrigatório o ensino da história do continente africano, dos negros e povos indígenas brasileiros têm essa função reparatória e corretora.

<https://www.scielo.br/pdf/rieb/n62/2316-901X-rieb-62-00020.pdf>

✓ **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão - Nilma Lino Gomes.**

Segundo Nilma Lino Gomes a discussão sobre relações raciais no Brasil é permeada por uma diversidade de termos e conceitos. O uso desses, muitas vezes, causa discordâncias entre autores, intelectuais e militantes com perspectivas teóricas e ideológicas diferentes e, dependendo da área do conhecimento e do posicionamento político dos mesmos, pode até gerar desentendimentos.

Os termos e conceitos revelam não só a teorização sobre a temática racial, mas também as diferentes interpretações que a sociedade brasileira e os atores sociais realizam a respeito das relações raciais. Nesse contexto, é importante destacar o papel dos movimentos sociais, em particular, do Movimento Negro, os quais redefinem e redimensionam a questão social e racial na sociedade brasileira, dando-lhes uma dimensão e interpretação políticas. Nesse processo, os movimentos sociais cumprem uma importante tarefa não só de denúncia e reinterpretação da realidade social e racial brasileira como, também, de reeducação da população, dos meios políticos e acadêmicos.

É esse diálogo entre a produção acadêmica e os movimentos sociais que o artigo privilegiará. Optou-se pela discussão dos termos e conceitos-chave mais utilizados quando nos referimos aos (as) negros (as) brasileiros (as) e não pela sua definição. Essa alternativa poderá nos aproximar da articulação entre a reflexão teórica, a prática social e o campo educacional. Como interlocutores dessa discussão foram escolhidos alguns (mas) teóricos (as) de diversas áreas do conhecimento que discutem as relações raciais, assim como produções da própria autora.

<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>

✓ **Educação antirracista: caminhos abertos pela lei nº 10.639/03 - Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.**

Produzido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), do Ministério da Educação, o livro busca oferecer aos professores informações para o

combate do preconceito e da discriminação raciais nas relações pedagógicas e educacionais. Com apresentação de Ricardo Henriques e introdução de Eliane dos Santos Cavalleiro, a obra é dividida em três partes: na primeira há uma contextualização da lei 10.639/03, na segunda são realizadas discussões a cerca de uma educação antirracista e por fim análises sobre as dimensões do ensino da trajetória dos povos negros no Brasil.

<http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/9-educacao-anti-racista-caminhos-abertos-pela-lei-federal-n-10-63903>

✓ **Superando o racismo na escola - Kabenguele Munanga (org).**

Organizado pelo professor Kabenguele Munanga, o livro Superando o racismo na escola apresenta 11 artigos de autoria de Ana Célia da Silva, Antônio Olímpio de Sant'Ana, Glória Moura, Helena Theodoro, Heloisa Pires Lima, Inaldete Pinheiro de Andrade, Maria José Lopes da Silva, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Rafael Sanzio Araújo dos Anjos e Vera Neusa Lopes onde são realizadas sugestões de desconstrução e reversão da ideologia e dos estereótipos racistas no cotidiano escolar.

http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf

✓ **Diretrizes curriculares nacional para a educação das relações étnico-raciais - Ministério da Educação.**

Produzido pelo Ministério da Educação, as Diretrizes Curriculares para a educação das relações étnico-raciais constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação das ações que viabilizem o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis e modalidades da educação brasileira.

<https://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>

✓ **Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores - Martha Abreu e Hebe Mattos.**

As professoras Martha Abreu e Hebe Mattos discutem como as noções de cultura e diversidade cultura tem sido paulatinamente incorporadas nos escritos produzidos pelo Ministério da Educação desde a década de 1990. As Diretrizes Curriculares seriam parte desse processo. Pensado como texto-base para um Curso de Ensino de História e Cultura africana e afro-brasileira, o artigo é construído a partir da experiência de ensino e pesquisa das autoras e

possui um sentido evidentemente prático, ao procurar criar subsídios para o trabalho dos historiadores.

<https://www.scielo.br/pdf/eh/v21n41/01.pdf>

✓ **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais - Ministério da Educação, secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.**

Produzido pelo Ministério da Educação (MEC) através da secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, o documento é o resultado de um trabalho constituído por várias coletividades de estudiosos e se dirige, sobretudo aos professores, trazendo, para cada nível ou modalidade de ensino, um histórico da educação brasileira e a conjugação com a temática étnico-racial, adentrando na abordagem desses temas no campo educacional e concluindo com perspectivas de ação.

http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_eticoraciais.pdf

Na aba Uso da imprensa em sala de aula serão apresentados referencias teóricos que subsidiam o uso dos jornais como fonte histórica:

✓ **Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa - Heloísa de Farias Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto.**

O artigo problematiza usos correntes que historiadores fazem da imprensa como fonte de pesquisa e propõe avançar na discussão de um repertório de procedimentos teórico-metodológicos para o seu tratamento. Entendendo a imprensa como força social ativa propõe a reflexão sobre sua historicidade a cada conjuntura estudada. Sugere um roteiro e procedimentos metodológicos que busquem articular a análise de qualquer jornal ou material da imprensa periódica que se estude ao campo de lutas sociais no interior do quais se constituem e atuam.

[https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221;](https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221)

✓ **Ensinar História - Maria Auxiliadora Schmidt e Marlene Cainelli.**

O livro reúne as principais questões relativas à metodologia e práticas do ensino de História, abordadas com base em produções historiográficas e em propostas pedagógicas mais atuais. Em especial no capítulo 8 que versa sobre a História local e o ensino de História, as autoras tecem considerações acerca da imprensa e seu uso no ensino de História.

[https://www.amazon.com.br/Ensinar-Hist%C3%B3ria-Maria-Auxiliadora Schmidt/dp/8526279424](https://www.amazon.com.br/Ensinar-Hist%C3%B3ria-Maria-Auxiliadora-Schmidt/dp/8526279424)

✓ **A relação entre a História e Imprensa, breve história da Imprensa e origens da Imprensa no Brasil - Rodrigo Santos de Oliveira.**

Rodrigo Santos de Oliveira apresenta dois elementos importantes para o historiador que se dedica a estudar a imprensa. O primeiro é a relação entre a história e a imprensa que segundo o autor é uma reflexão fundamental tanto para o pesquisador que utiliza a imprensa como objeto de pesquisa, como para aquele que se serve dela como fonte. O segundo é compreender a História da Imprensa, tanto em âmbito global como no Brasil. Essa segunda parte possui um caráter nitidamente contextual e poderá trazer elementos para aqueles que se dedicam ao estudo da imprensa ou para os pesquisadores que estão despertando suas atenções para a temática.

<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2614/1425>

✓ **Ensino de História: fundamentos e métodos (coleção Docência em Formação - Ensino Fundamental) - Circe Maria Fernandes Bittencourt.**

A autora aborda aspectos do ensino e aprendizagem de História do ponto de vista dos problemas teóricos que fundamentam o conhecimento escolar e dos problemas das práticas em sala de aula. A História, enquanto conhecimento escolar, possui uma história que é brevemente apresentada, a fim de propiciar ao leitor reflexões sobre o atual momento da disciplina no processo de reformulações curriculares. O peso da “tradição escolar”, as mudanças do público escolar e os impactos do mundo tecnológico estão inseridos nas transformações e permanências da história escolar. O livro preocupa-se em fornecer fundamentos sobre seleção de conteúdos e métodos para os futuros professores ou para os que já estão enfrentando o trabalho nas salas de aula. Métodos e conteúdos tradicionais devem ser abolidos? Qual a relação entre a produção historiográfica e a produção histórica escolar? Quais os materiais didáticos apropriados para as atuais gerações que vivenciam em seu cotidiano o mundo das informações tecnológicas simultâneas, consumistas e intensamente audiovisuais? Este livro pretende, sobretudo, propiciar aos docentes dos diferentes níveis uma base para refletir sobre as finalidades do ensino de História e seu papel na formação das atuais gerações. Em especial no capítulo dois que versa sobre o uso didático de documentos a autora faz considerações acerca da imprensa escrita nas aulas de História.

<https://www.amazon.com.br/Hist%C3%B3ria-Fundamentos-M%C3%A9todos-Fernandes-Bittencourt/dp/8524926155>.

✓ **Didáticas e práticas de ensino de História (coleção Didática e práticas de ensino experiências, reflexões e aprendizados) - Selva Guimarães.**

Esse livro apresenta reflexões sobre didática, metodologias e práticas de ensino de História desenvolvidas, no ensino fundamental, pela autora e por diversos professores, formadores, pesquisadores e alunos, em diferentes espaços e épocas. O texto está dividido em duas partes. A primeira contém uma análise de dimensões do ensino de História que são temas centrais na formação docente: a história da disciplina e seus objetivos, os currículos, as políticas públicas, as abordagens historiográficas recorrentes, a questão dos livros didáticos e a formação da cidadania. A segunda parte apresenta questões didáticas, sugestões de metodologias, fontes, linguagens, materiais, relatos, técnicas de ensino, comentários críticos, visando à reconstrução de saberes e práticas nos diversos espaços educativos. A obra busca partilhar reflexões e experiências de ensino e aprendizagem em História, bem como contribuir com o desenvolvimento da área, participando dos processos de formação permanente dos profissionais da educação. Em especial no capítulo cinco que versa sobre diferentes fontes e linguagens no processo de ensino e aprendizagem a autora faz considerações a cerca da imprensa (jornais e revistas impressos) nas aulas de História.

<https://www.amazon.com.br/Didatica-Pratica-Historia-Guimaraes-Fonseca/dp/8530807065>

Em Filmes e Documentários serão disponibilizados links com comentários sobre produções audiovisuais que possibilitem debates acerca de temas como: raça, racismo, preconceito e discriminação.

Racismo:

✓ Produzido pelo canal Quebrando tabus e apresentado por Preta Araújo o vídeo aponta considerações que demonstram o racismo como elemento estruturante da sociedade brasileira.

<https://www.youtube.com/watch?v=Ia3NrSoTSXk&feature=youtu.be>

✓ O vídeo apresentado pela cientista social e professora Renata Gonçalves da UNIFESP - Campus Baixada Santista, faz parte do 5º episódio da série UNIFESP 25 anos:

universidade pública, conhecimento público e apresenta um histórico dos movimentos negros no Brasil.

<https://www.youtube.com/watch?v=NajmaEwOYeY&feature=youtu.be>

Racismo estrutural:

✓ A Antropóloga e Historiadora Lilia M. Schwarcz entrevista através de seu canal, Silvio de Almeida, autor do livro: O Racismo Estrutural publicado em 2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=0TpS2PjLprM&feature=youtu.be>

✓ Produzido pelo Governo do Paraná o vídeo apresenta grupos de pessoas observando imagens de homens e mulheres brancas e negras em situações semelhantes e quais as percepções que as mesmas suscitam.

<https://youtu.be/PbCZzEaCMOI>

Preconceito:

✓ O curta produzido por Marco Shiavon aborda a questão do preconceito racial, além de propor reflexões acerca da solidão, do cuidado e da superação. As personagens são duas mulheres de cores e classes sociais distintas que tem as suas vidas entrelaçadas por diferentes motivos.

<https://www.youtube.com/watch?v=CGIBoGzNMR0>

Imprensa negra:

✓ No vídeo produzido pela Cecult-IFCH Unicamp, Paulina Alberto, professora da Universidade de Michigan, apresenta considerações sobre seu livro: Termos de Inclusão: intelectuais negros brasileiros no século XX. Suas reflexões focam nas ideologias de raça e nação, com enfoque nos grupos e movimentos afrodescendentes, nos possibilitam refletir acerca da ação de intelectuais negros em diferentes cidades do Brasil.

https://www.youtube.com/watch?v=iPOP6N_clkY

✓ Produzido pelo projeto A Cor da Cultura o vídeo faz parte do programa Heróis de Todo Mundo e apresenta a biografia de José Correia Leite, intelectual negro que fundou o jornal O Clarim da Alvorada, importante periódico negro publicado em São Paulo a partir dos anos 1924.

https://www.youtube.com/watch?v=i_SHQYpkfjs

✓ Promovido pela Escola História da UNIRIO a aula ministrada pela professora Ana Flávia Magalhães faz parte do curso: Emancipações e pós-abolição: por uma outra história do Brasil (1808 - 2020) e aborda a liberdade negra e os abolicionismos.

[https://www.youtube.com/watch?v=7itC3AV8B_s -](https://www.youtube.com/watch?v=7itC3AV8B_s-)

✓ Live com o professor Petrônio Domingues mediada pela professora Fabiana Schleumer sobre o Protagonismo negro no pós-abolição: História e Historiografia organizada pelo grupo de estudos Lucala: as Áfricas e suas conexões.

<https://www.youtube.com/watch?v=j5Mzn0zICvc>

Racismo e preconceito:

✓ Roberto Carlos é um jovem negro acusado de roubar a bolsa de uma jovem branca. Ele alega inocência, corria só para não perder o ônibus. Ela o reconhece como autor do crime. Produzido por Valter Rege o curta metragem: Preto no branco discute a questão do racismo e do preconceito na sociedade brasileira.

<https://www.youtube.com/watch?v=rW5DwuRQVuY>

✓ Vista a minha pele é paródia sobre a realidade brasileira. Maria é uma menina branca, pobre, que estuda em um colégio particular graças a um bolsa de estudos, já que a mãe é faxineira na escola. A maioria de seus colegas a hostilizam, com exceção de sua amiga, que é filha de um diplomata, que morou em países pobres e tem outra visão de sociedade. Com todas as adversidades, Maria quer ser “Miss Festa Junina” da escola. Com a ajuda da amiga Luana as duas vão se envolver em uma série de aventuras para alcançar esse objetivo.

<https://www.youtube.com/watch?v=6Nlt-Q5iuYE>

Por fim, nas possibilidades pedagógicas será apresentada uma sequência didática voltadas aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, considerando o espaço-tempo que convencionalmente definimos como Primeira República. Para além daqueles conteúdos já previstos nos livros didáticos, busquei redimensionar o papel que a população negra ocupou nesse período da História e evidenciar a imprensa como uma agente político e histórico.

As atividades foram pensadas a partir do Currículo Paulista de modo que a inserção das discussões voltadas à imprensa negra possam ser contempladas na unidade temática que aborda o nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século

XX; embora consideremos que outras habilidades pudessem ser apontadas com a realização das atividades propostas, sinalizamos aquelas presentes naquele documento, o mesmo ocorre quando dos apontamentos dos objetos de ensino; o que não significa que professores de outras cidades e estados não possam fazer uso dessas sugestões.

Para iniciar as discussões acerca da proclamação da República e seus desdobramentos até os anos 1930 indicamos como referencial a ser utilizado em sala de aula um dos textos do caderno de atividades: resumos, atividades propostas e conceitos do livro *Brasil: uma biografia* de Lilia M. Schwarcz e Heloísa M. Starling.

A PRIMEIRA REPÚBLICA E O POVO NAS RUAS

Assim como o Império, a República precisou inventar símbolos pátrios para construir um novo imaginário e se legitimar no controle do Estado brasileiro. Novamente, percebemos como o processo acomodava ruptura e continuidade: se o verde-amarelo heráldico dos Bragança e o esquema geométrico da bandeira nacional foram preservados — a exemplo da melodia do Hino Nacional —, um lema positivista foi estampado no céu azul de estrelas que tomou o lugar do brasão imperial. Na verdade, se o verde e amarelo lembram (ainda) as cores das duas casas imperiais extintas, as posições das constelações na bandeira da República correspondem ao novo regime. Do *motto* original “Amor, ordem e progresso” só ficaram os dois últimos termos, interpretados segundo uma ótica positivista, conservadora e militarista. A República nasceu fardada. O Exército abriu mão do poder executivo somente em 1895, depois de diversas sublevações civis, militares e populares.

Desde o início, o projeto de nação dos Estados Unidos do Brasil coincidiu com a ocupação das vastidões do interior pelos poderes do Estado e do capital. O Brasil republicano foi concebido como um território cujo mapa ainda precisava ser desenhado e cuja conquista foi adotada como a própria definição do “caráter nacional”. No Brasil que nasceu dos vários projetos modernistas do início do século figuraria um mundo de ambivalências.

A lisura das eleições continuou mais que questionável (o voto não era secreto), além de o processo eleitoral excluir mulheres e analfabetos. Praticamente nada foi feito para amenizar a tragédia social da herança escravista.

Na verdade, as contradições eram muitas e o novo regime desejava se lançar à modernidade do século vindouro. Nas cidades, implementou-se um projeto de Regeneração — nome dado às reformas urbanas do período — que, no entanto incluía o conceito de “degeneração” dos mestiços condenada pela ciência determinista da época. A existência de

uma economia aferrada aos serviços e negócios de exportação agrária teve como resultado uma vida urbana bastante provisória, que passava por crises cíclicas de carestia, aumentos constantes nos preços dos gêneros alimentícios, nos custos de moradia e transporte. As tentativas de reforma urbana provocaram ainda conflitos com a população, sobretudo fruto da desinformação, mas que foram suprimidos a ferro e fogo pelas autoridades. Um exemplo é a Revolta da Vacina, movimento popular contra medidas que visavam erradicar a febre amarela e que foi violentamente eliminado. A Revolta foi enfim controlada, mas o saldo restou ambivalente: de um lado, erradicou-se a varíola na cidade do Rio de Janeiro, de outro, amontoaram-se as vítimas do confronto.

É importante ressaltar que as cidades cresceram, porém sem romper com a dinâmica do modelo agroexportador. Ao contrário, durante a Primeira República expandiu-se o fenômeno conhecido como “voto de cabresto” e coronelismo, na sua correlação com o governo, configuração que a princípio neutralizou a atuação desses novos grupos urbanos, limitando a participação e o voto. Era um novo espetáculo nas ruas que se apresentavam com imigrantes europeus, greves operárias e lutas por direitos.

A reação à novidade não ficou restrita apenas às cidades. Em distintas regiões do país estouraram movimentos sociais (levantes da população rural como Contestado, Juazeiro, Caldeirão, Pau de Colher e Canudos) que combinavam a questão agrária e a luta pela posse de terra com traços fortemente religiosos. Abandonados por uma República que fazia da propriedade rural a fonte do poder oligárquico, grupos de sertanejos buscaram transpor o abismo que os separava da posse da terra, teceram relações inesperadas entre a história e o milenarismo, sonharam viver numa comunidade justa e harmônica. Sobretudo em Canudos, que passaria a habitar o imaginário nacional, mas também no Contestado, episódio menos conhecido por nós, na qual a violência da repressão estatal teve caráter exemplar.

Entre o final do século XIX e a década de 1920, no século XX, ocorreu ainda o aparecimento de outros protagonistas na cena pública que passaram a se contrapor aos interesses das elites regionais. Exemplo de manifestações políticas da nascente classe média urbana foram o Florianismo (entre 1893 e 1897) e as rebeliões tenentistas dos anos 1920 — que percorreram o país de ponta a ponta. A eclosão de vários movimentos tenentistas na década de 1920 e a Coluna Prestes-Miguel Costa desestabilizaram ainda mais o frágil equilíbrio da Primeira República. O colapso da bolsa de Nova York, em 1929, e a severa crise mundial que se seguiu decretaram por fim o término da supremacia cafeeira nos negócios e na política do país.

No campo cultural, vários modernismos surgiram, revelando um movimento plural que respondia à entrada de uma nova linguagem e visão do Brasil. Mais ainda, o movimento incluía agora negros, mestiços, indígenas na nova imagem do país. Os brasileiros se aprontavam para entrar de vez no século XX, a partir de um papel comum, mas também singular dentro do concerto das nações.

SCHWARCZ, Lilia Moritz, STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia. Cadernos de atividades: resumos, atividades propostas e conceitos.** 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 79 a 81.

Atividade 1: O que é República?

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

Objeto de conhecimento:

A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos.

Descrição da atividade a ser realizada: A fim de refletir sobre o conceito de República será disponibilizado aos alunos fragmentos do Manifesto Republicano de 1970 e da Constituição de 1891. Após uma análise comparativa das duas fontes os alunos devem responder a seguinte questão:

1. Qual a ideia de República presente no Manifesto Republicano de 1970 e na Constituição de 1891?

✓ Manifesto do Partido Republicano:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3817523/mod_resource/content/2/manifesto%20republicano%201870.pdf

✓ Constituição de 1891:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao91.htm

Atividade 2: A Proclamação da República.

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI01) Descrever e contextualizar os principais aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos da emergência da República no Brasil.

Objeto de conhecimento:

A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos.

Descrição da atividade a ser realizada: A imagem abaixo foi produzida por Benedito Calixto em 1893 e representa a Proclamação da República no Rio de Janeiro em 1899. Com o intuito de evidenciar que a pintura é uma interpretação sobre a realidade e não o fato histórico representado o professor deverá propor aos educandos que observem a imagem, se possível ampliando-a, para em seguida responder as seguintes questões:



Imagem 06: A Proclamação da República (1893) óleo sobre tela de Benedito Calixto
https://pt.wikipedia.org/wiki/Proclama%C3%A7%C3%A3o_da_Rep%C3%ABlica_do_Brasil. Acesso em 01/12/2020

1. Quem são os personagens representados nessa imagem?
2. Em que local esses personagens são representados?
3. Quem era Benedito Calixto e em que momento ele produziu essa pintura?

4. Em que medida essa pintura dialoga com a frase do propagandista republicano Aristides Lobo: “O povo assistiu àquilo bestializado, atônito, surpreso, sem conhecer o que significava. Muitos acreditaram seriamente estar vendo uma parada”.

Atividade 3: A República que não foi.

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF06HI02A) Identificar a importância das fontes históricas para a produção do saber histórico. (EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Objeto de conhecimento:

Experiências republicanas e práticas autoritárias: as tensões e disputas do mundo contemporâneo. A proclamação da República e seus primeiros desdobramentos.

Descrição da atividade a ser realizada: A partir da leitura do fragmento do texto: *Os bestializados - O Rio de Janeiro e a República que não foi* de José Murilo de Carvalho, o professor deverá propor aos alunos que reflitam sobre o conceito de cidadania na Primeira República e em seguida responda as seguintes questões:

(...) Sendo função social antes que direito, o voto era concedido àqueles a quem a sociedade julgava poder conferir sua proteção. No Império como na República, foram excluídos os pobres (seja pela renda, seja pela exigência de alfabetização), os mendigos, as mulheres, os menores de idade, as praças de pré, os membros de ordens religiosas. Ficava de fora da sociedade política a grande maioria da população. A exclusão dos analfabetos pela Constituição Republicana era particularmente discriminatória, pois ao mesmo tempo se retira a obrigação do governo de fornecer instrução primária, que constava do texto imperial. Exigia-se para a cidadania política uma qualidade que só o direito social da Educação poderia fornecer e, simultaneamente, desconhecia-se este direito. Era uma ordem liberal, mas profundamente antidemocrática e resistente aos esforços de democratização.

(...) A República, ou os vitoriosos da República, fizeram muito pouco em termos de expansão de direito civis e políticos. O que foi feito já era demanda do Liberalismo Imperial. Pode-se dizer que houve até retrocesso no que se refere aos direitos sociais. Algumas mudanças (...) tinham sem dúvida inspiração democratizante na medida em que buscavam desconcentrar o exercício de poder. Mas não vinham acompanhadas por expansão

significativa da cidadania política, resultaram em entregar ao governo mais diretamente nas mãos dos setores dominantes, tanto rurais quanto urbanos.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 3ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 44 a 46.

1. O que são direitos civis, sociais e políticos?
2. O que José Murilo de Carvalho, autor do texto, quis dizer ao afirmar que na República brasileira havia “uma ordem liberal, mas profundamente antidemocrática e resistente aos esforços de democratização”?

Atividade 4: Os Negros no pós abolição.

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF08HI27) Identificar, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas, as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e para as populações negras nas Américas.

Objeto de conhecimento:

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição.

Descrição da atividade a ser realizada: A partir do quadro “*A redenção de Cam*”, obra produzida pelo artista espanhol, Modesto Broco y Gomes, o professor irá dialogar com os alunos acerca das doutrinas raciais em voga no país desde a 2ª metade do século XIX destacando o contexto em que a tela foi utilizada para “ilustrar” a ideologia de branqueamento.

Embora jamais tenha sido adotada na Europa e nos Estados Unidos, “a ideologia de branqueamento ganhou foros de legitimidade científica” no Brasil e possibilitou que João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, abrisse um importante espaço de produção de conhecimento no início do século XX, apontando que em um século o Brasil seria um país branco. Essa fala foi realizada no I Congresso Universal das Raças, realizado em Londres em 1911. O ensaio apresentado: *Sur les métis au Brésil* (Sobre os mestiços no Brasil), bastante otimista quanto à situação do país, trazia em sua abertura a reprodução da tela *A Redenção de Cam*, de Modesto Brocos y Gomes. Acompanhado da legenda: “Le nègre passant au blanc, à la troisième génération, par l'effet du croisement des

raças” (O negro passando para o branco, na terceira geração, pelo efeito do cruzamento das raças).

A mensagem da tela de Brocos era que o Brasil seria salvo pela civilização e pelos agentes civilizatórios mais importantes, os brancos. Nela, a mestiçagem comandada pelo agente branco transformou-se na solução para o grande problema nacional. O título da pintura faz alusão a Cã, um personagem bíblico, que era um dos três filhos de Noé. Esse viu seu pai nu, fato que provocou sua ira. Noé, então amaldiçoou Canaã, filho de Cã, a ser escravo de seus próprios irmãos. A história bíblica foi utilizada como justificativa para escravizar os negros africanos, a partir do século XVI. A escravidão purificaria os pecadores e lhes possibilitaria salvar suas almas.

Modesto Broco y Gomes transportou a história bíblica para a realidade brasileira recém saída da escravidão, e também para a sua tela, uma composição carregada de referências e valores europeus. Ele quis pintar o Brasil, sua história de hibridismo e seu futuro civilizado. Para tanto evocou, inclusive ícones cristãos, que dariam maior legitimidade e maior apelo às idéias transformadas em imagem no quadro. A redenção do personagem bíblico, que era ao mesmo tempo a redenção do Brasil, produziu-se no seio da Sagrada Família e no nascimento do Salvador. Uma Sant'Anna negra levanta as mãos em direção ao céu e agradece o nascimento de uma criança branca, isto é, pura, sem pecado original. No colo da mãe, uma virgem mulata, e observando um pai, um São José entre o caboclo e o imigrante europeu, o menino ocupa o lugar principal da cena. Na verdade, ele é o jovem Brasil, novo, do futuro, pintado a moda renascentista, com os dedos em forma de V, da vitória e da benção, e na mão esquerda uma laranja, símbolo da fertilidade e da fartura, substituindo o cacho de romã, ou ainda, o pássaro usado pelos antigos pintores do Renascimento. É interessante que sua mãe aponta para a avó negra, como se indicasse a origem degradada do menino, agora redimida, e ele, então simboliza a sua vitória e direciona sua benção para esse passado terminado, quase extinto, remido.

No centro de toda a composição, surge o Brasil, elevada a categoria de caminho da civilização dirigida pelo agente branco, cuja influência no processo seria determinante. E tratava-se de agentes do gênero masculino, sublinhava-se, que negavam certa promiscuidade mulata e feminina do passado. Esse agente civilizador, como o pai da criança na representação de Brocos, dominaria a cena com facilidade, tanto biologicamente (como se seu gene fosse mais forte), quanto culturalmente (como se a sua cultura, naturalmente, se sobrepusesse às outras). O que não poderia ocorrer como se supunha que tivesse ocorrido antes, quando o elemento negro e índio dominaram quantitativamente o processo, era a

mestiçagem criando mais hibridismo e degeneração. A miscigenação, afirmavam os ideólogos, produziria uma população mais clara, pois os brancos seriam os parceiros sexuais mais procurados, de gene mais forte. Essas suposições aliada à pretensa baixa natalidade e maior incidência de doenças entre afro-descendentes levavam a previsão do rápido desaparecimento das raças inferiores.

PAIVA, Eduardo França. **História & Imagens**. 2ª edição. Belo Horizonte/MG: Editora Autêntica, 2004. p. 68 a 70.



Figura 6: A redenção de Cam - Modesto Brocos. <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3281/a-redencao-de-cam>. Acesso em 19/09/2020

Após realizar essas considerações, o professor poderá propor as seguintes questões:

1. A partir das considerações realizadas pelo professor explique porque na pintura de Modesto Brocos y Gomes o bebê ocupa o centro da imagem.
2. Após assistir o documentário: A entrada das teorias raciais no Brasil disponível através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=93f7nkbD7tY> relacione a frase: “As teorias raciais imaginavam a humanidade como uma espécie de pirâmide social. No topo, estariam homens

brancos e europeus. Já a base seria composta por africanos e indígenas” de Lilia M. Schwarcz com a pintura A redenção de Cam de Modesto Brocos y Gomes.

Atividade 5: Refletindo sobre alguns conceitos.

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF07HI20) Relacionar o racismo da contemporaneidade ao processo de escravização das populações africanas e afrodescendentes no período colonial.

Objeto de conhecimento:

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição.

Pensamento e cultura no século XIX: darwinismo e racismo.

A partir do artigo: *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão*, de Nilma Lino Gomes o professor deve apresentar aos alunos as definições das palavras: discriminação racial, preconceito e racismo.

Discriminação racial:

A palavra discriminar significa “distinguir”, “diferençar”, “discernir”. A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito. Enquanto o racismo e o preconceito encontram-se no âmbito das doutrinas e dos julgamentos, das concepções de mundo e das crenças, a discriminação é a adoção de práticas que os efetivam. Devemos tomar cuidado, entretanto, para não considerar a discriminação como produto direto do preconceito. Esse tipo de pensamento possui enorme aceitação no Brasil “(...) fruto do mito da democracia racial onde se afirma: “como não temos preconceito racial no Brasil, aqui não temos discriminação racial”. (...) neste modelo de preconceito causa discriminação observamos a ênfase que recai sobre o indivíduo como portador de preconceito, como a fonte que gera a discriminação. (...) num outro foco de análise; a discriminação racial pode ser originada de outros processos sociais, políticos e psicológicos que vão além do preconceito desenvolvido pelo indivíduo. Estamos, então, diante da distinção entre a discriminação provocada por interesse. Essa última tem a noção de privilégio como foco principal, ou seja, a continuidade e a conquista de privilégios de determinado grupo sobre o

outro seriam as responsáveis pela sua perpetuação, “independentemente do fato de ser intencional ou apoiada em preconceito” (TEIXEIRA, 1992: 22).

A literatura especializada ainda nos apresenta mais algumas distinções entre diferentes tipos de discriminação racial. A mais frequente é a que diferencia entre discriminação direta e indireta. A discriminação racial direta seria aquela derivada de atos concretos de discriminação, em que a pessoa discriminada é excluída expressamente em razão de sua cor. A discriminação indireta é “aquela que redunde em uma desigualdade não oriunda de atos concretos ou de manifestação expressa de discriminação por parte de quem quer que seja, mas de práticas administrativas, empresariais ou de políticas públicas aparentemente neutras, porém dotadas de grande potencial discriminatório” (JACCOUD e BEGIN, 2002). A discriminação indireta tem sido compreendida como a forma mais perversa de discriminação. Ela geralmente alimenta estereótipos sobre o negro e é exercida sob o manto de práticas administrativas ou institucionais. A melhor forma de tornar esse tipo de discriminação visível e de superá-la é através da análise de indicadores de desigualdade entre os grupos. A discriminação indireta é identificada quando os resultados de determinados indicadores socioeconômicos são sistematicamente desfavoráveis para um subgrupo racialmente definido em face dos resultados médios da população. Um exemplo dessa forma de discriminação poderia ser dado pelo pouco sucesso dos negros no ensino fundamental, em que pese o alto grau de universalização atingido por esse nível de ensino.

Preconceito racial:

O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo. Esse julgamento prévio apresenta como característica principal a inflexibilidade, pois tende a ser mantido sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se do conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos. O preconceito inclui a relação entre pessoas e grupos humanos. Ele inclui a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e também do outro. O preconceito como atitude não é inato. Ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa. Ela aprende a sê-lo. Todos nós cumprimos uma longa trajetória de socialização que se inicia na família, vizinhança, escola, igreja, círculo de amigos e se prolonga até a inserção em instituições enquanto profissionais ou atuando em comunidades e movimentos sociais e políticos. Sendo assim, podemos considerar que os primeiros julgamentos raciais apresentados pelas crianças são frutos do seu contato com o mundo adulto. As atitudes raciais de caráter negativo podem,

ainda, ganhar mais força na medida em que a criança vai convivendo em um mundo que a coloca constantemente diante do trato negativo dos negros, dos índios, das mulheres, dos homossexuais, dos idosos e das pessoas de baixa renda.

Racismo:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. Ele é por outro lado um conjunto de idéias e imagens referente aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou uma crença particular como única e verdadeira. Na forma individual o racismo manifesta-se por meio de atos discriminatórios cometidos por indivíduos contra outros indivíduos; podendo atingir níveis extremos de violência, como agressões, destruição de bens ou propriedades e assassinatos. É o que vemos quando nos reportamos ao extinto regime do Apartheid na África do Sul ou os conflitos raciais nos Estados Unidos, sobretudo na década de 60, 70 e 80. No Brasil, esse tipo de racismo também existe, mas geralmente é camuflado pela mídia.

A forma institucional do racismo, ainda segundo os autores supracitados, implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou como seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história positivado povo negro no Brasil. Manifestam-se também na mídia (propagandas, publicidade, novelas) a qual insiste em retratar os negros, e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de exclusão, de maneira indevida equivocada.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 52 a 55.

Em seguida os alunos serão organizados em grupos e receberão fichas com falas do cotidiano onde devem identificar a discriminação racial, o preconceito e/ou racismo. Através de uma roda de conversa os alunos apresentarão suas considerações.

“Cabelo ruim é igual ladrão: ou está preso ou está armado.”
“Porque você não penteia esse cabelo.”
“Ela é uma negra de alma branca.”
“Sua macaca, cabelo de Bombрил!”

“Essa mulatinha tem uma beleza exótica.”
“Essa é uma mulata tipo exportação!”
“Olha o tamanho do beijo dessa menina...”
“Nossa... até pra uma negra, você é bem cheirosa.”
“Pode parar de frescura! Você é forte, você aguenta!”
“Só pra transar... essa não é pra casar.”
“Menina, prende logo esse cabelo de fuá!”
“Sabe aquela escurinha? Até que ela é bem educada.”
“A minha empregada (negra) e é como se fosse da família.”
“Aquele neguinha é muito metida!”
“Segunda-feira é dia de branco!”
“Isso aí e programa de índio!”
“Haitiano trabalhando aqui... nem pensar!”
“Para trabalhar aqui nesta empresa é preciso ter boa aparência”.
“Nigerianos invadiram o centro de São Paulo”.
“A coisa tá preta”.

Atividade 6: Vamos repensar nosso vocabulário?

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as reivindicações dos povos indígenas, das populações afrodescendentes e das mulheres no contexto republicano até a Ditadura Militar.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

Objeto de conhecimento:

A questão da inserção dos negros no período republicano do pós-abolição.

Descrição da atividade a ser realizada: O professor fará o registro na lousa de palavras e expressões presentes em nosso vocabulário e em seguida contextualizará historicamente o surgimento das mesmas, utilizando como referencial a Cartilha de palavras racistas disponível em: <https://sjcdh.rs.gov.br/upload/arquivos/202011/19142954-cartilha-palavras-racistas.pdf>

Atividade 7: A imprensa como documento histórico.

Currículo Paulista de Língua Portuguesa e História

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF69LP03A) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências.

Objeto de conhecimento: Estratégia de leitura: apreender os sentidos globais do texto.

Descrição da atividade a ser realizada: Ao fazer uso da imprensa como fonte histórica, o professor deve evidenciar aos seus alunos que os periódicos, assim como outros documentos históricos, não são provas incontestes da realidade de seu tempo.

Por fim, ao abordar a imprensa negra em sala de aula o professor deve evidenciar aos seus alunos que os jornais, assim como outros documentos históricos, não são provas incontestes da realidade de seu tempo.

Nesse sentido, segundo Cruz e Peixoto, ao refletirmos sobre a historicidade da imprensa é necessário considerá-la como “suporte de uma prática social, portanto, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui”¹, isso implica considerar a

(...) noção da estrutura jornalística, a relação entre redatores, editores e repórteres, a hierarquização de poder por editoriais, a questão da manipulação das reportagens, a relação entre o repórter e suas fontes, assim como as divergências presentes em uma sala de redação, quando da utilização dessa fonte.²

Além disso, questões externas como a censura, guerras, crises econômicas, partidarismo político, alinhamentos ideológicos podem fazer com que o tratamento dado a informação sejam absolutamente distintos de um veículo informativo para o outro, é preciso estar atento ao fato dos jornais estarem sempre ligados a um jogo de interesses (nem sempre explícito).

Para realizar a análise de jornais a luz dos métodos da pesquisa histórica, o professor deverá organizar os alunos em grupo. Cada grupo receberá o exemplar de um jornal em circulação no momento presente. O ideal é que estes periódicos tenham sido publicados no mesmo dia. Mediados pelo professor, os alunos farão um exercício seguindo o roteiro proposto pelas autoras:

III. Identificação do periódico: título, subtítulo, datas-limites da publicação, periodicidade e classificação na instituição;

IV. Projeto gráfico editorial:

A. projeto gráfico: propõe indagar sobre a organização e distribuição dos conteúdos nas mais diversas partes e seções no interior do periódico; as formas de hierarquização relacionamento

¹ CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa. In: *Projeto História e Imprensa*. São Paulo, nº35, p. 255-272, dez, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>>. Acesso em: 12. dez. 2020. p. 258.

² LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: *Alcar 2015 10º Encontro Nacional de História da Mídia*, 10, 2015, Porto Alegre. Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre, 2015. p. 1-12.

e ênfase dos temas e conteúdos, a localização e extensão das seções e partes, as funções editoriais a elas atribuídas e por elas desempenhadas assim como seus modos de articulação e expressão: capas e primeiras páginas; partes e cadernos; cadernos especiais e suplementos; edições comemorativas; seções; colunas fixas e assinadas, iconografias (ilustrações, charges, desenhos, gráficos); manchetes, legendas, colunagem e frisos; anúncios e publicidade;

B. Produção e distribuição: propõe indagar algumas outras dimensões da publicação relativas às suas formas de produção e distribuição, pensadas como processo social e não meramente técnico e que nos remetem aos grupos produtores, aos públicos leitores e às redes de comunicação que aí se constituem. Os grupos produtores remetem às forças sociais que conduzem a publicação e suas condições de produção. A análise das referências sobre a circulação e distribuição propõe a reflexão sobre públicos leitores e redes de comunicação.

B1. Grupos produtores: proprietários, diretores, redatores e colaboradores.

B2. Circulação e distribuição: Tiragem, preço, formas de venda e distribuição; espaços de circulação e distribuição.

III. Projeto Editorial (movimentação e posicionamento político na conjuntura); propõe o aprofundamento da análise do projeto editorial do periódico na conjuntura por meio da leitura mais detida e cuidadosa de seus conteúdos, problematizando o movimento do jornal enquanto força ativa - atenta as questões, sujeitos sociais, espaços e temas que prioriza na agenda pública - naquele campo de hegemonia e as articulações entre presente, passado e futuro que embasam a perspectiva histórica.

CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha, **Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa**. In: Projeto História e Imprensa. São Paulo, nº 35, p. 255-272, dez, 2007. p. 261.

Atividade 8: Pode o subalterno falar, a imprensa negra.

Currículo Paulista

Unidade temática:

O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF69LP03A) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências.

Objeto de conhecimento:

Compreensão da leitura. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira como elemento de resistência e superação das discriminações.

Descrição da atividade a ser realizada: Ao abordar a imprensa negra em sala de aula o professor deve evidenciar aos alunos que esse termo se refere aos periódicos produzidos por negros, para negros, abordando problemáticas da população negra e que os primeiros exemplares foram publicados no Rio de Janeiro em 1833. Ainda nessa fase inicial temos *O Homem: realidade constitucional ou Dissolução Social* publicado em Recife em 1876, *A Pátria - Órgão dos Homens de Cor* e *O Progresso - Órgão dos Homens de Cor* publicados em São Paulo em 1899 e *O Exemplo*, publicado em Porto Alegre em 1892. Fundados por homens livres negros, que nesse momento já representavam uma parcela significativa da população, esses jornais apontavam a necessidade da comunicação e de visibilidades dos projetos formulados por esses sujeitos que conseguiram ascender socialmente e que desejavam garantir seus direitos sociais e políticos, ainda que a ordem escravista os associasse apenas a escravidão.

O número de periódicos da imprensa negra aumentou consideravelmente no pós-abolição, uma vez que esses sujeitos não se viam representados nos jornais de maior circulação.

Essa imprensa alternativa, constituiu-se como um veículo de informação, expressão cultural, articulação de ideias e de reivindicações de um segmento que se deseja invisibilizar. Nesse sentido a imprensa negra se constitui como um instrumento através do qual a população negra de São Paulo nas primeiras décadas do século XX denunciava o racismo, o preconceito e a discriminação racial a qual estavam sujeitos.

Partindo dessa prerrogativa o professor deve fazer apresentar aos alunos a primeira edição do jornal: *A Liberdade - Órgão dedicado à classe de cor*, crítico, literário e noticioso e *d'O Clarim da Alvorada - Órgão Literário, Científico e Político*. É necessário contextualizar historicamente seu surgimento e fazer a identificação do periódico bem como de sua linha editorial analisando os mesmos aspectos propostos na atividade anterior.



http://memoria.bn.br/pdf/844870/per844870_1919_00001.pdf



http://memoria.bn.br/pdf/844918/per844918_1924_00001.pdf

Atividade 9: Crônicas nas páginas de A Liberdade e O Clarim da Alvorada

Currículo Paulista de Língua Portuguesa e História
Unidade temática:
 O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.
Habilidades Currículo Paulista:
 (EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.
 (EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.
Objeto de conhecimento:
 Compreensão da leitura. Os movimentos sociais e a imprensa negra; a cultura afro-brasileira

como elemento de resistência e superação das discriminações.

Descrição da atividade a ser realizada: Inicialmente o professor fará uma exposição oral sobre o gênero textual crônica. Abaixo apresentamos algumas considerações que podem ser apontadas:

O vocábulo “crônica” vem do grego *chronikós*, *chronos*. A etimologia da palavra evidencia que a relação do tempo é fundamental para a constituição da narrativa desse gênero textual. É, portanto, um relato que estabelece desde a sua origem um vínculo permanente com a temporalidade.³

Há uma convergência da linguagem jornalística e do discurso literário na crônica. Entre o ensaio, com uma linguagem mais leve, sem o rigor acadêmico, e o folhetim que cria uma narrativa com personagens, eventos e temas,⁴ as crônicas possibilitam que o cotidiano seja ressignificado pelo olhar apurado do cronista e, assim, é possível vê-lo a partir de outro ângulo, de uma forma singular na perspectiva da criação literária.

Em *O Nascimento da crônica*, Machado de Assis evidencia como ocorreria esse processo:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *la glace est rompue* está começada a crônica.⁵

Qualquer tema pode ser abordado na crônica. “Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”.⁶ Embora aleatórios e casuais, esses temas acabam sendo recorrentes, uma vez que abordam o cotidiano, geralmente nos centros urbanos, e é essa constância que acaba por definir a essência do gênero.⁷

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite,

³ MARTINS, Fabíola Fernandes. *Crônica: a releitura do cotidiano por meio da atualização literária*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. V.3 n° 5, 2011, p. 55.

⁴ MARTINS, Fabíola Fernandes. *Op. Cit.* 55.

⁵ O termo *a la glace est rompue* significa o gelo esta quebrado. Cf. O nascimento da crônica. In: ASSIS, Machado de. *Contos Escolhidos*. São Paulo, Editora Ática, 1994, p. 13.

⁶ CANDIDO, Antonio, CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, volume 1, 1980, p 14.

⁷ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de. *O gênero crônica e a prática escolar*. Filologia e Lingüística Portuguesa. v. 6, 2004, p. 3.

como compensação sorrateira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.⁸

O fato das crônicas não se constituírem através de comentários expositivos ou argumentativos e apresentarem textos leves e acessíveis não significa que as questões sérias não sejam abordadas. Ao contrário, elas possuem a capacidade de entrar “de modo profundo no significado dos atos e sentimentos humanos e estabelecem uma crítica social”,⁹ e talvez consigam fazer isso de uma forma mais assertiva, uma vez que nos “ensina a conviver intimamente com a palavra, fazendo com que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios”.¹⁰

Candido afirma que a simplicidade e a brevidade, próprios da crônica, não a desqualificam quanto à discussão de assuntos importantes, uma vez que há uma noção equivocada de que as coisas sérias são pesadas e as coisas superficiais, leves. O autor destaca que aprendemos mais quando nos divertimos e que “aqueles traços constitutivos da crônica são um veículo privilegiado para mostrar de modo persuasivo muita coisa que, divertindo, atrai, inspira e faz amadurecer a nossa visão das coisas”.¹¹

A partir da realidade vivida o cronista cria uma realidade enunciada: o ficcional passa a ter o factual como aliado. Mas qual é a realidade vivida? É preciso considerar que o cronista carrega consigo as marcas de seu tempo, que as circunstâncias em que se encontra o constituem enquanto sujeito e que sua visão de mundo se relaciona ao contexto no qual está inserido. As crônicas são constituídas, portanto, a partir do lugar que o “eu” que a produz ocupa socialmente. Esses aspectos aproximam cronistas e historiadores, Literatura e História.

Outro elemento importante a ser considerado é o ponto de vista do narrador. O cronista pode ocupar posições narrativas diferentes que lhe possibilitam construir sentidos distintos. “É no forte diálogo com a memória que os acontecimentos são ressignificados segundo a visão de mundo do cronista, que realiza uma filtragem subjetiva que se mescla à ficção por meio de recursos da linguagem”.¹²

⁸ CANDIDO, Antonio, CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, volume 1, 1980. 13 e 14.

⁹ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de. *O gênero crônica e a prática escolar*. Filologia e Linguística Portuguesa. v. 6, 2004, p. 3.

¹⁰ CANDIDO, Antonio, *Op. Cit.* p. 5.

¹¹ *Ibidem*, p. 19.

¹² MARTINS, Fabíola Fernandes. *Crônica: a releitura do cotidiano por meio da atualização literária*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. V.3 nº 5, 2011. p. 51.

Além disso, o cronista não tem nenhum domínio sobre aquilo que escreve. Os significados atribuídos à sua produção ocorrem a sua revelia, já que o leitor, ao interpretar o texto, desempenha o papel de produtor de sentido e esses podem ser os mais variados possíveis,¹³ visto que estes também estão inseridos em diferentes contextos. De acordo com Arroyo,

o significado de um texto somente se delinea, e se cria, a partir de um ato de interpretação, sempre provisória e temporariamente, com base na ideologia, nos poderes estéticos, éticos e morais, nas circunstâncias históricas e na psicologia que constituem a comunidade sociocultural [...] em que é lido.¹⁴

A princípio, as crônicas foram pensadas para ser publicadas nos jornais. Seu caráter efêmero também estava corporificado no material no qual era registrado:

Por se abrigar neste veículo transitório, o seu intuito não é o dos escritores que pensam em “ficar”, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade; e a sua perspectiva não é a dos que escrevem do alto da montanha, mas do simples rés-do-chão”. Por isso mesmo consegue quase sem querer transformar a literatura em algo íntimo com relação à vida de cada um, e quando passa do jornal ao livro, nós verificamos meios espantados que a sua durabilidade pode ser maior do que ela própria pensava.¹⁵

As crônicas começaram a ser publicadas no Brasil desde o aparecimento dos primeiros jornais, a princípio no formato de folhetim, como artigo de rodapé, abordando questões políticas, sociais, artísticas e literárias. Aos poucos foi mudando seu formato, encurtando, ganhando ares mais leves, de coisa com pouca importância, depois adquirindo o tom coloquial e encolheu mais uma vez chegando ao formato de hoje. Ao longo desse tempo, também foi mudando de foco, de informar e comentar, para distrair e divertir. A mudança na linguagem, da lógica argumentativa ou da crítica política para um tom mais descompromissado foi fundamental para que se tornasse mais acessível. Hoje, além dos fatos cotidianos, a crônica evoca a poesia e um toque humorístico, o que representa o seu amadurecimento enquanto gênero.¹⁶

A maneira como se aclimatou ao país e o formato original que passou a ter faz com que a crônica possa ser considerada um produto *sui generis* nacional, uma vez que

esse gênero tem uma história ininterrupta no Brasil desde ao menos a década de 1830 até agora. E um gênero que sumiu em outras culturas. (...) Trata-se de um gênero interessante para o historiador, porque ele permite essa pesquisa de interlocução em torno dos assuntos de uma maneira extraordinária. Ao mesmo

¹³ ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de. *O gênero crônica e a prática escolar*. Filologia e Linguística Portuguesa. v. 6, 2004, p. 55.

¹⁴ ARROYO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 55.

¹⁵ CANDIDO, Antonio, CANDIDO, Antonio. *A vida ao rés-do-chão*. In: Para Gostar de Ler. São Paulo: Ática, volume 1, 1980, p. 14 a 15.

¹⁶ *Ibidem*. p. 15.

tempo, há uma série de questões sobre o fazer literário desses textos, que normalmente os próprios críticos literários não tematizam porque os subestimam.¹⁷

Tavares, Francilene de Souza. *Imprensa Negra e Ensino de História: o debate sobre a questão racial em São Paulo na Primeira República*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2009. p. 74 a 77.

Logo depois o professor fará a leitura da crônica publicada na edição de 12 de outubro de 1919 no jornal *A Liberdade - Órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso* evidenciando que o texto faz parte de um jornal da imprensa negra, nesse sentido os aspectos apontados estão relacionados a um grupo específico da sociedade. Faz-se necessário levar os alunos a compreenderem que o autor se refere aos espaços de sociabilidade negra existentes em São Paulo no início do século XX, e que esses eram extremamente importantes para a constituição da identidade desses indivíduos.

A Liberdade - edição de 12 de outubro de 1919.

Vagando

Bons dias caros leitores e leitoras amigas.

“Quem mora em casa de palha não põe fogo a do vizinho”.

O ditado é aplicável, porém, não sei como me arranjaréi com as leitoras inimigas; sim, porque o caso é um pouco intrincado e eu não aprecio as complicações, sem um pronto remédio.

Tenho acompanhado o movimento associativo de algumas sociedades e em todas elas tenho observado uma parcela de sindicância; mas vendo a franqueza de seus diretores, tenho compreendido a boa vontade com a qual cada um luta pelo seu ideal hoje, porém, deixo de noticiar minha estréia em uma sociedade do centro, o que farei no próximo número, para responder algumas objeções que assisti de um cantinho, nessas reuniões de moças.

Não se assustem, porque ainda não tenho necessidade em declinar nomes, fica para mais tarde se houver oportunidades; apenas quero que as leitoras e leitores se convençam de um princípio sem fim. Matuto, todo medroso, foi assistir uma festa, o recinto estava tal qual um jardim, os aromas das flores e das águas de cheiro, inebriava o ambiente, pobre Matuto! Nesse dia até meu cigarro estava atrás da orelha, ouvi os risinhos chocareiros, mas que me

¹⁷ CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina Maria Rodrigues. *História, literatura e legados historiográficos: entrevista com Sidney Chalhoub*. Saeculum - Revista de História (20); João Pessoa, jan./jun. 2009, p. 200-201. p. 197.

importavam? De princípio pensei que as meninas estavam simpatizando comigo, oh! puro engano, era o meu enorme cigarro atrás da orelha o motivo dos risinhos juvenis.

A um lado estava um grupo de moças e moços discutindo sobre salões; ora, na verdade em São Paulo existem muitos e todos eles são umas maravilhas, porque sempre dancei o batuque no terreiro frente uma fogueira e não quero falar mal dos salões desta cidade, porém, dizer que este ou aquele salão não presta, é uma ofensa aos proprietários como às sociedades, pois em quase todos eles, que contêm as paredes, quantos maxixes passaram por ali, se fosse por isso, estou de acordo que todos são defeituosos, porém é preciso notar que os defeituosos somos nós, - a humanidade, que não preza as personagens que a compõe, enfim, a coletividade social.

Por estas e outras razões, caras leitoras reparadoras, aconselho-as que não deveis condenar os inocentes salões.

Numa outra rodinha muito impressionou, discussão de crítica de que na sociedade tal e tal, dançam mulheres suspeitas; os deveres sociais impõe respeito; realmente, teriam imensas razões, se não fossem os erros e enganos a que estamos sujeitos.

As pobres mulheres que às vezes são apontadas como suspeitas, na sua maioria procedem acima das que as apontam com desprezo. O Matuto conhece algumas e que nos salões procedem com o maior respeito causando admiração em outras que deveriam ser mais exemplares, sem talvez pensarem que, muitas vezes são umas EVAS sem pecados e que são encontradas altas horas nas ruas desertas, ou nas ruas arborizadas encostadas às árvores, embaladas nas asas de -Cupido-, chorando seus amores a seus pares e sem pensar que olhares indiscretos as observam nesse passa-tempo inocentes, como os anjos das ilusões, fagueiras.

Cuidado, minhas mocinhas, deixem desses preconceitos de honestidades; quando não gostamos, censuramos, porque estamos sujeitos ao pecado, não podemos censurar quando devemos ser censurados; e depois; qual a sociedade de homens e senhoras de cor em São Paulo, que só é frequentada por moças e mocinhas? Aposto que, atualmente, nenhuma, porém, forçoso é confessar que nelas impera o respeito que é o que mais vale para nós outros. E se algumas leitoras desejarem conhecer a verdade, peço a seus irmãos ou seus pais, para darem um passeio noturno e acompanhadas deles, que não são suspeitos, por essas ruas dos arrabaldes e digam depois se não há razão para defender os fracos - o abelhudo.

Matuto

A medida que a leitura é realizada o professor poderá fazer os seguintes comentários: Matuto inicia sua crônica com uma frase de efeito: “Quem mora em casa de palha não põe fogo a do vizinho”, onde sinalizava a necessidade das mulheres tomarem cuidado com aquilo que falavam uma das outras, tendo em vista que, por estarem vivenciando uma mesma realidade, também estavam sujeitas a situações semelhantes. O cronista afirmava ter presenciado a conversa de dois grupos distintos e, a partir desses diálogos, tece as seguintes considerações: havia salões muito bons em São Paulo, assim como as associações aos quais estavam relacionados e que eles não poderiam ser desqualificados pelo fato de seus frequentadores já terem dançando Maxixe por ali, uma vez que ele mesmo já teria sido adepto do “batuque no terreiro frente uma fogueira”. Dizer que estes estabelecimentos eram ruins seria uma atitude ofensiva ao seu proprietário. Para o autor, os salões eram inocentes e não deveriam ser condenados. Na sua visão, o problema eram as pessoas. Outro ponto de discussão é o comportamento das mulheres nos salões. Segundo ele aquelas tomadas como suspeitas poderiam ser mulheres respeitadas fora daquele espaço, enquanto que aquelas que apresentavam comportamentos mais exemplares poderiam ser encontradas às “altas horas nas ruas desertas ou nas ruas arborizadas embaladas pelas asas do Cupido, chorando seus amores a seus pares sem pensar que olhares indiscretos a observavam nesse passa-tempo inocente, como os anjos de ilusões”.¹⁸ Portanto, era importante que as mulheres não julgassem umas às outras, uma vez que em outras situações elas também poderiam ser julgadas.

A primeira informação que nos chama atenção nessa crônica é o fato dela ser direcionada a um público feminino, o que demonstra que, embora a produção desses periódicos fosse essencialmente masculina, havia mulheres entre o público leitor. Outro aspecto importante a ser destacado é a ideia da reputação dessas mulheres. A suposta lascividade e permissividade sexual das mulheres escravizadas provocavam a estigmatização e a erotização dos corpos das negras livres. Fazia-se necessário coibir esses tipos de pensamentos, e isso só seria possível se estas fossem recatadas e do lar. Embora a crônica estivesse se referindo as mulheres negras é importante frisar que a preocupação com a moralidade feminina também estava posta para as mulheres brancas, pautada também na perspectiva da moralidade, embora o racismo, como marcador social da diferença não pesasse sobre essas.

¹⁸ *A liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso*. Edição de 12 de outubro de 1919, p. 1.

Tavares, Francilene de Souza. *Imprensa Negra e Ensino de História: o debate sobre a questão racial em São Paulo na Primeira República*. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2009. p. 77 a 78.

Posteriormente, o professor deverá organizar os alunos em grupos. Em seguida distribuirá aos educandos crônicas publicadas nos jornais: *A Liberdade - Órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso* e *O Clarim da Alvorada - Orgam Literário, Científico e Político*, respectivamente entre 14 de julho de 1919 até 31 de outubro de 1920 e 6 de janeiro de 1924 até 7 de dezembro de 1924. Aos alunos será solicitado que leiam esses textos e que observem como ocorre a articulação destes com o restante do periódico. As considerações levantadas pelos alunos devem ser apresentadas ao restante da sala através de modo que todos os alunos tenham acesso a todos os textos analisados.

A Liberdade - edição de 1 de fevereiro de 1920

Vagando

Domingo, 18 do passado mês, para matuto, acostumado a fazer suas visitas às sociedades, não foi das melhores.

Sim, não foi das melhores, porque Matuto entendeu que não dar um passeio nos arrabaldes, lembrar o tempo em que, com sua espingarda pica-pau, chumbo fino, seu polvarinho bom e o saco a tiracolo, entrava no mato a caçar as juritis e rolinhas, não estava bom, quis abandonar um pouco a cidade. Mas qual o que, não sei se o dia escolhido não era bom, segundo as superstições, era ímpar: o certo é que resolvi viajar: porém, que viagem!

Fui ao Guapira, vejam lá, tomei o bonde para ir à estação, tive que pagar duas passagens em vez de uma: tomei o trem, cheios em vagões, a muito custo, entrei em um carro de primeira, tive que pagar a diferença de carro, sem ser culpado; além disso, as fagulhas que vinham da maquina, fizeram em minha roupa, alguns furos, o que deveras não agradou, enfim cheguei ao Guapira; não gosto de futebol, mas os demônios dos Heróis das Chamas, me chamaram para o campo do Jogo, estava apreciando, quando passou um guapiarense e olhou bem para mim, Matuto, sempre receoso e preventivo, ficou logo intrigado, olhei para o homem. Ah! Deus do céu, diz ele:

-Oh! moço, 10 contra 5, a favor do jogo do Guapira! Ora, eu que conheço os Heróis, que o ano passado foram uns destemidos, disse comigo: está ao papo o cobre e aceitei; porém a coisa não estava boa, procurei o homem e quis desmanchar o negócio, diz ele: - qual negócio nem nada, se mecê quiser mais 20 por 5, ainda está em tempo!

E na verdade, pela primeira vez que joguei o bolo sem bota, tomei fazenda, porque os Heróis a tomam, não foram heróis e eu fiquei no desembolso: porém, um gosto eu tenho, o Alípio de Mello, também não gostou da brincadeira; na volta ele vinha conversando com umas senhoras, mas não estava muito contente, o Alípio espera desferrar no campo do Glicério, mas Matuto enquanto tiver lembrança disso, não aposta dinheiro. Matuto também não veio contente, chegando à cidade em vez de dormir, foi ao Paulistano, os diabos daqueles diretores são uns verdadeiros demônios; nesse dia entenderem de prolongar o ensaio (e foi bom, porque vi o Frederico assinar na lista a favor do diretor ferido dez mil réis pelo Centro Smart e cinco pela “A Liberdade”), porém, quando terminou o ensaio, já não havia bondes e Matuto, sem dinheiro, teve que fazer caminhada na sola, não quero chorar mineira, mas me parece que o único bem que desfrutei, foi tão somente o ensaio, porque o restante ocorreu atravessado, e se Matuto não encontrasse no Paulistano o Gastão, Frederico, Joaquim, e o Arthur de Oliveira, não sei como passaria meia noite, porque enfim os ditos personagens lhes oferecem uma cervejinha, que a falar a verdade é só cevada- de álcool - não faz mal Esquecia-me que tinha outras satisfações, a de ver o socorro prestado a que me referi, e outro em ouvir o Frederico fazer um soberbo elogio ao Grêmio Rio Branco, os meus parabéns, por ter obtido um voto espontâneo daquele julgador. Porém, quem não aposta mais dinheiro em jogo é o vosso amigo.

Matuto

A Liberdade - edição de 23 de novembro de 1919

Vagando

“Quem pergunta quer saber”.

Alguém me perguntou, porque as sociedades, adotaram a dançar o Ragtime?

Essa mesma pergunta poderia fazer os diretores de todas na sociedade, certo, porém, que a resposta seria:- adotamos porque é a dança da moda. Mas objetaremos - Sim, porém não comesses requebros exagerados ao ponto às vezes ou quase sempre, se ouvir o baque dos joelhos no pobre assoalho, que nada tem que ver com isso, além das pisadelas, ainda pancada. Respondendo ao meu interlocutor, direi que tal dança que admitindo o seu uso, condenamos o exagero, e a não ser assim enxergado, dizem muitos, perde o efeito. Na verdade, tem razão quem me fez a pergunta, mas que fizeti-o?

“É a dança da moda” e aqui está a razão para ser admitida. Agora, se as diretorias interviessem, fazendo com que fosse obedecida uma só regra (com toda a certeza, a inventou

o autor) decididamente ele- o Ragtime- não seria de desprezar; porém, vemos o exagero em todas as sociedades e temos que ficar calados, portanto também é da moda calar-se a gente, quando se está em minoria ou em casa alheia, e assim, é que sociedades com foros de civilizadas, admitem o Ragtime, por mero capricho, às vezes de um ou dois diretores que invocam os Estatutos e Regulamentos na parte conveniente ao ato a praticar-se.

Segundo me parece, para consolo dos tristes, uma sociedade tem que abolir o Ragtime-- esse é o “Pendão Brasileiro”-- a ser verdade, creio que terá um voto de louvor do meu amigo interlocutor, certo de que ele também deve lembrar que, há muitos anos no Grêmio Kosmos o nosso amigo Virgílio Eloy dos Santos, quando dançava o tal de picadinho que então se dizia de puladinho era muito censurado por isso: e os tempos passaram e o puladinho está na moda, como coisa muito nova, e muito em breve, quem sabe, teremos a moda, como se vê em um desenho estampado no “O Pimpão” n.21 de 6 de novembro corretamente.

O que precisamos era uns diretores da tempera de Joaquim Rosa, José Domingues, Pedro Nobre, Benedito Prestes, Irineu Benedito da Silva, Alfredo de Castro, Frederico de Souza, Marcos dos Santos, Lydio dos Anjos, estes dois de gloriosas memórias e alguns maus, para que certos modernismos de hoje obedecessem a regra geral e não a vontade de cada um assim como igualmente a do embaraçado.

Matuto

A Liberdade edição de 4 de abril de 1920

Vagando

“Um pouco de cada coisa”.

No dia 7 fui ao Kosmos, e divertir-me a vontade, pessoal alegre e folgazão, a D. Olivia Esteves, com seu sorriso agradável, olhar terno e sempre possuída da sua genial amabilidade, D. Hermantina Conceição, não menos brincalhona e divertida, não deixando de parte a D. Laura Moraes, perfazendo uma trindade, dava um aspecto agradável nas poucas horas que lá estivemos, em companhia do nosso amigo Frederico; e a propósito, soube que o senhor Benedito de Mattos, está cedendo os meus direitos a um terceiro: não quero que o senhor Mattos se zangue, porém protesto se é verdade e concordo se é desconfiança, bem deve conhecer que não devemos trabalhar para os outros, mesmo assim fiquei satisfeito e agradecido por saber que Mattos é um dos apologistas. O presidente atual do Pendão Brasileiro, não desmente nunca a sua levada educação e delicado em extremo; muito bem,

demonstra que se dá ao cuidado de conhecer as regras da moral, e porque notei isto? já conhecia-o, e mais satisfeito fiquei, porque sendo preciso em um ensaio, fazer uma observação a um casal de pombinhos, que andavam disfarçando as mágoas, o fez com tanta amabilidade, que passaria despercebido se lá não estivesse o Matuto, que aproveita agora o ensejo para dar-lhe os merecidos elogios: mas, por dever de justiça, com verdadeira sinceridade, cabe uma parte ao Argentino e Manoel Oliveira, pelo modo distinto porque costumam receber os que visitam o Pendão, porém, forçoso se torna chamar a atenção da Diretoria especialmente no dia 21, em que um grupo, estava usando de palavras um tanto fora do comum, mormente no botequim, sem poder deixar de parte um diretor, a quem pedimos desculpas, não citar o seu nome.

Apesar de estarmos na quaresma, nem por isso tem cheirado a peixe frio e bacalhau, pois os divertimentos continuam, na qualidade do jejum obrigatório. O Pendão, dando posse à nova diretoria prolongou o seu ensaio, recebendo as comissões do Kosmos, 13 de Maio e deste jornal, com a maior cordialidade. No dia 10, o Centro Smart, também empossou a nova diretoria, não foi solene apesar de ser o dia do aniversário deste Centro, porque não houve festa? Não sei dizer, porém me parece questão de economia. Em todo o caso, enviamos os nossos parabéns, esperando sempre a boa vontade para demonstrar que os homens de cor, procuram muitos deles, honrar os nomes de muitos patrícios de cor, para honra da classe e glória da Pátria.

Reviveu o Elite! glória ao Alfredinho! está satisfeita a sua paixão! Aí temos um novo Elite, com nova organização, Matuto foi a estréia, porém aguarda oportunidade para manifestar algumas coisas.

Lemos no “O Combate”, uma notícia de Campinas, dizendo que 3 brasileiros de cor preta, foram desfeiteados em um bar. Nada nos admirou quanto este fato que hoje, com todo patriotismo é reclamado, já ali se tem dado muitas vezes com os próprios nacionais; porém, só agora é que despertou os protestos, porque isso se passou com um estrangeiro, coisa que a muito deveria estar em prática, não contra este, mas contra os poucos que entendem que o preto não é o brasileiro e que a lei faz diferença de cor, esquecendo os bons serviços prestados pelos pretos, dando provas de que desconhecem a história da Pátria, onde livre dos preconceitos, deixou em suas páginas a glorificação dos homens de cor, salvo se querem desmentir a história, o que também não iam estranhar, principalmente agora que se trata de saber e desmentir quem matou o Lopes e se de fato o Patriarca da Independência foi ou não José Bonifácio.

Rematando nossa crônica salada, temos o desprazer em registrar o fato do salão da Rua Glicério, 164, porém, sem comentários; aí está uma vergonha para nós outros, e assim se inutiliza muitas coisas sem precisar muito rumor, e também assim continua na expectativa o velho amigo observador.

Matuto

A Liberdade - edição de 7 de março de 1920

Vagando

“A maior cegueira é a da ignorância”.

Discurso pronunciado, em um salão a rua Glicério. Foi pedida a sua publicação, visto a sua importância jurídica, tratando-se da defesa de um estrangeiro, por um nacional de cor preta, Matuto cedeu a sua coluna efetiva. Versando o discurso sobre matéria de Direito Internacional... Privado; e o seu teor é o seguinte: -Meus senhores, gentilíssimas senhoras, seletos auditórios (o orador é muito delicado). De baixo da impressão que me encontro, com um abatimento que embalde procuro vencer a languidez, e que forçoso é confessar o desalento que possuo para levantar minha voz, considerando-me em uma prostração inqualificável que me aborrece, pelo ódio que venho detestando, sendo eu um entre inteligente e poderoso orador que por vezes (quase sempre), a mim mesmo me elevo: abominando as coisas a que não sou chamado para fazer parte, tenho um consolo de que ainda podemos abolir, não as idéias que professo, mas sim as que os outros me fazem sentir (não apoiado), não peço abstinência porque, no meu íntimo tenho apego dessa abundante afeição mais intensa que o oceano; bem sei que encaro uma afronta, pela qual só posso agravar o delírio que me deixou as razões de proceder como procedo. Meus senhores, ainda não disse qual a razão dos meus palavrões, porém, em poucas palavras compreenderéis: trata-se do jornalzinho “A Liberdade”, desse jornaleco que desde 14 de Julho do ano passado, tem aparecido e que seus redatores, homens empregados são pessoas indignas porque têm entrada em lugares que eu não posso aparecer: cavadores porque, não contando o jornal com cem assinantes, ele tem sabido, sendo pago cada tiragem 40\$000 e difamadores porque ainda não me honraram nas críticas e do que escreveram estão prontos para apresentar provas. Esse jornal, vejam bem, meus senhores, nem ao menos sabe apreciar minha capacidade, pedindo um artigo, e não é para um homem de talento e espírito cultivado publicar a sua indignação?

Se venho divulgar estas coisas é porque eles (os da Liberdade), não me procuram, não quero ser considerado desertor como prolixo, mas senhores, porque tantos aranzéis quando a

única coisa que ambiciono e espero é que todos me aclamem mais alto que “A Liberdade”, superior aos seus redatores, em uma só palavra, a todo o universo de São Paulo, como se fora uma majestade: tenho o discernimento firme, porque vejo o que, perante os que “A Liberdade” tem criticado, pessoas de maiores responsabilidades que a rainha, são justamente os que mais apreciam e isto me faz mal aos nervos. Não penseis que estou dizendo disparates, nem detendo os nossos nacionais, mas é uma coisa justa, não defendendo injustiça, não, eles os da “A Liberdade” sim; pois já não podemos andar livremente, por causa desses difamadores, que não andam cavando ensaios a título de redatores, como eu faço a título de exímio orador.

Eis, senhores, porque ocupei as vossas atenções, para defender a causa justa deste homem que está a meu lado, e que trata somente do seu interesse. Tenho dito”. (O orador foi aclamado, abraçado e beijado) _ Eis aí uma coisa interessante que custou ao homem do salão uma dúzias de cerveja e nada mais.

Pudera! Uma defesa gratuita, só assim. Enfim, quem precisa mostrar a inteligência, precisa também molhar a garganta. Ainda mais, disto se tira bom proveito. Porém, quem não vai na onda é o cá o.

Matuto

A Liberdade - edição de 9 de Maio de 1920

Vagando

“Quando a miséria bate á porta a vergonha sai pela janela”. Dizem e é verdade que os proprietários de casas de aluguel tem especulado com as propriedades as misérias da classe desprotegida da fortuna; e a coisa não é só isso: aumentam o aluguel de 40\$ para 100\$, e assim sucessivamente, como sou testemunha de um ato deste, ouvindo o próprio prejudicado; há ainda outro, quase em igual circunstância, porém, este não foi tolo, levou logo o caso ao conhecimento da Recebedoria de Rendas para o pagamento do imposto devido ao aumento, além disso, o inquilino faz o seu pagamento em dia, e, para extorquir mais um pouco, marcaram um prazo de 30 dias, o que é da lei, esquecendo que este prazo com a ameaça da elevação de preço, deve ser notificado por autoridade competente; demais a mais, proprietários há, como o da Villa Conde de Sarzedas, que diz ou quer banir dali o elemento de cor. Ora, alguns anos atrás, davam graças em alugar seus prédios (porões) para as cozinheiras, porque não paravam em casa e havia muitas casas para alugar, hoje esquecem que esse elemento muito ajudou a pagar as dívidas contraídas para a edificação,

porque o elemento mais elevado na sociedade há bem pouco tempo não iria residir em vilas e porões; hoje, porém, que as coisas estão bicudas, não é descrédito, porque muita gente boa sujeita-se a isso, pela necessidade e imposição dos gananciosos proprietários, que não se condoem da miséria dos outros, contanto o seu elevado aluguel seja pago, às vezes por aí afora aparecem duas ou mais pessoas para fazerem penhora ou despejos muito sumaríssimos, somente intitulado-se autoridades, sem um mandado ou coisa equivalente e nunca encontram um resolvido para esbarrar essa ousadia, pois que, procurem um ignorante no caso. Outras vezes estes atos são praticados quando nas casas são só encontradas mulheres, esquecendo ou não sabendo tais sujeitos que intitularam-se autoridade, é um crime previsto pela lei. Quando aparece um deste tais deveriam exigir a prova de competência e não sendo satisfeitos, usar dos direitos, conforme o ato e a ocasião, só assim poderia ser posto um corretivo a tais abusos. A “Folha Ilustrada” sob a direção do jornalista A. Lucio Penido, em sem n. 475, de 24 do mês passado, referindo-se ao proceder do proprietário da Vila Sarzedas, faz um bellissimo comentário, que não reproduzimos por falta de espaço, porém, destas colunas, ao exímio jornalista, envia sua sincera admiração.

Matuto

A Liberdade - edição de 9 de novembro de 1919

Vagando

O costume faz lei, isto ouvi isto ouvi dizer desde que nasci, se os caros leitores me permitem a expressão. A razão disto, é que vou me acostumando com os bailes, e sempre por um subterfúgio qualquer, estou invadindo as sociedades, quando senão quando, estou solando nas pernas como dizem os entendidos.

E se os amigos leitores não acreditam ouçam lá: - Num domingo passava pela rua da Quitanda, logo depois das nove horas, e ouvi um som musical; escutei longo tempo e conheci que era o “Lico”, pois acostumado com os solos do mesmo, desde o Elite da Liberdade, que deixou saudades, engenhei um plano para subir as escadas e assim fiz, encontrei uns homens sentados, papel, pena, lápis, tinta etc.... cá comigo disse logo: - são os homens da diretoria, dito e feito. Recebeu-me um homem gordo, e, (digamos a verdade), um tanto simpático a quem ouvir chamar Arthur.

Ora! “macaco velho não põe a mão em combuca”, então, dei a entender que desejava falar com “Lico”, mas qual não foi preciso, o Matuto deu sorte!O “Lico” estava solando a “Dirce”, porém o Arthur, logo que declarei querer olhar um pouco, (plano muito velho e em

que todos caem); me mandou entrar. Ah! meus amigos, eu estava no “Paulistano”. Olhei, escutei, observei e fiquei satisfeito, e sabem porque ? pois estava pensando no caso do “Smart” e “Kosmos”. quando me apareceu o Frederico e o Gastão, nesse momento solene, criei alma nova, estava apadrinhado, me apresentaram novamente e então... a coisa mudou, de assistente passei a fazer parte ativa. O demônio do Arthur, sentado de um lado vê tudo que se passa, além disso, os seus companheiros de diretoria são espertos na fiscalização e isto com vista ao Alcebiades que não dorme, que não descansa de olhar e fiscalizar. O “Paulistano” com os seus bons diretores pode aspirar um nome elevado na sociedade, pois, devido ao grande número de pessoas que lhe frequentam os ensaios, mantém sempre a boa ordem. Notem, porém, que os homens inverteram os papéis; pois, dizem que as mulheres falam muito, nesse dia os homens é que estavam uns “baitacas”. Vi, ouvi, e não falei, de um representante, que estava jogando a capoeragem; não é bonito, mas enfim não me compete observações, se eu pudesse fazer um...porque em casa estranha é bom ter cuidado.

Nem sei que tanto possa dizer do “Paulistano”, a diretoria, cada diretor em seu posto, especialmente o leiloeiro, quando dizia-- maestro, uma valsa de tantos réis-- porém, não sei se pediu licença ao Joaquim Domingos, pois esse fraseado em prática me parece que pertence a ele, enfim, pode bem não ser propriedade do dito cujo acima mencionado. Estou ficando perdido pelos ensaios dançantes; a culpa, porém não é minha, mas sim das diretorias que me acolhem, sem mais aquela, com tanta delicadeza, que me obriga a voltar nos demais ensaios.

Finalmente o ensaio terminou em boa ordem, deixando uma saudadezinha ao agradecido.

Matuto

A Liberdade - edição de 12 de Setembro de 1920

Vagando

A Justiça e a caridade são duas grandes virtudes.

Quando os leitores esperavam que viesse hoje tratar dos assuntos costumeiros, mormente, depois de um grande repouso, sou obrigado, felizmente, noticiar uma questão, que não sei se devo chamar política ou social, no entanto direi: “Política Social”. E o caso é que, em 3 de Maio do corrente ano, o digníssimo Presidente da República, em sua mensagem enviada á Câmara, com chave de ouro, terminava, pedindo transladação dos restos mortais do venerado Imperador D. Pedro II e D. Thereza Christina, que em S. Vicente, Portugal, esperavam o dia da Justiça do povo brasileiro.

A Câmara, dando provas de sentimento pátrio, aprovou não só o pedido do digníssimo Presidente da República, como interpretou os sentimentos da Nação, aprovando a revogação da lei de banimento, decretada pelo Governo Provisório em 1889. A Câmara fez justiça, demonstrando que o banimento da reduzida Família Imperial, não mais tinha razão de ser uma vez que a República Brasileira já é mais um fato.

Remetido ao Senado, não se fez esperar, contanto tivesse havido algumas considerações quando em segunda discussão, sobre a revogação do decreto n.º 78 A de 21 de dezembro de 1889, referente ao banimento da Família Imperial, decreto este que não mais tinha razão de continuar, diante da Consolidação da República Brasileira, já não diremos um direito, mas sim um dever, portanto, segundo os entendidos já essa lei era contrária à Constituição e o Código Criminal: aquela decretando no artigo 72 § 20 ficar abolida tal pena, este dando como pena máxima 30 anos para horrendos crimes, como disse Jayme Pombo Brício, em um jornal do Pará, em carta aberta a D. Izabel, portanto diz ele: - Para os mais horrendos crimes, o Código Penal impõe, como castigo, o prazo máximo de 30 anos. A República Brasileira completa a 15 de Novembro do corrente ano os seus 31 anos. Que crime cometeu a Redentora, seu digno esposo, que nem se quer, por si e por seus adeptos, ofereceram a mínima resistência à implantação do novo regime entre nós? Felizmente o Congresso já agiu com acerto sobre a transladação dos restos mortais do Imperador e esposa e sobre o banimento da Família Imperial, satisfazendo, deste modo, os desejos do presidente da República, manifestados em sua mensagem de 3 de Maio, e as vistas da maioria do Povo Brasileiro. Com referência à mensagem, o Grêmio Kosmos desta Capital, enviou um ofício de congratulação ao Presidente da República, no qual solicitava a sua cooperação para a aprovação da revogação da lei do banimento. Aos rapazes dos “Kosmos”, moços educados na República, enviamos nossos parabéns, por interpretarem os sentimentos nobres da justiça. Felizmente, para o Povo Brasileiro, orgulhosos de justiceiros e caridosos, a lei foi aprovada.

Propositalmente, nos aparece a 3 do corrente, às 15 horas, foi assinado pelo digníssimo Presidente da República o decreto que declara revogado o de banimento, decretado em 89; e para essa assinatura que teve um caráter solene, foi adquirida, em subscrição pública, promovida pela redação do jornal “A Rua”, uma caneta de ouro, lembrando assim D. Izabel, também como uma caneta de ouro, sancionará a lei de 13 de Maio de 88, adquirida igualmente por subscrição.

O digníssimo Presidente da República, dando sanção a essa lei, fez a justiça esperada, repondo em terras Brasileiras, os filhos do Brasil, especialmente a Redentora que sempre trabalhou para levantar o nome da Pátria Brasileira, já com o feito de 20 de Setembro de 1871,

depois com a Lei Aura, de 13 de Maio de 1888, mesmo tendo quem lhe fizesse ver, que assinatura da Lei Aura, seria a queda do trono, essa mulher sublime e santa, no auge do entusiasmo, sem vacilar, deixou correr a pena, remindo uma raça oprimida, em seu prejuízo próprio. A 30 anos, José do Patrocínio saudava em vibrantes palavras a lei que abola a escravidão, hoje, o benemérito conde Affonso Celso, saúda o Presidente da República, pela restituição a Pátria, dos filhos exilados.

Sobre a revogação, sabemos que ainda o Grêmio “Kosmos” dirigiu a D. Izabel, um officio de contentamento e regozijo, pela justa decisão do Congresso Nacional. E louvarei, portanto os serviços por ela prestados foram relevantíssimos, e tanto que em 12 de Maio de 1893, apesar de estar banida, dando a D. Izabel o título de Protetora da Confraria. Quando a nós, mesquinhos rabiscadores, cheios de entusiasmo pelo gesto brilhantíssimo do Presidente da República, compartilhados pelo Congresso Nacional, enviamos as congratulações entusiásticas, que veio coroar um governo com galardão da Justiça.

Matuto

São Paulo, 14 de dezembro de 1919

Vagando

“ "Quem mente, não diz o que sente”.

Quantas coisas curiosas se observa por esse mundo além, sem necessidade de sair de São Paulo; e por que? muito simples a razão; percorreu as sociedades de homens de cor e nelas encontrarei, sócios, sócios ou convidados de diversas nacionalidades, especialmente italiana e portuguesa, e a cada um cumpre o solene dever de falar bem da sua pátria, ainda mesmo que sejam nascidos no Brasil, na rua Carneiro Leão, em Santos, ou no Rio de Janeiro; no entanto a curiosidade é tanta que não vemos um brasileiro nato, (isto é, de pais brasileiros) discutir a favor de sua pátria, ou mesmo do lugar de seu nascimento, e alguns há que, tendo nascido em Santo Amaro, dizem que são cariocas!

Não negam a cor, porque isso é impossível. O pobre Matuto, que se orgulha, às vezes, de certas coisinhas agradáveis que se passa nas mesmas sociedades, fica então cismando, quase resolvendo arrumar a bagagem e dançar no sertão... de São Paulo. Em compensação, porém, chegou a sua curiosidade ao ponto de distinguir algumas pessoas patriotas no “Kosmos”, tem Honório, Reginaldo, Nascimento, Benedicto, Olympio, menos Anésio, que é apologista do Japão - no Smart, Frederico, Gastão, Joaquim Domingues, Luiz Henrique, Pedro Chirico, que faz questão em provar que é bom brasileiro nascido em São

Paulo - menos o Juvenal Berandino, que é italiano - No Pendão, o Argentino, menos o Augusto Pereira, que é chinês - No 28 de Setembro, o Benedicto Ribas, menos o Lucio que é alemão- No Paulistano, o Arthur, Arcebides, Octavio, menos o Emygdio que é internacional - No Henrique Dias, o Henrique Dias, que pelo nome não pode deixar de ser patriota... e ... no jornal - A Liberdade - todos os representantes, menos o Alfredinho que é apologista da nação africana.

Quem não define, sem ouvir a opinião dos outros, por causa das nacionalidades, ficando nos bastidores, apreciando os espectadores, e o scismatico.

Matuto

A Liberdade- São Paulo, 31 de Outubro de 1920

Vagando

“Quem se veste de ruim pano, veste-se duas vezes por ano”.

No número passado tratamos dos “furões”, hoje prosseguimos, porém, em algumas considerações aos sócios e diretores que, muitas vezes não deixam de ser menos delicados para os seus pares, notando-se isto quanto ao lado dos homens como as senhoras.

Tomemos por exemplo as quadrilhas; os arrufos dos namorados são nessa ocasião movidos por uma indelicadeza extraordinária. Note-se que isto apreciei em sociedade, conforme a marca, muitas vezes encontrando-se o casal de desafetos, ficam parados um em frente ao outro, como se a marca da quadrilha não prosseguisse.

Ora a boa regra e educação, manda que em sociedade sejamos atenciosos, não devemos dar provas públicas dos nossos amuos, que devem ficar em casa. Um diretor do Centro Smart, foi suspenso no Paulistano, porque a diretoria deste denunciou-o ter incorrido nessa falta em um dos seus ensaios; no Grêmio Kosmos, temos notado a mesma coisa entre dois ex-namorados. As diretorias precisam olhar esses manejos, porque a sociedade não é lugar de desacatos particulares e nem se presta para tal. Nesta mesma sociedade, tivemos ocasião de observar uma convidada dançando valsa de sociais, som que ninguém defendesse os interesses das verdadeiras sociais. É necessário que o nosso povo se convença de que não estamos mais no regime da ignorância fabulosa; devemos mostrar que aqueles menos sabem, como quem a escreve, alguma coisa queremos saber.

Damas há, que frequentando sociedades por favor, como convidadas, não perdem o uso de sair falando mal, às vezes para uma própria diretora, porque seu fulano ou beltrano não tirou ela para esta ou aquela contradança, ainda encontramos outras que não tendo interesse

algum a caixa social, e nem dando valor, e respeito, sabendo existir uma diretoria, chegam a outras sociais ou convidadas, tirar satisfações em pleno salão, como se estivesse em uma rinha de briga de galos; seria fácil coibir esses abusos, pois que, maus elementos, sejam homens ou mulheres, devem ser excluídos do meio social.

Não fica sem a sua carapuça, os que fazem parte das diretorias, que não sabem se portar, nem tão pouco cumprir com seus deveres, especialmente quando representado sua sociedade em outras; tivemos há tempos o prazer de presenciar um diretor de uma sociedade, em um ensaio de sua aliada, ameaçar uma dama; é bonito isto?

Há pouco, uma sociedade de damas, suspendeu em seu salão, uma diretoria de outra, sem a menor cerimônia e sem dar satisfação á sua aliada; eis aí como se dirigem os destinos das sociedades nesta capital. O Centro Smart, diz no seu regulamento interno, que as observações a fazer, aos representantes das sociedades amigas é da competência do Presidente somente; isto é digno de ser imitado, por quanto estará livre de atritos sem justificativas, visto ser o Presidente responsável pelos seus atos. Podemos citar inúmeros casos observados em salões; não o fazemos para não dar mais nomes de sociedades, porém, se julgarmos necessário, o faremos crentes de que prestamos um bom serviço; nada perdemos em esperar.

Outros tanto verificamos nas danças; palavra que se sou ignorante como penso, não conheço escola de dança, mas o que vejo por aí, por estes inúmeros salões, não sei se possa dizer que é valsa, polca ou mazurca, a música é uma, as danças divergem, quando se dança um schottisch figurado, outros dançam, digamos desfigurados e vice-versa, não podendo ninguém se entender; há quem possa proibir isso, mas não quer ou não convém.

A maneira de dançar, ah! que tramóia! Nem é tango, maxixe, nem coisa que os valha; sempre cada um dança como melhor lhe apraz e o mestre sala nada pode dizer; aí dele ou do fiscal, ou alguém por eles, se chamam atenção!

Quando todas estão dançando, pensando em suas travessuras, não reparam que de um lado alguém observa os movimentos. Estamos certos de que as diretorias saberão porém um paradeiro esses abusos, sentindo profundo pesar pela denúncia.

Matuto

O Clarim - edição de 2 de março de 1924

DIVA!

“Inconsciente, perjuro- os segredos de amor não se confiam a ninguém; quanto menos se escrevem, para publicá-los e servirem de pasto aos olhos famintos da humanidade- isso, seria trair um tácito juramento que fizeste à pessoa a quem ferem as tuas revelações. - C.V”

Este foi o lacônico bilhete que recebi, por mão misteriosa, no momento em que uma multidão se acotovelavam na entrada do Teatro Municipal, por ocasião da “serata d’onore” de Hermete Zacconi, o grande trágico.

Se eu tivesse caído das nuvens, morto, teria novamente ressuscitado, teria sido menor a minha surpresa, ao terminar a leitura do misterioso bilhete.

Como explicar este lacônico bilhete? Quem seria a misteriosa missivista?

A quem poderiam ferir as revelações da minha primeira aventura... senão a Ela?...

Fazia, a um tempo só, todas estas perguntas, e reabriu pela centésima vez o mistério do bilhete...

-Não! Não é possível... Já são decorridos tantos anos, é impossível que seja ela a remetente maldizia a mim mesmo e ao destino ingrato que me perseguia, mas, ao levantar a cabeça, uma visão celestial se me deparou diante dos olhos. Seria sonho? Ou era pura realidade?

Há nos fluídos que emanam do corpo da pessoa amada, uma força sobrenatural, misteriosa, que nos subjuga e atrai, levando-nos por momentos as regiões místicas da ilusão e dos sonhos.

Numa frieza, a mim fronteira, estava ela a espreitar-me, sorridente, como que dissesse:

- Oh! criança louca, não sou eu a mesma Cesira, que em outros tempos adoravas, e que hoje recorda com tanta saudade? Será porque hoje conhece como outro nome?...

Esfreguei os olhos, para melhor certificar-me, levantando-me, fite ai demoradamente seus traços e como que magnetizados pelo seu olhar, me aproximei e entre duvidoso e retraído, disse:

-És tu Cesira? E, porque me deixas sofrer?...

-Cesira não existe, não vês que meu nome é outro?

Da tua Cesira guardo somente as suas feições e o coração!

Mas, vem, senta-se aqui, perto de mim... quero que me narres porque no dia em que íamos unir para sempre as nossas existências, por encanto me desapareceste?...

E ali, bem juntinho a ela, eu narrei minuciosamente qual foi a minha vida, desde o dia que por infelicidade nos separamos, enquanto ela ouvia com religioso silêncio, um tanto conformada com a minha narração, me perguntou porque nas temporadas dos anos anteriores não a procurei?

-A vida, Cesira é cheia de agruras, e há reveses que o corpo ressentido por muito tempo, assim também eu, vivi por muito tempo afastado do mundo, de todos, em um solitário rumo, onde vi todo meu sofrer. Bem creio, que se a fatalidade não nos houvesse separado, o meu destino teria sido curto, e hoje, junto a ti, feliz seria, invejado, e quem sabe como tu, posso contar?

-Glórias? Que glórias eu te posso contar?

-Como? Então não gozavas pelos teus sucessos? Quando o público frenético te aplaude, quais e quão felizes emoções tu provas?

Mero engano... Tu que assim pensas, achas que os aplausos do público trazem em meu íntimo as minhas mágoas, que há tão longos anos fazem meu corpo um túmulo de sofrimentos?!... Porque passo a vida rindo e alegre cantando minhas canções? Não vês que nós rimos quando deveríamos chorar... e choramos quando deveríamos rir?

-Será possível, Cesira, que tanto sofreste, desde que nos separamos?

-Oh! tanto, quanto tu não imaginas!

-Lembra-te ainda dos nossos encontros... Quando tu me chamavas, criança louca, e como tal me apertavas, beijando-me freqüentemente ...

-Se me recordo!... Foi na noite de Natal de 1899...

E desde então um sulco profundo tenho em meu coração... Assim dizendo, segurou-me as mãos, levando-as ao peito, enquanto duas lágrimas cristalinas assomaram aos meus olhos, e riscando-lhes a face, caíram sobre as mãos quentes como duas brasas!... Enquanto do seu coração sentiam-se as pulsações ofegantes.

-Cesira, tu sofres, e aumenta ainda mais o meu sofrer. Vamos... E, brandamente, pelo braço, arrastei-a fora do teatro.

Durante o curto trajeto, até o hotel onde ela se acha hospedada, procurei dar-lhe a calma necessária, prometendo vê-la todos os dias, e assim fazer reviver aquele amor sagrado que foi a primeira centelha que ateou em meu coração o fogo divino.

-Peço-te, porém, Carlos, que não me chames mais Cesira, para não lembrar-me do passado, nem mesmo C..., como todo mundo hoje me conhece, para esquecer-me do presente; me chamaras, para o futuro, por outro nome, a teu gosto, porque por ti vivi e só por ti eu quero viver.

-Pois bem, chamar-te-ei Diva; gostas? Ou então Deidade, Musa ou Astro, que brilhará para sempre nos tristes momentos da minha vida... Não me enganava pois, em dizer: "Quando o coração fala... não mente!"

Ao despedir-me, advertiu-me:

-Não deves, meu bom Carlos, maldizer o destino: pois, se ele tão cruel foi em separar-nos temporariamente, fazendo-nos sofrer, hoje, bondoso, nos dá a felicidade perdida, entregando-me novamente em teus braços, para toda a eternidade, pois este amor terá fim...

D'Artagnan

O Clarim - edição de 6 de abril de 1924

Reminiscências de uma ingratidão

Numa noite tépida de Janeiro, repassava eu uma página melancólica de um livro de minha predileção, que era o meu maior consolo nos momentos mais acerbos de minha vida, quando minha atenção foi despertada pelas badaladas sonoras de um relógio longínquo.

Era meia noite. Morpheu atrevidamente procurava cerrar-me as pálpebras.

Galguei o leito para aliviar-me do rude trabalho diário, mas não podia reconciliar o sono, porque, me perturbava a ideia a lembrança da negra ingratidão do ente a quem havia eleito para compartilhar das minhas dores e das minhas alegrias, neste mar de espinhos que é a vida.

Ao fim de duas horas adormeci, mas o sono era agitado pela mesma lembrança, porque em sonho entrevia os momentos mais felizes da minha vida, em que entre carícias ela me dizia amor loucamente, e eu, julgando que essas doces palavras eram ditadas pelo coração, sentia-me orgulhoso por me julgar tão querido.

Eu amei-a sinceramente, como pode amar um coração, que pela vez primeira foi inexoravelmente atingido pelas flechas cruéis de Cupido.

As horas mais felizes de minha vida eram aquelas que eu passava ao seu lado, sem me cansar de contemplá-la e de falar-lhe do meu amor.

Mas aí! Triste desilusão a minha! breve ela me desprezou deixando meu pobre coração sangrando pelo resto de minha vida, os dias tediosos, e as noites desoladoras e intermináveis.

Tu me desprezas, causo-te asco, bem sei; mas quando algum dia amargura cobrir com seu manto negro teu coração, saberás avaliar o quanto te queria; quando a consciência te acusar perante Deus, pelo mal que me causaste, então, talvez chorarás de arrependimento.

Desprezas-me? Eu sei; mas não julgues que o teu desprezo me defina ou me enlouqueça, porque também te saberei desprezar.

O motivo do qual me desprezas, não sei. Talvez por ser pobre...

Mas, quando vires uma pessoa ricamente trajada, ostentando luxo, frequentando a alta sociedade, não te iludas, porque nem as pessoas nos poderá proporcionar felicidade.

Sim, vive na opulência é verdade, mas nós não lhe podemos ler na alma os sentimentos que a dominam. A felicidade é a maior riqueza que um coração possa herdar neste arrebol de ilusões.

Ser feliz; é o que te deseja essa vítima de tua beleza. Sim, digo vítima de tua beleza, porque, quando as mulheres se julgam belas, fazem do seu amor um escravo submisso de sua altivez e desdém, lançando-o no deserto tenebroso da vida.

Pelegrino

O Clarim - edição de 6 de abril de 1924

Páginas de minha vida

“A memória de minha noiva imortal M. C. S. F da inocência, vicejando em minha alma eternamente; que a tua alma franca e boa me guie através desta dolorosa existência”

Morpheu X

MARIA...

São passados três anos mais ou menos, que uma reunião familiar, tive a honra de conhecer a jovem possuidora deste lindo nome, que por si, todas belezas e maravilhas encerra.

Via pela primeira vez, espargindo a luz dos seus encantos entre suas amiguinhas.

Envolta em seu vestido de seda e gaze cor de rosa, cingindo-lhe a testa um pequeno diadema de flores artificiais, com uns pezinhos delicados de mestiça virgem e a sua leveza de plumas parecia emprestar mais garbo e vida naquele ambiente festivo.

Era um tipo de formosura rara, alta, morena de cabelos azeviche e encaracolados, flexível, esbelta, de um físico escultural, tal e qual essas densas fantásticas que se vêem na imaginação, febrilmente sonhadora, ou talhadas por mãos ágeis de artista de consagrada reputação.

Os seus olhos, negros e expressivos, pareciam querer fascinar, inebriar, cativar a todos alegres convivas.

Olhos voluptuosamente tentadores, ornamentados por cerradas sobancelhas, pareciam convidar as aventurada sonhadoras.

Duas pérolas cristalinas, margeavam de quando em vez, os seus lindos olhos, dando uma impressão de místico arrependimento.

Ora escravizado a todos de primeira vista, com seus lábios entreabertos, sempre prontos a sorrir; ora tristonha e sentimental, tal e qual nos olhos de monja, ante o fúnebre esquife de sua abadessa.

Era tudo no meu modo de pensar! A víbora venenosa que nos arrasta ao princípio da ruína, à calmaria, à hipocrisia, ao roubo, à morte etc.... ou a simbólica virgem capaz de com suas brandas palavras subjugar-nos ao caminho do bem, da regeneração, capaz de com seu balsamo de amor, entrar as chagas e lacerações abertas, nos corações amantes.

Era mulher traidora, volúvel, capaz de se render aos caprichos miseráveis dos bons homens se caráter polido, que punham em nossos meios sociais.

Ou a mulher ideal... a mulher modelo... a inigualável mãe... e ótima esposa capaz de suportar os mais horrendos dos suplícios no firme propósito de nunca profanar o tálamo fiel e sagrado de seu esposo.

Para melhor dizer, esta foi a soberana eleita que, me despertou do sono e iluminou a penumbra da minha vida, descortinando até meus olhos os sentimento por mim ignorados, a simpatia, a amizade e o amor que é o maior ideal da vida.

Ameia-a com todas as forças e pulsações de minha alma, na esperança de um dia possuí-la por toda eternidade.

Vã quimera sonhadora!... Recordações doídas, fatal desengano!...

Os meus caros leitores, primeiramente a muito digna colaboradora Melo Maria Lourdes Souza e todas que tiveram e têm como ideal na vida o AMOR, e reconhecem a dor de uma desilusão devem, carregar na vida o lema da RESIGNAÇÃO.

O amor é uma palavra sublime de se exprimir, de se escrever, de se ditar e será o tema de todos os tempos e de todas as eras.

Inspiração de nossas celebridades artísticas e princípio de muitas coisas mais. Amor, palavra bela com todos os requisitos de beleza, mas bem dolorido de se sentir vibrar e ultrapassar no íntimo de nosso ser.

A desilusão, a descrença e a hipocrisia, vermes existentes onde impera o amor, são conhecidos.

Todos que vivem neste planeta sofrem e muitos sofrem ainda esses golpes dolorosos, são desiludidos no amor por incompatibilidade de gênios, outros por consequências dos vermes albergados no amor.

Pois bem. Eu amei, jamais poderei esquecer deste amor. Tanto a queria e quanto mais julgava a vida sorrir, eis, que a morte negra e vil vem roubar os meus afetos os meus carinhos...

Oh Cristo! Vós que sois justiceiro, por que me traçastes tão rude destino?

Porque permitistes ser roubada a vida da minha futura companheira?

Morte! És cruelmente impiedosa, quando menos esperava, eis que vem com esse teu rosto cadavérico, sorriso sarcástico, num fechar de olhos, com o cume da tua afiada foice golpeaste a minha amada; porque não me golpeias também?

Entregaria-me sem o menor arrependimento. Já que não sou mais do que um faminto de amor, implorando amor de porta em porta, sem merecer a mínima consideração, sempre espezinhado pela sorte fatal, Cristo bendito! Dai-me coragem, forças, para suportar esta perda irreparável, alivia-me deste pranto de dor, e destes amargos sofrimentos.

Oh cristo! que erro falta ou insulto cometi para eu merecer este enorme castigo?

Oh insondável mistério que me rodeiam porque procedem de tal forma para com a humanidade, para comigo, que jamais ofendi pessoa alguma?

Amei a e fui amado; porém, hoje no relicário de minha existência, restam somente a dor, a descrença e a melancolia... até chegar a hora que meu corpo, cansado de tantos sofrimentos, tribulações e desenganos, possa na outra vida encontrar a minha querida e, unidos ao corpo dos anjos amados, que já se foram entoar hinos de glórias.

Francisco Souza Reys

O Clarim - edição de 6 de abril de 1924

Almas do outro mundo!

O perigo das superstições ...

Antigamente costumava-se guardar defuntos, fazendo-lhes rezas durante toda a noite e prolongando-as até o sétimo dias.

Prestava-se aos mortos esse sagrado dever, em todas as cidades e lugares.

Quando falecia um pobre qualquer, tais homenagens de gratidão lhe eram prestadas. Agora, com o progresso, que aos poucos se vai estendendo à todos os pontos da cidade e lugarejos, pouca gente se utiliza desse ato de caridade e reverência, para com os nossos

amigos e parentes, ou mesmo desconhecidos, que, deixando este mundo de misérias e ilusões, vão para outra vida, prestar contas ao Supremo!

Ainda hoje apesar do grau de adiantadamente, guardamos e cumprimos essa tradição.

Pois bem, dessas rezas antigas contam os entendido inúmeros fatos.

Certa vez; disseram no povoado de Samambaia que o Pedrinho, matador destemido e valente, falecera vítima de um incidente, qual fosse um tombo por terra, motivo porque ficou sem fala, perdendo por muitas horas os sentidos.

Julgaram-no o falecido.

Recolheram-no em casa de um seu amigo, onde fizeram todos os meios para ver se de fato falecera.

Chamaram um curandeiro: este asseverou que não existia o Pedrinho.

Deitaram-no, então, sobre uma mesa circundada de velas: cruzaram-lhe as mãos sobre o peito, juntas a um velho crucifixo. Muita gente, veio de suas casas para fazer pernoite. O dono da casa, amigo da vítima ordenou chamassem o rezador da vizinhança, que, somente a noite chegou.

Começaram as rezas próprias do momento. As horas foram-se passando, até que perto das onze, muitos já encostados em bancos, outros juntos às paredes, não mais podiam resistir o sono, apesar do bondoso rezador continuar a proferir suas rezas, firme no seu mandato.

O “orai por ele” ia se perdendo aos poucos.

De repente, D. Chica, uma senhora idosa ali presente, observando que o defunto mexera uma das pernas, despediu dos seus conhecidos e saiu, em companhia de um netinho.

Daí há pouco o pseudo defunto tentou levantar-se da mesa, provocando enorme espalhafato entre os circunstantes...

O rezador foi o primeiro a fugir! mulheres, crianças e velhos saíram correndo, muitos caíram, outros nem sequer podiam correr, saíam quase engatinhando...

O pobre Pedrinho, vendo-se naquele estado, também deitou a correr, e, passando pelas imediações de algumas casas, as portas e janelas se fechavam e muita gente se perguntava.

Cansado de correr, chegou aos portais do padre João, o velho cura estava em seu quarto lendo o breviário, quando foi chamado pelo sacristão. Foi ver o que acontecera. O pobre Pedrinho lhe contara então o sucedido. O padre lhe deu pousada por aquela noite, e, no outro dia toda a vila estava ainda assustada ...

Era domingo após a prática da missa paroquial, o bondoso cura explicou a seus ouvintes o que sucedera, dizendo-lhes que, fora um ataque muito forte que o Pedrinho tivera.

Mesmo assim, por vários dias, muitos duvidaram que o Pedrinho fosse vivente.

Ainda mais hoje, em nossos dias, contemplamos inúmeras pessoas crentes em superstições!

Qual o motivo desse pânico?

Foi porque naquele povoado não havia uma pessoa que raciocinar um pouco: que tivesse um certo preparo.

Hoje bem raros são esses casos de se supor que faleceu um pobre qualquer, pois, graças aos progressos da ciência médica, há meios de se atestar um óbito.

Devemos temer as más línguas dos nossos inimigos e dos assaltantes, porque, os que morrem de fato não mais voltam a este mundo para nos amedrontar.

Praxedes do Olympo

O Clarim - edição de 6 de janeiro de 1924

Um exemplo

Com o tempo tudo passa! Uns progredem outros retrogradam. Este que vês tão triste, passando uns feixes de lenha, foi noutros tempos um dos melhores homens deste povoado. Vestia-se a gosto, frequentava os melhores lugares, hoje como anda? Nunca deixou de se apresentar às reuniões íntimas e coletivas sem o seu imponente vulto do violeiro adestrado.

Em todos os festejos se preocupava em se fazer ouvir ao som da sua viola cantadeira. As morenas cá da terra admiravam-no. Assim viveu por muitos anos. Porém, apaixonou-se, certo dia, por uma graciosa jovem a linda Benvinda, esta a princípio lhe mostrou afetos, sangrou seu coração. Tornou-se escravo dela: amou-a de todo o coração!... Com o decorrer dos tempos, desprezou-o. De então para cá, nada mais lhe resta. Hoje vive nessa miséria em que vês. Quando a vê, sente o coração mais macerado de dor.

Portanto se amas, se tens o coração ferido, guarda contigo o que te faz sofrer, nunca digas porque sofre, nem o que sentes, porque poderás também ser ferido pela flecha atroz de uma paixão que te fará feliz ou infeliz para sempre.

Fazer com que se cicatrize essa ferida sem que declare o que sente.

Não te iludas amigo!...

O Clarim da Alvorada - edição de 7 de Dezembro de 1924

Drama de amor

Gastão e Maria eram noivos, ele era filho do Dr. César, ela do Cel. Enelydes; ambos fazendeiros. Quis o destino que, um dia desaparecessem e, assim o foi.

Seus pais, tiveram, certo dia uma questão de um terreno que haviam comprado e desde então tornaram-se inimigos figadais; em virtude disso, opuseram-se terminantemente ao casamento. Era triste, bem triste, ver Maria e Gastão que deviam separar-se, e amargamente choravam a sua desdita.

Coitados! Como não devia ser atroz aquela separação!?

Passado uns dias, Gastão com o coração oprimido de dor, partia para os Estados Unidos, indo estudar engenharia em Filadélfia...

Após uns meses da sua partida, Maria casava-se com João, sendo este primo dela e sobrinho do Cel. e era o administrador da fazenda.

Casou-se contra a vontade, foi mais para fazer o gosto dos pais, pois possuía uma paixão louca pelo Gastão e voltava-lhe um amor puro e santo, como o de mãe para com o seu primeiro fruto do amor.

Não amava seu marido; odiava o, era ele um homem dos seus trinta e cinco anos, feio, antipático e de alma denegrida. Ela não contava mais de dezoito primaveras; bela, bondosa e meiga... Viviam em constantes desarmonias.

Depois de seis anos, Gastão formava-se, voltava à fazenda de seus pais. No dia da sua chegada, houve uma recepção e ao deparar viu o Cel. com sua esposa, a filha e o sobrinho.

Estranhou aquela presença e todo perplexo, perguntava à sua mãe: esta dissera-lhe que já não havia mais aquela inimizade, não se odiavam mais e que, agora eram amigos como outrora, enquanto se passava isso, Maria com os pais e o administrador aproximavam-se, dando-lhes as boas vindas e, apresentava-lhe João dizendo:

Apresento-te meu marido.

Isto foi o mesmo que lhe crava um punhal no peito, caindo-lhe umas lágrimas dos olhos.

Nessa época, devia passar pela fazenda do Cel. Enelydes, uma via férrea e o engenheiro chefe era Gastão. O campo onde abarracavam os engenheiros, ficava nas imediações da casa do fazendeiro. Nas horas vagas ele ia visitar os pais de Maria, esta quando

o via, fitava-o com olhares ternos e melancólicos. Ele compreendeu que ainda o amava... Gastão no acampamento viu a seu lado a ex-noiva, toda abatida, pálida e triste.

-Amas-me ainda? pergunta ela-

Não posso viver sem ti, entrego-me de corpo e alma!

Atentamente a fitava e entre o amor e o dever, vacilava em responder.

-Não me interrogas, amo-te tanto, tanto, mas és uma mulher comprometida e eu não quero a sua desgraça e nem tão pouco a minha. Se João souber disso pode matar a ti e a mim.

Toda cabisbaixa Maria voltava para a casa, padecia imensamente, odiava seu marido, era preciso acabar com a vida dele, pois era o único obstáculo.

Matando-o- dizia ela- me casarei com Gastão.

E desde esse dia pairou sobre o seu pensamento a ideia sinistra. Havia passado uns dias do diálogo entre eles. A tarde ela e seu marido foram ver o viaduto da via férrea que estava sendo construído no alto de uns rochedos. Nisto Gastão também visitava os trabalhos que eram feito durante o dia; um dos trabalhadores lhe informava que naquele momento acabava de acontecer uma desgraça.

Morrera um homem que se despencara do alto dos rochedos.

Dirigiu-se ao local e, ao aproximar-se viu Maria, que soluçava e, em uma padiola, frio e ensanguentado o corpo de João...

Agora era viva, podia fazer o que lhe parecia; era uma mulher absoluta... E após um ano de viúva, casou-se pela segunda vez com aquele que tanto desejava. Certa manhã ele foi ao acampamento fazer o pagamento os operários que os seus superiores lhe haviam incumbido; e, ao regressar à casa, logo à entrada, encontrou sua esposa estendida no solo, com a boca escancarada, os olhos semi-fechados e os cabelos em desalinhos. Estava morta.

-Maria, Maria, o que foi? Digas-me!

Tu minha querida? Que mal fizeste no mundo? Seria por me amares tanto?

Oh Deus, porque fostes assim tão ingrato para comigo?¹

Murmurava ele numa torrente de soluços e beijos, e, viu sobre uma pequena mesa que se achava ali na sala, um corpo que continha ainda um resto de sal azedas e uma carta: abriu-a e leu o que segue:

“Meu Gastão, não culpas ninguém, eu mesmo me envenenei. João morreu por minha culpa, não foi desastre, não; mas sim, um crime, quando menos esperava dei-lhe um tremendo empurrão, fazendo-o cair no precipício.

Eu soube simular e fiz crer a todos que havia morrido casualmente. Entretanto fui eu a assassina dele: o remorso me avassalou a mente, o espectro que se apresentava adiante dos

meus olhos era horrível, fui obrigada a pôr termo à existência. Perdoas esta pobre desgraçada, que se tornou assassina pelo amor que te consagrava.

Adeus para sempre; tua Maria”.

Chorava copiosamente a morte da esposa.

-Assassina pelo amor que me consagrava.

Por entre soluços repetia essas palavras, louco de dor e com a alma toda dilacerada, desfechou-se um tiro no ouvido direito, morrendo instantaneamente.

Sabatino Daniel

O Clarim da Alvorada - edição de 7 de Dezembro de 1924

As cinco dádivas da fada (conto para o Natal)

Num belo dia uma fada chegou ao pé de um rapazinho que começava a entrar na vida; devendo-se entender por “vida” o defrontar com outro homem, nosso irmão numa luta de egoísmo, ambições e vaidades. E a fada lhe disse, descortinando delicadamente o seu manto de ouro:

-Eis aqui a minha oferta. São cinco belas dádivas; mas não podes de uma só vez apropriar-te de todas. Escolhe uma e deixa as outras; seja precavido, vê como colhes, só uma dessas coisas é preciosa.

Eram cinco as dádivas: Glória, Amor, Riqueza, Prazer e Morte.

O rapazinho não hesitou-- não tenho que matutar sobre o caso, disse sorrindo.

E presunçosamente deitou a mão ao Prazer. Logo deitou a correr pelo mundo em procura de gozos. Pouco a pouco foi percebendo que todo o gozo transitório e assassino de uma ilusão; que ao deleite bem depressa foge fazendo uma ilusão; que ao desejo sucede o aborrecimento e que o deleite bem depressa foge fazendo uma careta de repugnância. E o rapazinho pensou:

-quanto tempo perdido!... Se me fosse dado escolher outra vez, bem sei porque prenda me decidira...

Mal proferia estas palavras, a fada apareceu; e sorrindo de um modo enigmático, disse:

Aqui estão os quatro dons. Permito-te que escolhas um; mas escolhe depressa.

Lembra-te que o tempo voa e que só uma dessas dádivas é preciosa. O jovem refletiu um momento e escolheu o Amor, sem notar que dos olhos da fada caíram duas lágrimas. Passaram os anos.

Uma noite, o protegido da fada estava ajoelhado junto de um esquife numa casa onde só ele vivia. Entre soluços, proferiu estas palavras:

-Foram-se a um e um. Agora tocou-lhe a vez, a ela suportei todas as dores. Cada hora de felicidade que me vendem esses falaz mercador chamado Amor, paguei mil horas de amarguras. Ela leva no seu peito gelado o meu próprio coração.

Amor! maldito sejas tu!

-Escolhe uma terceira prenda, disse a fada carinhosa, curvando-se sobre o ombro do seu protegido. Tens agora a experiência de uma vida já avançada. Restam três prendas. Lembra-te que só uma delas é preciosa; escolhe. Hesitou o homem muito tempo. Por fim, escolheu a Glória. A fada desapareceu soltando profundo suspiro.

Passou o tempo e novamente a fada apareceu ao seu protegido. Encontrou o solitário, pensativo, envolto na penumbra de um ocaso de inverno. E a fada leu no pensamento do solitário.

O meu nome encheu o mundo e foi aclamado por todos os povos; mas o meu triunfo pouco durou. Logo me acometeram implacáveis, a inveja, a maledicência, a calúnia e o ódio. Depois foi o ridículo a cravar as suas garras, o ridículo que é o princípio do fim.

A última a aparecer foi a compaixão, que fez o funeral da minha fama... Oh! que amargo manjar, a Glória!... Escolhe... era a vez da fada.

-Restam apenas duas prendas, não te aflijas, ainda podes escolher a mais preciosa; ela está aqui...

-Quero a riqueza, que o poder, exclamou o homem. Sim, quero Riqueza!

Estive cego até agora, não a vi.

Agora a vida terá para mim alguma significação, quero viver, espalharei o ouro, dissiparei os meus bens, deslumbrarei o mundo... Os miseráveis que sorriam de mim e me desprezavam, passarão a adorar-me, do lodo em que se arrastam. Gozarei a sua humilhação. Terei todas as comodidades, possuirei todo o luxo, todos os prazeres, todos os gozos do espírito e todas as satisfações da carne. Comprarei sem regatear a diferença, o respeito, a estima, as honras; e em suma, todo o ouropel que a estúpida humanidade lança ao mercado social. Perdi o meu tempo até agora, sem dúvida porque me faltava a experiência. Mas agora... Três anos depois estremecia de frio e fome, num sórdido cubículo, emagrecido, pálido e olheirento, em farrapos- ele próprio um farrapo.

E murmurava:- malditos sejam mil vezes os donos da vida! Todos eles são armadilhas cruéis e douradas mentiras. Chamei-lhes dons? Disse mal; não são tais dádivas, são simplesmente empréstimos feitos com usura.

Prazer, Glória e Riqueza, em suma disfarces temporários destas quatro realidades eternas: Dor, Desengano, Opróbrio e Miséria. A fada disse a verdade, no cesto de ouro só havia uma dádiva preciosa, uma dádiva inapreciável... Venha a mim este íntimo presente cujo nome se segue o adormecido definitivo da dor que tortura o corpo e das aflições e vergonhas que roem o coração e o espírito.

Apareceu a fada com o seu cestinho de ouro, onde brilhavam apenas quatro dádivas porque faltava a Morte. E a fada explicou a razão dessa falta:

-Dei-a a um recém nascido, que era o maior amor de sua mãe. Como o pequenino não podia escolher, pediu-me que eu escolhesse por ele. O mesmo teria feito contigo se tivesses confiado minha sabedoria.

-E então o que me restas?... perguntou o homem.

-O que, na verdade, mereces: a grotesca injúria da velhice!

Dirce

O Clarim- edição de 3 de fevereiro de 1924

O orgulho

Roupa e nada mais tens.

Outrora quando éramos amigos, eras o mais humilde entre todos da rapaziadinha. Eras tu o meu melhor amigo e sempre o dizia.

Chorávamos juntos as nossas dores, e repartíamos as horas de alegres aventuras.

Assim os tempos se foram passando até que um dia o destino nos separou. Os anos passaram-se e eu não esqueci da nossa velha amizade, sinto meus olhos lacrimejarem quando evoco aqueles tempos passados.

Depois de tanto tempo, um dia, pela primeira vez te vi; vinhas em minha direção. Levei a mão ao peito para reprimir a alegria do meu coração. Triste desengano, passastes ao pé de mim com um ar de desprezo, depois disto, muitas vezes te vi, sempre com o mesmo orgulho.

Um dia soube que eras empregado de uma certa família, que muito te estimavam, e só por tão pouca coisa desprezavam teu velho amigo e amada.

Hoje te vejo passar reto e humilde como noutros tempos! Eis aqui a demonstração daquele ditado antigo - o mundo dá muitas voltas- Sempre são lições, mas uma amizade sincera nunca se acaba e é procurada e encontra-se nos momentos de amarguras de nossa vida.

O Clarim - edição de 3 de fevereiro de 1924

O meu primeiro amor

PRIMEIRO AMOR - Frase tão repetida mas tão combatida ... que é tempestade e é bonança é árvore e galho seco é flor e é que tem o perfume de magnólia e tristeza de eypressre; que rescende a incenso; que palpita na terra, no ar, nos céus, com auroras de vidas e de sobras de sangue com espantos de alegria e suspiros de saudades ...

Depois vem a ausência e a separação.

Sofrerei assim um longo martírio.

Perdido para sempre nunca mais terei meu primeiro amor.

Hoje sem outra lembrança mais doce, inclinou-me para o passado indago, perscruto, interrogo, vejo somente a sombra do deserto e a solidão...

Vivi sem amar ... Amei sem viver ...

Foi somente uma sombra ...

Oh! vós corações virgens que amais e sois amado, guardai vosso amor debaixo do maior segredo.

Peço a Deus que não tenham a mesma sorte que eu pobre coração ferido que perdi meu primeiro amor e hoje tenho a separação a ausência e a saudade.

De hoje em diante meu coração está fechado a tudo quanto dor amor, somente reinará nele a dor e a saudade. Triste fim de meu primeiro Amor!...

M. Londres Souza

O Clarim - edição de 3 de fevereiro de 1924

Quando o coração fala ...

Foi em 1899,- tinha apenas dezesseis anos, quando convidado por alguns amigos, fomos assistir um espetáculo no antigo Polythema, onde uma companhia italiana representava a linda opereta “Fatinizza”.

A protagonista dessa opereta era a bela, garbosa e minúscula Cesira.

Extasiava-me às vezes, quando de passagem pelo teatro, em contemplar a sua fotografia que se achava exposta num grande quadro logo na entrada, mas a minha

curiosidade era maior, e queria vê-la em pessoa, de porte e ouvir a sua voz maravilhosa e encantadora.

Entramos. Após alguns minutos de febril expectativa, deu-se início ao espetáculo, e qual não foi à sensação que provei ao ver que os meus olhares eram insistentemente dirigidos para o meu lado, como se me procurassem.

Pensei de enlouquecer.

Por conselho de um meu amigo, decidi enviar-lhes um lindo ramalhete de flores, acompanhado breve missiva. O que escrevi não sei ...

Por única resposta tive o convite de procurá-la no camarim do teatro, assim fiz.

No intervalo, lá estava como uma criança, meu coração batia fortemente e as mãos trêmulas, inconscientemente bateram na porta.

Uma voz sonora, que mais parecia com o toque de uma campainha, convidando-me a entrar, e automaticamente entrei.

A encantadora Cesira, debruçada sobre um divã, descansava, desfolhando entre suas mão pequeninas, uma a uma a pétalas de rosa branca.

Não se mexeu, nem sequer mudou de posição, convidou-me a sentar perto dela e com voz maviosa, continuando a desfolhar a rosa, disse-me:

-Não me enganava ao receber as lindas flores que me enviastes, o meu olhar refletiu em ti o meu pensamento. Há dias que venho notando em teu olhar de criança o fogo que se vai apoderando de tua alma, passei muitas vezes perto de ti, cheguei a resvalar-te, mas estavas tão enlevado fitando o meu retrato, que não percebestes. Eu gozava com isso, porque eu também muito te quero... e ansiosa esperava por este momento.

Mas tu nada me dizes, teus olhos não se fartam de fitar-me! Não crês nas minhas palavras?... O que tens, responde-me crianças?

Estático, fascinado por tanta beleza, fitava-a, fitava-a, ela estremeceu e levantando-se da posição que estava, sentou-se perto, agarrando-me às mãos trêmulas.

Num movimento brusco e involuntário, pois eu sentia de obedecer a alguma força sobrenatural, apertei-a forte entre meus braços, enquanto abundantes lágrimas riscaram-me o rosto, quase soluçando, disse:

-Não Cesira, não creio! Vejo que tudo isto é um sonho. E demasiada felicidade para mim!... Faça-me ouvir com tua voz maviosa, o que há pouco me dissestes... Não creio que também tu esperavas por este instante supremo. Repita-me, que muito me queres... E frenético, acariciava seus perfumados cabelos fios de ouro, beijava-lhe a face encantadora, os

olhos negros, o pescoço torneado e branco, e ... tornava a extasiar-me fitando a demoradamente.

Passado a crise ela sorria ... Sorria, e comigo sorria, mesclando os sorrisos com lágrimas de alegrias que traduziam todo o poema daqueles instantes deliciosos...

Um sinal convencional advertiu-a que ia recomeçar o espetáculo, era o terceiro e último ato da opereta. Ela temendo perder-me, não quis que me distanciasse e pediu-me que a esperasse no camarim ou nos bastidores, de onde poderia apreciá-la.

Ao terminar o espetáculo fez questão que a acompanhasse ao hotel onde estava hospedada. Os meus amigos ao verem-me sair com ela apoiada em meu braço, comentavam assombrados a minha aventura, que aliás era a primeira da minha vida!

Assim por muitos e intermináveis dias durou o nosso “idílio”, até que por uma fatalidade fomos obrigados a nos separar.

Dessa data são decorridos 24 anos e guardo ainda indelével, na memória e no coração, a lembrança desses dias.

Onde estará agora essa graciosa criatura, onde vagará a estrela que pela vez primeira brilhou em minha existência e deixou palpitar este pequenino coração, sangrando-o por toda vida?

Hoje assistindo os espetáculos pela bela Clara Weis, a graciosa Rainha da opereta, fazem reviver em meu íntimo esses dias que evoco com infinita saudade!

Mas ... algo me diz que ela voltará e como outrora, ainda nos estreitaremos num supremo complexo, oxalá seja o derradeiro, para alívio desta exigência amargurada.

Quando o coração fala... não mente!

D’Artagnan

O Clarim - edição de 3 de fevereiro de 1924

Um sonho

Tonico era muito medroso, certa noite sonhara que seu padrinho Timóteo lhe dissera o seguinte:

-Ali naquela encruzilhada todas as noites passam horríveis fantasmas: cavalos sem cabeça, lobisomem, bruxas, sacis e outras coisas que metem medo. Eu nunca tive receio dessas coisas, tenho meu patuá, figuinha de guiné, rezo o credo e as estações todas as noites, mas não abuso.

Tonico ouviu tudo quanto lhe dissera o seu bondoso padrinho supersticioso com muita atenção.

Passado muitos dias, seu pai adoeceu e lhe mandou procurar um curandeiro para lhe curar.

O Tonico, apesar da coragem que possuía, partiu incontinentemente, após haver arreado o Criolo e posto a espingarda a tiracolo.

Quando tarde já se desaparecia, foi chegando perto da santa cruz da Esperança.

Faltavam-lhe ainda duas horas de trotes para chegar a casa do Bibiano o curandeiro.

Piou, arranjou os arreios do Criolo, deu-lhe água, fez o seu cigarro e continuou a sua viagem. De quando em vez, sentia um arrepio por todo o corpo: uma coruja piava e outros pássaros noturnos, causavam-lhe espantos. Foi seguindo. De repente o Criolo empacou. Deu-lhe esporadas, nada, nada...

Seu cabelo começou a crescer, caiu-lhe o chapéu da cabeça, suas pernas bambearam, seus braços ficaram sem forças para sustentar as rédeas, suas mãos ficaram: paralisadas, e, por completo ficou seu corpo semimorto.

Veio-lhe à lembrança o que lhe dissera o padrinho.

Oh momento triste!

Deu como continuar a viagem? Desceu do Criolo, muito tremulo, pondo-lhe pelas rédeas, em vão foram seus esforços.

Este nem sequer movem-se. Viu bem perto de si, dois lumes vermelhos, que pareciam dois olhos de satanás enfurecidos, cada vez mais perto de si, aproximava-se.

O que seria? Após muitos esforços, notou no Criolo, fincou-lhe as esporas. Saiu em disparada... Cada piar de coruja lhe parecia mil fantasmas a sua frente em todos os recantos da estrada.

Pegou o caminho da tiguera do Venâncio e seguiu a galope. Quando foi às 8 horas da noite, chegou a casa do Bibiano, já sem forças. Contou-lhe que viu coisas horríveis naquelas redondezas e pediu-lhe um remédio para o seu pai que se achava no leito com maleita.

Este lhe disse: - Vai que teu pai não terá nada mais, quando lá chegares o encontrarás bom. Rindo-se a valer lhe dissera:

- Só prá móde isso vancê vem cá? Vá s'imbora!

-Nho Bibiano, disse o Tonico, nem que seja para eu dormir naquele paiol: eu não volto hoje! Eu passar na encruzilhada?...

Nessa ocasião o seu irmão notou o falatório demasiado e lhe acordou. O Tónico extasiado, contou-lhe tudo e disse-lhe: Não vá na encruzilhada sem levá o pautá!... Lá tem alma perdida que pros vivo faz mau!

O Clarim da Alvorada, edição de 12 de Outubro de 1924

Último Beijo

Era uma tarde linda e fresca de junho; um casal de jovens passeava no jardim.

Ele era moreno, muito simpático; mas o seu semblante estava desfigurado, devido uma palidez que o dominava. Seus lábios tremiam e um calafrio terrível percorria todo o seu corpo; ela muito desconfigurada; um soluço profundo embargava a voz tão meiga. Seus olhos vermelhos denunciavam que há pouco havia chorado.

Depois de muito passearem, sentaram-se em um banco ali existente; entreolharam-se demoradamente, ela toda receosa parecia querer adivinha o fato triste que muito em breve iria acontecer. Ele depois de muito pensar e premeditar tentou sorrir; mas dos seus olhos caíram duas gotas de lágrimas que foram aninhar no colo da sua companheira. E seus lábios trêmulos pronunciaram num soluço: - Perdoem-me Lucinda; mas é preciso que nos separemos para sempre, a minha carreira, depende desse casamento. – Lucinda se me queres bem, pelo amor que teus a Jesus perdoe me. Sou eu o causador de perderes a tua beleza casta, em um delírio de amor. – Perdoa-me!... Ela continuava calada, o seu pranto só aumentava; de repente, levantou-se resoluta; enxugando as lágrimas copiosas e disse num gesto de heroísmo: - Renato concedo-te o perdão; a minha pobre figura de mulher sem norte não te impedirá jamais! Vá, sê bastante feliz; antes que nos separemos , de ti quero uma eterna lembrança. Quero te dar um beijo na testa, como se fora dado por uma extremosa mãe a seu filho ingrato! E, abaixando-se, respeitosa, beijou-lhe, levantou-se e saiu apressadamente. Renato ali permaneceu ainda alguns minutos pensativo, inundado num profundo remorso. Passaram-se o tempos. Cinco anos mais tarde, Renata casara-se e, já possuía um filhinho; porém, a morte cruel, roubara a sua esposa, deixando-lhe só com o pequeno e a tia Venância que fora ama da sua falecida esposa. Por mais que procurasse saber de Lucinda nunca encontrou que lhe desse informações. Certo dia, voltando do seu trabalho, encontrara o seu filhinho muito triste. Indagando-lhe o que sentia, este lhe diz: papai, agora mesmo aqui veio uma senhora muito pobre pedir a tia Venância uma esmola por amor de Deus; quando me viu, dissera: Como é parecido com ele! Perguntando-me qual era meu nome, disse lhe chamar Renato e, então vi dos seus olhos caírem muitas lágrimas: eis aí, papai a causa da minha tristeza. Porque será

papai que ela tanto chorou? – Não sei meu filho. Ele ficou cabisbaixo; subiu donde se achava, foi para o seu quarto muito pensativo. Numa certa manhã passeava no jardim de sua casa; de repente viu o seu filhinho Renato, nos braços de uma mulher estranha lá num banco. Para lá seguiu, a fim de conhece-la bem. Chegando perto, reconheceu a pobre mulher. Era aquela que noutros tempos fora sua amada – era Lucinda. Oh minha Lucinda – donde viestes, em que estado estás? Ela muito humilhada falou: sou uma pobre que vivo a implorar a caridade!... Ainda recordas de mim, Renato!... Sim, Lucinda.

Basta Renato. Mais uma vez te perdô não sou mais aquela mulher, estou regenerada vivo a esmolar; mas, lembra-te do que te vou dizer: és pai e, eu sou uma pobre mãe desamparada de tudo.

Adeus, adeus!

O Renato mais uma vez chorou, lembrando-se de sua vida passada; e, ao despedir da sua querida Lucinda, mandou seu filhinho que lhe desse um envelope fechado; o pequeno ao entregá-lo disse lhe Senhora! Conte-me uma história!... Lucinda muito triste lhe diz: pede a vosso papai que lhe conte a história do último beijo.

Agradecendo ao pequeno, prometendo pedir a Jesus pela sua felicidade e a de seu papai – ela foi, foi para sempre embora. A noite ia aparecendo aos poucos!... um frio vento e uma neblina serrada foi aos poucos fazendo desaparecer aquele vulto da mulher pobre e desprezada!

Tuca

O Clarim da Alvorada, edição de 13 de maio de 1924

EVOCAÇÕES

Foi no ano de 1908, se me não falha a memória, que assisti uma sessão solene em comemoração da data da abolição, em casa do Sr. Ângelo.

Era uma casinha velha, pintada de tijolinhos muito mal riscados, situada à rua 13 de Maio. A salinha estava toda enfeitada com bandeirinhas verde amarelo a iluminação era feita por três lampiões a petróleo, e toda a volta da sala estava cheia de cadeiras; no fundo via-se uma mesinha coberta com um pano verde bordado de amarelo. Numa das paredes, estava colocando um grande quadro todo enfeitado de flores e coberto com uma pequena bandeira nacional, era Antônio Bento.

Na porta da rua, estava um pretinho alto, olhando para todos os lados: de repente deu um pulo e entrou gritando; - Seu Ângelo, os pessusá vem vindo!

Sr. Ângelo que acabava de pintar um cartaz naquele instante, subiu em uma cadeira e dependurou num prego o dito cartaz onde se lia “SEDE BEM VINDOS NO TEMPLO DA LIBERDADE”. Mal acabou de descer da cadeira, uma voz grossa ecoou na sala: “muito boas noites mestre, dê licença p'ros discípulos amados”. Pois não dissera o Sr. Ângelo.

Momentos depois da salinha, estava repleta de convidados. O Sr. Ângelo muito entusiasmado, estava sentado na cadeira do centro da mesa, rodeado de vários senhores; levantou-se e disse:

-Meus senhores e senhoras, antes de abrir a sessão solene, tenho a dizer que, o baile vai ser na varanda e o samba no quintal. Nesta sessão só poderão usar da palavra as pessoas de capacidade intelectual e não tendo mais nada a dizer, declaro aberta a sessão e, tem a palavra o Sr. Tiburcio Ramos.

Sr. Tiburcio, era um preto velho, simpático, levantou-se; pôs as mãos sobre a mesa e começou: Sinhô presidente, caros patrícios e patrícias. Tenho guardado ainda no meu cérebro os atrozes padecimentos que passei ao lado de nossos irmãos, quando escravos. Não devo e não posso descrever as tiranias diante de vanceis, porque não quero atormentá os nossos espíritos. Caros patrícios, do passado devemos esquecer, é pro presente que devemos olhar, porque temos a liberdade do pensamento. Esta sessão solene que ora se realiza são passos gigantescos que damos pros progressos da nossa raça... e a oração do Sr. Tiburcio levou quase uma hora; depois, falaram vários oradores e a sessão encerrou-se a meia noite, mais ou menos.

Iniciaram os festejos mais prediletos, após; o baile e o samba, que foram até o dia seguinte, quando foram chamados para o almoço. O baile estava bom; porém o samba muito melhor. Umbigadas, profias muitas quadras saudosas tiraram os bons sambares; ainda bem me lembro destas:

Nosso João Diogo chegô
gritando muito contente,
bamo povo trovadô
profiá la no relente!...

Seu Tiburcio então cantô
uns versinho. De repente,
seu Ângelo no samba entrô,
sodando todos os presente;

Meus patrícios eu vô cantá
uns versinho de um proviso,
pra meceis tudo intuá

inté chega seu Narciso.
Arriba meu povo!...
todos cantaram

Nois somos bão brasileiro
todos de bão coração
dia findô os desespero;
Viva a lei da abolição!...

Os anos se passam e o progresso tudo modifica; quantas saudades nos traz um treze de maio de dez anos passados!... Lembro-me ainda do falecido TATU e outros mais, que ao som dos seus saudosos bumbos e pandeiros percorriam as principais ruas da cidade, cantando e dançando o tradicional samba.

Hoje todos esses festejos não passam de um samba mal entoado e sem as disposições adequadas, sendo muitas vezes a causa de muitos males.

Presentemente a data de hoje é comemorada por meio de recepções e grandes bailes.

Caros leitores, hoje estamos num progresso crescente, já se vê a cada passo um elemento que mais tarde demonstrará aos futuros os nossos adiantamentos; porém nos traz inúmeras saudades um caiapó, uma conga. Hoje em dia quem tiver traje bom e a sorte de arranjar um convite festejará bem e quem não tiver tudo isso, tem de ficar em casa evocando os tempos idos.

Leite

O Clarim da Alvorada, edição de 13 de maio de 1924

Duas primaveras

Luisinha! não te recordas daquela senhora que passa todas as manhãs, com uma criancinha morena de olhos pretos muito engraçadinhas?

Não querida Sisi.

Ainda ontem, quando nós estávamos à janela, ela me cumprimentou!

Ah sim, agora me lembro, Sisi. Pois bem Luisinha: fomos durante muitos anos amiguinhas, íamos à escola, brincamos muito; depois, passados alguns anos, separamo-nos, motivo de sua mudança para outro bairro.

Soube mais tarde, pela minha professora, que se casara com um ótimo rapaz.

Com quem Sisi?!...

Com Tobias, aquele moreninho, que tanto falavas... quando íamos assistir o mês de Maria, lá na matriz! Ela sempre fora quieta, religiosa, não de bailes nem de outros divertimentos. Apaixonaram-se, amaram-se de todo o coração; casaram-se, hoje como são felizes. Ele é um homem trabalhador cumpre os seus deveres, é um ótimo esposo. Ela como sempre, carinhosa, boazinha, estou certa que dará a seus filhos uma educação completa, de mãe cristã. Causa inveja a muitos casados que não se combinam.

Sisi! será que seremos felizes, que teremos as mesmas felicidades que ela?

Não sei Luisinha, depende de nossa sorte.

Era Uma tarde linda de maio; o sol já se escondia no horizonte, o céu azulado; reinara um silêncio vago em toda natureza naquele momento.

O sino da matriz dera seis badaladas; era a Ave Maria!

As duas entreolharam-se...

Oh quantas saudades, Sisi!... não te recordas Luisinha de quando éramos crianças e nestas horas íamos alegres com nossos ramalhetes de rosas lindas, entoar hinos a nossa Mãe Santíssimas? e de suas faces caíram lágrimas de saudades!...

Maria da Glória

O Clarim da Alvorada, edição de 13 de maio de 1924

Contraste

Há neste mundo enganador inúmeros fatos que a todo transe contemplamos.

Uns maldizem da sorte, outros dizem que sofrem porque não tem os meios necessários para enfrentar as intempéries desta vida tão engenhosa.

Porém nesse conjunto de descrentes e lastimadores, há muitos que sobem, progridem sempre, estão em primeiro plano- são aqueles que, possuem um ente que lhe conforta, emprestando-lhe constantemente o seu tributo sagrado de gratidão o AMOR.

Conheci há dez anos atrás, uma moreninha, que residia bem perto da vila de Bombim. Era encantador o seu semblante, tinha os seus olhares facilidade de hipnotizar todos os viventes.

A sua voz maviosa, cativava o mais endurecido coração; enfim, possuía os predicados necessários para ser admirada por todos daquele lugarejo e visitantes que dali se aportavam. Com o decorrer dos tempos, sentiu em seu coração o fogo do amor. Deitou seus olhares atraentes a um pobre rapazinho do lugar, o Virgílio. Este logo compreendera do seu trabalho roceiro, entreolharam-se, e, ela sempre esperançosa...

Cecília era seu nome, certo dia, não mais podendo conter o desejo de lhe dizer o quanto queria de coração, chamou-o.

Virgílio, dela se aproximou, um tanto acanhado. Ela muito meiga lhe diz: porque não chegas mais perto de mim, o que receias, julgas talvez que te não ame? Dúvidas?... Fale Virgílio o que sentes!...

Não bondosa Cecília, há na vida ocasiões em que se não deve revelar o que sentimos, o que pretendemos.

Porque me falas assim, Virgílio!...

Então não percebestes, que te amo, desejo o teu coração?

Não observaste que, quando passas inclino-me à janela até que desapareças bem ao longe? Não crês, que nesta vida, devemos ter um ente amado; a fim de se gozar e sofrer unidos, tudo quanto vier, até a morte?

Nunca ouviste dizer que, não devemos desprezar quem nos ama, quem constantemente revela o amor de coração? Não sabes tu que muitos jovens falam de amor e almejam ser amados?

Dúvidas então que do amor vem à felicidade? Responda-me!...

Cecília, as tuas palavras são belas, vem harmonizadas, dizem muito, convertem o mais endurecido coração porém, por alguns instantes, peço-te por favor que me atendas, quero te cantar um fato verídico, desse amor que tanto falas, conheci um rapaz que por sua causa hoje vive miseravelmente. Amou na sua mocidade uma bela jovem, casaram-se e viveram alguns anos felizes; certa vez aparecerá em sua casa um moço que dissera ser íntimo da sua família. Logo observou que dos olhares desse moço, salientaram amores velhos. Voltando certo dia, do seu honroso trabalho, encontrou cartas amorosas de sua esposa ao moço. Daí em diante não mais teve sossego. Viu o seu lar ultrajado, foi obrigado abandoná-la. De que valeram as suas promessas ardentes de amor?

Foram apenas ilusões!...

Hoje, coitado, quando se fala de amor, dos seus olhos caem lágrimas de tristezas e de ódio. Cecília, não duvide do que te narrei; quero que fiques sabendo que, nesta vida a felicidade é bem rara. Essa felicidade muitas vezes existe no início do amor; porém, bem poucos são os que conseguem levá-la ao túmulo. É verdade meu caro Virgílio.

Sabes tu, Cecília com quem se dera de fato?

Não Virgílio, dissera Cecília.

Virgílio não pude mais resistir, sua fisionomia mudou por completo. Era mistério que disseses a Cecília o seu contraste, o seu sofrimento. Cecília perdoa-me!... Porque, então não

me queres? O que pretendes de mim que já sou desiludido? Adeus Cecília, adeus... Quando foi a madrugada, despediu-se da fazenda em que trabalhara. Até hoje Cecília quando vê roceiros que passam a tarde dos seus árduos trabalhos, fica triste, recorda-se do Virgílio amado que nunca mais voltou.

Moyses Cintra

O Clarim - S. Paulo, 22 de Junho de 1924

Desenganos

Foi numa tarde de Junho, se não me engano aproximavam-se os festejos de S. João que encontrei nos arredores de Candeias, um rapaz muito triste, maltrapilho, de olhos escovados, abatido sentado à beira da estrada que vai à Belém.

Seu semblante demonstrava uma certa tristeza. Parecia um mártir. Era o verdadeiro tipo do sem vintém, do faminto. A convite de um amigo meu, eu ia assistir na fazenda do Sr. Fidencio, o casamento da filha de D. Branca.

A tarde era bela; aos poucos já se despedia com seus costumes rumores. Trabalhadores dos arredores iam em demanda de seus lares. Grande era o movimento de carreiros, aldeões, e tropeiros que se dispersavam para todas as bandas.

Quando lhe aproximou, disse-me bom dia Senhor! Como passa? Eu lhe respondi. Bem. Que fazes? Ficou cabisbaixo. Vi dos seus olhos caírem copiosas lágrimas; lágrimas de dores, lágrimas enfim de um desgraçado, de um misero campeiro.

Tornei questioná-lo, que fazes aqui rapaz? Ah meu bom senhor! Outros tempos, fora destes arredores o homem mais feliz, o campeiro da fazenda do Sr. Fidencio (daquele que vai fazer casar com sua bondosa filha, a Doninha... Continue, disse-lhe. Não meu bom senhor! Basta. Para mim, nada mais há sobre a terra. Hoje sou um infeliz.

Nem para o trabalho tenho forças, hei de viver correndo mundos, até um dia, quando não mais puder – morrerei!... Adeus caro senhor! Não me posso demorar mais nessas bandas. Vou, vou para outras bandas. Adeus!...

Vou me embora meu sinhô
 chega de tantos pena
 Vou chorado as minhas dó
 lá para as bandas do Areá.

O que será daquele pobre rapaz devido seus amores? Nós nos despedimos; eu segui minha viagem, pensando; a tarde ia já morrendo aos poucos; muito ao longe, mugiam os gados no currais, o bronze anunciava com seu vozeirão, grotesco a Ave Maria.

Fui caminhando... Minha alegria não era a mesma; eu ia divertir, era feliz; o rapaz pobre infeliz, ia triste, desesperado. Eis o que é o amor, eis o que é a vida.

Faz o homem viver cantando; porém, muitas vezes, obriga-o andar desesperado, soluçando.

Praxedes do Olympo

Atividade 10: Escrevendo meu próprio jornal

Currículo Paulista de Língua Portuguesa e História

Unidade temática: O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX.

Habilidades Currículo Paulista:

(EF09HI02) Caracterizar e compreender os ciclos da história republicana, identificando particularidades da história local e regional até 1954.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI07) Identificar e explicar, em meio a lógicas de inclusão e exclusão, as reivindicações dos povos indígenas, das populações afrodescendentes e das mulheres no contexto republicano até a Ditadura Militar.

(EF69LP06) Produzir notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural (resenhas e outros gêneros textuais próprios das formas de expressão das culturas juvenis, em várias mídias).

(EF69LP07A) Utilizar estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos.

(EF69LP07B) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto de produção e circulação.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

Objeto de conhecimento:

Relação do texto com o contexto de produção e experimentação de papéis sociais. Textualização. Revisão/edição de texto informativo e opinativo.

A proposta dessa atividade é que os alunos sejam organizados em grupo e criem o seu próprio jornal utilizando os recursos disponíveis do Jornal Joca. Publicado pela Editora Magia de Ler desde 2011, essa publicação é voltado exclusivamente para o público infanto-juvenil e

tem como missão “levar as escolas e famílias brasileiras recursos que dêem apoio à formação de crianças e jovens do século XXI, com o objetivo de colaborar para que se tornem cidadãos críticos e ativos, que lutem por seus direitos, cumpram seus deveres e terão as ferramentas necessárias para construir um futuro melhor para a sociedade.

Para criar o jornal é necessário que o professor disponibilize aos seus alunos os dados de acesso a página - usuário e senha, pois o recurso é exclusivo para os assinantes do periódico.

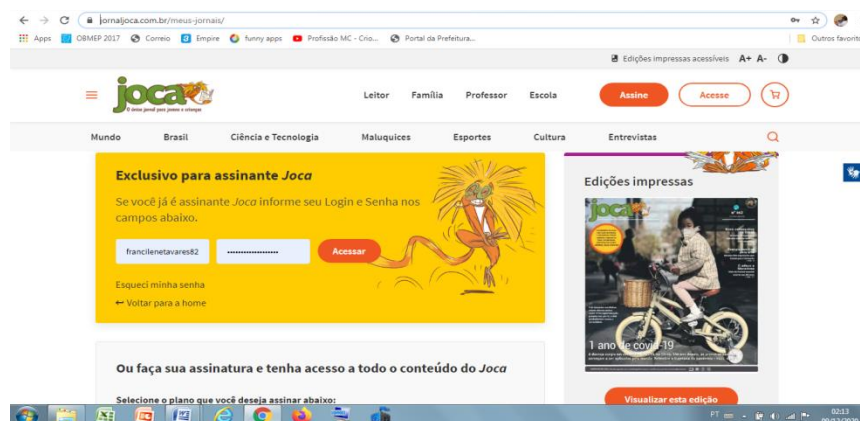


Figura 08: Acessando a área exclusiva para assinante
<https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020

Em seguida os alunos devem clicar em Novo Jornal para se direcionado a página onde terão acesso às seguintes informações:

1. Capas e páginas: Espaço onde é possível selecionar modelos de capas e páginas. Para selecionar é necessário clicar no item desejado.

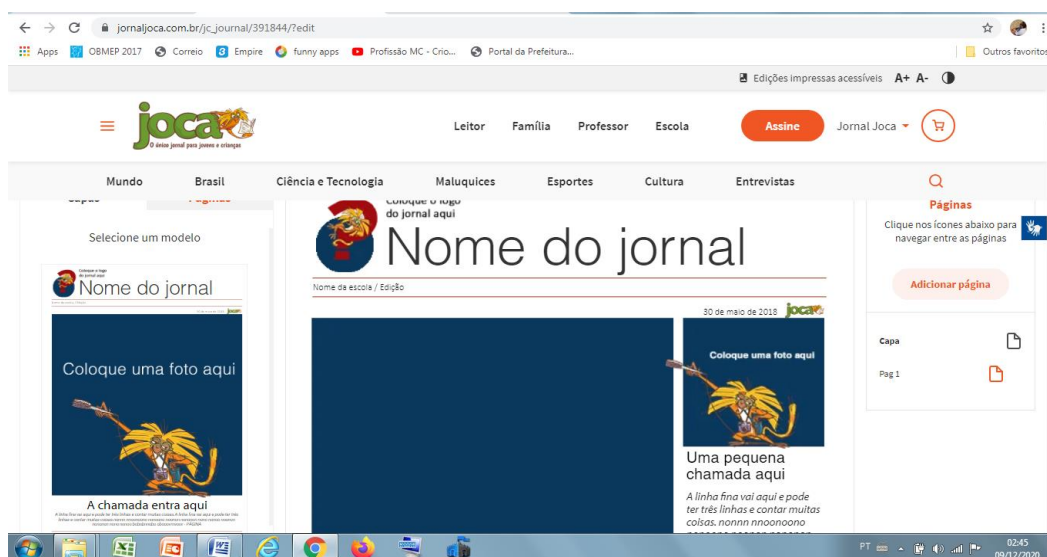


Figura 09: Elaborando o jornal - etapa 01.
<https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020.

2. Área de trabalho: Local onde os estudantes podem inserir textos, títulos e imagens.

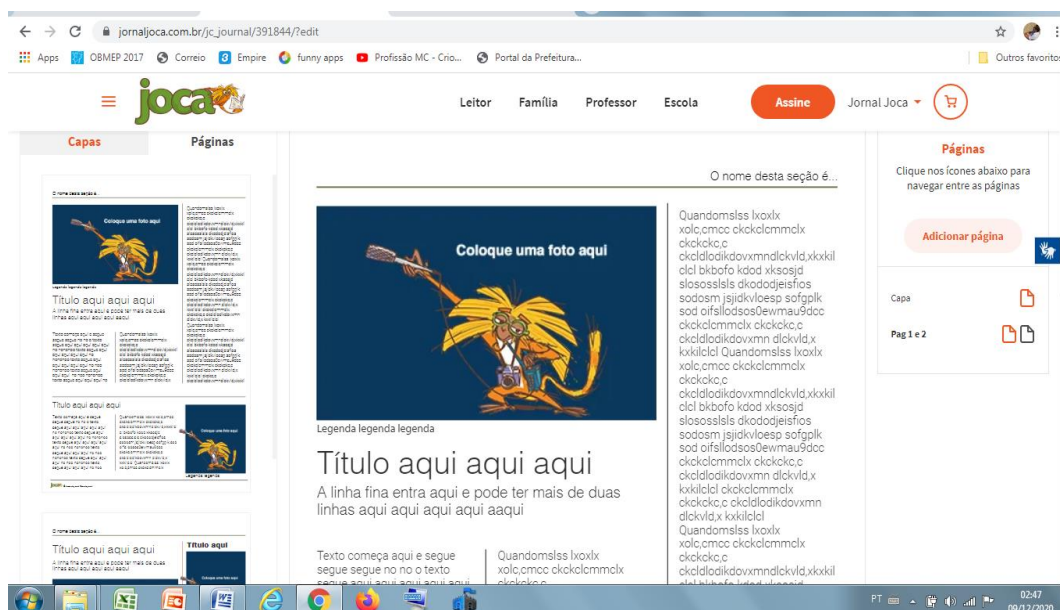


Figura 10: Elaborando o jornal - etapa 02.

<https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020

3. Páginas: local para a inserção de páginas e atalhos para navegar pelas páginas inseridas no jornal. Este ficará disponível na área: "Meus jornais". Será possível também imprimir e baixar no computador.

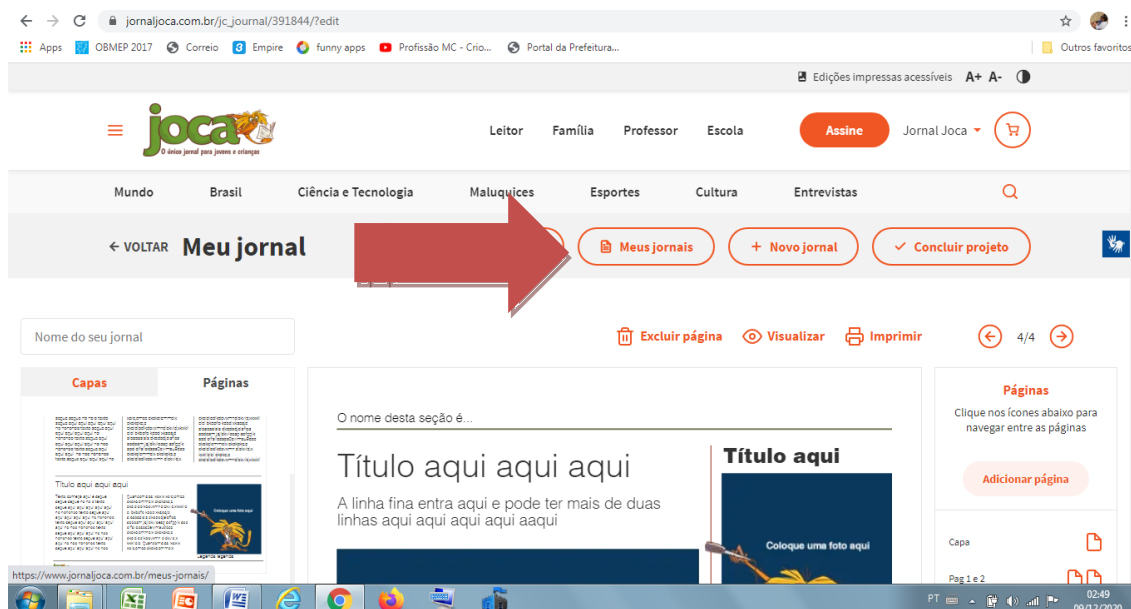


Figura 11: Elaborando o jornal - etapa 03.

<https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020

4. No menu de opções os alunos terão a possibilidade de acessar o jornal que elaboraram, criar um novo ou concluir aqueles que estão editando.

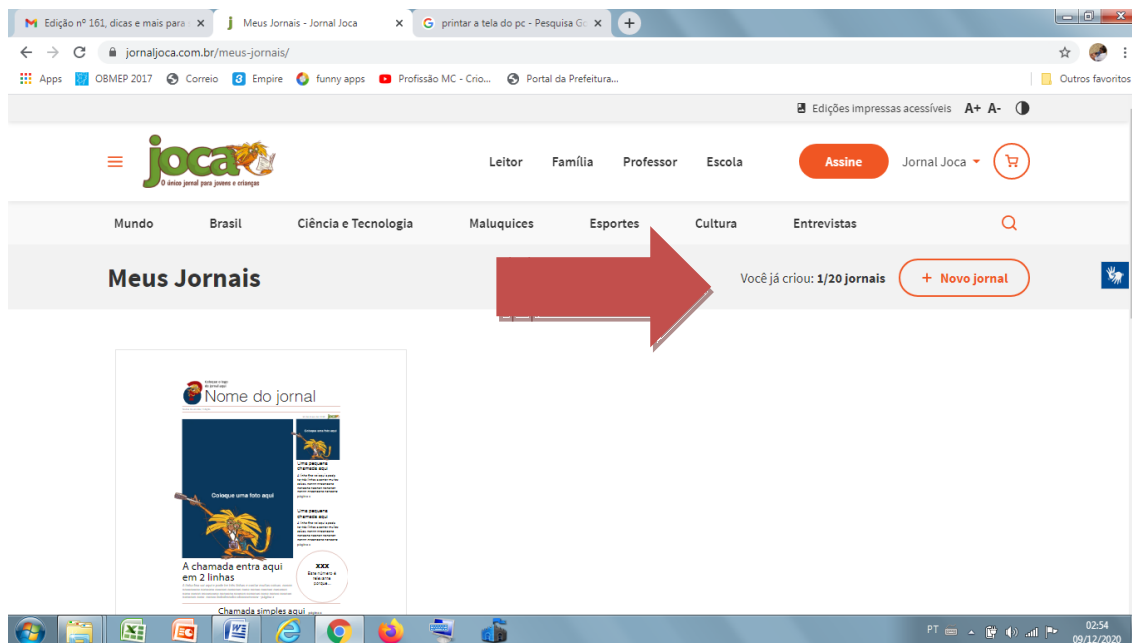


Figura 12: Elaborando o jornal - etapa 04.
https://www.jornaljoca.com.br/jc_journal/391859/?edit Acesso em: 05/12/2020

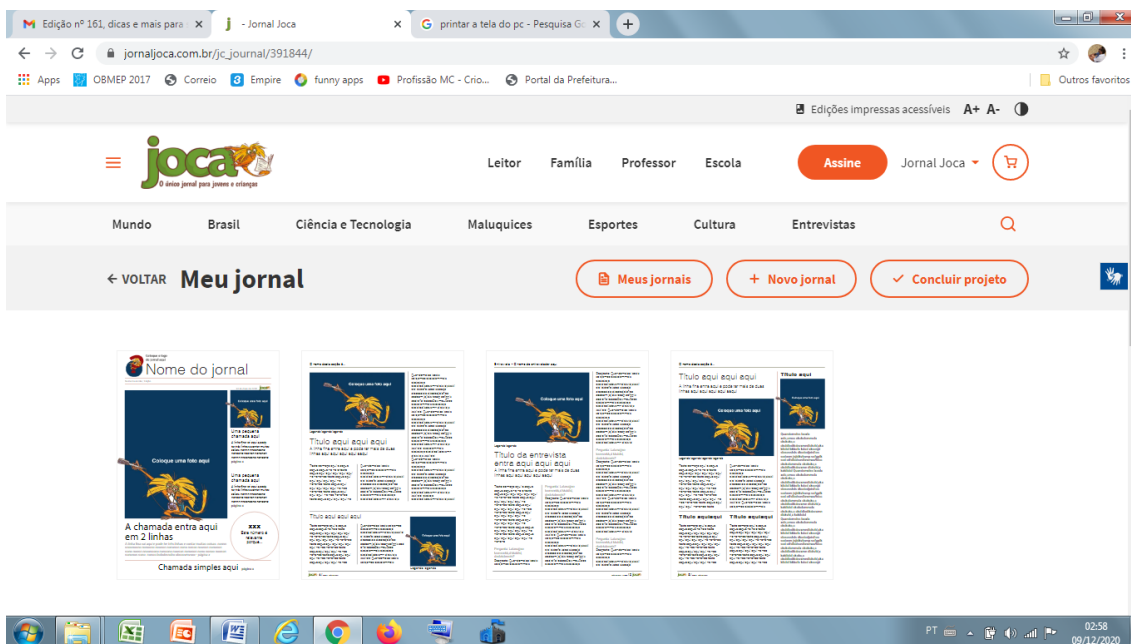


Figura 13: Elaborando o jornal - etapa 05.
<https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020

5. No menu de opções também estará disponível a opção impressão do jornal elaborado.

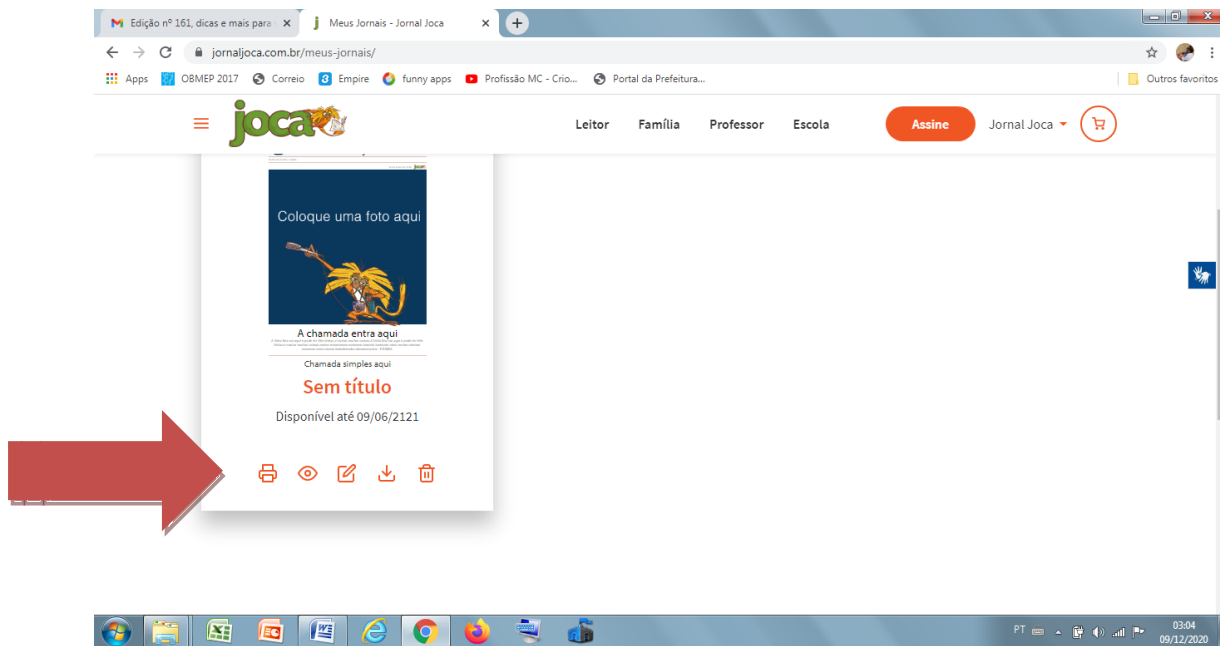


Figura 14: Jornal finalizado: salvar e imprimir - etapa 06.
<https://www.jornaljoca.com.br/meus-jornais/> Acesso em: 05/12/2020

Considerações finais:

Quando da definição do nosso objeto de pesquisa partimos do pressuposto que a imprensa negra se constituiu como um dos meios para trazer a questão racial ao debate público. Após a análise dos periódicos *A Liberdade* e *O Clarim da Alvorada* é possível afirmar que isso de fato ocorreu. Produzidos por e para os negros esses jornais tornaram-se um dos meios pelos quais a população negra denunciou a discriminação, o racismo e o preconceito ao qual estavam sujeitos.

Para compreender o contexto no qual esses sujeitos estavam inseridos é preciso destacar que logo após a abolição a noção de raça tornou-se bastante cara no Brasil. Se outrora a condição jurídica dos indivíduos apontava sua forma de ser e estar naquela sociedade a partir daquele momento as relações sociais racializadas foram utilizadas pela manutenção do *status quo* o que significou a marginalização da população negra

seja politicamente em decorrência das limitações da República no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento”; seja ainda economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus.¹⁹

Embora encontrassem dificuldades em reverter essa situação, a população negra não se furtou em denunciar que a participação no processo eleitoral lhes era negada devido à renda e a condição de analfabetismo na qual grande parte dos seus se encontravam, que eram discriminados em virtude das doutrinas raciais em voga naquele momento e que não conseguiam se inserir no mundo do trabalho devido ao fato de serem preteridos em relação aos imigrantes (italianos) e isso ocorreu, sobretudo através da imprensa.

A origem destes periódicos deve-se, segundo José Correia Leite, editor *d'O Clarim da Alvorada* “a necessidade de uma imprensa alternativa” que transmitisse “informações que não se obtinha em outra parte”.²⁰

Tomada com fonte e objeto de pesquisa a imprensa negra nos possibilitou refletir sobre os sujeitos envolvidos na feitura desses periódicos. A partir da nossa pesquisa podemos inferir que eram homens letrados que desempenharam um papel de liderança junto à população

¹⁹ George Reid Andrews, “*O protesto político negro em São Paulo (1888-1988)*”, Estudos Afro- Asiáticos n. 21, Rio de Janeiro, 1991, p.32. Apud. DOMINGO, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. In: Tempo. Vol. 12 nº 23. Niterói, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em: 24. jan. 2019.

²⁰ LEITE, José Correia. *E disse o velho militante: depoimentos e artigos*. Organizado por Cuti, São Paulo, Secretaria Municipal da Cultura, 1992, p.33. Apud. DOMINGUES, Petrônio. *Op.Cit.* p. 104.

negra. Esses sujeitos também foram chamados de elite por alguns pensadores do tema, porém optamos pelo primeiro termo por considerar que o reconhecimento dos mesmos se dava por conta das ideias que defendiam em detrimento da condição social que se encontravam.

Através de uma perspectiva comparada, buscamos compreender a lógica de comercialização e circulação dessas publicações a fim de recuperar o perfil daqueles que escreveram essas produções. Por meio da caracterização desses jornais, evidenciamos que os esforços engendrados pela população negra em prol da conquista de direitos e a busca por sua cidadania foi decorrente de suas próprias ações, o que evidencia o protagonismo negro na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Como já destacamos no universo letrado os valores ideológicos dos brancos foram tomados como referência. Nesse sentido os jornais “inscritos de valores, símbolos, projetos políticos, em funções dos quais se estruturou uma identidade coletiva e em geral uma imagem do negro não passava(m) de uma auto-imagem da própria elite”²¹ (branca). É sob esse ponto de vista que interpretamos as publicações realizadas nas páginas de *A Liberdade* e de *O Clarim da Alvorada*.

A visão positivada do negro foi veiculada a associação de valores da branquitude, o que justificava a publicação de notícias que indicavam que o excesso do consumo de álcool deveria ser combatido, que homens e mulheres deveriam saber portar-se nos espaços públicos, fazendo uso de roupas e sapatos adequados, que as danças nos bailes não deveriam ser escandalosas e/ou sensuais; enfim, havia uma grande preocupação com os códigos de conduta, com o comportamento, ou seja, com o modo que esses indivíduos se apresentam na sociedade, afinal estava posta uma busca por parte desses indivíduos de se desvincularem da escravidão e da visão negativa do escravizado que ainda era atrelada a grande parte da população negra, sobretudo os mais pobres. Através de comportamentos exemplares, em vez de conflitos buscava-se combater o preconceito e a discriminação.

Nesse sentido, verificamos que as publicações realizadas nas páginas de *A Liberdade* e *O Clarim da Alvorada* no período analisado se inscrevem na perspectiva da fraternidade racial, ou seja, no estabelecimento de um acordo entre brancos e negros assentado na prerrogativa de uma convivência que pudesse ser harmoniosa. Para além da chave da assimilação é possível compreender essa estratégia como um meio para que a população negra

²¹ SILVA, José Carlos da. *Os suburbanos e a outra face da cidade*. Negros em São Paulo (1900 - 1930): cotidiano, lazer, cidadania. 1990.199 f. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas, 1990. p. 103.

pudesse ser compreendida como parte de um Estado Nacional e assim tivesse os seus direitos assegurados.

Resta-nos apontar que os objetivos propostos ao iniciarmos essa pesquisa foram alcançados, uma vez que problematizamos, através de análise de textos jornalísticos, como as discussões sobre a questão racial foram trazidas ao debate público pela população negra, analisamos os jornais *A Liberdade - órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso (1919)* e *Clarim da Alvorada - Orgam Literário, Científico e Político (1924)*, considerando seu papel na luta por direitos, historicizamos a imprensa negra num campo de disputa, apontando suas especificidades, analisamos a produção literária publicada nos jornais da imprensa negra, dimensionamos a opressão a que homens e mulheres libertos estiveram sujeitos na assunção de sua negritude e por fim apontamos as possibilidades para que a imprensa negra fosse abordada em sala de aula através do site: www.impresnegranaescola.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

I. Fontes primárias:

- ✓ *A Liberdade* - Órgão dedicado à classe de cor, crítico, literário e noticioso (14 de julho de 1919 a 31 de outubro de 1920).
- ✓ *Clarim da Alvorada* - Orgam Literário, Científico e Político (06 de janeiro de 1924 a 7 de dezembro de 1924).

II. Fontes secundárias:

- ABREU, Marta, MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 21, nº 41, janeiro-junho de 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/eh/v21n41/01.pdf>>. Acesso em: 18. nov. 2020.
- ALBERTO, Paulina L. *Termos de inclusão Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução: Elizabeth de Avelar Solano Martins. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2017.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra. *O jogo da dissimulação*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALONSO, Ângela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- ALONSO, Ângela. Processos políticos da abolição. In: SCHWARCZ, Lília M., GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALONSO, Ângela. O Abolicionismo como movimento social. *Novos Estudos CEBRAP* (online). 2014, n.100, p. 115-137. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/nec/n100/0101-3300-nec-100-00115.pdf>. Acesso em: 3. fev. 2019.
- ALMEIDA, Marco Antônio Bettine de, SANCHEZ, Livia. Os negros na legislação educacional e educação formal no Brasil. *Revista Eletrônica de Educação*. 2016, vol.10, n.02, p.234-246. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/viewFile/1459/500>>. Acesso em: 6. mar. 2020.
- ALVIM, Zuleika Maria Forcione. O Brasil italiano (1880- 1920). In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de. O gênero crônica e a prática escolar. *Filologia e Linguística Portuguesa*. v.6, 2004.

- AQUINO, Ingrid Andresa Neles de. *Mulheres negras que não podem passar em branco: trajetórias, escritas e a participação ativa nas páginas de O Clarim da Alvorada*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- ARROYO, Rosemary. Tradução, desconstrução e psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- ASSIS, Machado de Assis. O nascimento do crônica. In: *Contos Escolhidos*. São Paulo, Editora Ática, 1994.
- AZEVEDO, Célia M. M. *Onda negra, medo branco*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- AZEVEDO, Elciene. *Orfeu de Carapinha A trajetória de Luiz Gama na cidade imperial de São Paulo*. São Paulo: Editora de UNICAMP, 1999.
- Badaró. Francisco Coelho Duarte. *Fantina: cenas da escravidão*. São Paulo: Chão da Terra, 2019.
- BASTIDE, Roger. *A Imprensa negra no Estado de São Paulo*. Boletim de Sociologia nº 2. São Paulo 1951.
- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 7ª edição. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1988.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2018.
- BRASIL. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <<http://etnicoracial.mec.gov.br/publicacoes/item/9-educacao-anti-racista-caminhos-abertos-pela-lei-federal-n-10-63903>>. Acesso em: 18. nov. 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: DF: Ministério da Educação, 2004. Disponível em: <<https://www.uel.br/projetos/leafro/pages/arquivos/DCN-s%20%20Educacao%20das%20Relacoes%20Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 4. Nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. *Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf>. Acesso em: 18. nov. 2020.
- BERGAMINI, Atílio. Escravos: escrita, leitura e liberdade. *Leitura: Teoria & Prática*. 2017, vol.35, n.71, p. 115-136. Disponível em:<<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/633>>. Acesso em: 3. nov. 2019.

- BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOTELHO, Denílson. Como ser jornalista no Rio de Janeiro do início do século XX: o caso de Lima Barreto. In: *V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 5-9 set. 2005, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro; UERJ, 2005.
- BOTELHO, Denílson. “Sob o signo de Floreal: uma perspectiva histórica da iniciação literária de Lima Barreto”. *Itinerários*, Araraquara, Unesp, nº3, 2005.
- BOTELHO, Denílson. Floreal o jornalismo no tempo de Lima Barreto. In: *V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 6-9 set. 2006, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro; UERJ, 2006.
- BOTELHO, Denílson. “Rasgar a rede à faca: A militância política de Lima Barreto na imprensa”. *Revista Universidade Rural*, Rio de Janeiro, v. 29. nº, 2007.
- BOTELHO, Denílson. A República na biblioteca de Lima Barreto: Livros, leituras e ideias. *Revista Eletrônica Cadernos de História*, Ouro Preto; UFOP, ano IV, v.8, nº2, dez. 2009.
- BOTELHO, Denílson. Lima Barreto e o “engenhoso aparelho de aparição e eclipses”: reflexão sobre a história da imprensa. In: Simpósio Nacional de História-ANPUH, 2011, São Paulo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPUH*. 2011. p. 1-12.
- BOTELHO, Denílson. Um encontro inusitado: História e Literatura nas páginas do Jornal do Commercio do Rio de Janeiro na Primeira República. *Revista Hydra*. 2017, vol.02, n.03, p. 20-32. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/9100>>. Acesso em: 4. ago. 2018.
- BOTELHO, Denílson. Sobre os meios e modos de fazer jornalismo na Primeira República: Lima Barreto entre a história e a ficção. *Antíteses*. 2013, vol.6. n. 11, p. 32-52. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1933/193327933004.pdf>>. Acesso em: 22. abr. 2010.
- CAINELLI, Marlene, SCHMIDT, Maria Auxiliadora. *Ensinar História*. 2ªed. São Paulo: Scipione, 2009.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: *Para Gostar de Ler*. São Paulo: Ática, volume 1, 1980.
- CARVALHO, Gilmar Luiz de. *A imprensa negra paulista entre 1915 e 1937: características, mudanças e permanências*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- CAVALEIRO, Eliane. Identificando o Racismo, o Preconceito e a Discriminação Racial na Escola. In: SILVEIRA, Maria Lúcia, GODINHO, Tatau. *Educar para a igualdade: Gênero e Educação Escolar*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher. Secretaria Municipal de Educação, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. *Visões de liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim O cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro na Belle Époque*. Campinas/ São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- COSTA, Emília Vioti da. *A abolição*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- CRUZ, Heloisa Faria, PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre a História e a Imprensa. In: *Projeto História e Imprensa*. São Paulo, nº35, p. 255-272, dez, 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>>. Acesso em: 12. dez. 2020.
- CURY, Cláudia Engler; FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina Maria Rodrigues. História, literatura e legados historiográficos: entrevista com Sidney Chalhoub. *Saeculum - Revista de História*. 2009. n. 20. p. 183-201. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11448>. Acesso em: 5 ago. 2018.
- DARTON, Robert. *Revolução Impressa A imprensa na França 1775 -1800*. São Paulo; Edusp, 1996.
- DJOKIC, Aline. *Colorismo: o que é e como funciona*. Disponível em:<<http://blogueirasnegras.org/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em: 3/06/2020.
- DOMINGUES, Petrônio. *Uma História não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Sesc São Paulo, 2004.
- DOMINGUES, Petrônio. Imprensa Negra. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz., GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo negro em São Paulo História e Historiografia*. São Paulo. Edições Sesc São Paulo, 2019.
- DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*. Vol. 12. nº 23. Niterói, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/tem/v12n23/v12n23a07>>. Acesso em: 24. jan. 2019.

- DOMINGUES, Petrônio. Um desejo infinito de vencer: o protagonismo negro no pós-abolição. *Topoi*. Vol. 12. nº 23. Rio de Janeiro. jul/dez. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2237-101X012023007>>. Acesso em: 18. nov. 2020.
- DOMINGUES, Petrônio. Bardos, penas e armas: a produção literária na imprensa afro-brasileira. *Literatura e Sociedade*. nº 32. jul./dez. 2020. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/l/article/view/169992/167427>>. Acesso em> 29. dez. 2020.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo, Brasiliense, 2004.
- FERRARA, Miriam Nicolau. A imprensa negra paulista (1915-1963). *Revista Brasileira de História*. 1985, v.05. n.10. p. 197-207. Disponível em: Acesso em: <https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3609>. Acesso em: 10. nov. 2019.
- FILHO, Francisco Moacir Assunção Filho. *1924- Delenda São Paulo: a cidade e a população vítima das armas de guerra e das disputas políticas*. 2014. Dissertação. (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2014.
- FILHO, Mário. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p.30.
- FRAGA, Walter. Pós abolição: o dia seguinte. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz., GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- FREITAS. Affonso A. de. *A imprensa periódica de São Paulo desde os princípios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typographia do Diário Oficial, 1915.
- FONTES, Alice Aguiar de Barros. *A prática abolicionista em São Paulo: os caifazes (1882-1888)*. Dissertação (Mestrado em História) - Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.
- George Reid. *Negros e brancos em São Paulo (1888 - 1988)*. Trad. Magda Lopes. Bauru/SP: Edusc, 1988.
- GRAHAM, Richard. A "família" escrava no Brasil Colonial. In: *Escravidão, reforma e imperialismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. "Notas sobre raça, cultura e identidade na imprensa negra de São Paulo e do Rio de Janeiro, 1925-1950". *Afro - Ásia*, 2003, vol.59, n.29-30. p. 247-69. Disponível

em:<<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/21059>>. Acesso em: 11. dez. 2019.

GUIMARÃES, Selva. *Didática e prática de ensino de História*. 13ª ed. São Paulo/Campinas: Editora Papirus, 2020.

GUIRRO, Leandro Antônio. *Intelectualidade e imprensa negra paulista: os casos do Getulino e Progresso (1921-1931)*. 2013. 132 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2013.

GOULART, José Olímpio. *Da fuga ao suicídio: aspecto da rebeldia dos escravos no Brasil*. Rio de Janeiro: Conquista/INL, 1972.

GOMES, Flávio, SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Dicionário da escravidão e da liberdade*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GOMES, Flávio. DOMINGUES, Petrônio. (org.). *Experiências de emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GOMES, Flávio. DOMINGUES, Petrônio. *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. *Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03*. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/>>. Acesso em: 2. set. 2019.

LACOMBE, Américo Jacobino, SILVA, Eduardo, BARBOSA, Francisco de Assis. *Rui Barbosa e a queima dos arquivos*. Brasília: Ministério da Justiça, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1988.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos. In: *Alcar 2015 10º Encontro Nacional de História da Mídia*, 10, 2015, Porto Alegre. Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia. Porto Alegre, 2015. p. 1-12.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. *O plano e o pânico. Os movimentos sociais na década da abolição*. São Paulo: EDUSP, 1995.

MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo. Mulher, corpo e maternidade. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz, GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

- MARTINS, Fabíola Fernandes. *Crônica: a releitura do cotidiano por meio da atualização literária*. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea. Vol. 3 nº 5, 2011. p. 49-61.
- MEIRELLES, Juliana Gesuelli. A Gazeta do Rio de Janeiro: o jornal oficial da Corte de D. João VI no Brasil (1808-1821). *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, PósCom-Metodista, a. 29, n. 49, p.27-41. 2º sem, 2007.
- MELLO, Marina Pereira de Almeida; GARCIA, Emanuel Soares da Veiga. *O ressurgir das cinzas: negros paulistas no pós-abolição, identidade e alteridade na imprensa negra paulista (1915-1923)*. 1999. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.
- MELLO, Marina Pereira de Almeida; SERRANO, Carlos Moreira Henriques. *Não somos africanos. Somos brasileiros: povo negro, imigrantismo e identidade paulistana nos discursos da imprensa negra e da imprensa dos imigrantes (1900-1924) - dissensões e interações*. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- MOURA, Clóvis. *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, 2014.
- MULLER, Tânia Mara Pedroso, CARDOSO, Lourenço. *Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil*. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2017.
- MUNANGA, Kabenguele. Por que ensinar a história da África e do negro no Brasil de hoje? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 62, p. 20–31, dez. 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/107184/105723?>>. Acesso em: 10. dez. 2020.
- MUNANGA, Kabenguele. *Superando o Racismo na escola*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf>. Acesso em: 18. nov. 2020.
- OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A relação entre a história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930). *Historiae*. Vol.2. Nº 3. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2614>>. Acesso em: 12. dez. 2020.
- PAIVA, Eduardo França. *História & Imagens*. 2ª edição. Belo Horizonte/MG: Editora Autêntica, 2004.
- PETROLI, Valdenizio. *O paulista - o primeiro jornal da província*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 2 de junho de 2007.
- PINTO, Ana Flávia Magalhães Pinto. *Imprensa negra no Brasil do século XIX*. São Paulo: Selo Negro, 2010.

- PROENÇA, Caio de Carvalho. *São Paulo na década de 20: a construção de uma cidade para as elites*. Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012.
- REIS, Isabel Cristina Ferreira dos Reis. Família escrava. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz., GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- REIS, João José. *Rebelião Escrava no Brasil A História do Levante dos Malês em 1835*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- RIOS, Ana Maria, MATTOS, Hebe Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*. 2004. vol. 5, n. 8, p. 170-198. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n8/2237-101X-topoi-5-08-00170.pdf>>. Acesso em: 18. mar. 2020.
- ROMERO, Mariza. *Medicalização da saúde e exclusão social São Paulo, 1889 -1930*. Bauru, SP: Edusc, 2002.
- SALIBA, Elias Thomé. Cronistas de uma São Paulo fora dos trilhos. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *São Paulo: Um longa História*. São Paulo: CIIE, 2004.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos Santos. *Nem tudo era italiano São Paulo e pobreza (1890 -1915)*. São Paulo: Annablume, 1998.
- SANTOS, José Antônio. Uma Arqueologia dos jornais negros no Brasil. *Historiae*. 2011. v. 2 nº 3. p. 143-160, Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2615>>. Acesso em: 10 fev. 2020.
- SCHUELER, Alessandra Frota Martinez, MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa*. Tempo. Vol. 13. Nº 26. Niterói, 2009.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: uma biografia*. Cadernos de atividades: resumos, atividades propostas e conceitos. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Lima Barreto Triste Visionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidade em São Paulo no final do século XIX*. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

- SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SEVCENKO, Nicolau. *A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio*. In: *História da Vida Privada no Brasil — República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SILVA, Alexandra Lima da. Caminhos da liberdade: os significados da Educação dos escravizados. *Revista brasileira de Educação*. 2018, vol.23, p.1-27. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v23/1809-449X-rbedu-23-e230067.pdf>>. Acesso em: 4. nov. 2019.
- SILVA, Hédio Júnior. *Discriminação racial nas escolas: entre a lei e as práticas sociais*. Brasília: UNESCO, 2002.
- SILVA, José Carlos da. *Os suburbanos e a outra face da cidade*. Negros em São Paulo (1900 - 1930): cotidiano, lazer, cidadania. 1990.199 f. Dissertação (Mestrado em História) - UNICAMP, Campinas, 1990.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. *Candomblé e Umbanda Caminhos da devoção brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2005.
- SILVA, Zélia Lopes. A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX. *Diálogos*, vol. 16, n. supl., p. 37- 68. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/73898>>. Acesso em: 28 abr. 2020.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. *Branços e negros no carnaval popular paulistano. 1914-1918*. 1989. 245 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, São Paulo, 1989.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- SLENES, Robert Wayne. *Na senzala, uma flor – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX*. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra - sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. 2008. 174 f. (Dissertação de Mestrado) - PUC/SP, São Paulo, 2008.
- TIEDE, Livia Maria. Os homens de cor invisíveis da imprensa negra paulistana: como a biografia de um intelectual negro nascido no século dezenove auxilia a repensar a historiografia do pós-abolição paulistano. *Intellèctus*. 2018. vol.17, n.1, p. 58-64. Disponível

em:<<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/intellectus/article/view/33687>>.
Acesso em: 25 mai. 2020.

TOLEDO, Lafayette. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. Vol. 3. São Paulo: Tipografia de “El Diário Espanhol”, 1898. Disponível em:<https://ia800901.us.archive.org/6/items/revistadoinstitu03instuoft/revistadoinstitu03instuoft.pdf>. Acesso em: 10. jun.2019.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1981.

VERARDI, Cláudia. Maxixe: o Tango Brasileiro. In: *Fundação Joaquim Nabuco Biblioteca Knopf*. Disponível:<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=1128%3Amaxixe-o-tango-brasileiro&catid=48%3Aletram&Itemid=1>. Acesso em: 29. mar. 2020.

VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe de santo em São Luís. *Revista USP*. Junh./Agost. 1990. p. 151 a 158.

WILLIAMS, Raymond. “Base e superestrutura na teoria da cultura marxista”. In: *Cultura e Materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade de Coleridge a Orwell*. Tradução de Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Cartas, procurações, escapulários e patuás: os múltiplos significados da escrita entre escravos e forros na sociedade oitocentista brasileira. *Revista Brasileira de História da Educação*. 2002, vol.2, n. 4, p. 13-122. Disponível em:<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38724>>. Acesso em: 4. nov. 2019.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Letramento e escolas. SCHWARCZ, Lilia Moritz, GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.